

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

CONTRIBUIÇÃO LINGÜÍSTICA AO ENSINO DO PORTUGUÊS
- As Cláusulas Relativas -

Dissertação apresentada por Edwaldo Cruz ao Pro
grama de Pós-Graduação como requisito final pa
ra a obtenção do grau de Mestre em Letras

Florianópolis, 24 de outubro de 1977.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

CONTRIBUIÇÃO LINGÜÍSTICA AO ENSINO DO PORTUGUÊS
- As Cláusulas Relativas -

Dissertação apresentada por Edwaldo Cruz ao Pro
grama de Pós-Graduação como requisito final pa
ra a obtenção do grau de Mestre em Letras

Florianópolis, 24 de outubro de 1977.

Ficha Catalográfica

(Preparada por Moacir Medeiros de Sant'Ana)

C96c

CRUZ, Edwaldo

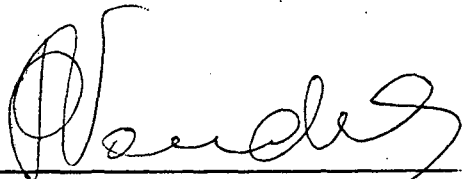
Contribuição lingüística ao ensino do português: as cláusulas relativas. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação da UFSC, Florianópolis.

196 f.


Bibliografia

1. Ensino da linguagem e da gramática.
2. Elementos de gramática. 3. Português -Estudo e ensino.

Esta Tese foi julgada adequada para a obtenção do grau de MESTRE EM LETRAS - especialidade Linguística -- e aprovada com Distinção, em sua forma final, pelo programa de Pós-Graduação.



Prof. Dr. Paulino Vandresen
Orientador



Profa. M.Sc. Carmem R.C. de Melo
Coordenadora

Foi apresentada perante a Banca Examinadora com
posta dos professores:



Prof. Dr. Paulino Vandresen



Prof. Dr. José Curi



Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto

A G R A D E C I M E N T O S

- À UFAL,
pela oportunidade do mestrado;
- À UFSC,
pela efetivação do mestrado;
- À ETFAL,
pelo apoio no momento oportuno;
- Ao Professor Paulino Vandresen,
pela orientação da Tese;
- À Professora Renira Lisboa de Moura Lima,
pelo meu encaminhamento na ciência da linguagem

e

Àqueles que contribuíram para a elaboração do trabalho.

Aos meus pais,

ã IRENE,

aos meus filhos:

Edilene,

Edinaldo,

Edilane,

Edivaldo Júnior

e aos meus amigos.

S U M Á R I O

	Página
APRESENTAÇÃO	
INTRODUÇÃO	1
Capítulo I	
Considerações teóricas: as cláusulas relativas	5
Capítulo II	
Elaboração de exercícios: sugestões	39
CONCLUSÃO	178
SINOPSES	181
ANEXO	185
BIBLIOGRAFIA	188

A P R E S E N T A Ç Ã O

O objetivo desta tese, composta de uma introdução, dois capítulos e uma conclusão, é fornecer ao professor de Língua Portuguesa, como língua materna, uma fundamentação linguística para o planejamento de ensino das sentenças complexas contendo cláusulas relativas.

Sua introdução destaca a discrepância existente entre os objetivos do ensino da Língua Portuguesa, previstos pelas normas vigentes, e a realidade, segundo diversos estudiosos da linguagem, apontando-se causas e apresentando-se sugestões para a melhoria desse ensino.

Enquanto o primeiro capítulo apresenta a forma, o valor, a função e os tipos de orações adjetivas, de acordo com a teoria das gramáticas, quer tradicional, quer transformacional, o segundo capítulo, com base nesta última, descreve e caracteriza cada sentença complexa tida como modelo, apresentando -se sugestões para a organização dos exercícios que envolvem a produção de sentenças complexas contendo cláusulas relativas, desenvolvidas e reduzidas, preposicionadas ou não, incluindo-se a seleção das sentenças-estímulo e a exemplificação.

A conclusão, relacionando os dois capítulos, sugere não apenas os momentos de aplicação dos exercícios, mas ainda a elaboração de outros tipos de exercícios.

INTRODUÇÃO

A Lei 5 692/71, em seu artigo 4, parágrafo 2, determina que seja dada especial importância ao estudo da língua nacional, como instrumento de comunicação e como expressão da cultura brasileira. Por sua vez, a Resolução nº 8, de 1/12/71, enfatiza essa função, quando a considera o meio de ensinar ao aluno o contato coerente com os seus semelhantes e a manifestação harmônica de sua personalidade. Acompanhando tal Resolução, o Parecer 853/71 determina que a Língua Portuguesa seja encarada como instrumento de comunicação, por excelência, no duplo sentido de transmissão e de compreensão de idéias, fatos e sentimentos, propondo atividades de Comunicação e Expressão para as primeiras séries do primeiro grau e reflexão sobre a língua nas últimas séries. Os objetivos educacionais do ensino da Língua Portuguesa, situada na Área de Comunicação e Expressão, consistirão, portanto, no desenvolvimento, não só da habilidade para compreender mensagens, quer ouvindo, quer lendo, mas também da habilidade para transmitir mensagens, quer falando, quer escrevendo. Estaria havendo coerência entre esses objetivos e o desempenho da população escolar no 1º e 2º graus?

Intelectuais e educadores se referem, através de dissertações, jornais, revistas e outros meios de comunicação, à não consecução dos objetivos de ensino da Língua Portuguesa pelas escolas brasileiras quanto ao uso da língua quer em sua forma oral, quer em sua forma escrita. Assim é que Cardoso (1971) aponta a incapacidade do aluno, mesmo em nível de vestibular, de redigir uma simples carta familiar, o mais fácil dos gêneros, segundo ele, evidenciando numerosos erros e graves incorreções na pontuação, na acentuação da crase e na concordância. Pais (1972) declara que os alunos nem sabem ler, nem entendem o que lêem; seu vocabulário é restrito, limitando-se à linguagem do dia a dia, à gíria dos meios de comunicação de massa. Carvalho (1973) acrescenta a essas deficiências um conteúdo de expressão tanto oral quanto escrito; desprovido de senso estético, sem clareza nem objeti

vidade. Ramayana (1974) e Clemente (1975) denunciam uma in diferença relativamente generalizada pela conservação da pure za e riqueza da Língua Portuguesa, uma desvalorização do cor reto, do normativo e, conseqüentemente, relaxamento no falar e no escrever, deixando-se de lado tudo que exige esforço e apuro. Afirmações outras como - "Morte do Idioma", Tristão de Athayde (1974); "Uma Geração sem Palavras", Magalhães Júnior (1975); "O Ensino do Português é uma calamidade", Miranda Neto (1976); "Horizontes largos e vazios em todos os domínios: na fonética e na fonemática, na morfologia e na sintaxe, na semân tica e na estilística, na dialetologia e na crítica dos tex tos", Celso Cunha (1975); "A escola não demonstra estar cum prindo o seu papel de desenvolver a habilidade de expressão es crita", Lima (1974) - são sintomas de uma discrepância exis tente entre os objetivos educacionais propostos pela lei em vi gor e o produto do sistema escolar.

As principais causas citadas por aqueles intelectu ais e educadores quanto à nulidade ou ineficiência do ensino da Língua Portuguesa podem ser classificadas em sócio-econômi cas, sócio-culturais e pedagógicas. Entre estas, destacam -se: a multiplicação dos Cursos de Letras, a clientela desses cur sos, a anulação de leituras e interpretações de texto nas au las, a exclusão da redação dos exercícios escolares, a corre ção de textos, a ortografia por regras ou por lacunas, estudos através de listas e a falta de treinamento e/ou aplicação de exercícios selecionados e elaborados sem bases teóricas.

Havendo, desse modo, uma desproporção entre os obje tivos propostos pela legislação em vigor, o treinamento esce lar e os resultados obtidos, conforme os sintomas referidos, vã rias providências vêm sendo tomadas, através da promoção de En contros Nacionais de Professores de Comunicação e Expressão em Língua Nacional e de Seminários de Lingüística. Um dos empe nhos mais significativos tem sido o do grupo de trabalho do MEC que apresentou vinte e duas sugestões para a melhoria da aprendizagem da Língua Portuguesa, destacando-se as seguintes: 1) Reformulação dos currículos mínimos dos cursos de formação de professores em nível do 2º Grau e dos cursos superiores de Letras; 2) Maior integração das disciplinas dos Cursos de Le tras com as disciplinas de formação pedagógica; 3) Estágios su pervisionados que realmente permitam ao licenciando adequado treinamento no ensino da Língua e Literatura; 4) Estabelecimen

to de prioridade nacional para pesquisas lingüísticas que contribuam para o aperfeiçoamento do ensino da língua materna.

Atendendo, portanto, a esta última recomendação, este trabalho se propõe aplicar princípios desenvolvidos pela teoria lingüística ao problema do ensino de línguas, inserindo-se, desta forma, no Campo da Lingüística Aplicada. Fornecendo, portanto, ao professor de Língua Portuguesa uma fundamentação lingüística para seu planejamento de ensino, dentro de determinado conteúdo programático, apresenta sugestões quanto à organização de exercícios que envolvem a produção de Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas, desenvolvidas e reduzidas, preposicionadas ou não, modificadoras do sintagma nominal sujeito ou dos vários complementos verbais da sentença matriz, sendo observados os paralelismos e não-paralelismos de função.

Capítulo I

Considerações teóricas: as cláusulas relativas

A abordagem tradicional

A preocupação com o estudo das orações adjetivas não é recente, embora só atualmente lhe tenha sido dada maior ênfase. Classificadas pelos gregos como orações dependentes circunstanciais, eram subdivididas em especificativas e explicativas; as primeiras sendo aquelas que servem para determinar ou completar o sentido de um antecedente da oração principal, como se fosse um adjetivo; não chegando a conceituar-se o outro tipo, denominado apenas de relativo explicativo ou equivalente à subordinada circunstancial. Em certos casos, distinguem-se, entre as orações introduzidas por um pronome relativo, as de valor final, causal, consecutivo e condicional. Parece, entretanto, que a preocupação maior da gramática grega é a correlação de tempo entre as orações, pois precisão e rigor sintáticos são importantes no período grego, ponto de partida para a compreensão de várias espécies de subordinadas.¹

A gramática latina, por sua vez, aborda o processo sintático das proposições relativas, primeiramente conceituando-as como proposições dependentes com pronome ou advérbio relativo, resultando da união de uma proposição relativa dependente com a proposição principal demonstrativa. Embora se perceba também uma maior preocupação quanto à correlação dos tempos e modos, já existe uma distinção nos conceitos dos dois tipos de oração: restritiva - aquela que limita uma classe determinada, um conceito; e explicativa - aquela que acrescenta à principal uma simples indicação acessória ou explicativa de um substantivo ou de um pronome da mesma proposição, devendo, na escrita, ser separada por vírgula.²

Em língua portuguesa, Soares Barbosa classifica as orações adjetivas como parciais incidentes, podendo ser: explicativas - as que modificam qualquer termo da proposição total, restringindo-o. Procurando relacionar orações incidentes restritivas e explicativas com adjetivos restritivos e explicativos, Soares Barbosa afirma serem estes verdadeiros juízos men

tais, modificadores do sujeito ou do atributo da proposição total, sinônimos, portanto, de orações adjetivas incidentes.³

Uma conceituação geral de cláusula relativa como aquela que, em sua relação com a cláusula subordinante, equivale a um adjetivo qualificativo, exercendo, assim, a função sintática de atributo de um substantivo ou pronome, a que está sempre ligada por meio de pronome ou advérbio conjuntivo - QUE, QUEM, O QUAL, ONDE e CUJO, puros ou preposicionados - se encontra em Eduardo Carlos Pereira que também subdivide as cláusulas adjetivas em restritivas, caracterizadas pela expressão de um sentido accidental e pela impossibilidade de sua eliminação da cláusula subordinante sem prejuízo do sentido, e em explicativas, caracterizadas por desenvolverem um sentido inerente ao substantivo a que se refere, podendo ser eliminadas da cláusula subordinada sem prejuízo do sentido, devendo, por isso, ser separadas do antecedente por vírgula.⁴

Por outro lado, Bechara interrelaciona as orações adjetivas com os termos da oração, conceituando-as como aquelas que exercem a função de adjunto adnominal de um termo da oração principal, podendo ter seu verbo tanto nas formas desenvolvidas quanto nas formas não desenvolvidas. Classificando as orações adjetivas em restritivas e explicativas, apresenta, como características das primeiras: (1) delimitação ou definição de seu antecedente que, sem o recurso desse tipo de adjetiva, pode ou não fazer sentido, ou dizer algo diferente do que se tem em mente; (2) empréstimo ao antecedente de um sentido particular, para denotar que seu antecedente se apresenta como pertencente a uma classe, ocorrendo, com freqüência, depois de um superlativo ou de uma palavra de sentido restritivo como: todo, alguém, nenhum, um, o, aquele. E, como características da segunda: (1) simples explicação ou pormenorização do antecedente; (2) informação adicional de um ser que se acha suficientemente definido; (3) omissão sem prejuízo; (4) empréstimo ao antecedente, de um juízo universal; (5) entonação suspensiva ou pausal, representada, na escrita, por vírgula. O autor considera ainda que os dois tipos de orações podem vir com conectivo ou justapostos e apresentar sentido final, condicional, causal, conseqüente, concessivo ou adversativo, o que revela uma influência do tratamento dado às relativas pelos gramáticos.

cos latinos.⁵

Em outros gramáticos, tais como Rocha Lima,⁶ Celso Cunha, Luft,⁸ e Cegalla,⁹ encontram-se as mesmas abordagens da oração adjetiva quanto à conceituação, classificação e forma. Desses, Cegalla, como Bechara, se refere ao fato da possibilidade de coordenação de duas subordinadas adjetivas, propondo, além do mais, tipos de exercícios como o apresentado a seguir:

Orientado pelo modelo, converta as orações coordenadas sindéticas em subordinadas adjetivas, intercalando-as na principal, sempre que possível:

Modelo: A causa é nobre: e nós lutamos por ela .

A causa por que lutamos é nobre.

Por sua vez, Celso Luft sugere a aplicação de uma regra de transformação para obterem-se orações adjetivas restritivas reduzidas. Segundo ele, tais orações derivam-se de desenvolvidas por transformação de redução, isto é, elipse do pronome relativo e do verbo de ligação.¹⁰

Quanto ao termo conectivo, a gramática tradicional caracteriza as orações adjetivas como introduzidas pelos seguintes pronomes relativos: QUE, O QUAL e suas flexões, QUEM, ONDE, CUJO e suas flexões, COMO, QUANTO e suas flexões e QUANDO.

QUE é considerado relativo básico.¹¹ Sendo básico, em prega-se com referência à pessoa ou coisa, independente de gênero e número, e os outros pronomes relativos são seus sinônimos de uso limitado pelas características do antecedente. Assim, O QUAL e suas flexões substituem o QUE nas seguintes condições: (1) clareza, ritmo do enunciado, eufonia e como variante estilística; (2) quando precedido de locução preposicional não monossilábica: sobre a, atrás de, em cima de, ao lado de, perto de, como resume o Quadro nº 1.

Quadro nº 1
Critérios de uso do pronome relativo

Pronome relativo	QUE	O QUAL
Critério de uso		
Preposições monossilábicas: a, com, de	+	
Outras preposições simples, essenciais ou obrigatórias		+
Locuções prepositivas não monossilábicas: sobre, atrás de, em cima de, ao lado de, perto de		+

Assim, segundo a regra da gramática tradicional, preferencialmente se deve dizer:

Sentença 1: A árvore a que me refiro é frondosa.

Sentença 2: Duvido das coisas contra as quais falas.

Também sinônimo de O QUAL e suas flexões, o pronome relativo QUEM se emprega para substituir um antecedente que se refira à pessoa ou coisa personificada, vindo sempre precedido de preposição, na função de objeto preposicionado, conforme o exemplo seguinte:

Sentença 3: São amigas a quem quero bem.

O Quadro nº 2 apresenta as condições do emprego deste pronome em oposição ao QUE.

Quadro nº 2

Condições de emprego dos pronomes QUE e QUEM

Pronome relativo Condições de emprego	QUE	QUEM
Pessoa ou coisa personificada	+	+
Presença da preposição	<u>+</u>	+

Às vezes considerado advérbio relativo, às vezes, conjunção subordinativa, outras vezes simplesmente advérbio, o pronome relativo ONDE pode desempenhar a função sincrética: a de advérbio e a de conectivo. Além disso, exige antecedente de coisa, desempenha a função de adjunto adverbial estacionário - o lugar em que - sendo, por isso, considerado advérbio relativo por alguns gramáticos. Eis por que as orações introduzidas por ONDE se apresentam sujeitas a várias interpretações, na gramática tradicional: orações relativas, orações relativas com antecedente expresso ou implícito, orações relativas adverbiais, subordinadas adverbiais locativas, subordinadas adverbiais locativas justapostas sem referência a antecedente. O exemplo abaixo ilustra o caso onde a oração sublinhada admite as classificações divergentes.

Sentença 4: A ilha onde você mora é populosa.

Exercendo sempre a função de adjunto adnominal e, às vezes, a de complemento nominal, o pronome relativo CUJO¹² indica posse, podendo ser desdobrado em suas formas compostas - DO QUAL,

DOS QUAIS, DA QUAL, DAS QUAIS - como explica a gramática tradicional. O antecedente é sempre o possuidor e o conseqüente, a coisa possuída. Assim sendo, o pronome relativo CUJO une sempre termos diferentes, admitindo a existência da preposição, quando o verbo que o segue o exigir, como no exemplo a ser dado, fato relacionado ao tópico regência.

Sentença 5: O senhor em cuja casa estivemos é meu orientador.

O Quadro nº 3 apresenta as condições de emprego deste e de outros pronomes relativos.

Quadro nº 3

Condições do emprego de CUJO e de outros pronomes relativos

Condições de emprego	CUJO	Outros pronomes relativos
Presença do antecedente	+	+
Presença do conseqüente	+	-

Considerado, também, advérbio relativo, o pronome relativo COMO, desdobrável em suas formas compostas COM QUE, PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS e PELAS QUAIS, indica modo, funcionando, portanto, como adjunto adverbial. Tem, por antecedente expresso ou elíptico, uma das palavras - modo, maneira, forma ou jeito - nunca admitindo a existência da preposição. Os seguintes exemplos ilustram o seu emprego.

Sentença 6: O jeito como te sentas é deselegante.

Sentença 7: Todos sabem como conseguiu vencer o obstáculo.

Também entre os advérbios relativos, o pronome relativo QUANDO indica tempo, exercendo, por isso, a função sintática de adjunto adverbial, sempre sem preposição; pode ser substituível pelas formas EM QUE ou NO QUAL, NA QUAL, NOS QUAIS e NAS QUAIS; e tem, como antecedente expresso ou elíptico, uma das palavras - momento, instante, hora, época ou equivalentes, como nos exemplos que seguem:

Sentença 8: Ignoramos a hora quando o reembolso chegou.

Sentença 9: Ignoramos quando o reembolso chegou.

Tendo como antecedente expresso ou elíptico um dos pro nomes indefinidos, - tudo, todo e suas flexões, tanto e suas flexões - o pronome relativo QUANTO e suas flexões indicam quantidade e podem exercer funções de sujeito e de objeto, conforme os exemplos:

Sentença 10: Tudo quanto lhe disseram aconteceu.

Sentença 11: Entre quantos me cercam há verdadeiros amigos.

Pelo que ficou exposto, o valor da oração adjetiva é de um adjunto adnominal de um antecedente substantivo ou pronome substantivo. As orações adjetivas restritivas e explicativas são consideradas sinônimas dos adjetivos em função de adjunto adnominal anteposto ou posposto ao nome. Classificam-se como adjetiva restritiva, quando limita o antecedente, formando com ele um todo significativo, indispensável ao sentido da frase, sendo inseparável de seu antecedente por pausa ou por vírgula, exigida por um padrão entonacional do tipo: 3 - 2 - 1:

Sentença 12: Os alunos que conheço | são estudioso | sos. ↓

3

2

2

A oração adjetiva explicativa, no entanto, acrescenta ao seu antecedente uma informação acessória, não sendo necessária ao sentido da frase; em função de reforço, empresta ao seu antecedente um sentido universal, separando-se dele por pausa e tendo a virgula como seu sinal diacrítico, caracterizada por um padrão entonacional ¹³ do tipo: 2 - 3 - 1:

Sentença 13: Deus, | que é bom, | ama suas criaturas. ↓

2

3

1

Quanto à forma, as orações adjetivas podem apresentar-se com o verbo desenvolvido - indicativo, imperativo e subjuntivo; ou reduzido - gerúndio, infinito e particípio, formas resultantes de uma transformação. Quando desenvolvido o verbo, os dois tipos de oração são introduzidos pelos pronomes relativos QUE, forma básica, QUEM, CUJO, ONDE, COMO, QUANDO e QUANTO. Cada uma dessas formas é empregada, não só levando em consideração as características do antecedente, como também a função sintática exercida na oração de que faz parte, recebendo ainda a regência do subordinante. Quanto ao sentido, podem indicar - fim, causa, consequência, condição e oposição. O Quadro nº 4 resume a distinção fonológica, gráfica, sintática e semântica dos dois tipos de orações.

Quadro nº 4

Distinção dos dois tipos de orações adjetivas

Critérios de distinção \ Tipos	Restritivo	Explicativo
Fonológico: a) ausência de pausa b) presença de pausa c) padrão entonacional: 3-2-1 d) padrão entonacional: 2-3-1	+ - + -	- + - +
Gráfico: a) ausência de vírgula b) presença de vírgula	+ -	- +
Sintático: a) depois de um superlativo ou palavra restritiva b) função de adjunto adnominal c) função de aposto	+ + -	- - +
Semântico: a) presença de informação nova, não podendo ser retirada da frase sem alteração da verdade b) particularização do antecedente, distinguindo um ou alguns elemen <u>tos</u> do conjunto c) ausência de informação nova, po <u>do</u> dendo ser retirada da frase sem alteração da verdade d) universalização do antecedente, referindo-se a todos os elemen <u>tos</u> do conjunto	+ + - -	- - + +

A abordagem transformacional

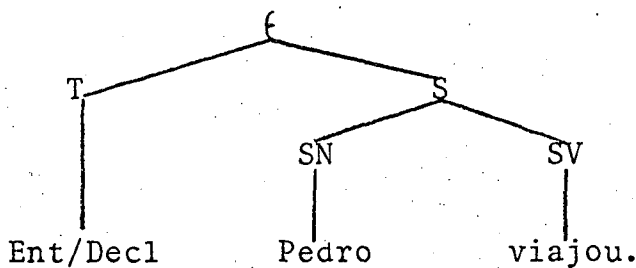
A intuição do falante lhe permite sentir, numa sentença, duas divisões naturais chamadas sintagmas, uma das quais é chamada sintagma nominal, cujo núcleo pode ser um nome ou um pronome; e a outra, chamada sintagma verbal, cujo núcleo é um verbo. A representação dessas subdivisões pode ser feita pelas seguintes regras:

- Regra 1. $\epsilon \rightarrow T + S$
- Regra 2. $T \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{Decl} \\ \text{Int} \\ \text{Excl} \end{array} \right\} (\text{Pa})$
- Regra 3. $S \rightarrow \text{SN} + \text{SV}$
- Regra 4. $\text{SN} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} (\text{Det}) + \text{N} + (\text{S}) \\ \text{Pron} \end{array} \right\}$
- Regra 5. $\text{SV} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{V} + (\text{SN}) \\ \text{Cóp} + \left\{ \begin{array}{l} \text{SN} \\ \text{SA} \\ \text{SP} \end{array} \right\} \end{array} \right\}$

ou sob forma de diagrama em árvore,¹⁴ como se apresenta a seguir na descrição das sentenças. Assim, correspondendo à sentença 14, seriam dadas a representação em diagrama e as regras seguintes:

Sentença 14: Pedro viajou.

Diagrama 1



Regra 1. $\epsilon \rightarrow T + S$

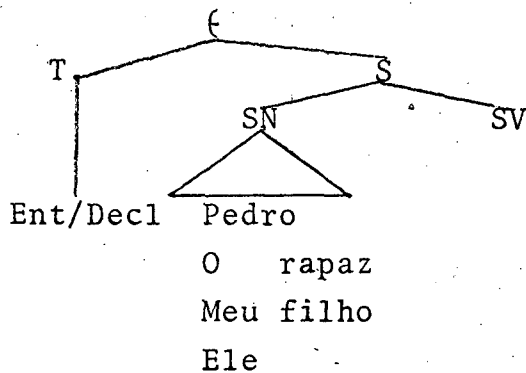
Regra 2. $T \rightarrow \text{Decl}$

Regra 3. $S \rightarrow \text{SN} + \text{SV}$

Os sintagmas nominais têm a seguinte composição: um núcleo, modificado ou não por um determinante - artigo ou pronome adjetivo - situado à esquerda, como se representa no diagrama 2 e nas regras 1 e 4; e/ou por um modificador - adjetivo ou

locução preposicional e sentença - situado à direita, conforme representação feita no diagrama 3 e nas regras 1,2,3,4 e 5.

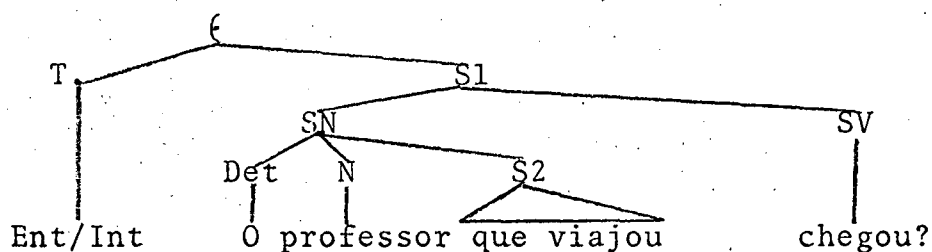
Diagrama 2



Regra 1. $S \rightarrow T + S$

Regra 4. $SN \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} (Det)+N \\ Pron \end{array} \right\}$

Diagrama 3



Regra 1. $S \rightarrow T + S$

Regra 2. $T \rightarrow Int$

Regra 3. $S \rightarrow SN + SV$

Regra 4. $SN \rightarrow Det+N+S$

Regra 5. $SV \rightarrow V$

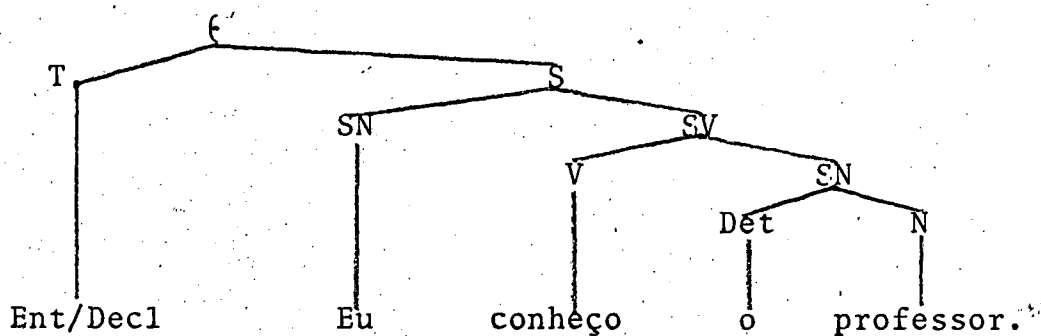
A sentença relativa tem, portanto, a função de modificador do núcleo de um sintagma nominal pertencente à sentença um, integrando-a, havendo uma relação entre tal núcleo e o pronome que inicia a sentença relativa.

E quais são as transformações por que passam as sentenças relativas? Uma sentença como:

Sentença 15: Eu conheço o professor que é zeloso.

pode ser gerada de duas sentenças: a sentença matriz - Eu conheço o professor. - e a sentença que será a relativa ou constituinte - O professor é zeloso. A estrutura da sentença matriz pode ser demonstrada conforme o diagrama 4 e as regras 1, 2, 3, 4 e 5.

Diagrama 4



Regra 1. $\epsilon \rightarrow T + S$

Regra 2. $T \rightarrow \text{Decl}$

Regra 3. $S \rightarrow \text{SN} + \text{SV}$

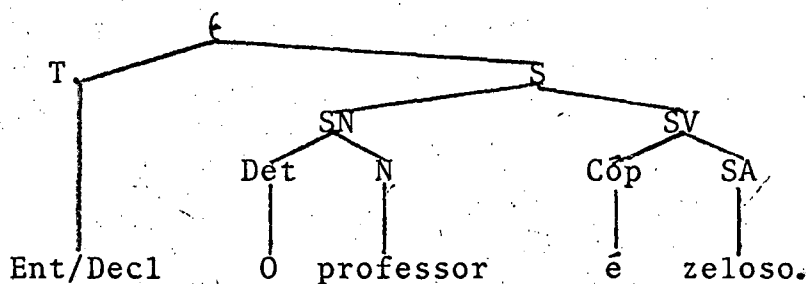
Regra 4. $\text{SN} \rightarrow \text{Pron}$

Regra 5. $\text{SV} \rightarrow V + \text{SN}$

Regra 4. $\text{SN} \rightarrow \text{Det} + N$

e a estrutura da sentença constituinte pode ser notada conforme o diagrama 5 e as regras 1, 2, 3, 4 e 5:

Diagrama 5



Regra 1. $\epsilon \rightarrow T + S$

Regra 2. $T \rightarrow \text{Decl}$

Regra 3. $S \rightarrow \text{SN} + \text{SV}$

Regra 4. $\text{SN} \rightarrow \text{Det} + N$

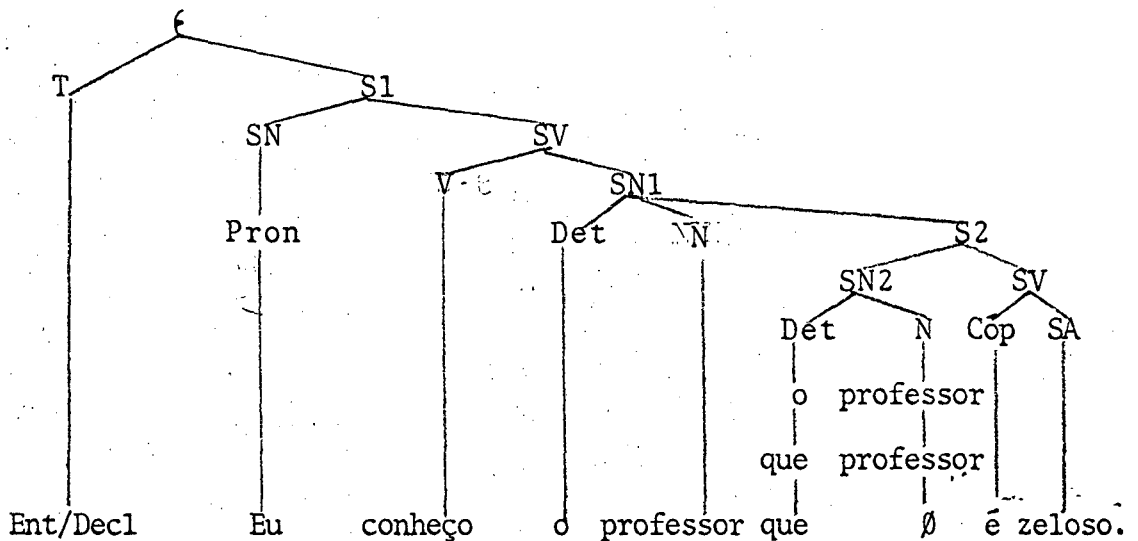
Regra 5. $\text{SV} \rightarrow \text{Cóp} + \text{SA}$

A sentença notada conforme o Diagrama 5 e as regras 1, 2, 3, 4 e 5 apresenta algumas particularidades: identidade estrutural e semântica de seu sintagma nominal sujeito com o sintagma nominal objeto da sentença demonstrada conforme o Diagrama 4 e as regras de 1 a 5; correferencialidade, isto é, os sintagmas nominais objeto da sentença 1 e sujeito da sentença 2 se referem ao mesmo ser. Havendo, assim, estas condições ou particularidades, a sentença do Diagrama 5 encaixa-se no sintagma nominal objeto da sentença do Diagrama 4. Feito isto, segue-se a realização do determinante em forma de - que - e o apagamento do nome idêntico ao do sintagma nominal da sentença do Diagrama

ma 5, gerando, assim, a sentença 15, notada pelo Diagrama 6 e pelas regras 1, 2, 3, 4 e 5.

Sentença 15: Eu conheço o professor que é zeloso.

Diagrama 6



Regra 1. $\epsilon \rightarrow T + S1$

Regra 2. $T \rightarrow \text{Decl}$

Regra 3. $S1 \rightarrow SN + SV$

Regra 4. $SN \rightarrow \text{Pron}$

Regra 5. $SV \rightarrow V + SN1$

Regra 4. $SN1 \rightarrow \text{Det} + N + S2$

Regra 3. $S2 \rightarrow SN2 + SV$

Regra 4. $SN2 \rightarrow \text{Pron}$

Regra 5. $SV \rightarrow \text{Cóp} + SA$

Se, no entanto, as condições de identidade e de correferencialidade se efetivarem entre o sintagma nominal um da sentença matriz o qual exerça a função de objeto direto e o sintagma nominal dois com função de objeto direto, na sentença constituinte, além das transformações citadas anteriormente, aplica-se uma outra - transformação de permuta. Assim, a sentença:

Sentença 16: Entendi a aula que o professor preparou.

resulta das seguintes transformações:

a) Entendi a aula o professor preparou a aula.

b) Entendi a aula o professor preparou que aula.

c) Entendi a aula que aula o professor preparou.

d) Entendi a aula que o professor preparou.

podendo serem notadas conforme os Diagramas 7 e 8:

Diagrama 7 :

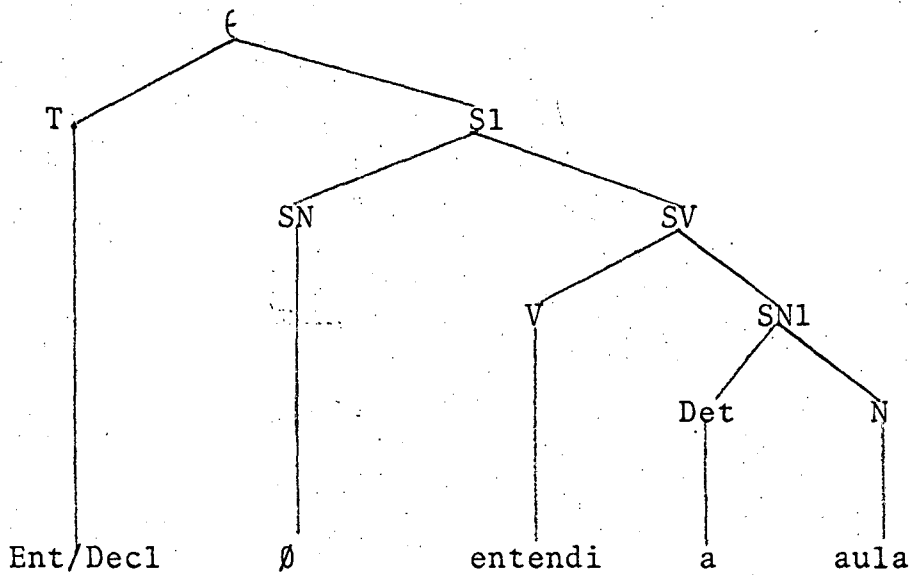
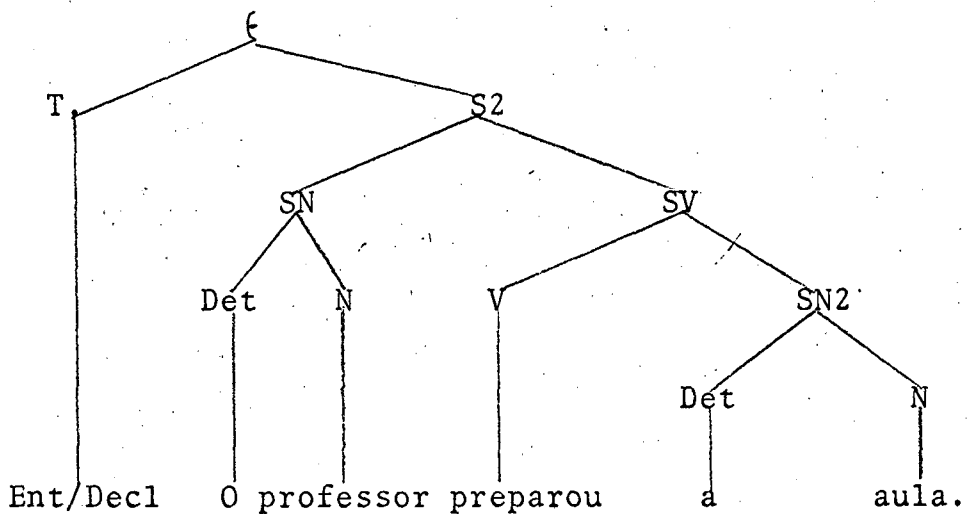


Diagrama 8



Aplicam-se às estruturas notadas nos Diagramas 7 e 8:

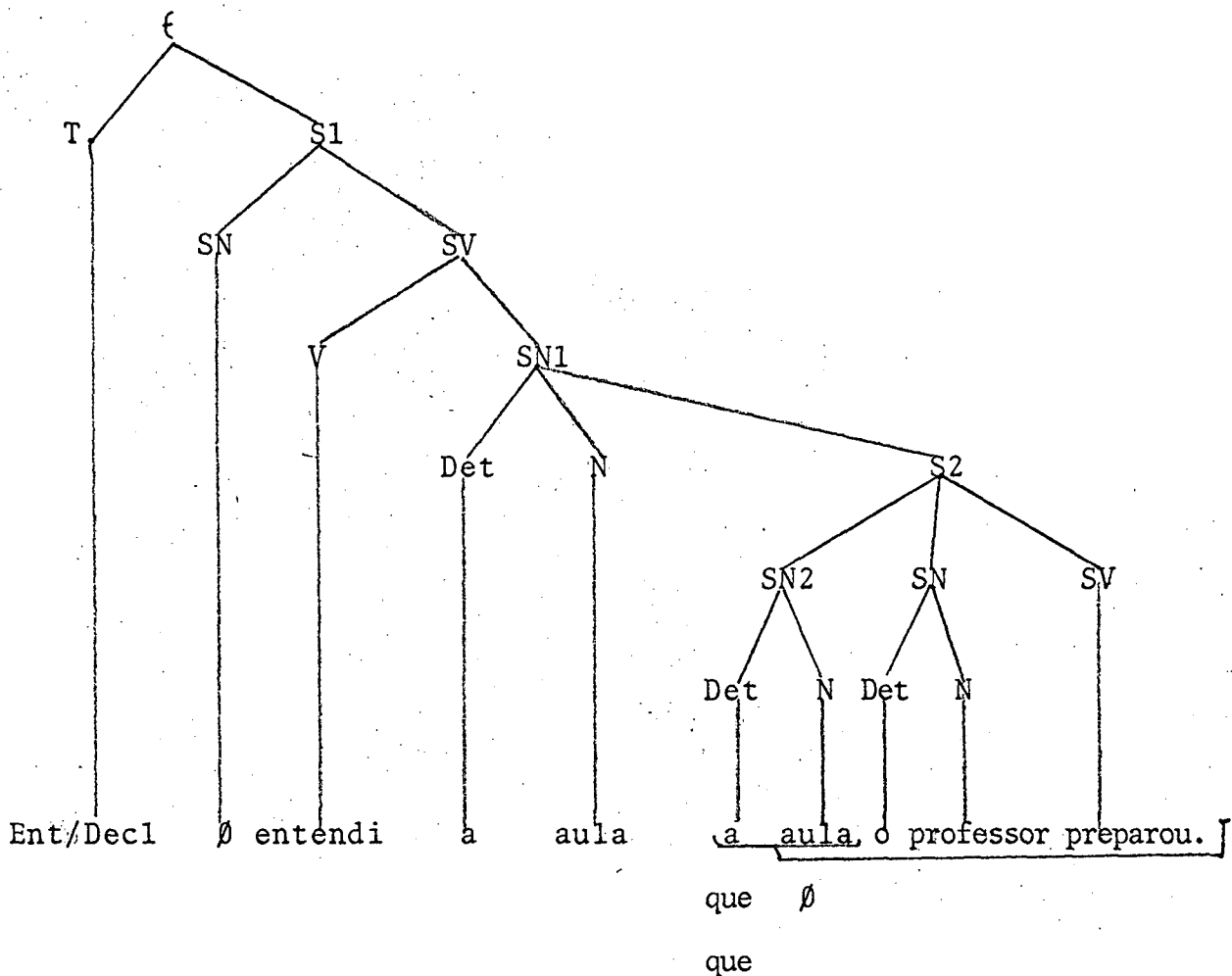
- a) Entendi a aula
- b) O professor preparou a aula.

as transformações já apresentadas para a sentença 16. A seguir, permuta-se o sintagma nominal que comporta o determinante - que para o início da sentença encaixada, S2, obtendo-se a estrutura:

Entendi a aula que o professor preparou.

gerada conforme ilustra o diagrama seguinte:

Diagrama 9



Preenchidas, portanto, as condições exigidas, o conjunto de transformações para a relativização a que a sentença 2 tem que se submeter é o seguinte:

Encaixamento da S2 no SN em que o N é o mesmo (se não se adotar que já são inseridas na base);

Realização do segundo determinante sob forma de pronome relativo (ou, como diz Ross, acréscimo do morfema - que - no lugar do determinante do SN2);¹⁶

Apagamento do segundo nome (ou, segundo Ross, a pronominalização do SN2);¹⁷

Permuta do SN que comporta o determinante - que-para o início da S2; encaixada, se aquele exercer a função de objeto direto.

"Segundo a gramática transformacional, os pronomes relativos não existem na estrutura profunda. A superficialização de um dos morfemas dependerá de determinados traços do sintagma nominal 1 e do sintagma nominal 2.

QUE, por exemplo, pode ser utilizado nas diversas funções de sujeito ou objeto para qualquer traço que estiver marcando o sintagma nominal que ele vai substituir, ocorrendo sempre depois do sintagma nominal a que se refere, podendo ser seguido de verbo (quando sujeito) ou de sintagma nominal (quando objeto). Daí se poder formular a seguinte regra morfofonêmica:

$$\text{Regra 1. } \triangle \longrightarrow / \text{Ke} / / \text{SN(Prep)} \left[\begin{array}{c} \text{V} \\ \text{SN} \end{array} \right] /$$

$$\left[\begin{array}{l} < + \text{hum} > \\ < + \text{Su} > \\ < + \text{TDN} > \\ < + \text{TDV} > \\ < + \text{lugar} > \\ < + \text{posse} > \\ < + \text{prep} > \end{array} \right]$$

QUEM substitui o pronome relativo QUE em sintagma nominal portador do traço - mais humano, na função de objeto preposicionado, podendo estabelecer-se a seguinte regra morfofonêmica:

$$\text{Regra 2. } \triangle \longrightarrow / \text{Kēy} / / \text{SN Prep} _ /$$

$$\left[\begin{array}{l} < + \text{hum} > \\ < + \text{TDV} > \\ < + \text{Prep} > \end{array} \right]$$

ONDE aparece no início de uma sentença modificadora de um nome que tem o traço - mais lugar. Outra condição que condiciona a superficialização desse pronome é a sua posição de objeto preposicionado, devendo este, também, ser portador do traço - mais lugar. As formas - donde e aonde - se realizam nos casos em que o nome a relativizar-se na sentença 2, inserida, é precedido de preposição. De modo geral, a regra morfofonêmica para a sua superficialização é:

$$\text{Regra 3. } \triangle \longrightarrow / \text{õdi} / / (\text{SN}) (\text{Prep}) _ /$$

$$\left[\begin{array}{l} < + \text{lugar} > \\ < + \text{TDV} > \\ < + \text{Prep} > \end{array} \right]$$

O pronome relativo CUJO é superficializado, quando o sintagma que condiciona a sua escolha, além de ocupar a posição de adjunto adnominal ou de complemento nominal, deve ser portador de um traço: * mais posse.¹⁸ Sua superficialização se dá de acordo com a regra morfofonêmica que segue:

Regra 4. $\triangle \longrightarrow / 'ku\dot{z}u / / \text{SN (Prep)} - /$

$\left[\begin{array}{l} \langle + \text{ hum} \rangle \\ \langle + \text{ posse} \rangle \\ \langle + \text{ TDN} \rangle \\ \langle + \text{ Prep} \rangle \end{array} \right]$

COMO se superficializa no início de uma sentença modificadora de um sintagma nominal que tem o traço - mais modo. Este traço no sintagma nominal que condiciona a sua escolha é outra condição para seu aparecimento, funcionando, assim, como adjunto adverbial, não precedido de preposição. As regras morfofonêmicas condicionantes de sua superficialização são as seguintes:

Regra 5. $\triangle \longrightarrow / 'k\ddot{o}mu / / \text{(SN)} - /$

$\left[\begin{array}{l} \langle + \text{ modo} \rangle \\ \langle + \text{ TDV} \rangle \\ \langle - \text{ Prep} \rangle \end{array} \right]$

O morfema QUANDO introduz uma sentença modificadora de um sintagma nominal que possui o traço - mais tempo, substituindo um sintagma nominal na posição de adjunto adnominal marcado, também, pelo traço - mais tempo e nunca vem regido de preposição, donde as seguintes regras morfofonêmicas:

Regra 6. $\triangle \longrightarrow / 'q\ddot{w}\ddot{a}du / / \text{(SN)} - /$

$\left[\begin{array}{l} \langle + \text{ tempo} \rangle \\ \langle + \text{ TDV} \rangle \\ \langle - \text{ Prep} \rangle \end{array} \right]$

QUANTO e suas flexões, não só substitui um sintagma nominal portador do traço - mais quantidade, como também introduz uma sentença que modifica um sintagma nominal com o traço - mais indefinido e nunca vem regido por preposição, superficializando-se conforme as regras morfofonêmicas:

Regra 7. $\triangle \longrightarrow / 'k\ddot{w}\ddot{a}tu / / \text{(SN)} - /$

$\left[\begin{array}{l} \langle + \text{ quant} \rangle \\ \langle + \text{ TDV} \rangle \\ \langle - \text{ Prep} \rangle \\ \langle + \text{ Su} \rangle \end{array} \right]$

O quadro nº 5 apresenta as funções e os traços que permitem a superficialização de cada uma das formas descritas anteriormente.

QUADRO nº 5

Traços determinantes da superficialização dos pronomes relativos

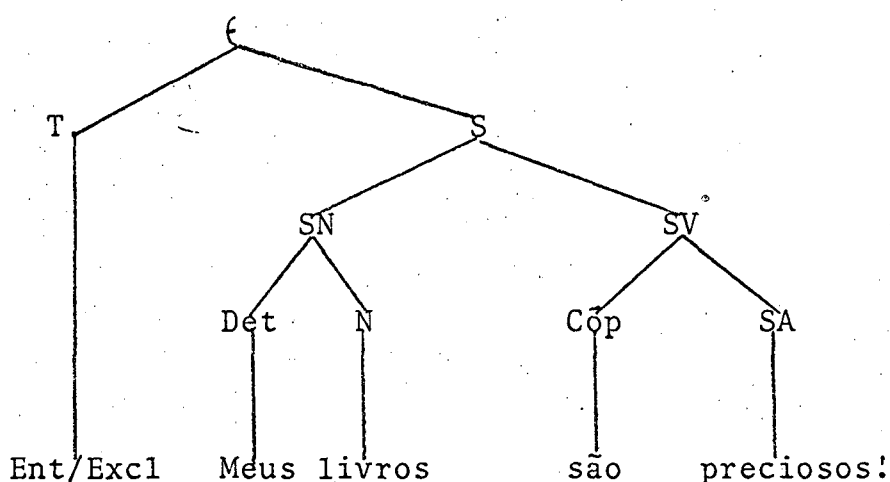
PRONOME RELATIVO TRAÇOS	QUE	QUEM	ONDE	CUJO	COMO	QUANDO	QUANTO
Humano	+	+	-	+	-	-	+
Sujeito	+	-	-	-	-	-	+
Termo determinante do nome *	+	-	-	+	-	-	-
Termo determinante do verbo **	+	+	+	-	+	+	+
Lugar	+	-	+	-	-	-	-
Posse	+	-	-	+	-	-	-
Preposição	+	+	+	+	-	-	-
Modo	+	-	-	-	+	-	-
Tempo	+	-	-	-	-	+	-
Quantidade	+	-	-	-	-	-	+

* Neste quadro, são considerados TDN os seguintes termos da sentença: Adjunto adnominal, complemento nominal e predicativo.

**E TDV, os seguintes termos da sentença: objeto direto e indireto, adjunto adverbial e agente da passiva.

Em língua portuguesa, quanto à topologia, os adjetivos podem ser classificados em antepostos ao nome, pospostos ao ne me e môveis, podendo exercer as funções de aposto, adjunto adnominal e de predicativo. A teoria transformacional afirma que, em função predicativa, o adjetivo já pertence à estrutura profunda, onde ele é gerado pela regra sintagmática nº 5, ilustrando-se com o Diagrama nº 10:

Diagrama 10



Regra 5. SV Cóp + SA

O adjetivo em função de aposto e de adjunto adnominal, entretanto, não pertencendo à estrutura profunda, é gerado de uma sentença relativa com a descrição estrutural: QUE + Cóp+Adj. Assim, o adjetivo - silenciosa - na sentença seguinte:

Sentença 17: A mãe silenciosa contemplava o filho.

teria sido gerado de duas sentenças:

Sentença 18: A mãe contemplava o filho.

Sentença 19: A mãe estava silenciosa.

Aplicando-se a transformação de encaixamento, seria obtida a seguinte estrutura:

A mãe / a mãe estava silenciosa / contemplava o filho.

Aplicada, a seguir, a transformação de pronominalização, será obtida a estrutura abaixo:

A mãe / que estava silenciosa / contemplava o filho.

Com o apagamento de - que - e de - estava -, transformação de redução, obtém-se a estrutura:

Sentença 17: A mãe silenciosa contemplava o filho.

As mesmas etapas podem ser demonstradas através dos diagramas 11, 12 e 13:

Diagrama 11

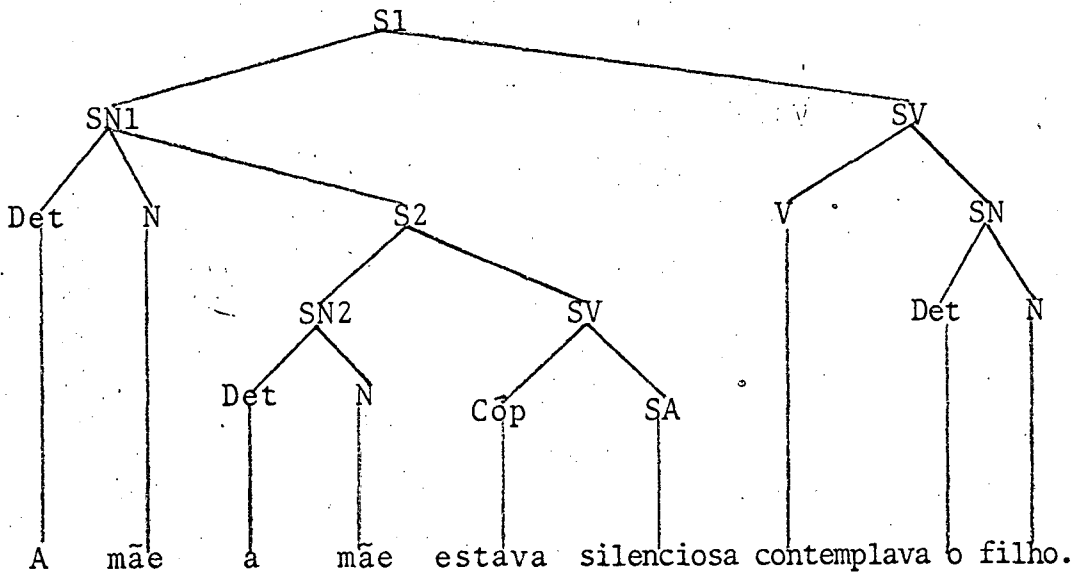
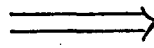


Diagrama 12

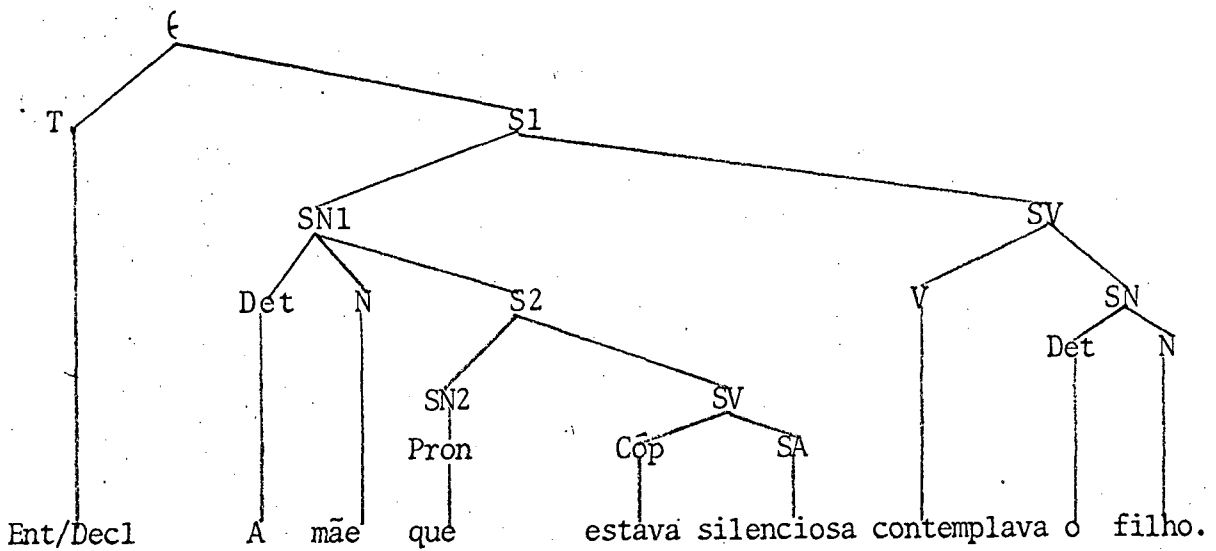
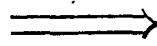
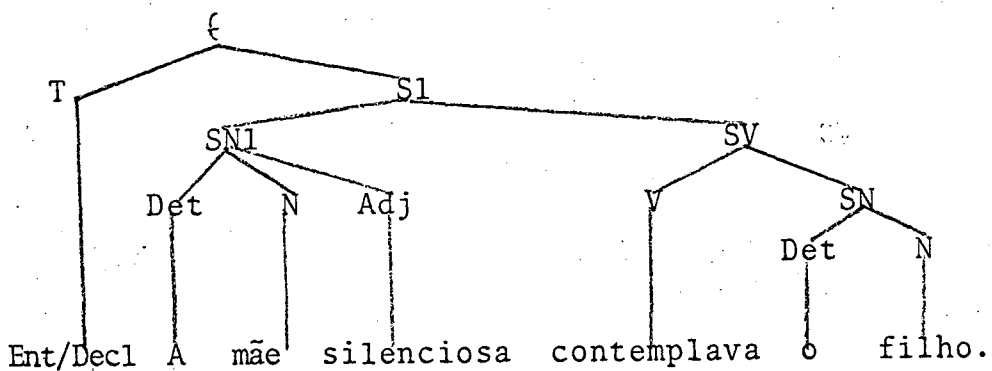


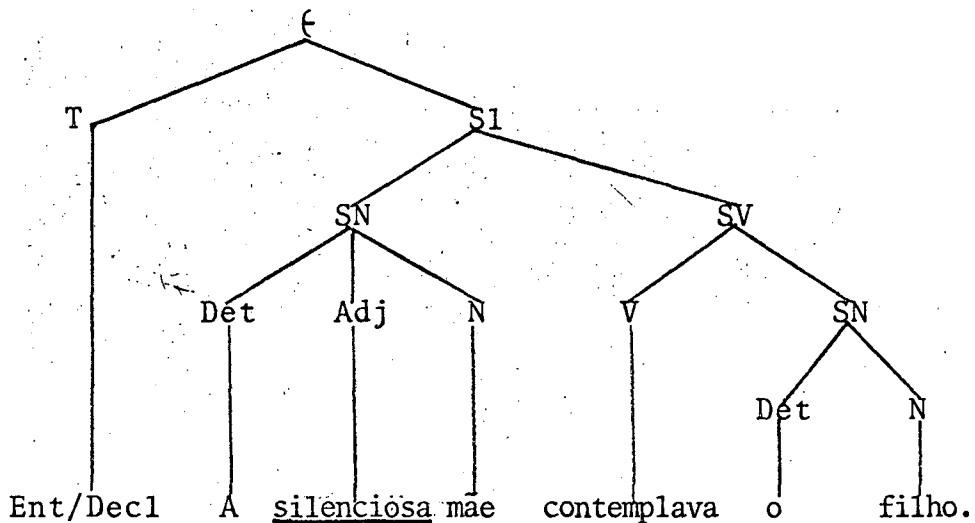
Diagrama 13



Em língua portuguesa, dependendo de determinados traços do adjetivo,¹⁹ é possível a extraposição, isto é, topologia prenominal, conforme a Sentença 18 e o Diagrama 14 abaixo:

Sentença 18: A silenciosa mãe contemplava o filho.

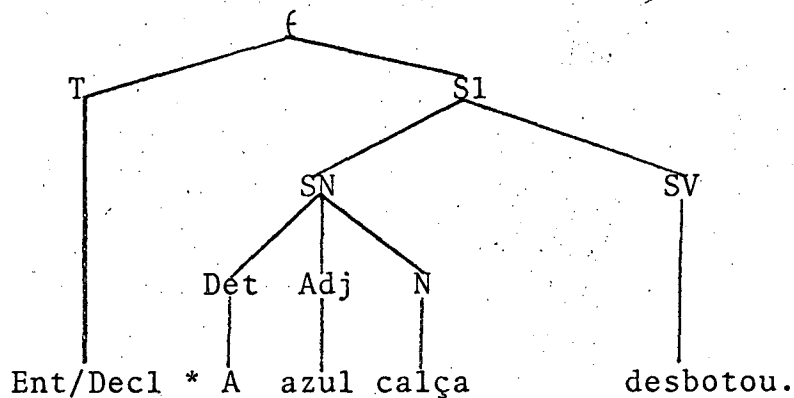
Diagrama 14



Algumas vezes, entretanto, a transformação de extraposição do adjetivo para a topologia prenominal é bloqueada, sendo rejeitada por qualquer falante nativo, como uma sentença agramatical, conforme se exemplifica na Sentença 19 e no Diagrama 15:

Sentença 19: * A azul calça desbotou.

Diagrama 15



Outras vezes, ainda, dependendo de sua posição em referência ao nome, o adjetivo adquire outro significado, conforme se percebe nas Sentenças 20 e 21 e nos Diagramas 16 e 17:

Sentença 20: O estudante pobre ganhou o prêmio.

Sentença 21: O pobre estudante perdeu o prêmio.

Diagrama 16

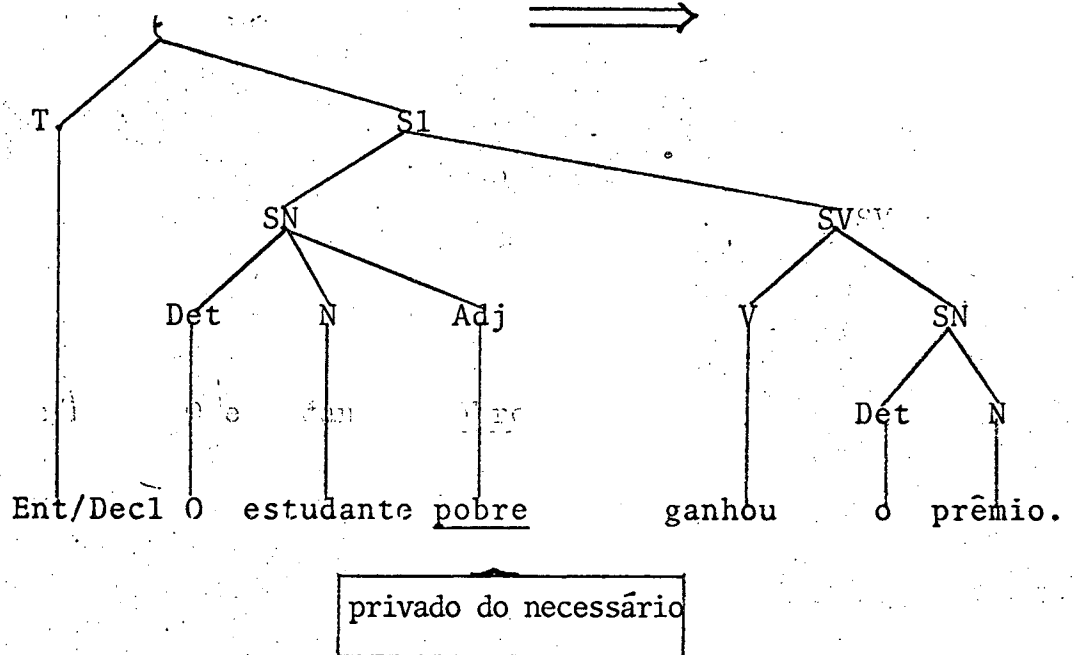
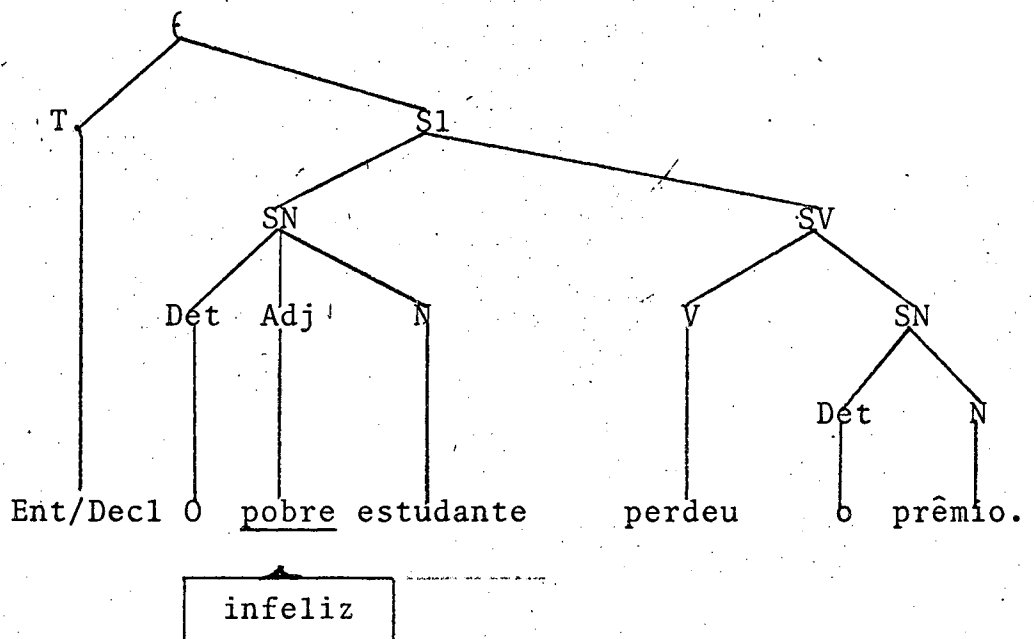


Diagrama 17



Os gramáticos tradicionais e gerativistas classificam as relativas em dois grupos: (1) Restritivas e (2) Explicativas ou Apositivas, subdividindo-as, quanto à forma, em desenvolvidas - se são introduzidas por um pronome relativo; e em reduzidas - se o verbo estiver em uma das formas: Gerúndio, Infinito e Particípio. Como acontece com o adjetivo aposto ou com o adjetivo adnominal, ou com o sintagma preposicional, aquelas formas nominais são geralmente consideradas sentenças reduzidas, depois de aplicada a dupla transformação: a transformação de pronominalização e, depois, a transformação de redução que consiste no

apagamento concomitante da cõpula e do pronome relativo, conforme as Sentenças 22, 23 e 24 em que foram aplicadas algumas regras transformacionais, representadas, respectivamente, pelos Diagramas 18, 19, 20 e 21, 22 e 23:

Sentença 22: O rapaz assoviando lia uma revista.

Diagrama 18

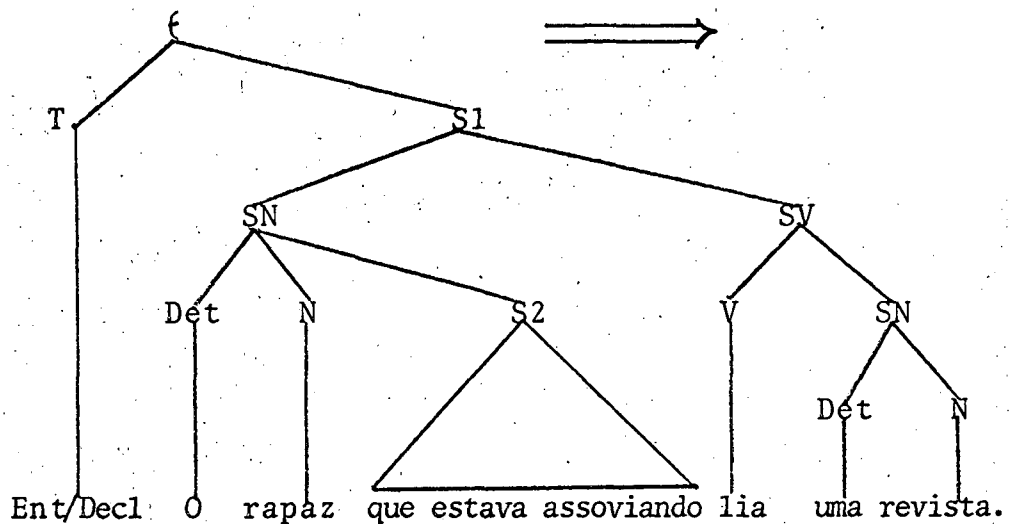
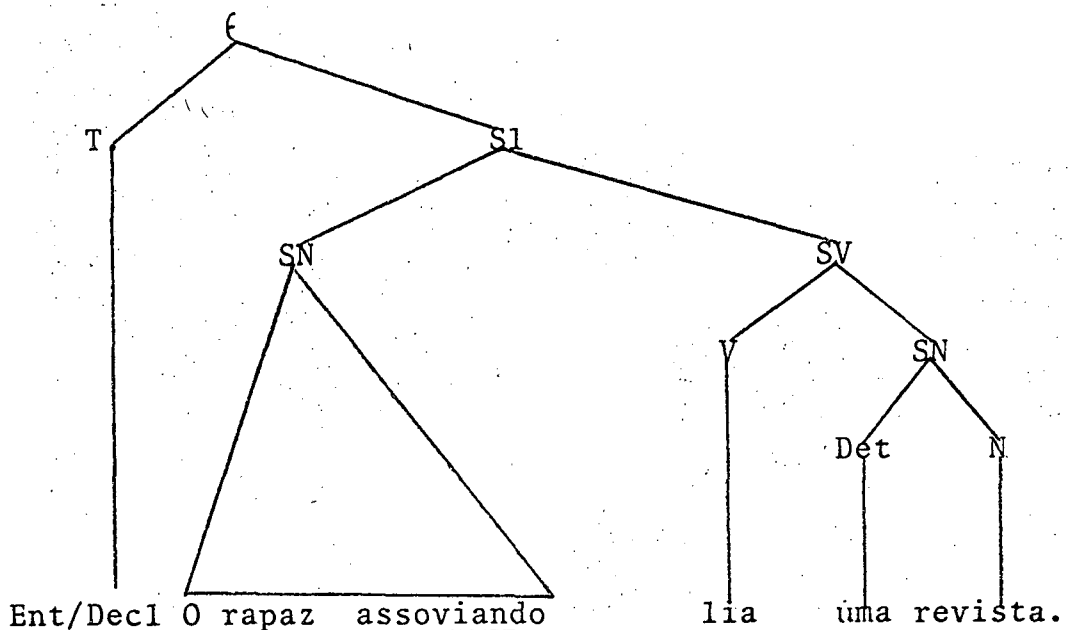


Diagrama 19



Condição estrutural para a aplicação da Transformação de redução:

que + $\left\{ \begin{array}{l} \text{ser} \\ \text{estar} \end{array} \right\}$ + Ger

Sentença 23: As crianças reunidas brincavam alegremente.

Diagrama 20

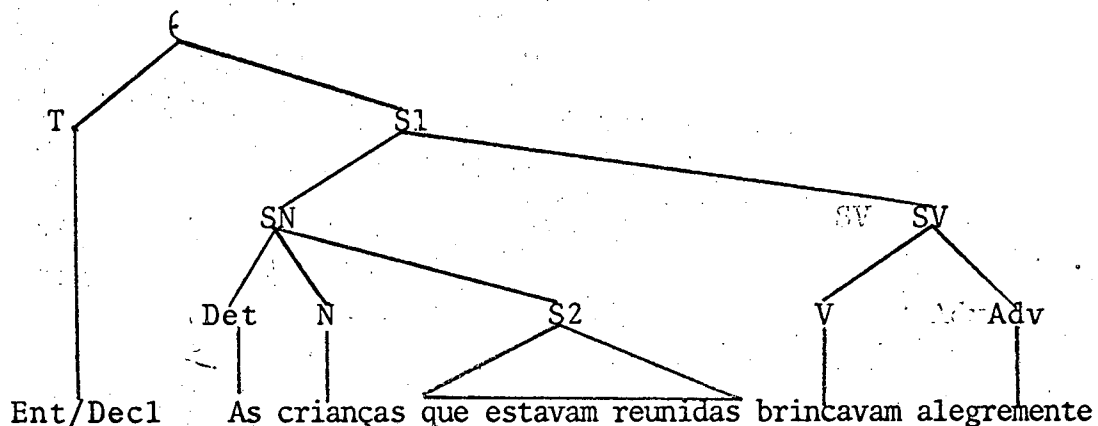
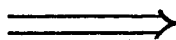
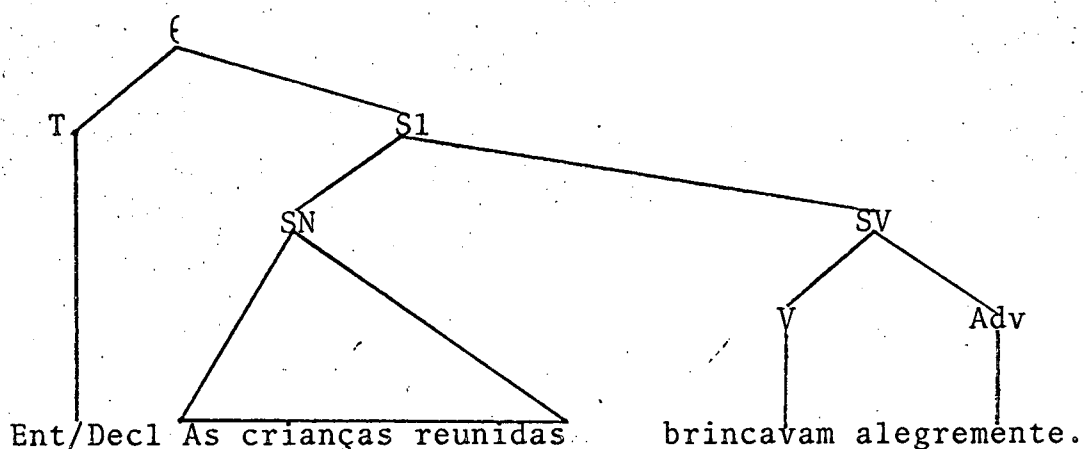


Diagrama 21

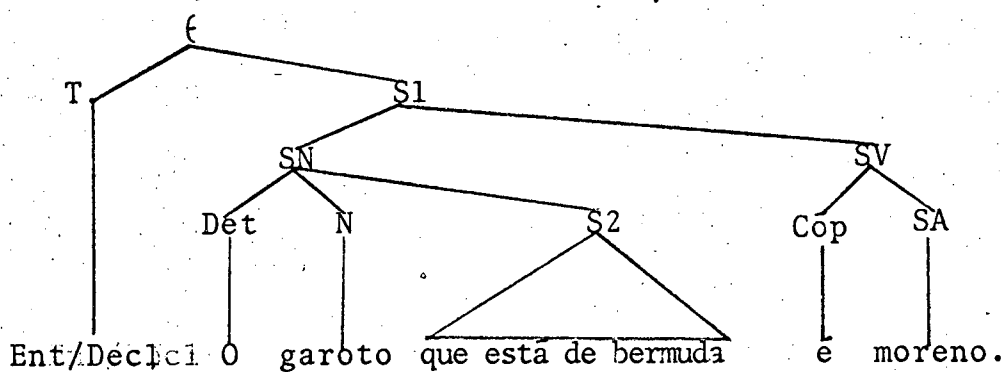
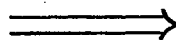


Condição estrutural para a aplicação da Transformação de redução:

que + $\left\{ \begin{array}{l} \text{ser} \\ \text{estar} \end{array} \right\}$ + Part

Sentença 24: O garoto de bermuda é moreno.

Diagrama 22



por uma vírgula.²⁰ Sendo colocada, suprime-se qualquer risco de se interpretar uma sentença relativa como restritiva, donde a sua importância prática e pedagógica; no entanto, ela não basta como critério formal de distinção entre relativas restritivas e relativas apositivas. Para uma sentença restritiva, a retomada transformacional modifica profundamente o sentido da sentença matriz, não podendo, assim, ser convertida em duas sentenças mínimas ou independentes, o que se pode testar com o exemplo abaixo:

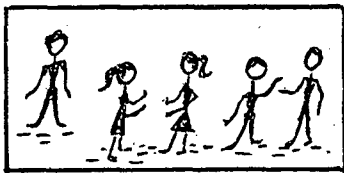
Sentença 26: Eu tenho três alunos que lêem bons livros.

Eu tenho três alunos. Eles lêem bons livros.

São consideradas sentenças apositivas, se não modificam o sintagma nominal a que se refere, quanto à sua extensão, ou se lhe atribui apenas uma propriedade acessória, uma espécie de etiqueta cuja supressão não compromete a validade da sentença como um todo. Ou ainda, a sentença apositiva se aplica a todo o conjunto considerado, sem distinção de nenhum elemento, conforme ilustração abaixo. Uma sentença como:

Sentença 27: As crianças, que estão acordadas, vão brincar.

é considerada apositiva:



= Crianças acordadas

= Todas as crianças vão brincar.

- Quais crianças vão brincar?

- Todas as crianças vão brincar.

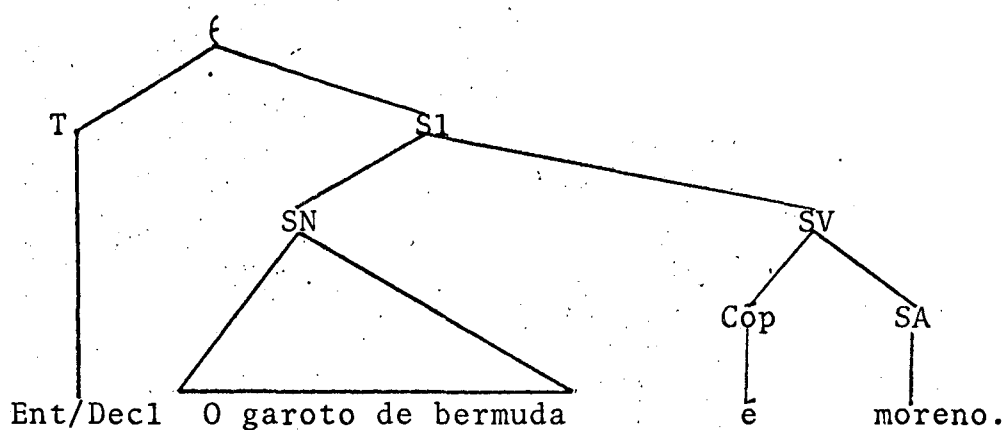
A afirmação se aplica a todos os elementos do conjunto. A vírgula pode separar a sentença encaixada ou constituinte, da sentença matriz. Mas não é obrigatória para qualquer tipo de adjetiva apositiva. Para as relativas apositivas, pode haver substituição por sentenças independentes ou mínimas, frequentemente coordenadas e, às vezes mesmo, subordinadas a outra sentença, de acordo com o exemplo que segue:

As crianças que estão acordadas vão brincar.

As crianças vão brincar; pois elas estão acordadas.

As crianças vão brincar, porque elas estão acordadas.

Diagrama 23



Condição Estrutural para a aplicação da Transformação de redução:

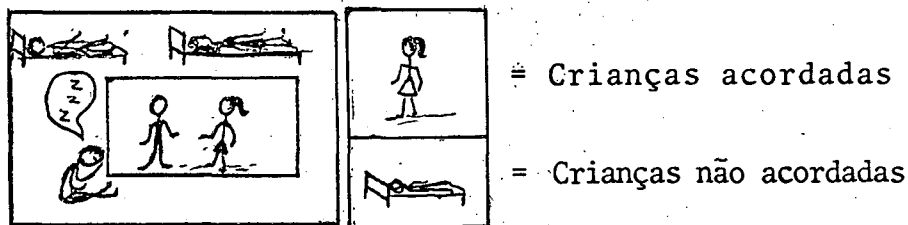
que + estar + SP

Qualquer falante nativo identifica, portanto, como idênticas, as sentenças notadas nos Diagramas 18 e 19, 20 e 21, 22 e 23, significando haver uma equivalência semântica entre os sintagmas.

A gramática gerativa transformacional ou distingue 2 tipos de sentenças adjetivas: (1) Restritiva e (2) Apositiva; ou se refere apenas ao tipo restritivo; ou não estabelece nenhum tipo. Do ponto de vista semântico, são consideradas restritivas as sentenças em que a referência do enunciado apenas é feita a um ou alguns elementos do conjunto, como se o quisesse distinguir. Ela divide uma parte do conjunto definido pelo sintagma nominal, não ocorrendo, por isso, com nomes próprios, com possessivos ou pronomes pessoais. Uma sentença como

Sentença 25: As crianças que estão acordadas vão brincar.

é considerada restritiva.



- Quais crianças vão brincar?
- Só as que estão acordadas.

A afirmação se aplica apenas a uma parte do conjunto. A sentença adjetiva restritiva nunca é separada da sentença matriz

Eis porque se têm lançado hipóteses de que as relativas restritivas e as relativas apositivas não derivam da mesma estrutura profunda, como serão resumidas a seguir.

Enquanto que, na gramática tradicional, as orações adjetivas restritivas e explicativas são consideradas subordinadas, não sendo, entretanto, distinguidas nitidamente por características sintáticas, na gramática gerativa transformacional se apresentam diferenças no que se refere às estruturas profundas e superficiais dessas mesmas sentenças.

Segundo Lees, uma sentença como:

Sentença 28: O professor que estuda linguística adquire conhecimentos.²¹

tem, em sua estrutura profunda, a notação dos Diagramas 24 e 25.

Diagrama 24

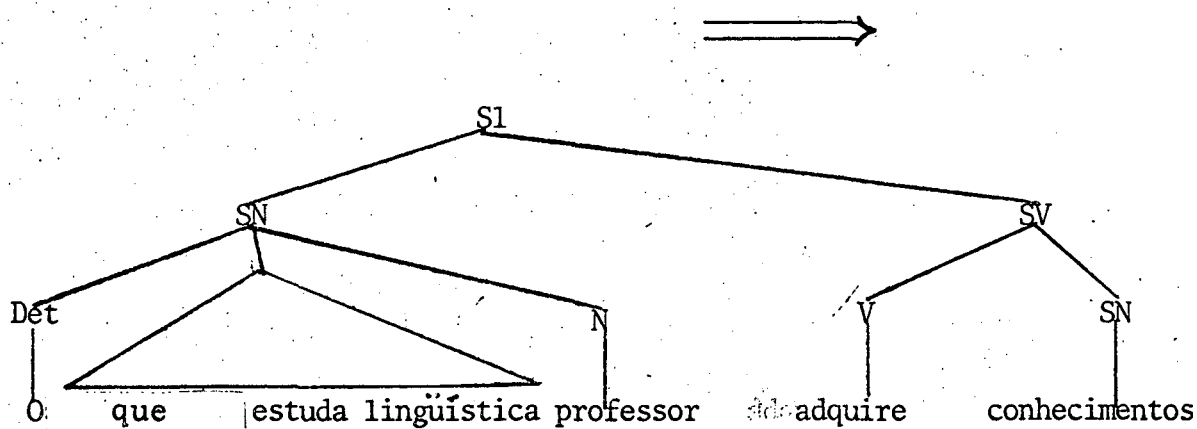
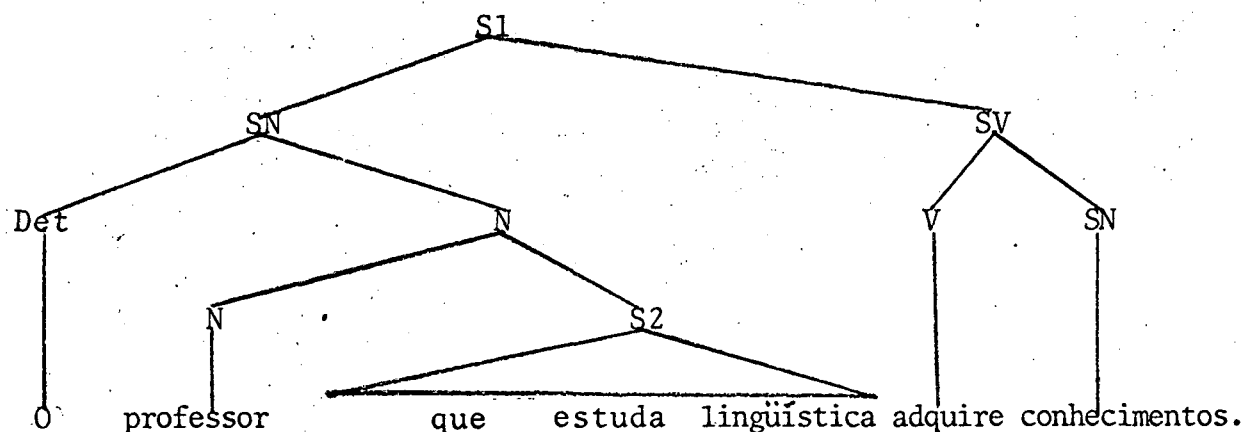


Diagrama 25

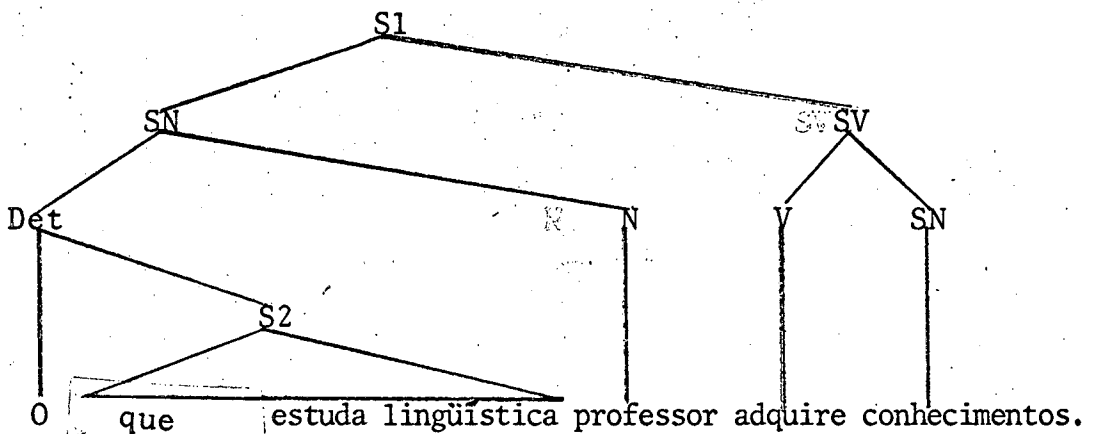


O autor insere a relativa entre o determinante e o nome, mostrando que, através de uma transformação, se verifica a mudança do nó para a posição posnominal. Justifica o procedimento, acreditando que a sentença relativa é um constituinte obrigatório do sintagma nominal definido e opcional do sintagma nominal indefinido. A definição ou não do determinante do sintagma nominal é

um fator importante na inserção da sentença relativa. Um sintagma definido tem, como constituinte obrigatório, uma relativa, enquanto que um sintagma não definido, indefinido ou genérico tem as sentenças relativas como um constituinte opcional. Não estabelece o tipo de relativa, nem tece considerações a respeito das regras transformacionais.²²

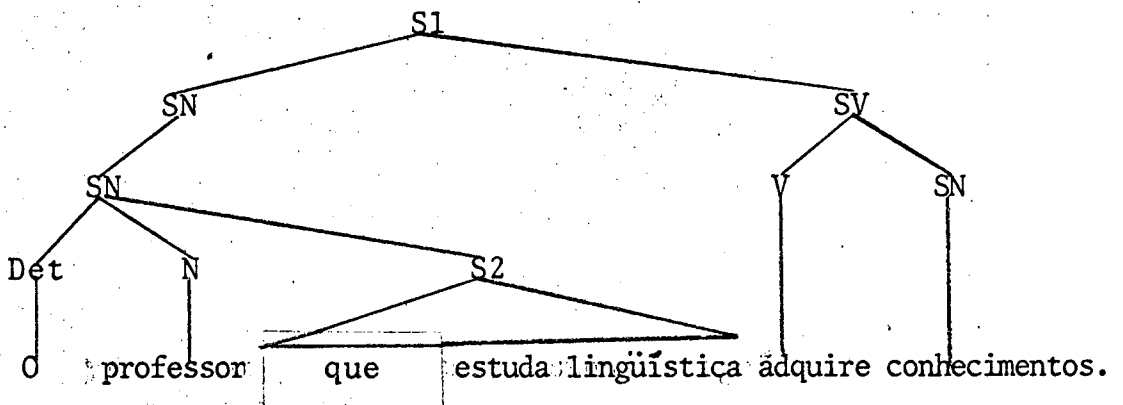
Também, para Chomsky, as sentenças restritivas estão inseridas no determinante do sintagma nominal da sentença matriz. Ele se refere rapidamente às sentenças apositivas, quando comenta que, enquanto as restritivas pertencem ao sistema dos determinantes, as não restritivas são complementos de todo o sintagma nominal e, algumas vezes, da sentença inteira,²³ podendo sua análise ser ilustrada através do Diagrama 26 e da mesma Sentença 28:

Diagrama 26



Divergindo da análise de Chomsky, em certo aspecto, a proposição de Ross é que a relativa restritiva aparece, na estrutura profunda, como um constituinte de outra sentença, tomado como um todo, conforme o Diagrama abaixo:

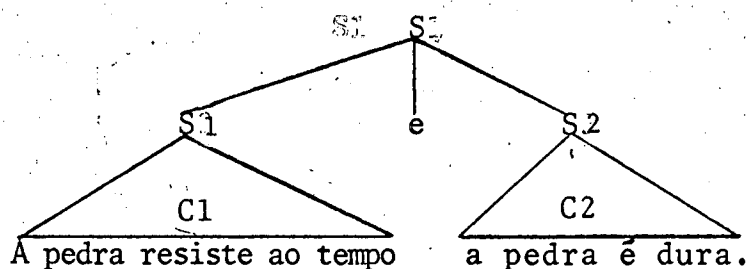
Diagrama 27



Segundo o mesmo autor, uma sentença que contém uma sentença relativa apositiva, como a do exemplo 29 notada no Diagrama 28, deriva de duas sentenças que estão conjuntas na estrutura profunda.

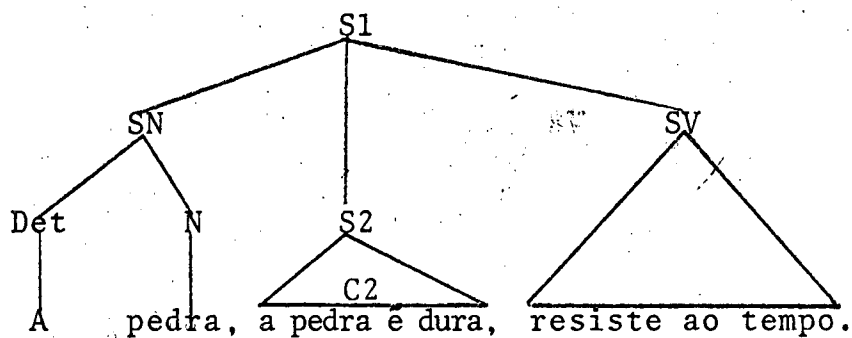
Sentença 29: A pedra, que é dura, resiste ao tempo.

Diagrama 28



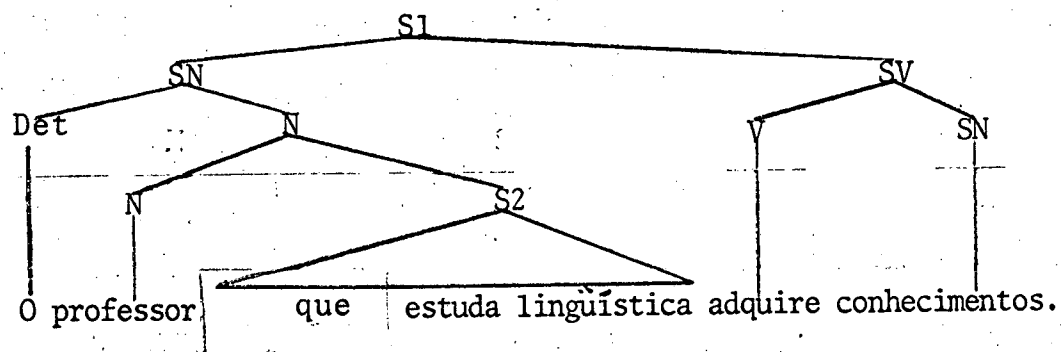
Através de uma transformação, o segundo conjunto é inserido no primeiro como sentença relativa, isto é, a S2 vem inserir-se na S1,²⁴ como indica o Diagrama 29.

Diagrama 29



A análise proposta por Dean insere a sentença restri-tiva no nome da sentença matriz, modificando-o apenas e não o sintagma nominal como um todo, sendo seu principal argumento a referência aos quantificadores. Para ela, as condições de identidade e de correferencialidade simplificam-se, se os quantificadores não forem pertinentes ao processo de relativização.²⁵ Sob a forma de diagrama e utilizando ainda o exemplo--3--Sentença 28, a proposta corresponde a:

Diagrama 30



Aplicada ao português e simplificando-se o conjunto das transformações, os Diagramas 31, 32 e 33, representativos da Sentença 30, indicam a análise das sentenças adjetivas apresentadas por Rosenbaum.²⁶

Sentença 30: O aluno que o professor conhece tem um carro.

Diagrama 31

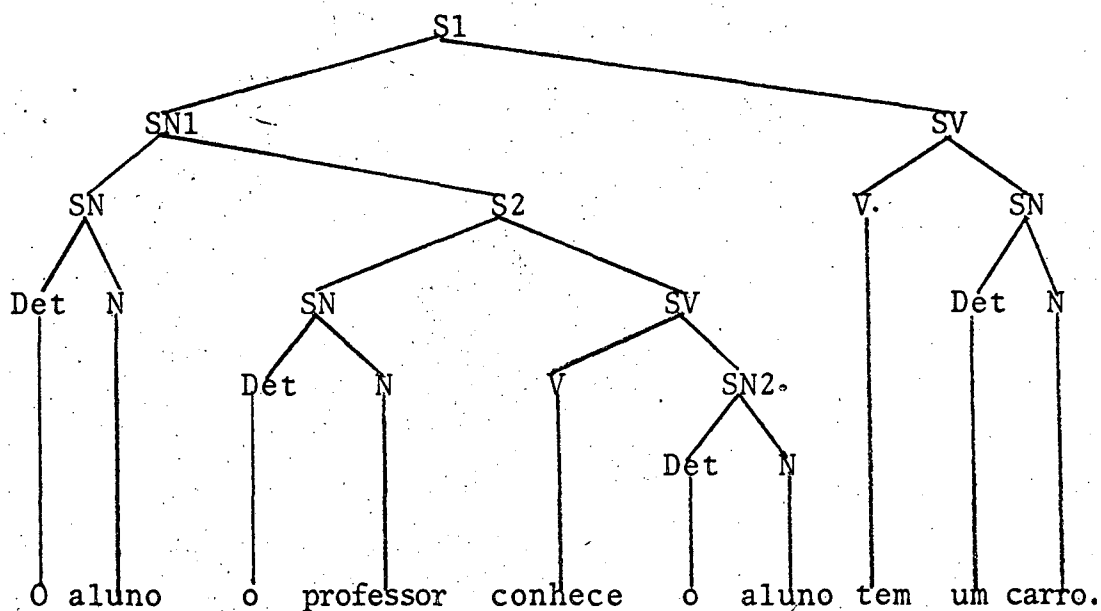
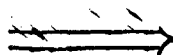


Diagrama 32

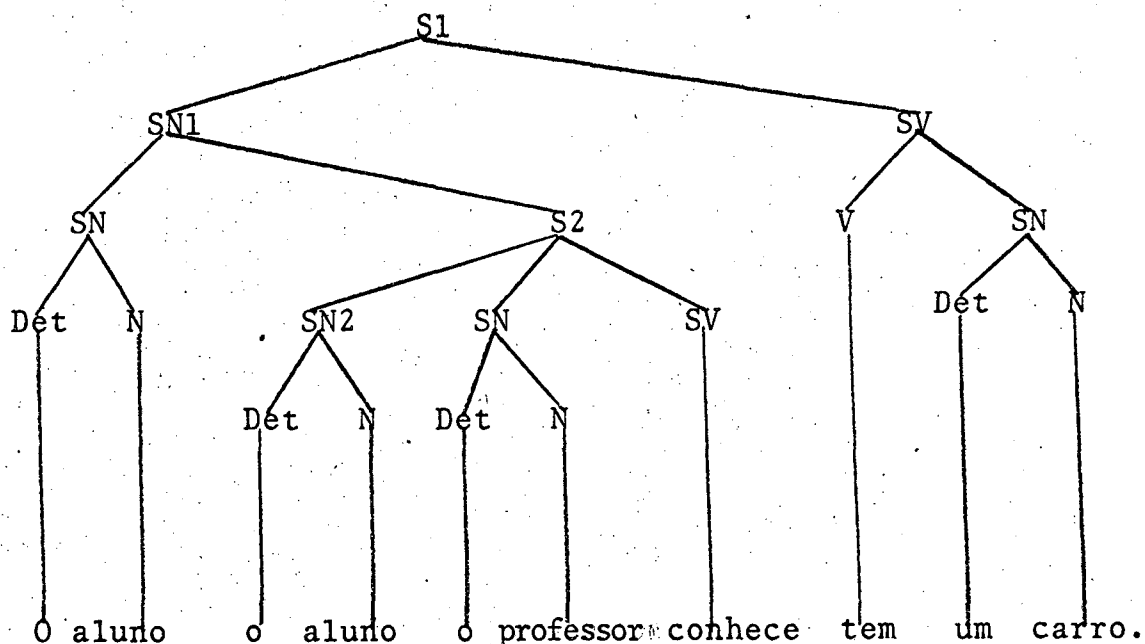
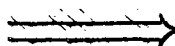
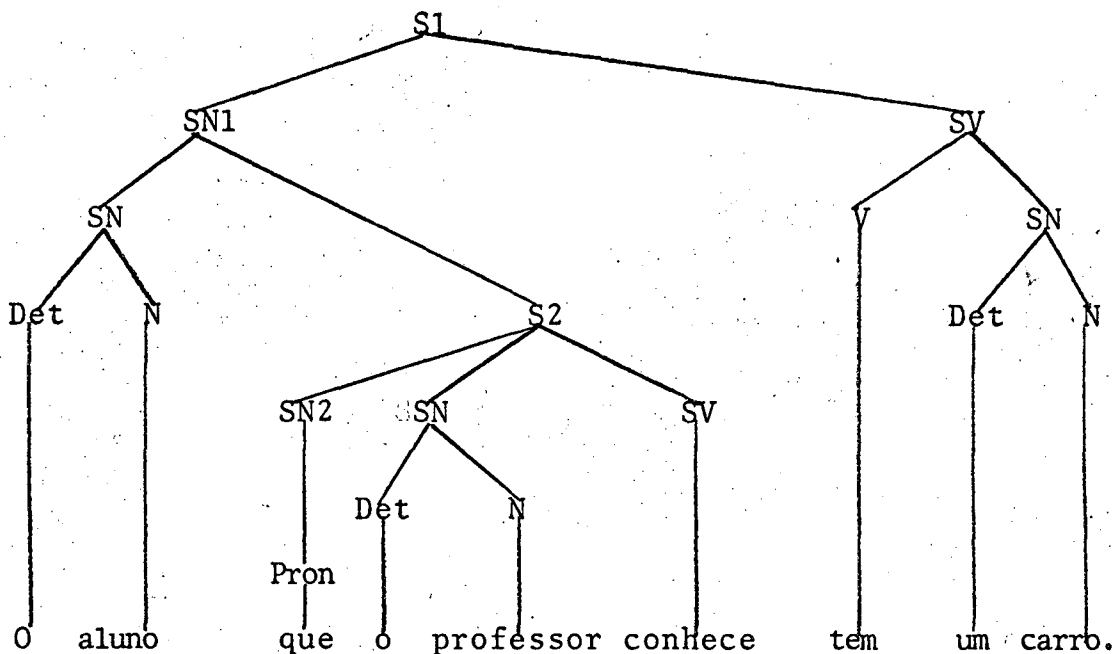


Diagrama 33



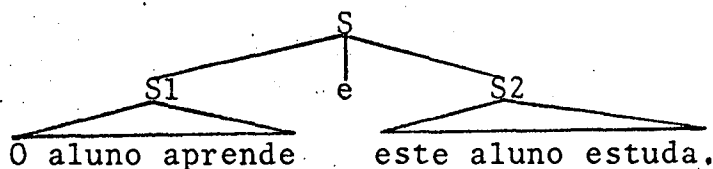
A sentença relativa é uma sentença encaixada no sintagma nominal sujeito, isto é, o sintagma nominal sujeito contém um sintagma nominal e uma sentença. A transformação de sentença relativa opera numa estrutura de sentença relativa, na qual o sintagma nominal núcleo, aquele à esquerda da sentença encaixada, é idêntico a um sintagma nominal apropriado que está dentro da sentença encaixada.

Annear, entretanto, argumentando não só com o desacordo existente entre os autores quanto à propriedade de configuração dos nódulos para a representação do relacionamento entre sentenças, mas ainda com o fato de que a sua análise evidencia as diferenças estruturais entre sentenças inseridas que exercem a função de sujeito e de objeto, propõe, em sua análise, que as sentenças relativas restritivas sejam sentenças independentes, na estrutura profunda, inseridas, por transformações. Assim, uma sentença adjetiva restritiva como:

Sentença 31: O aluno que estuda aprende.

seria gerada de duas sentenças independentes na estrutura profunda, como se nota no Diagrama 34,

Diagrama 34



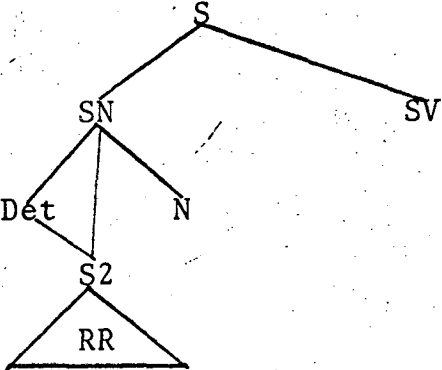
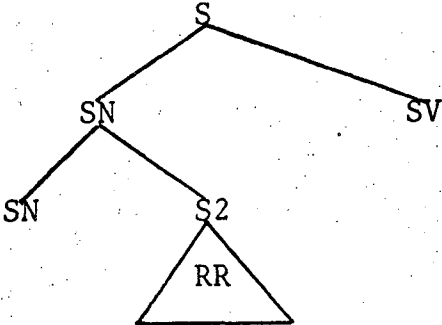
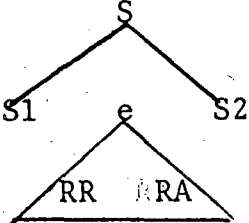
inserida, por transformação, gerando-se a Sentença 31. Uma sen

tença relativa, pois, é equivalente a duas predicções sobre o mesmo argumento, sendo estruturalmente supérfluas e inseridas apenas na estrutura de superfície. A diferença de significado não deve ser representada na estrutura profunda, uma vez que essa diferença diz respeito à decisão do falante acerca de como representar, para o ouvinte, uma informação existente na representação subjacente.²⁷

Os especialistas em gramática gerativa transformacional, portanto, distinguem dois tipos de sentenças adjetivas, com base em estruturas profundas diferentes, excetuando-se Anear que dá a mesma estrutura profunda para as sentenças, seja restritiva, seja apositiva. Essas relações podem ser notadas resumidamente no seguinte quadro:

Quadro nº 6

A estrutura profunda das sentenças adjetivas

Autor	Notação
R. B. Lees (1961) C. Smith (1964) N. A. Chomsky (1969)	
J. R. Ross (1967) J. Dean (1967) R. A. Jacobs (1968) P. S. Rosenbaum	
S. Annear Thompson (1971)	

Para objetivar a proposta deste trabalho - Apresentação de sugestões quanto à organização de exercícios que envolvem a produção de Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas Restritivas e Explicativas, Desenvolvidas ou Reduzidas-adoptaremos, para a descrição da Cláusula Relativa Restritiva, a estrutura profunda notada na segunda divisão do Quadro nº 6. Para a descrição da Cláusula Relativa Apositiva, adotaremos a estrutura profunda notada na terceira parte do mesmo quadronão só porque essas análises sofrem menos restrições, mas também porque já foram aplicadas às Cláusulas Relativas Restritivas e Apositivas iniciadas pelo pronome relativo QUE, em língua portuguesa.²⁸

Pressupomos aqui que as análises do Inglês, aplicadas ao português, em Cláusulas Adjetivas iniciadas pelo pronome relativo QUE sirvam, também, para as Cláusulas Relativas iniciadas pelos pronomes relativos QUEM, ONDE, CUJO, COMO, QUANDO e QUANTO, com a presença ou ausência da preposição, sendo estes pronomes relativos variantes morfofonêmicas da forma básica QUE cujos traços seletivos foram resumidos no Quadro nº 5.

Quanto ao conjunto de transformações para o processo da relativização, utilizaremos as seguintes etapas: Etapa 1, Aposição da S2 no SN em que o N é o mesmo, no caso das Cláusulas Apositivas, convencionada Tr-apo; Etapa 2 e Etapa 3, concomitantemente, Realização do segundo determinante sob forma de um pronome relativo e o apagamento do segundo nome, convencionadas Tr-pro; Etapa 4, Permuta do SN resultante das Etapas 2 e 3 para o início da Cláusula Relativa, se aquele exercer a função de objeto direto, convencionada Tr-perm. Para o processo opcional da redução da Cláusula Relativa a modificador nominal, utilizaremos as Etapas 1, apagamento simultâneo do verbo cópula e do pronome relativo, convencionada Tr-red; e a Etapa 2, topologia prenominal do modificador, convencionada Tr-extr.

NOTAS

- ¹Jaime Beranger Amenós (1974), p. 192-93.
- ²Puppo Ravizza (1953), p. 350-54.
- ³Soares Barbosa (1881), p. 123; 356-58.
- ⁴Carlos Pereira (1958), p. 288-90.
- ⁵Evanildo Bechara (1964), p. 280.
- ⁶Rocha Lima (1972), p. 239.
- ⁸Celso Luft (1976), p. 152-53.
- ⁹Domingos Cegalla (1976), p. 295-99; 306-15.
- ¹⁰Celso Luft (1976), p. 153.
- ¹¹Chamado por Mattoso Câmara de pronome relativo primário. (Cf. Mattoso Câmara Júnior, 1975, p. 114.)
- ¹²CUJO, na classe inculta como na linguagem tabelioa, é usado enfaticamente em lugar de QUE, perdendo a força de pronome possessivo. Ex.: Meu Pai vendeu a fazenda de Pavuna, cuja fazenda ele comprou muito barato. (Cf. Antenor Nascentes. O Linguajar Carioca, p. 91.) Por outro lado, na linguagem coloquial e popular, o pronome relativo QUE aparece substituindo o pronome relativo CUJO, sem qualquer função sintática, sendo um simples conectivo oracional. Ex.: A amizade é uma coisa que nem sempre sabemos seu significado, em vez de A amizade é uma coisa cujo significado nem sempre sabemos. (Cf. Evanildo Bechara, 1961, p. 152-53). Na classe semiculta, o pronome relativo CUJO costuma vir acompanhado do artigo definido, a semelhança de TODO, AMBOS. Ex.: O homem cujo o filho foi atropelado é um pobre operário. (Cf. Antenor Nascentes, op. cit., p. 92.)
- ¹³Há divergência, entre os autores, quanto à entonação das orações adjetivas. Para Napoleão Mendes de Almeida (1962), as explicativas se proferem com certa acentuação enfática e as restritivas, sem nenhum acento enfático. (Cf. Mendes de Almeida, 1962, p. 444-45.) Enquanto que, para Hildebrando André, como são idéias separadas, as adjetivas explicativas devem ser lidas com pausa, baixando-se a voz ao ser proferida. (Cf. Hildebrando A. de André. Português pela Análise Ilustrada, p. 39). No exemplo dado, toma-se como padrão o idioleto do autor do presente trabalho.
- ¹⁴Todos os diagramas em árvore serão apresentados, de modo simplificado, relevando-se, apenas, os elementos essenciais à análise.
- ¹⁵A maioria dos autores consultados apresenta o processo da relativização em etapas. sendo duas delas: substituição do Det (Art, Dem, Pos, Ind e Num) pelo pronome QUE. Ex.: O professor que professor. E depois, apagamento do N. Ex.: que professor que. No entanto, a substituição simultânea do Det e do N do sintagma nominal assim constituído, pelo pronome relativo QUE é a opção adotada neste trabalho não só pela

simplificação das duas etapas numa só, vantagem pedagógica, mas ainda pela extensão da regra ao sintagma nominal constituído por um nome próprio, sem o Det.

¹⁶ Cf. Maria Cecília (1974), p. 47.

¹⁷ Ibidem, p. 48.

¹⁸ Esse relativo une sempre termos diferentes: o antecedente que é sempre o possuidor e o conseqüente que é a coisa possuída.

¹⁹ Este problema foi estudado por Maria Celi Beraldo Pazini em sua Dissertação de Mestrado, UFSC, 1977.

²⁰ Encontram-se exemplos deste diacrítico no final de sentenças relativas restritivas, por motivo de pausa ou extensão. Exs.: O professor a quem fui apresentado, é jovem. (Cf. Domingos Cegalla (1976), p. 293); O homem que é justo, deixa na terra memória abençoada. (Cf. Carlos Pereira (1958), p.289); A mulher, cujos olhos a mim se voltaram, era piedosa. (Cf. Mendes de Almeida (1962), p. 445).

²¹ Este exemplo foi introduzido e adaptado pelo autor do presente trabalho, a fim de ilustrar, em língua portuguesa, a análise focalizada.

²² Apresentando a mesma análise, Carlota S. Smith postula, entretanto, a existência dos dois tipos de relativa: restritiva e apositiva, o que não foi estabelecido por Lees. (Cf. Maria Cecília, op. cit., p. 20 e 19).

²³ Ibidem, p. 30-35.

²⁴ Ibidem, p. 34-35.

²⁵ Ibidem, p. 36-37.

²⁶ Ibidem, p. 65-73.

²⁷ Ibidem, p. 36-39.

²⁸ Cláusula Relativa corresponde à oração adjetiva da gramática tradicional e à sentença relativa de uso corrente na grãmática gerativa transformacional.

Capítulo II

Elaboração de exercícios:sugestões

Com o objetivo de dar ao professor de Português uma fundamentação lingüística para seu planejamento de ensino, este capítulo apresenta sugestões quanto à organização de exercícios¹ que envolvem a produção de sentenças complexas contendo cláusulas relativas restritivas e apositivas, desenvolvidas ou reduzidas. Para isso, seleciona-se, como modelo, um tipo de sentença complexa, para que seja caracterizada através de suas estruturas profunda e superficial.

Adotando-se que, na estrutura profunda: (1) As cláusulas relativas restritivas são constituintes de um sintagma nominal de outra sentença, inserida na base; (2) As cláusulas relativas apositivas originam-se de duas sentenças coordenadas e (3) As cláusulas relativas reduzidas, tanto restritivas como apositivas, são originadas pela aplicação de transformação de supressão do pronome relativo e do verbo cópula, esta apresentação está estruturada em três conjuntos: CONJUNTO I - dedicado às Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas Restritivas Desenvolvidas; CONJUNTO II - onde se incluem Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas Apositivas Desenvolvidas; CONJUNTO III - formado de Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas Reduzidas, tanto restritiva como apositiva. Por sua vez, considerando-se o pronome relativo QUE como básico e os demais pronomes relativos QUEM, ONDE, CUJO, COMO, QUANDO e QUANTO seus sinônimos, respeitadas, respectivamente, os traços característicos de PESSOA, LUGAR, POSSE, MODO, TEMPO e QUANTIDADE, dividiu-se o CONJUNTO I em seis subconjuntos: Subconjunto A - onde se incluem Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo QUE; Subconjunto B - em que se apresentam Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo QUEM; Subconjunto C - no qual se agrupam Cláusulas Relativas Restritivas introduzidas pelo pronome relativo ONDE; Subconjunto D - onde estão as Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo CUJO; Subconjunto E - em que se incluem Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo

pronome relativo COMO; Subconjunto F - no qual se apresentam Cláusulas Relativas Restritivas começadas pelo pronome relativo QUANDO; e o CONJUNTO II, em dois subconjuntos: Subconjunto A - onde se apresentam as Cláusulas Relativas Apositivas Desenvolvidas introduzidas pelo pronome relativo QUE; e o Subconjunto B - em que se agrupam as Cláusulas Relativas Apositivas Desenvolvidas iniciadas pelo pronome relativo QUANTO.

Na ordem de apresentação das Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas Desenvolvidas, adotou-se, como critério, a presença ou ausência de Paralelismo de funções entre os sintagmas nominais idênticos e correferentes da Sentença 1 e da Sentença 2. A utilização desse critério está apoiada no trabalho de Amy Sheldon, cujos resultados mostraram que as sentenças relativas com funções paralelas são mais fáceis de compreensão e os erros cometidos na interpretação das não-paralelas foram resultantes de serem interpretadas como tendo funções paralelas.²

Embora reconhecendo as limitações dessa pesquisa - em língua inglesa, faixa etária de 3 a 5 anos, estudo da compreensão, indicação de apenas dois tipos de paralelismo e dois tipos de não-paralelismo - decidiu-se usá-la, diante da falta de pesquisas em Língua Portuguesa, como meio de evitar um critério totalmente arbitrário. Desse modo, foram consideradas mais fáceis e, portanto, servindo para iniciar os subconjuntos, as sentenças com paralelismo, enquanto que foram apresentadas depois as sentenças que envolvem os não-paralelismos. Considerada a tradição da análise sintática, a ordem de apresentação dos tipos de paralelismo e de não-paralelismo fica constituída conforme o quadro abaixo:

QUADRO VI

Ordem de apresentação das Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas

CONJUNTO	Subconjunto	Nº. da Sentença	Tipo de Paralelismo	Tipo de não-Parale.
I	A	1	Su - Su	
		2	OD - OD	
		3	OI - OI	
		4		Su - OD

CONJUNTO	Subconjunto	Nº da Sentença	Tipo de Paralelismo	Tipo de não-Parale.
		5		Su - OI
		6		Su - PredSu
		7		Su - AAdv
		8		OD - Su
		9		OD - OI
		10		PredSu - Su
		11		PredSu - OD
		12		CN - OD
		13		APa - Su
	B	14	OD - OD	
		15	OI - OI	
		16	AAdv - AAdv	
		17		Su - OI
		18		CN - OI
		19		AAdn - OD
	C	20	AAdv - AAdv	
		21		Su - AAdv
		22		OD - AAdv
		23		OI - AAdv
		24		PredSu - AAdv
		25		CN - AAdv
		26		AAdn - AAdv
	D	27	AAdn - AAdn	
		28		Su - AAdn
		29		Su - AAdn *
		30		OD - AAdn
		31		OI - AAdn
		32		OI - CN
		33		PredSu - AAdn
		34		CN - AAdn
		35		AAdv - AAdn
		36		AAp - AAdn
	E	37	AAdv - AAdv	
		38		Su - AAdv

CONJUNTO	Subconjunto	Nº da Sentença	Tipo de Paralelismo	Tipo de não-Parale.
	F	39	AAdv - AAdv	
		40		OD. - AAdv
II	A	41	Su - Su	
		42		OD - Su
		43		OI - Su
		44		CN - Su
	B	45	OD - OD	
		46		Su - OD

CONJUNTO I

Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas Restritivas

Subconjunto - A

Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo QUE

Sentença-Modelo 1

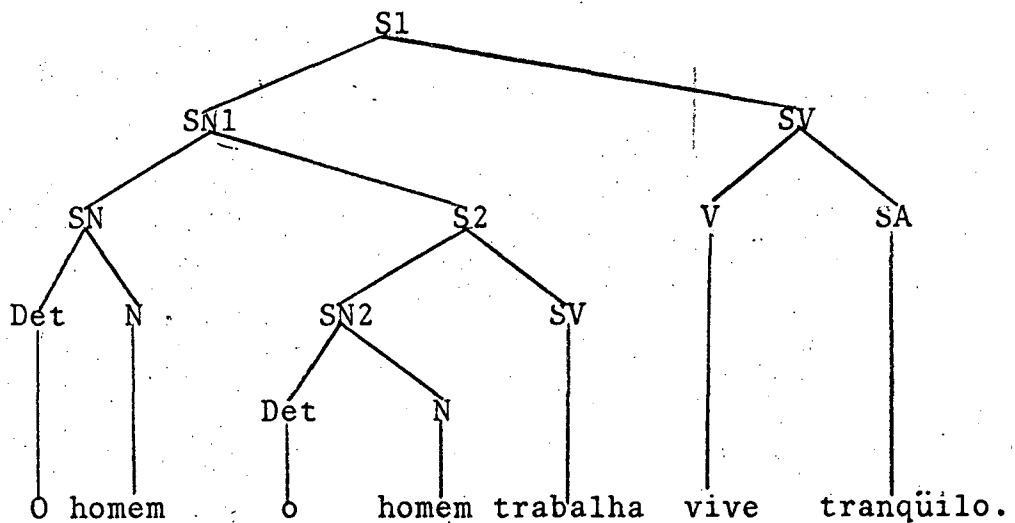
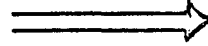
O HOMEM QUE TRABALHA VIVE TRANQUÍLO.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estrutura profunda:

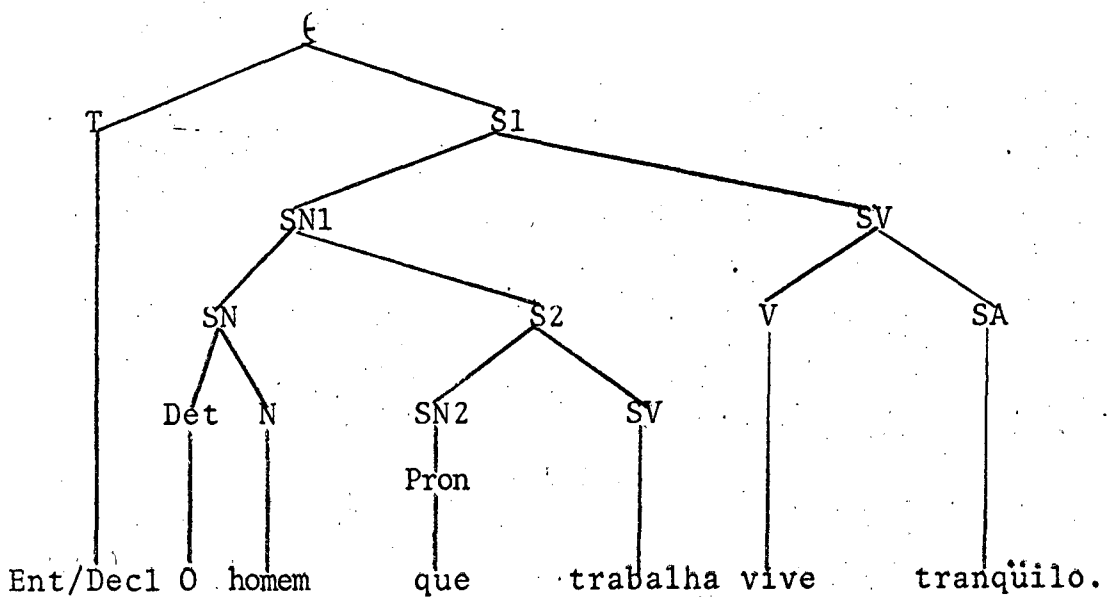
Diagrama 1³

Tr-pro



b) Estrutura superficial:

Diagrama 2

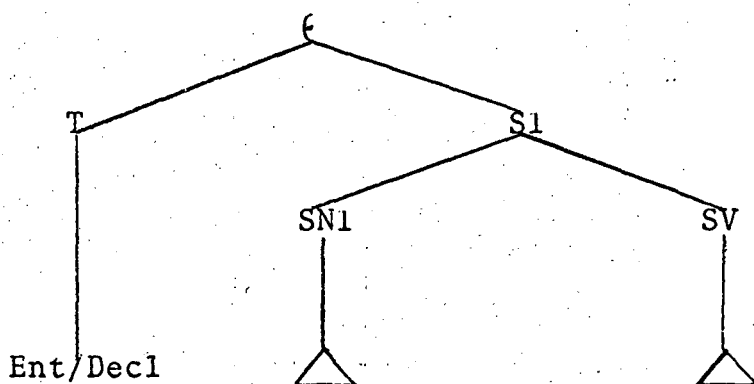


B - Caracterização:

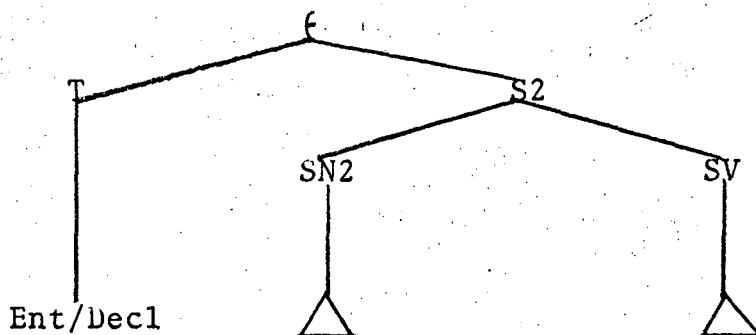
1. A Sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de Sujeito da S1;
3. O SN2 exerce a função de Sujeito da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
4. O paralelismo é do tipo: Su - Su.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: A criança parece feliz.

2: A criança brinca.

Sentença-resposta: A criança que brinca parece feliz.

Sentença-modelo 2

ESCUTEI A CANÇÃO QUE TU CANTASTE.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

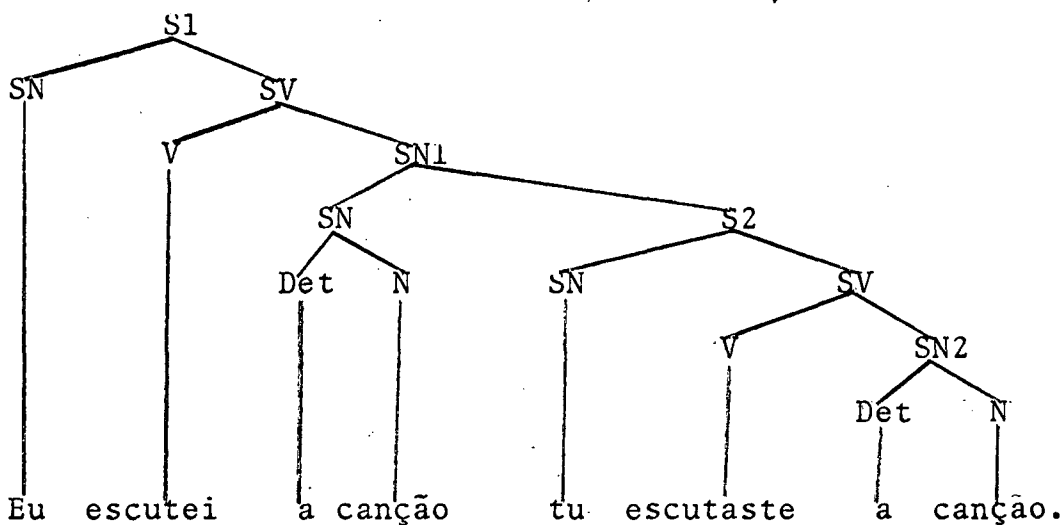
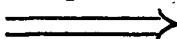
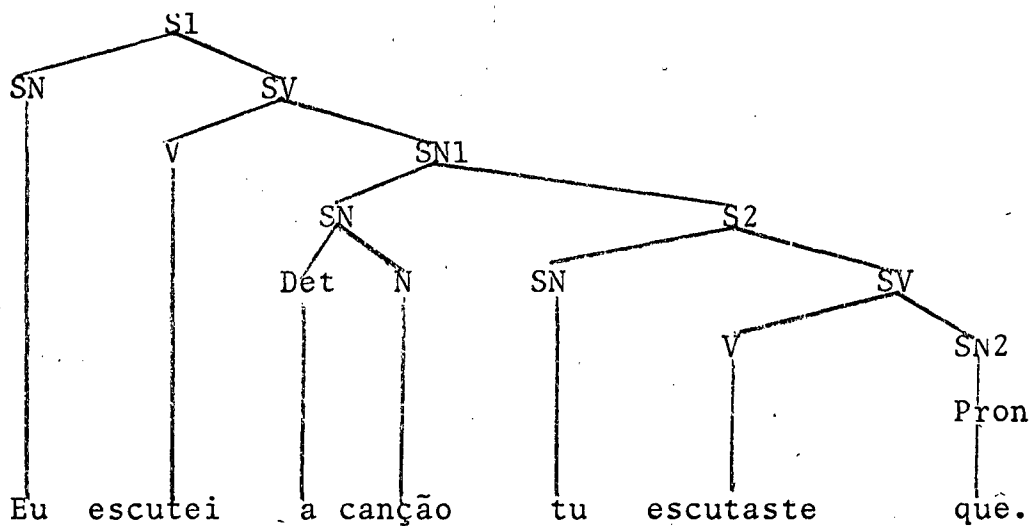
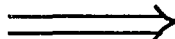
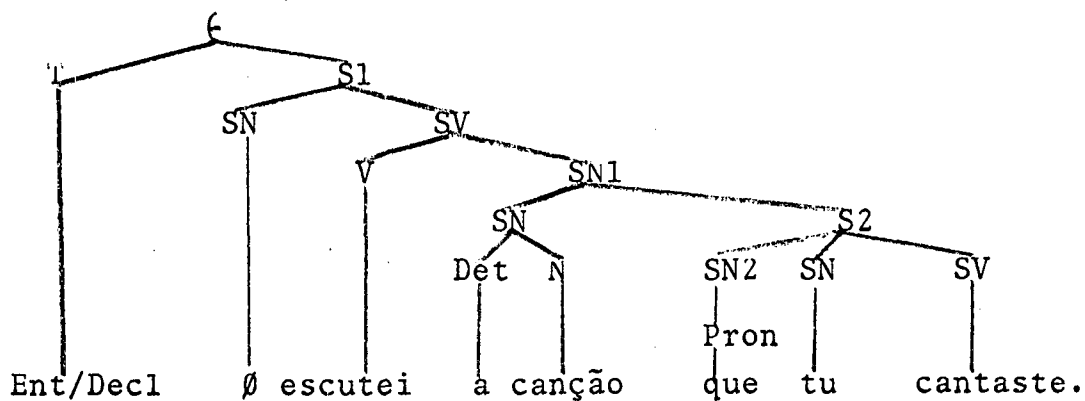


Diagrama 2

Tr-perm



b) Estrutura superficial:

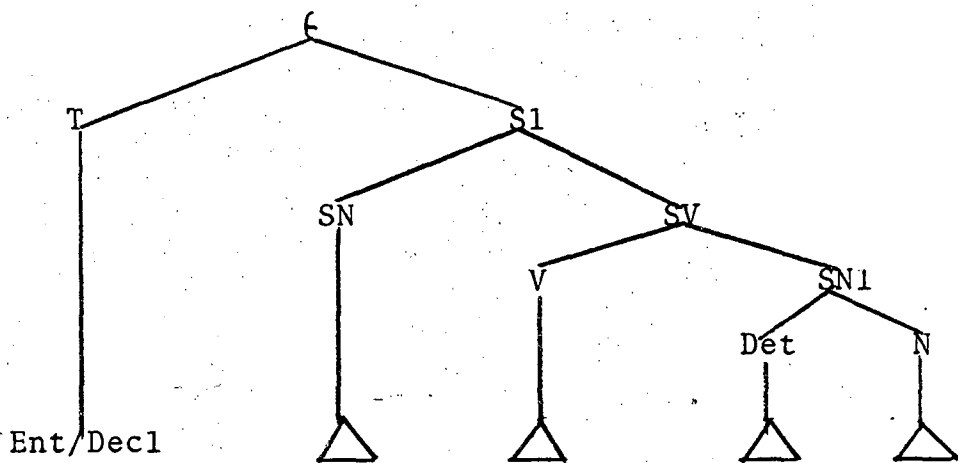


B - Caracterização:

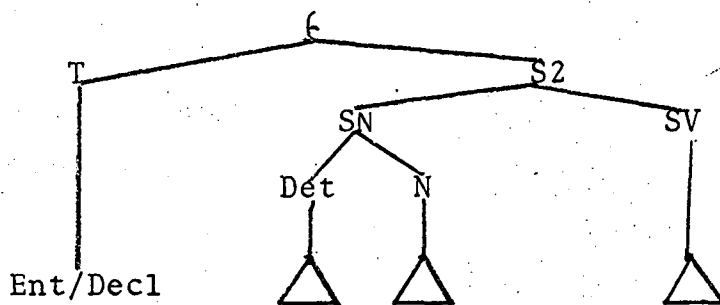
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de OD da S1;
3. O SN2 exerce a função de OD da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: OD - OD.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Apreciei o trabalho.

2: Você apresentou o trabalho.

Sentença-resposta: Apreciei o trabalho que você apresentou.

Sentença-modelo 3

MINHA FILHA GOSTA DO LIVRO DE QUE NECESSITO.

A- Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:
 a) Estruturas profundas: Diagrama 1

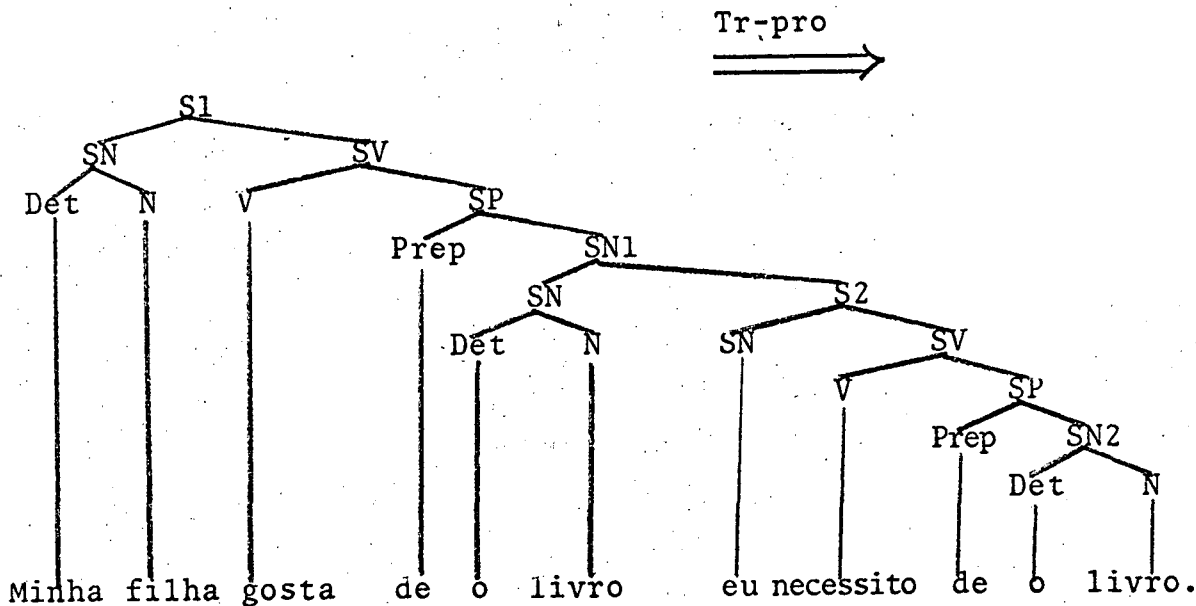
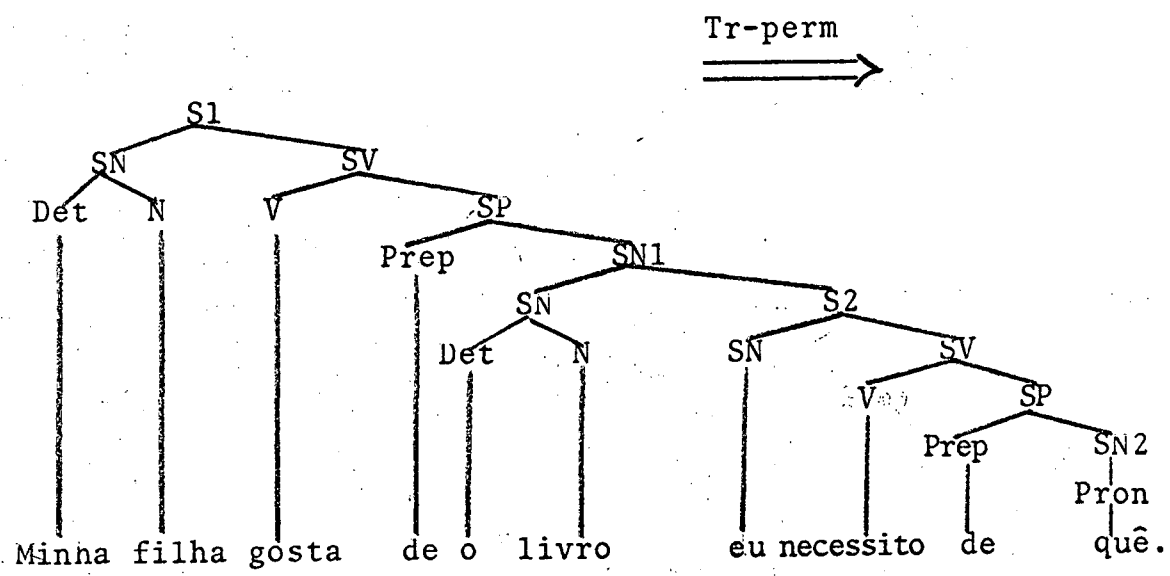
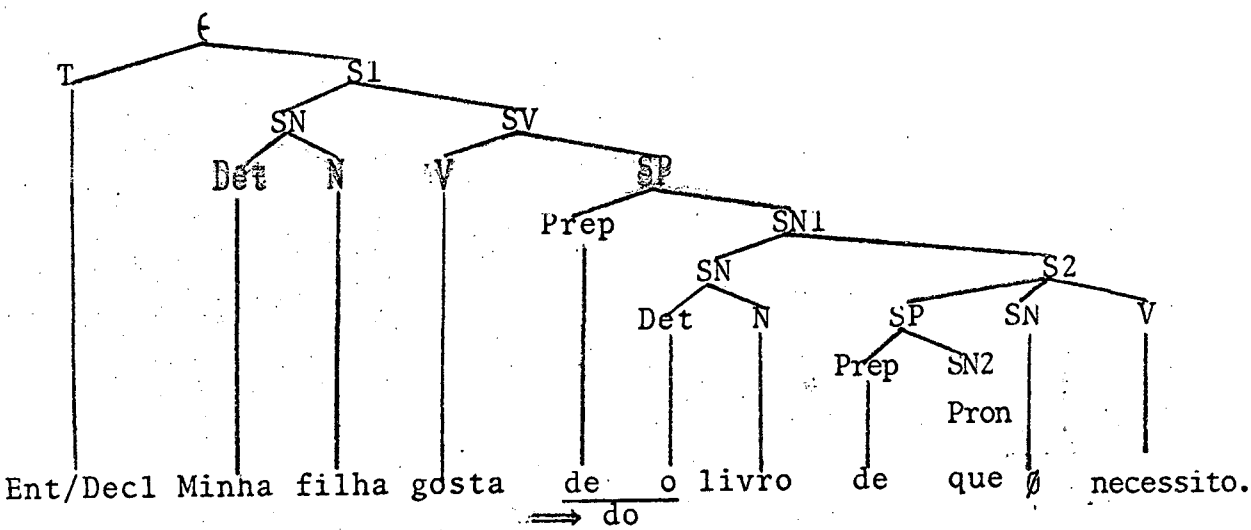


Diagrama 2



b) Estrutura superficial:

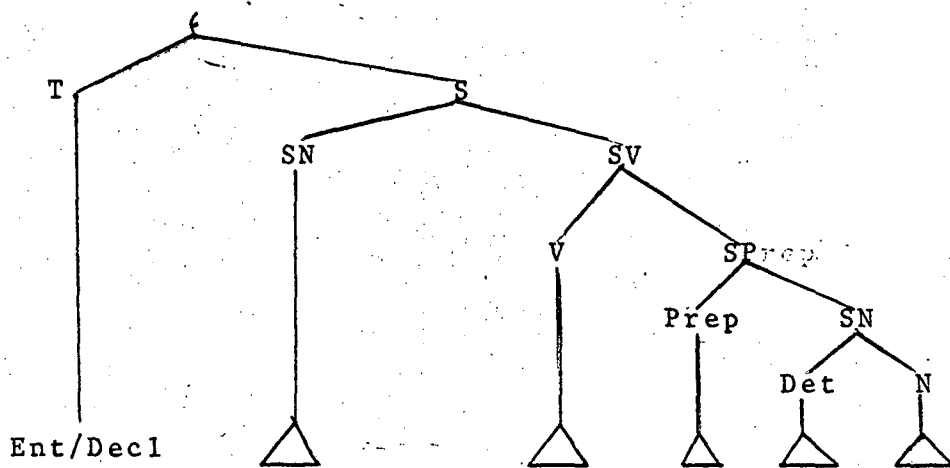


B - Caracterização:

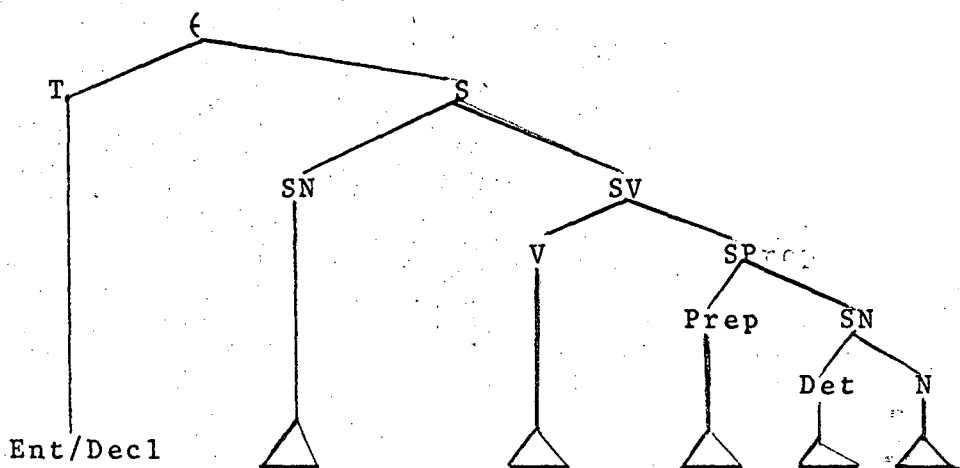
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SV de S1;
2. O SN1 exerce a função de OI; da S1;
3. O SN2 exerce a função de OI; da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: OI- OI.

C - Sugestões para a organização do exercício:

- i. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Nenhum estudante precisa do livro.

2: Nós gostamos de tal livro.

Sentença-resposta: Nenhum estudante precisa do livro
de que nós gostamos.

Sentença-modelo 4

O PÁSSARO QUE O MENINO PRENDEU FUGIU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr - pro

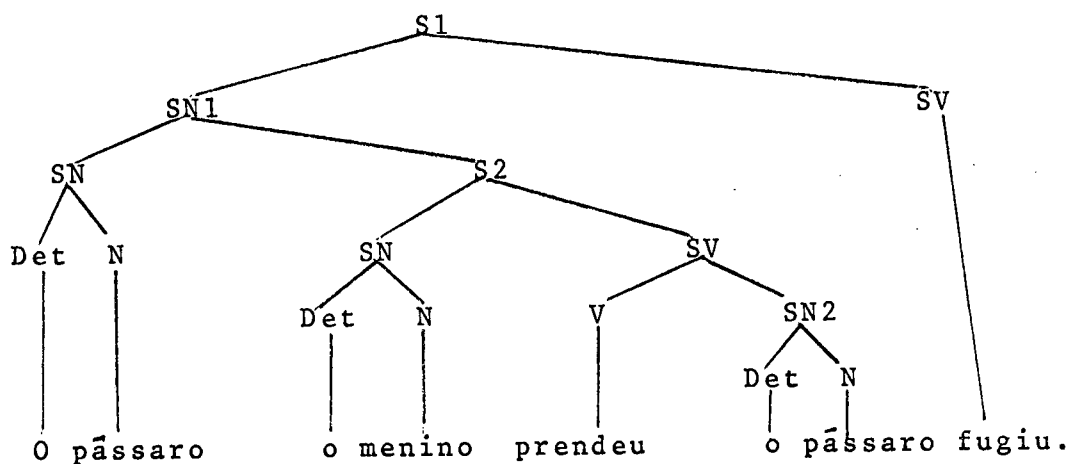
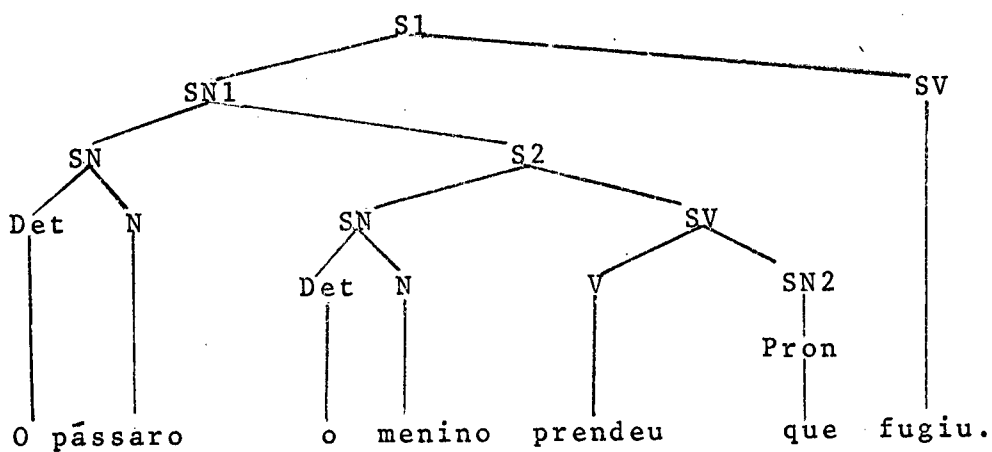


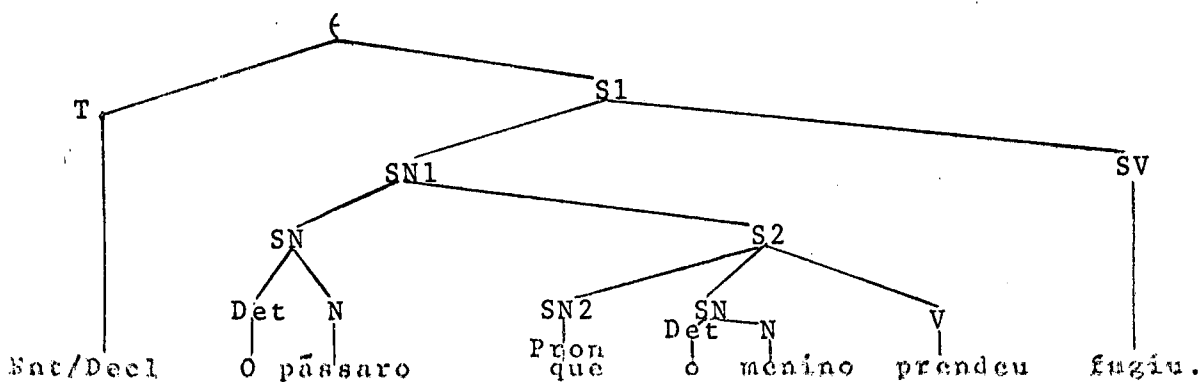
Diagrama 2

Tr - perm



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

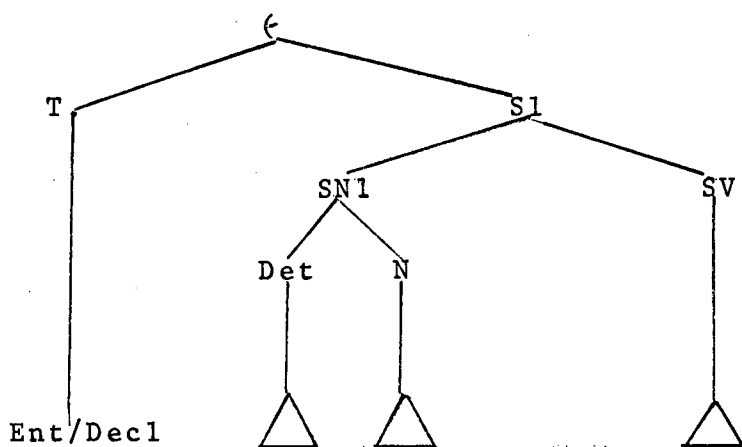


B - Caracterização:

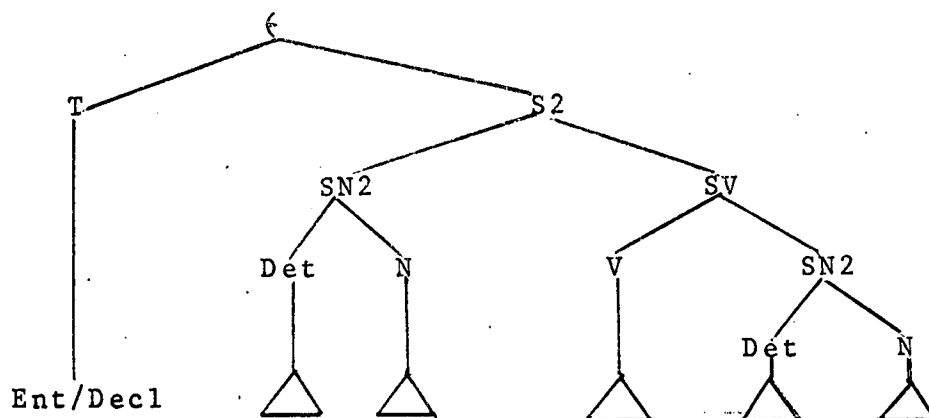
1. A sentença relativa é modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN exerce a função de Sujeito da S1;
3. O SN2 exerce a função de OD da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Su - OD.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: A gaiola desapareceu.

2: O garoto comprou a gaiola.

Sentença-resposta A gaiola que o garoto comprou desapareceu.

Sentença-modelo 5

A PESSOA DE QUE VOCÊ DEPENDE ESTÁ DOENTE.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

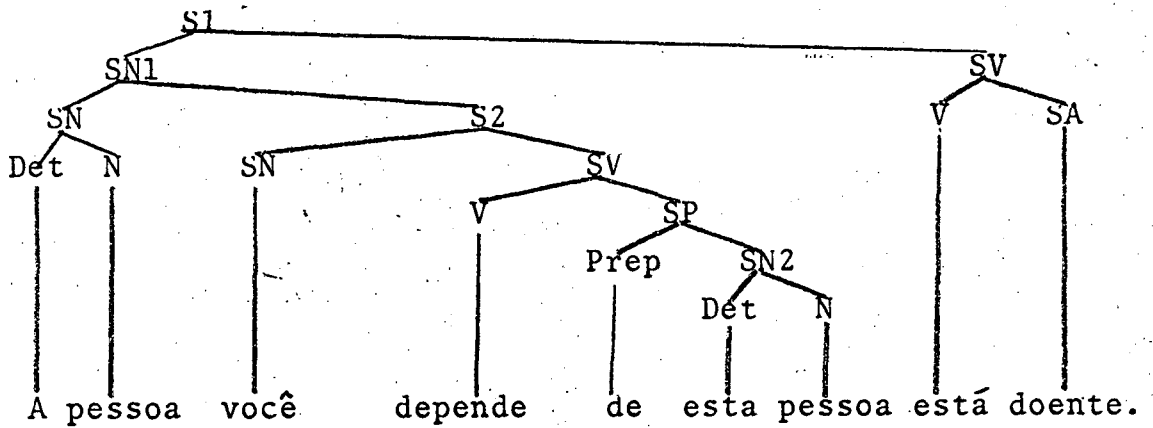
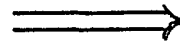
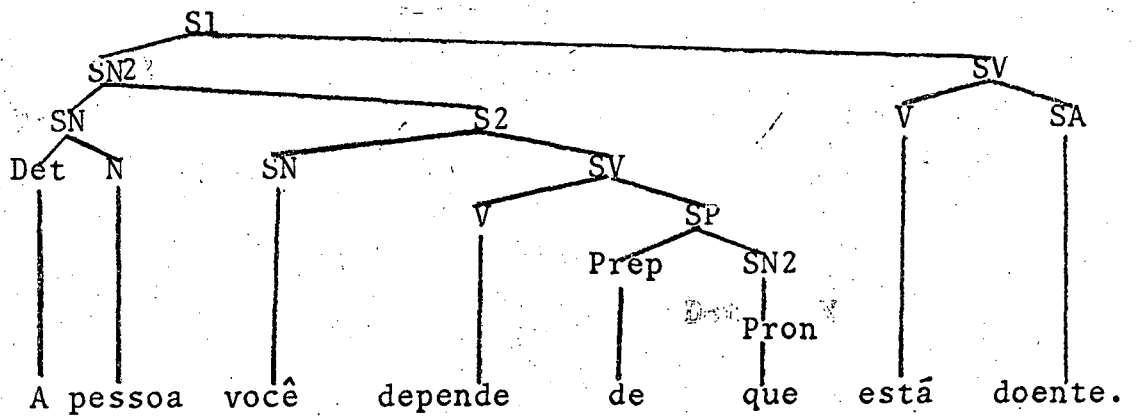
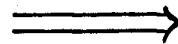
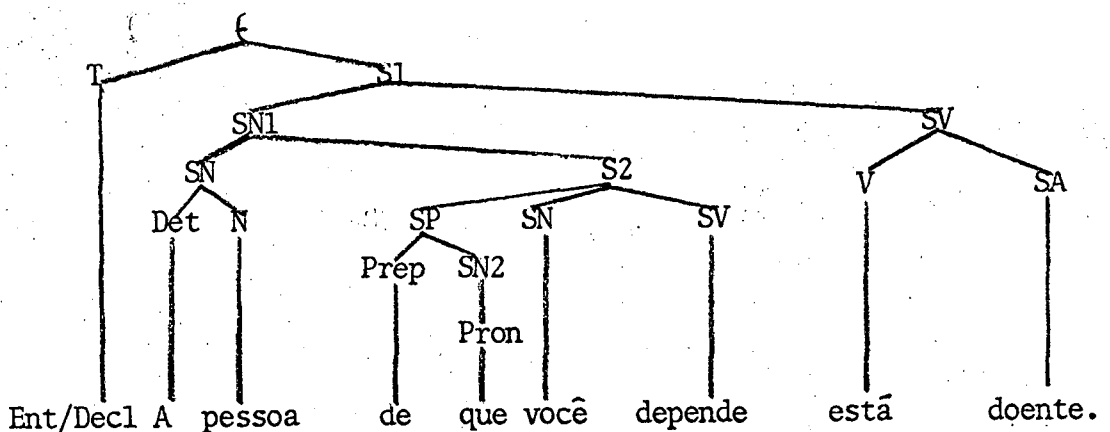


Diagrama 2

Tr-perm



b) Estrutura superficial:

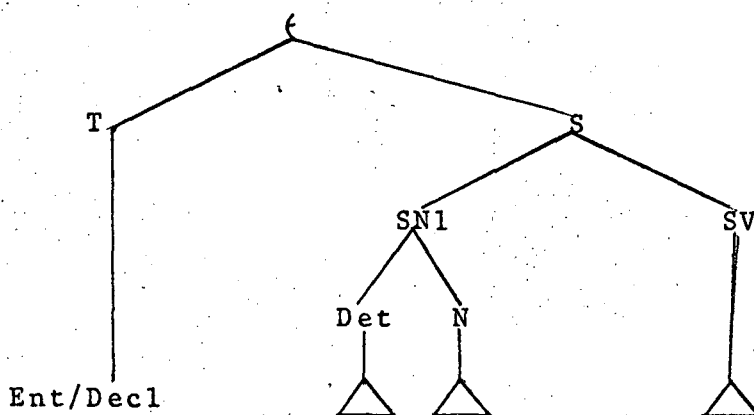


B - Caracterização:

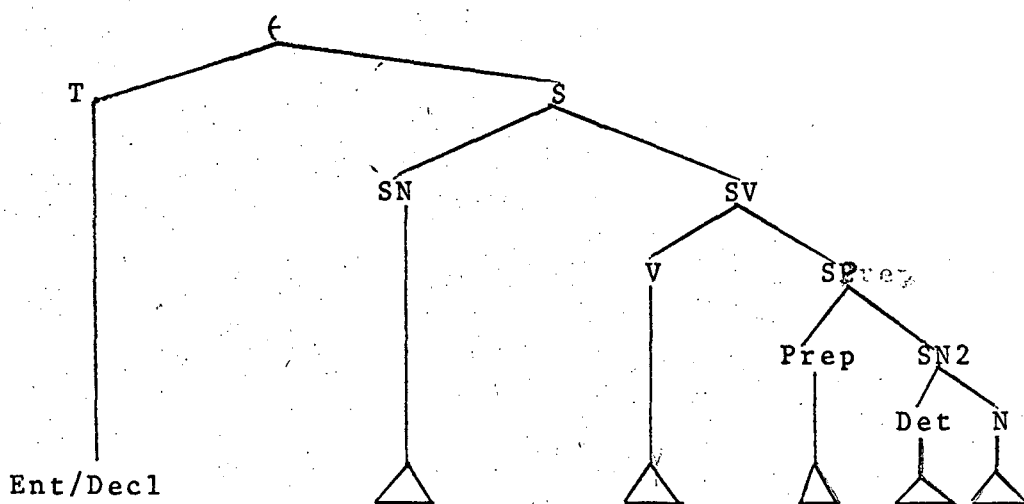
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de Sujeito; da S1;
3. O SN2 exerce a função de OI; da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Sujeito-OI

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O conselho foi oportuno.

2: Você prescindiu deste conselho.

Sentença-resposta: O conselho de que você prescindiu foi oportuno.

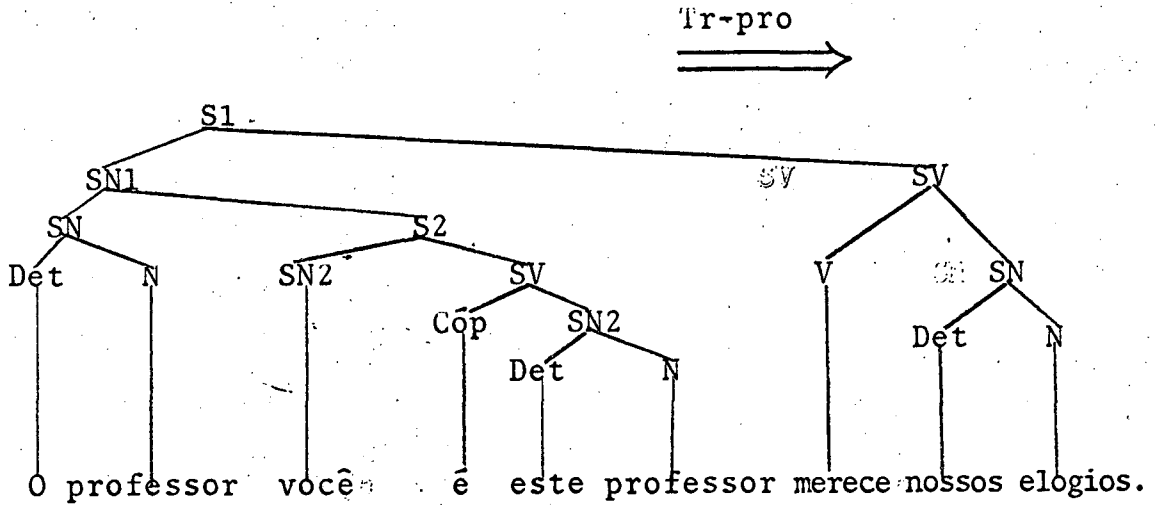
Sentença-modelo 6

O PROFESSOR QUE VOCÊ É MERECE NOSSOS ELOGIOS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

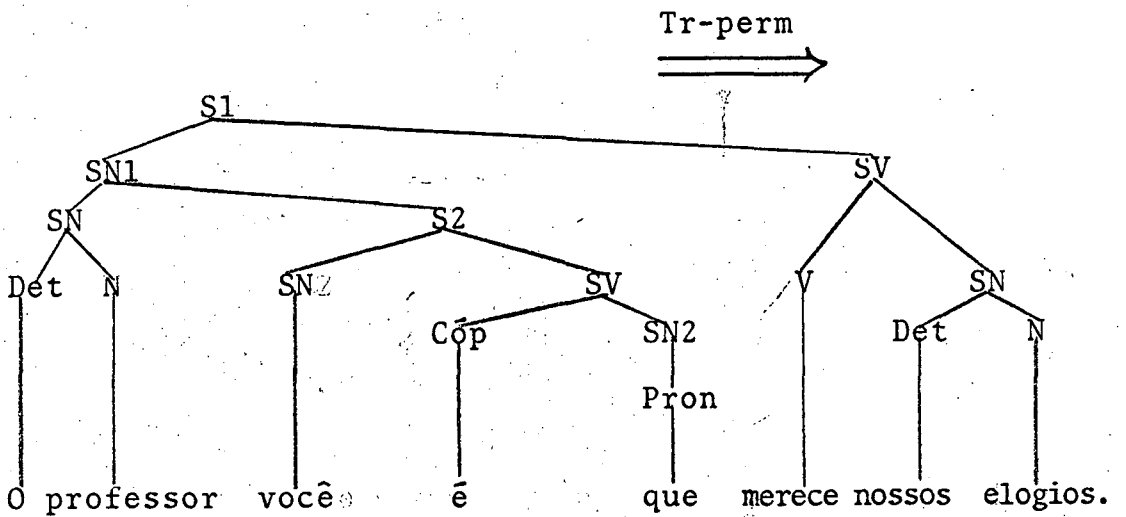
a) Estruturas profundas:

Diagrama 1



Tr-pro
⇒

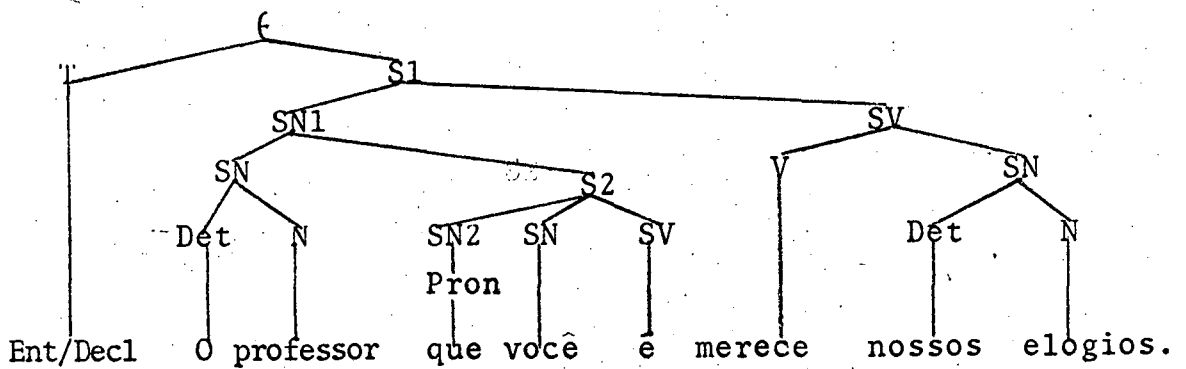
Diagrama 2



Tr-perm
⇒

b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

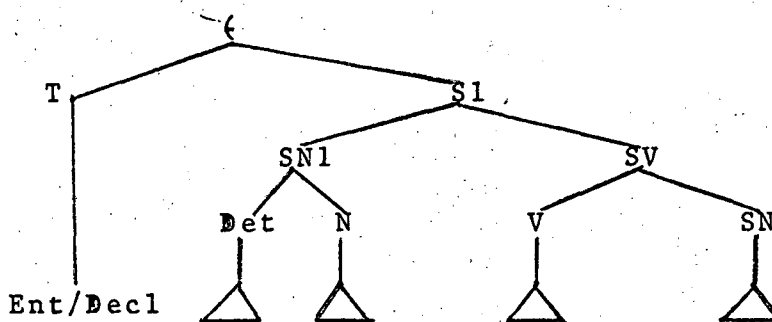


B - Caracterização:

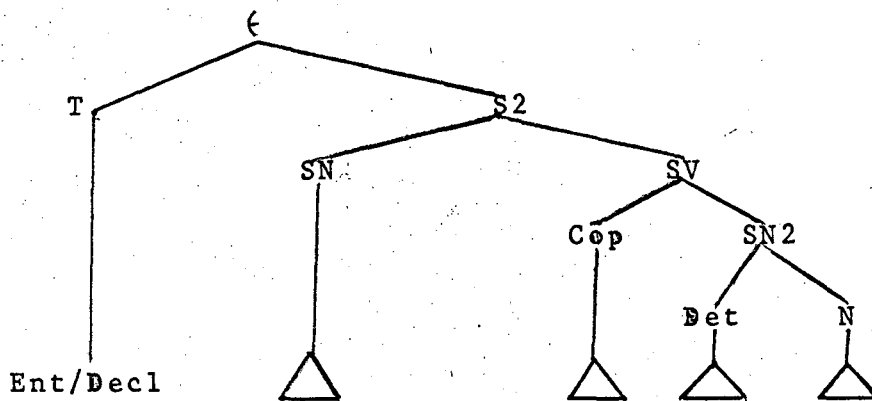
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de Su da S1;
3. O SN2 exerce a função de PredSu da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Su - PredSu.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo 1: O estudante tirará boas notas.

2: Ele é tal estudante.

Sentença-resposta: O estudante que ele é tirará boas notas.

Sentença-modelo 7

O COMPASSO COM QUE DESENHEI O CÍRCULO DESAPARECEU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

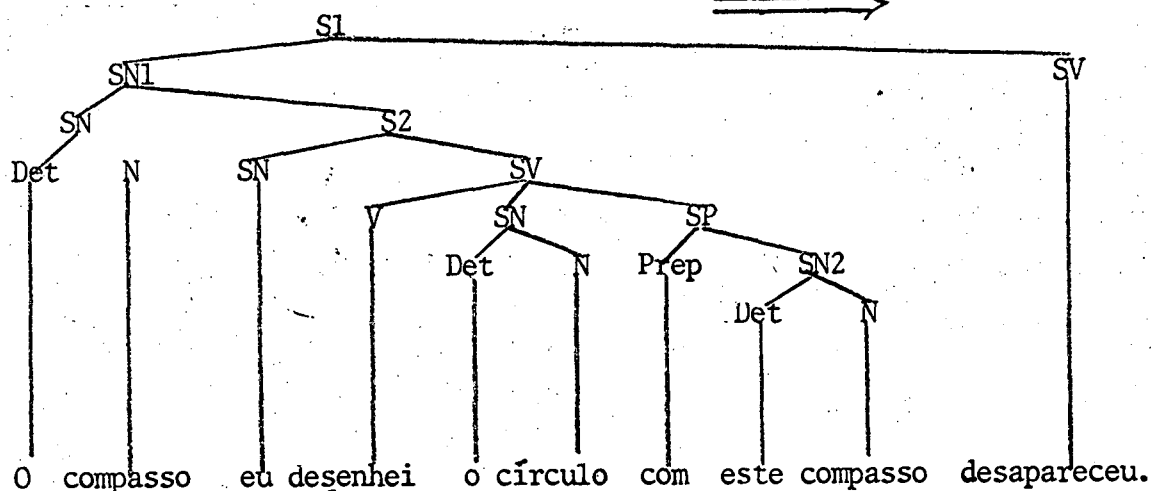
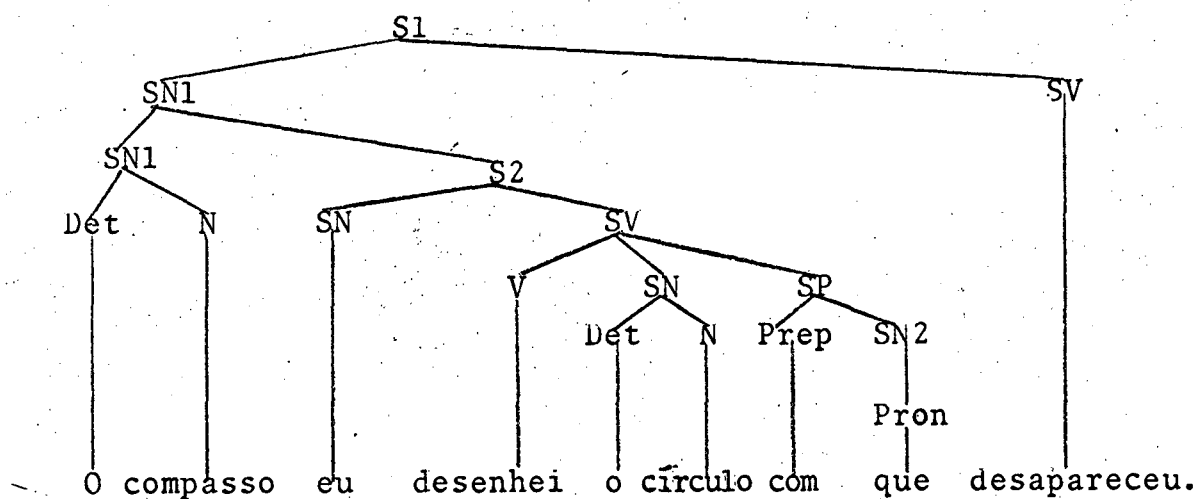
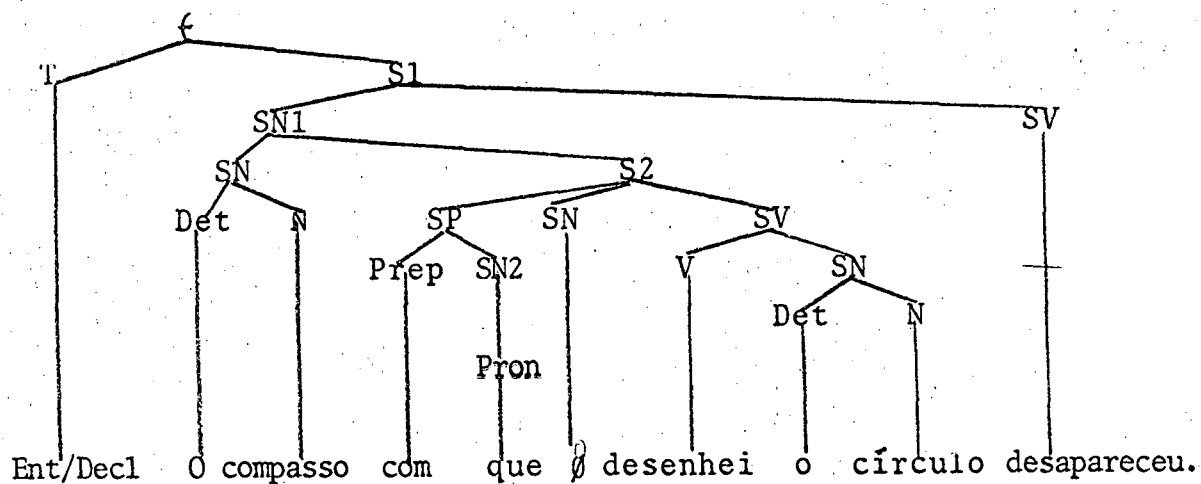


Diagrama 2

Tr-perm



b) Estrutura superficial:



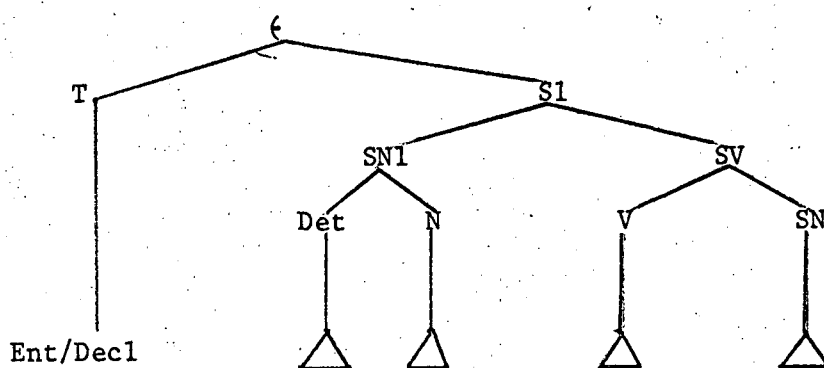
B - Caracterização:

1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de Su da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Su - AAdv.

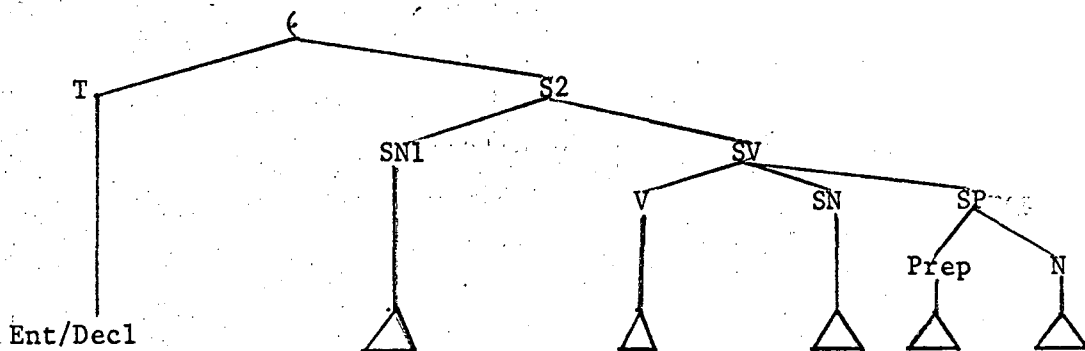
C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:

- a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação

Sentenças-estímulo 1: O lápis é vermelho.

2: Escrevi a carta com esse lápis.

Sentença-resposta: O lápis com que escrevi a carta é vermelho.

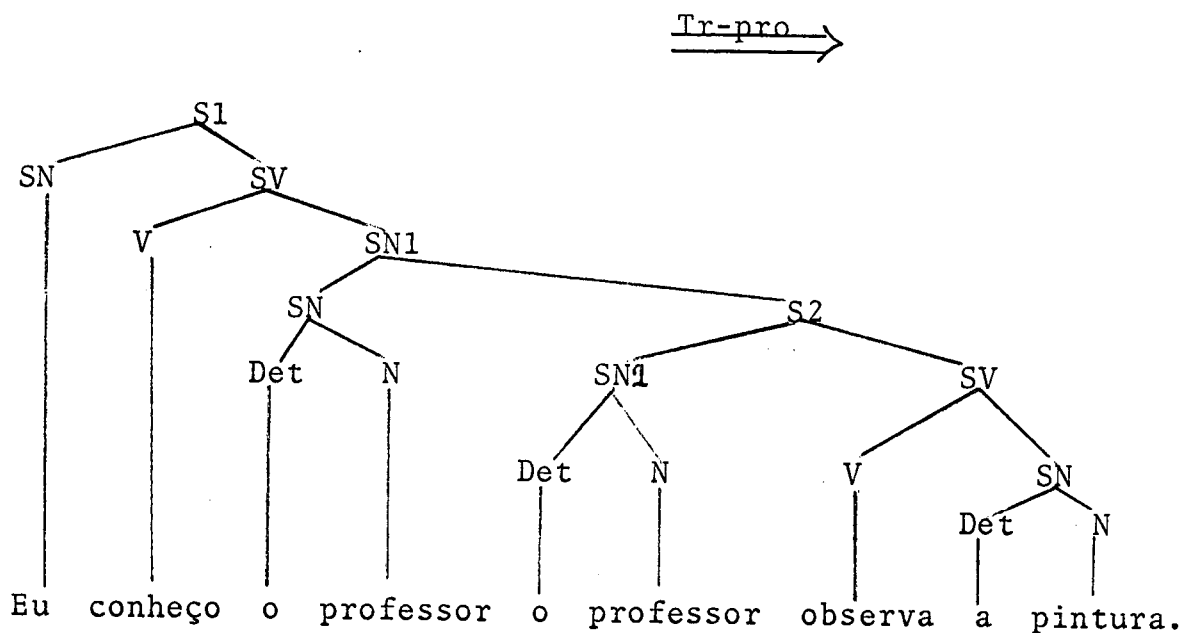
Sentença-modelo 8

EU CONHEÇO O PROFESSOR QUE OBSERVA A PINTURA.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

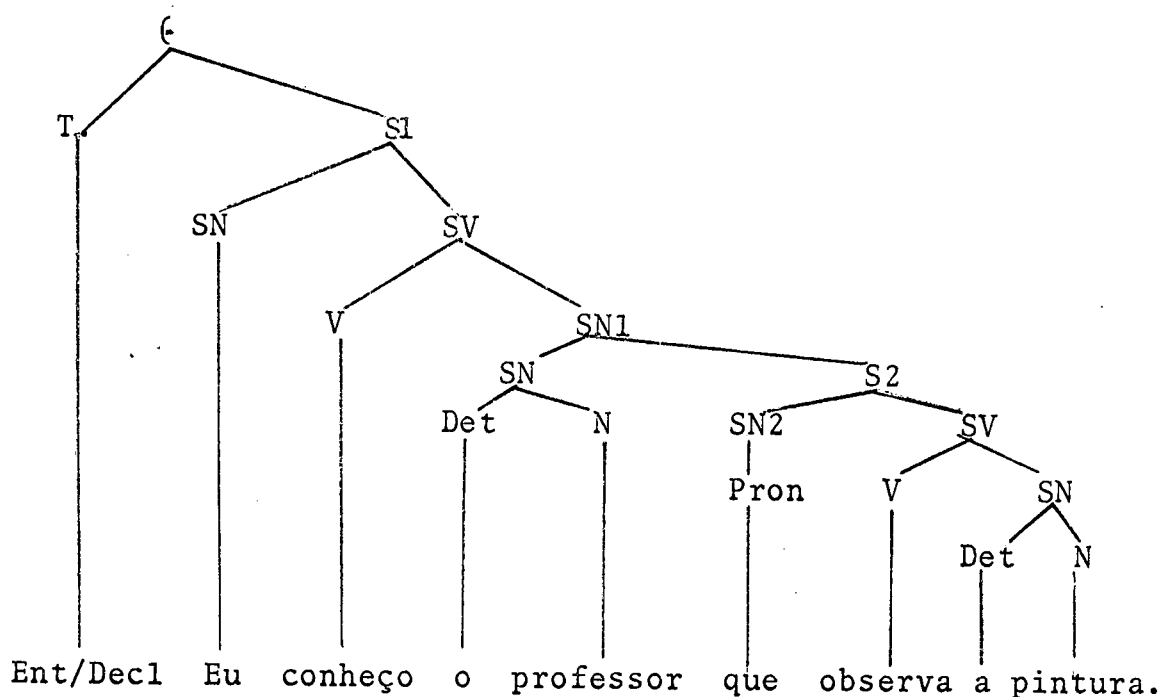
a) Estrutura profunda:

Diagrama 1



b) Estrutura superficial:

Diagrama 2



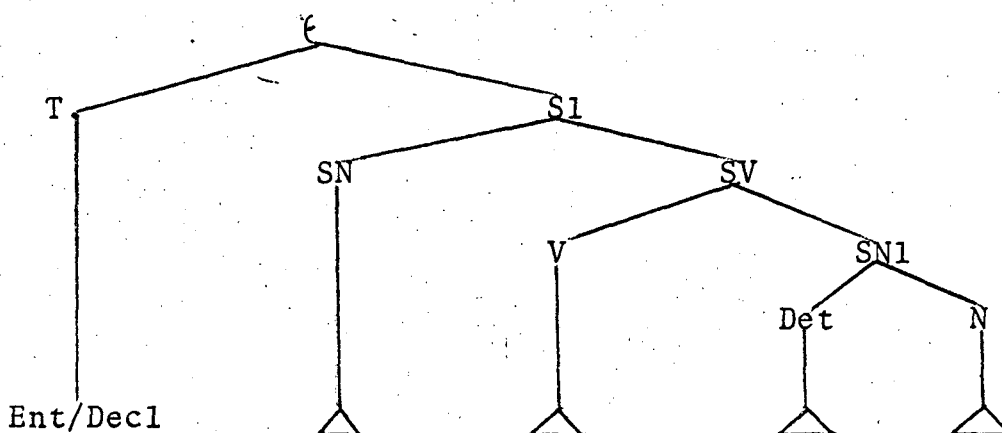
B - Caracterização:

1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de OD da S1;
3. O SN2 exerce a função de Su da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: OD - Su.

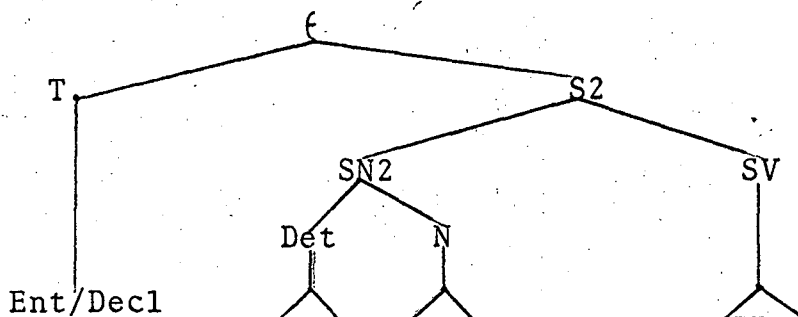
C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:

- a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O barulho prejudica o trabalho.

2: O trabalho é urgente.

Sentença-resposta: O barulho prejudica o trabalho que é urgente.

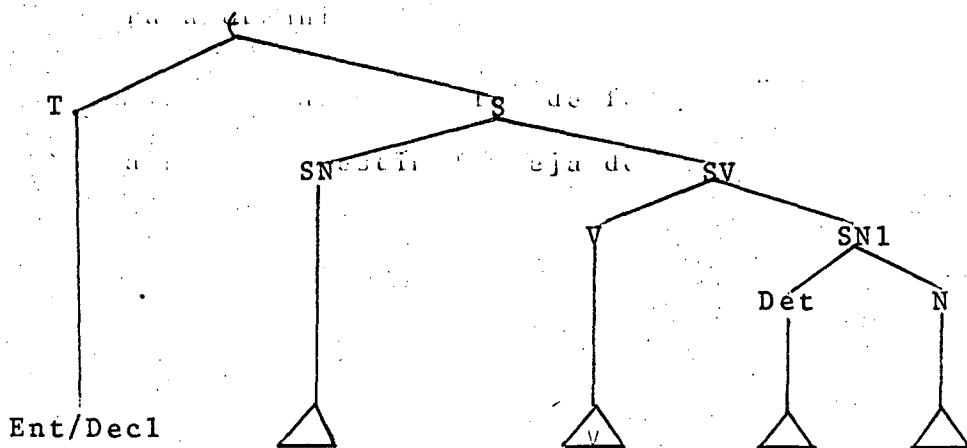
B - Caracterização:

1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de OD da S1;
3. O SN2 exerce a função de OI da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: OD, OI;

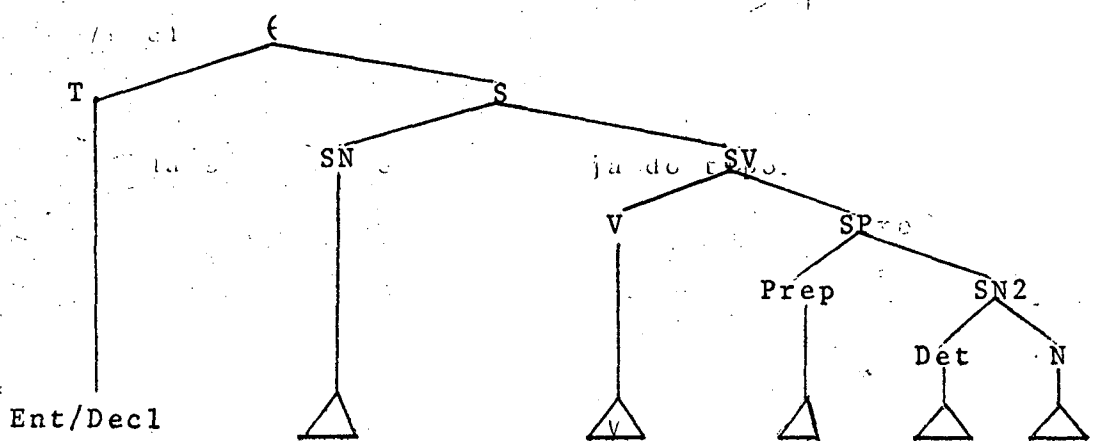
C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:

- a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O advogado fez uma pergunta.

2: O réu respondeu a essa pergunta.

Sentença-resposta: O advogado fez uma pergunta
a que o réu respondeu.

Sentença-modelo 10

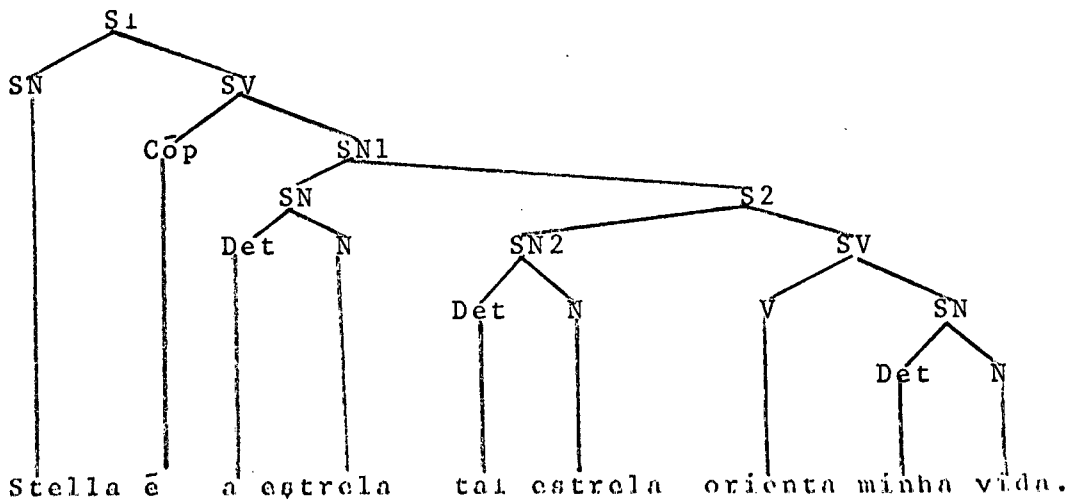
STELLA É A ESTRELA QUE ORIENTA MINHA VIDA.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estrutura profunda:

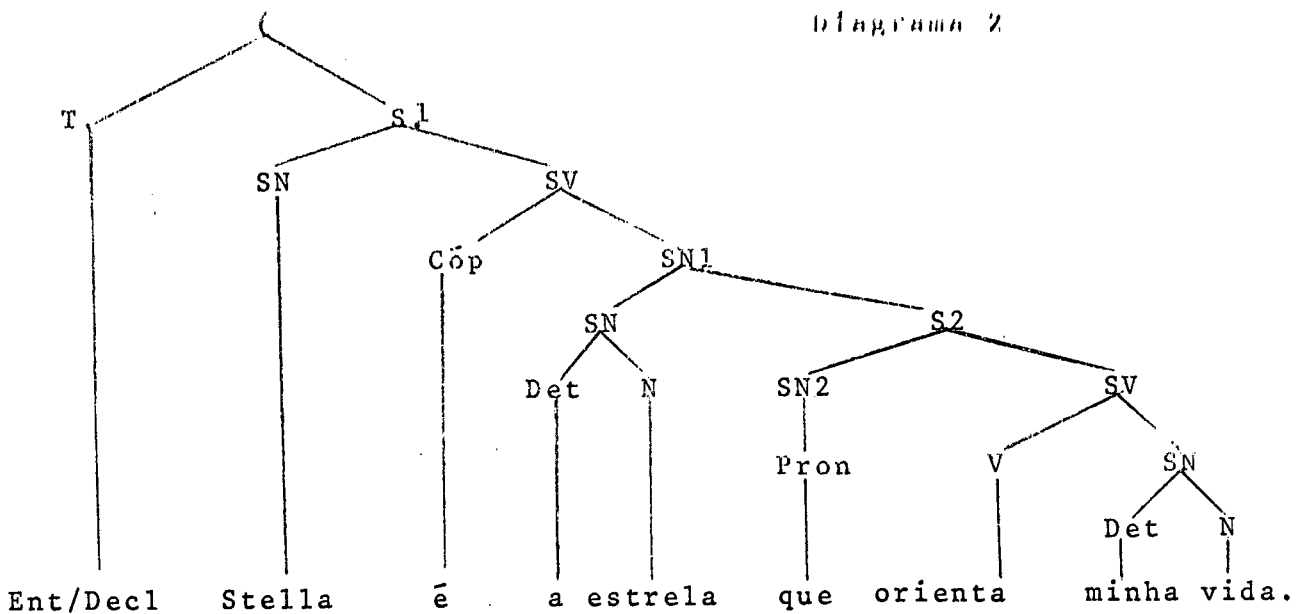
Diagrama 1

Tr-pro →



b) Estrutura superficial:

Diagrama 2

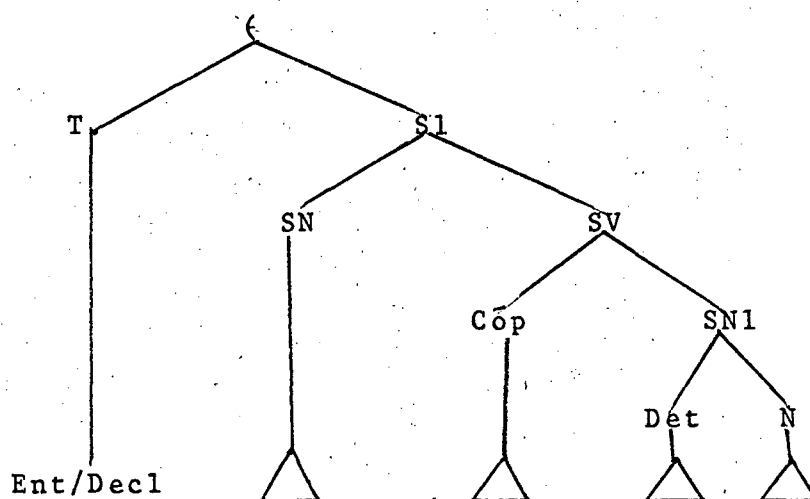


B - Caracterização:

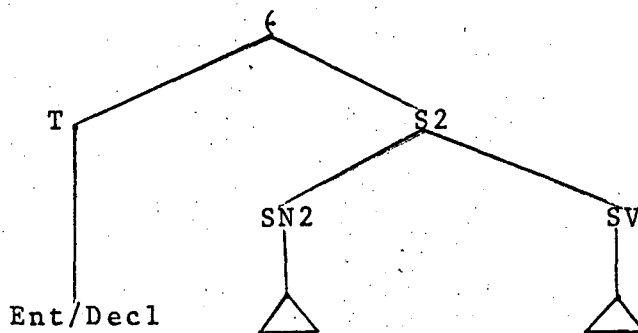
1. A sentença relativa é um modifico do SN1 contido no SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de Predicativo do Sujeito da S1;
3. O SN2 exerce a função de Sujeito da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo de função é do tipo: PredS₁ - Su₂.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de tal forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo 1: Mamãe é o sol.

2: Este sol ilumina meu caminho.

Sentença-resposta: Mamãe é o sol que ilumina meu caminho.

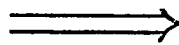
Sentença-modelo 11

ELA É A CRIATURA QUE NÓS ESTIMAMOS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro


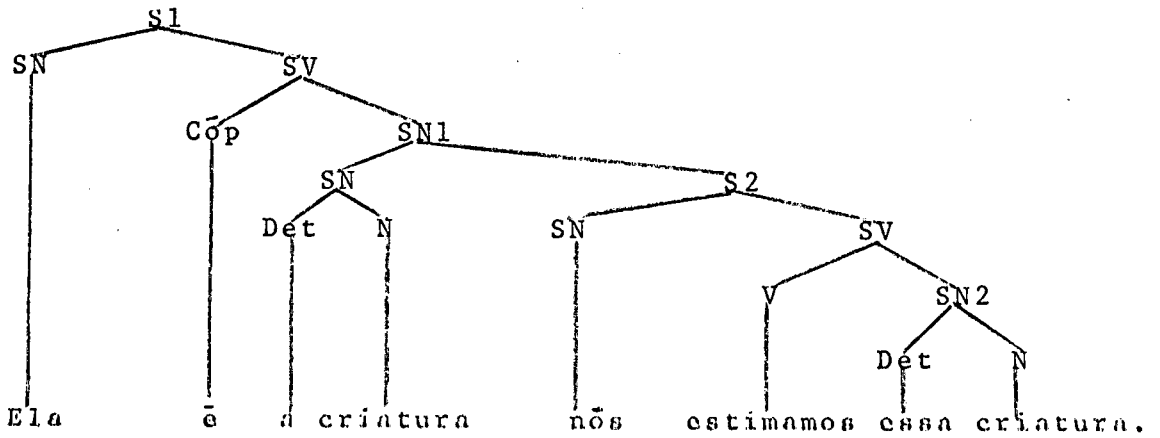
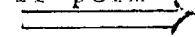
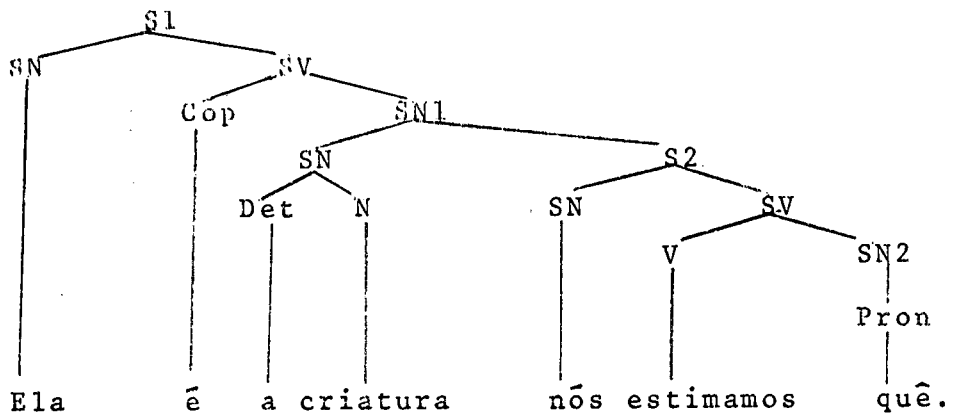


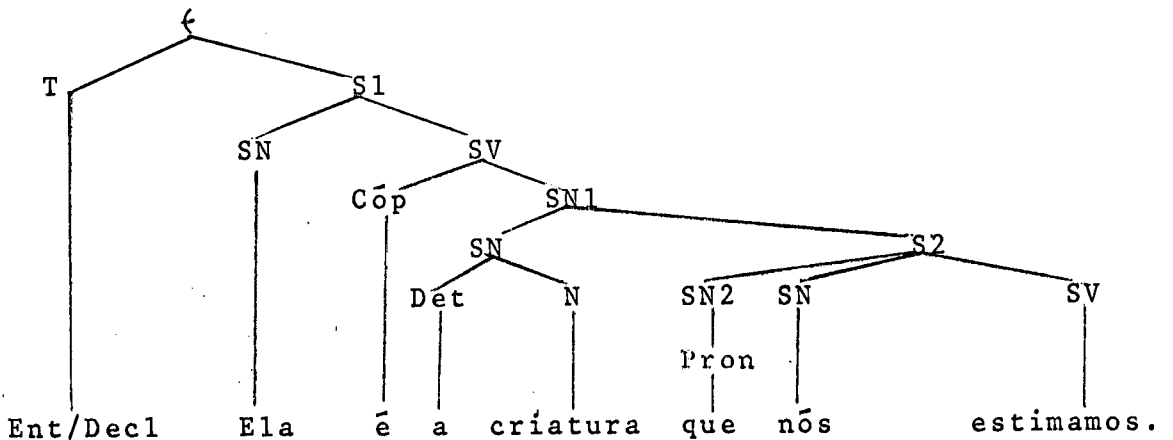
Diagrama 2

Tr-perm




b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

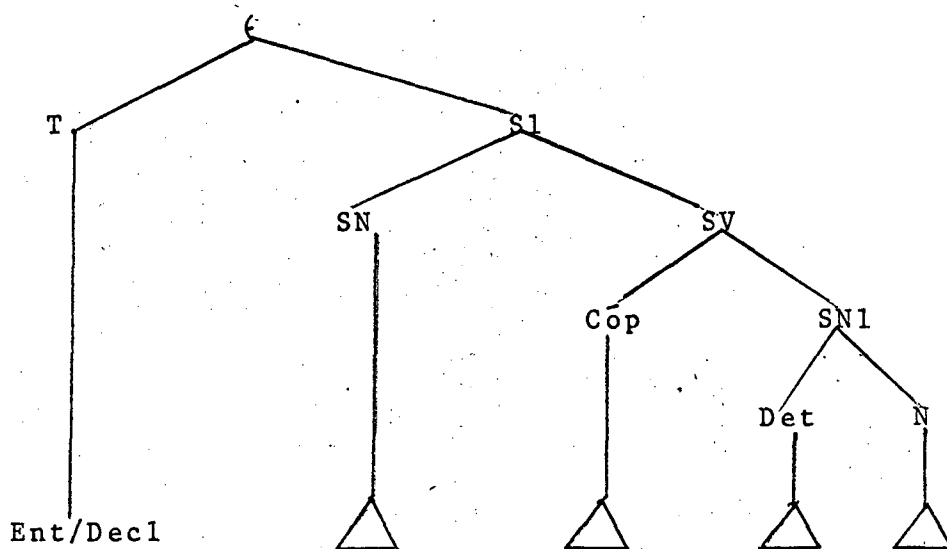


B - Caracterização:

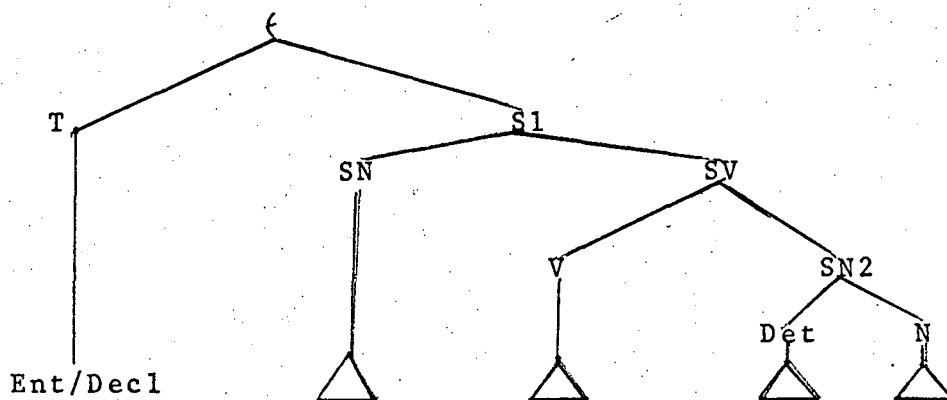
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na SV; da S1.
2. O SN1 exerce a função de Predicativo do Sujeito; da S1;
3. O SN2 exerce a função de OD da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo de função é do tipo: Predicativo do Su - OD.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças estímulo, de tal forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo 1: Patrícia é uma despostista.

2: Eu admiro essa despostista.

Sentença-resposta: Patrícia é uma despostista que eu admiro.

Sentença-modelo 12

TENHO NECESSIDADE DO LIVRO QUE VOCÊ COMPROU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

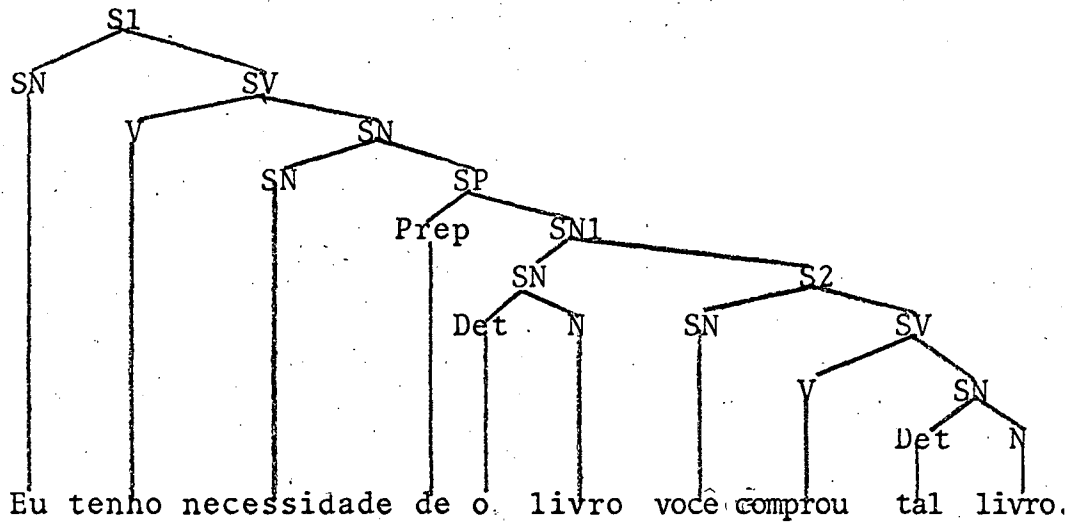
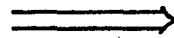
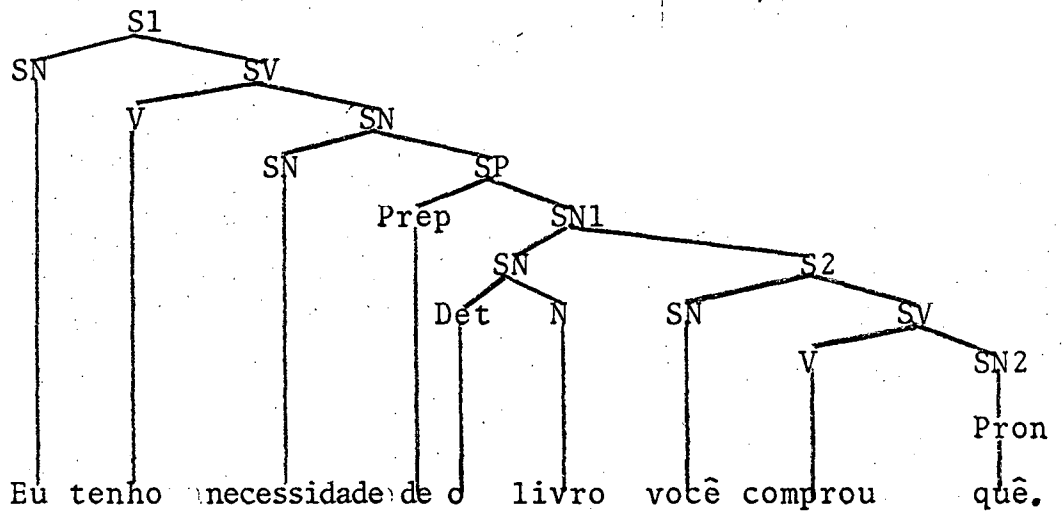
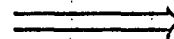


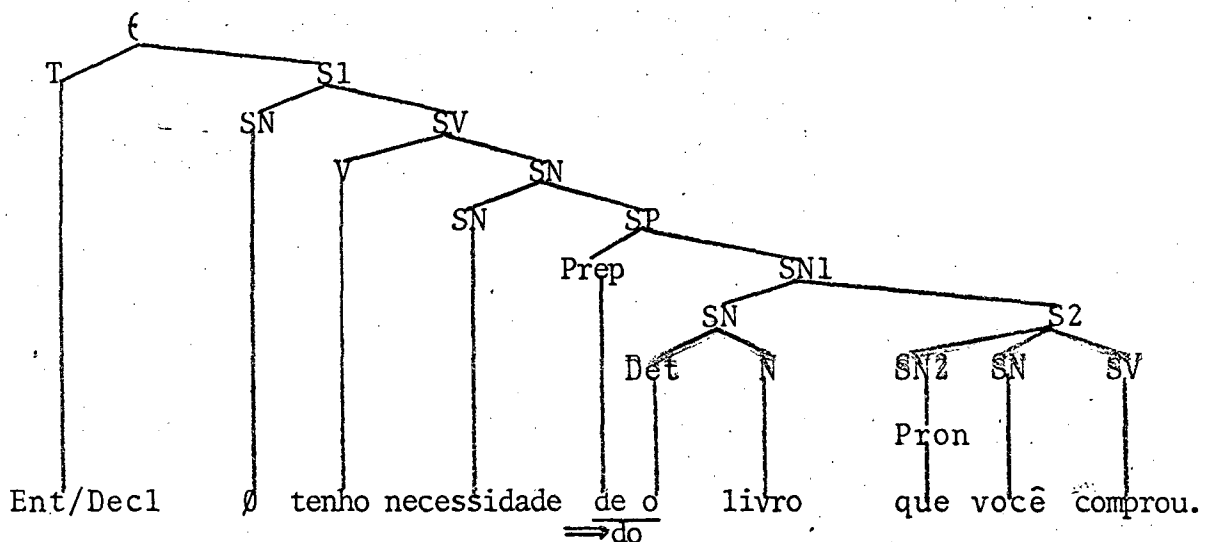
Diagrama 2

Tr-perm



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

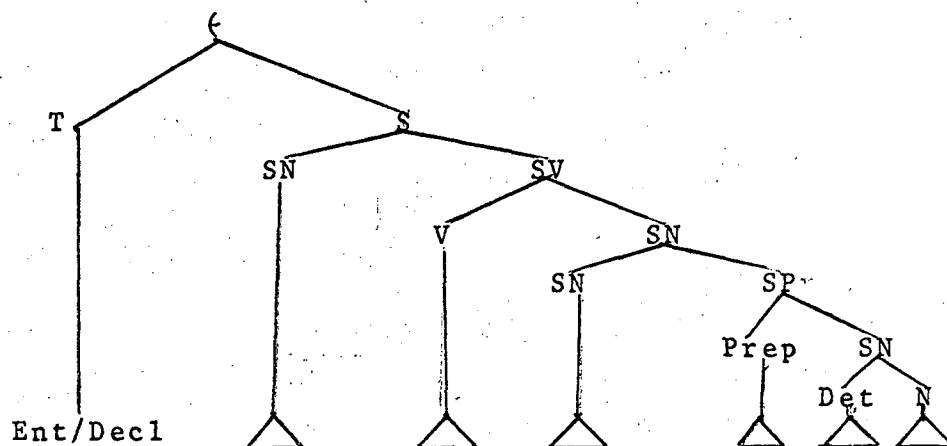


B - Caracterização:

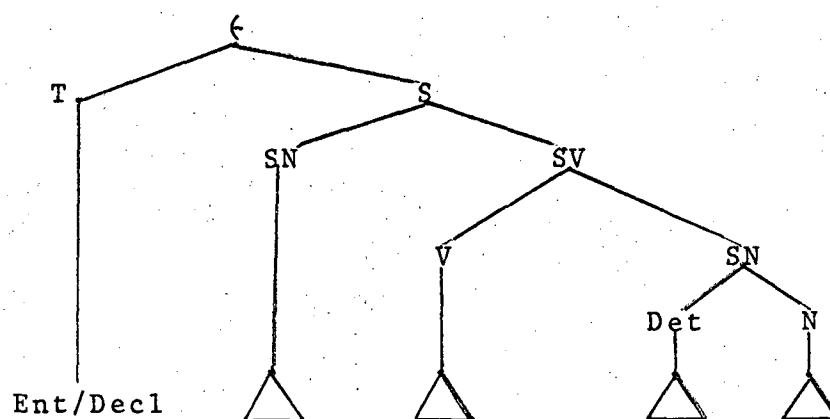
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de Complemento Nominal; da S1;
3. O SN2 exerce a função de OD; da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: CN - OD.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo 1: Andrietta tem amor à terra.

2: Os italianos colonizaram essa terra.

Sentença-resposta: Andrietta tem amor à terra que os italianos colonizaram.

Sentença-modelo 13

ESTE PROFESSOR É ESTIMADO PELOS ALUNOS QUE FREQUÊNTAM SUAS AULAS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

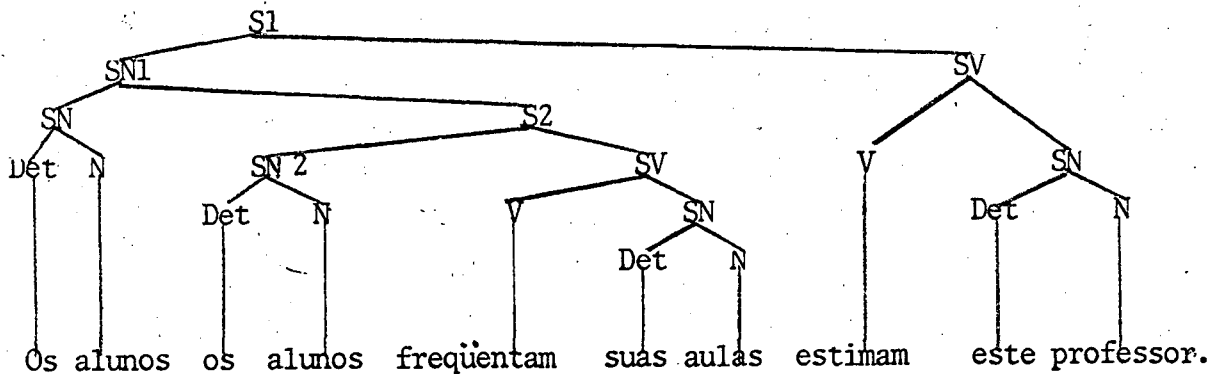
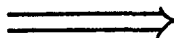
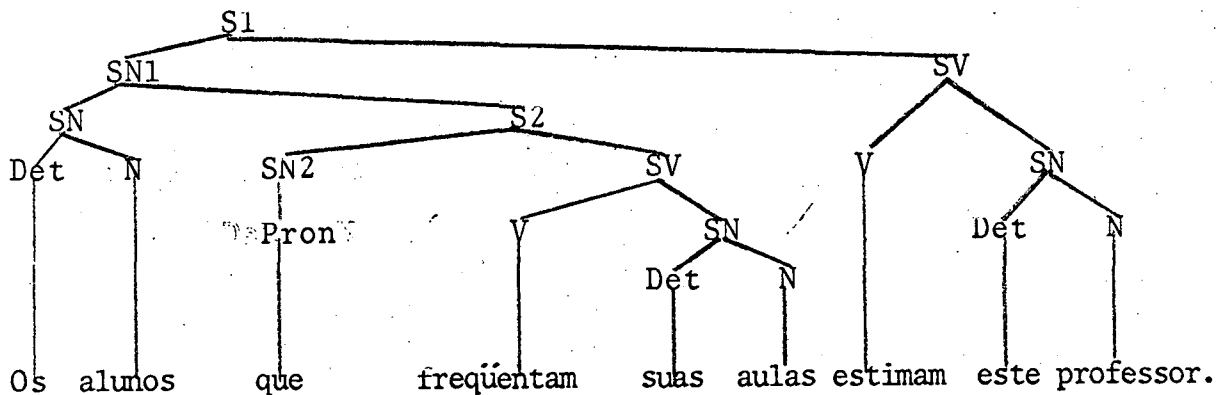


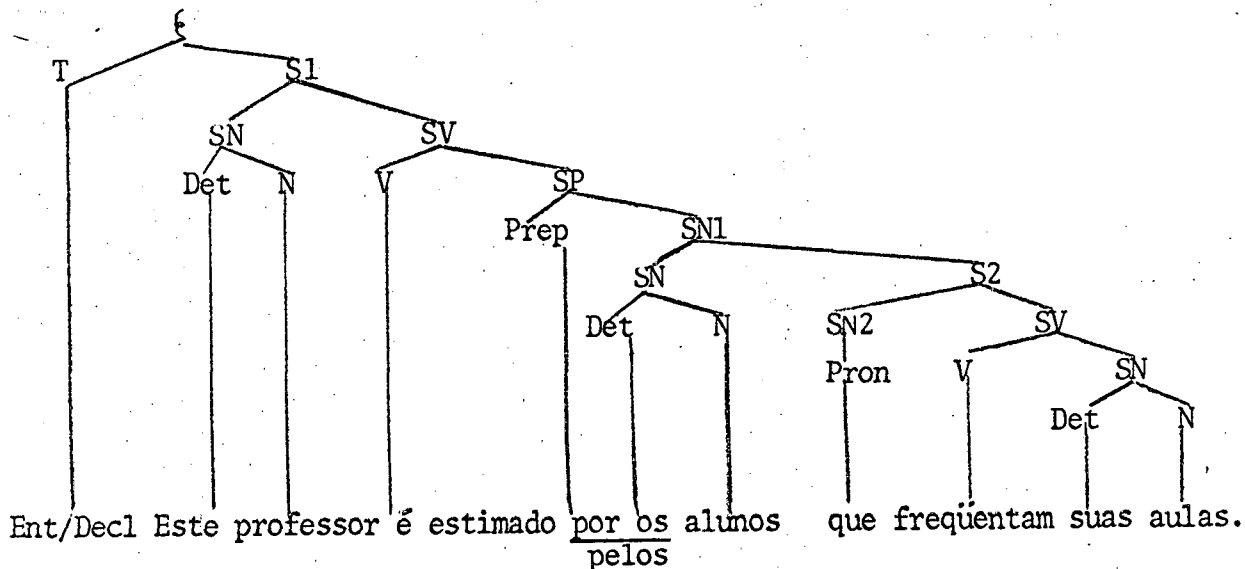
Diagrama 2

Tr-pa



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

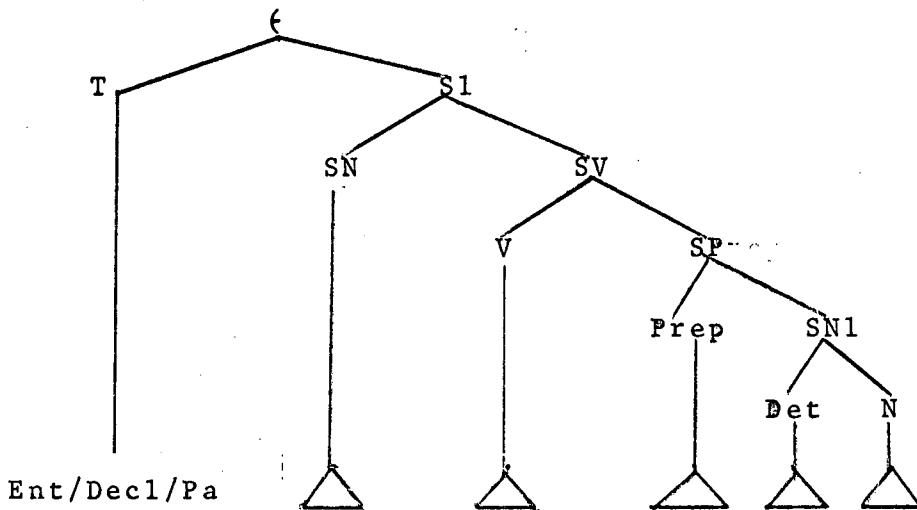


B - Caracterização:

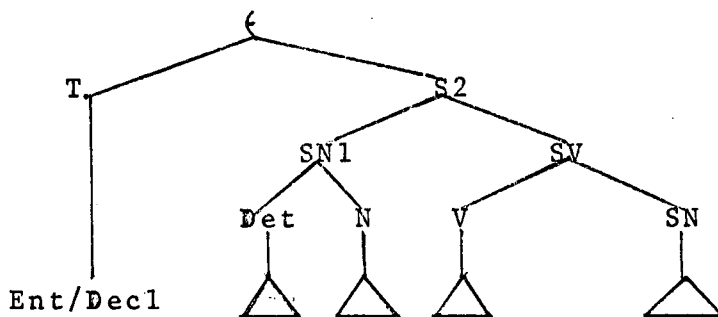
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SP da S1;
2. O SN1 exerce a função de APa da S1;
3. O SN2 exerce a função de Su da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: APa - Su.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Pelé é estimado pelos brasileiros.

2: Esses brasileiros apreciam futebol.

Sentença-resposta: Pelé é estimado pelos brasileiros que apreciam futebol.

Subconjunto - B

Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo QUEM

O DIRETOR CONHECE O CIDADÃO A QUEM DESCONHECEMOS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estrutura profunda:

Diagrama 1

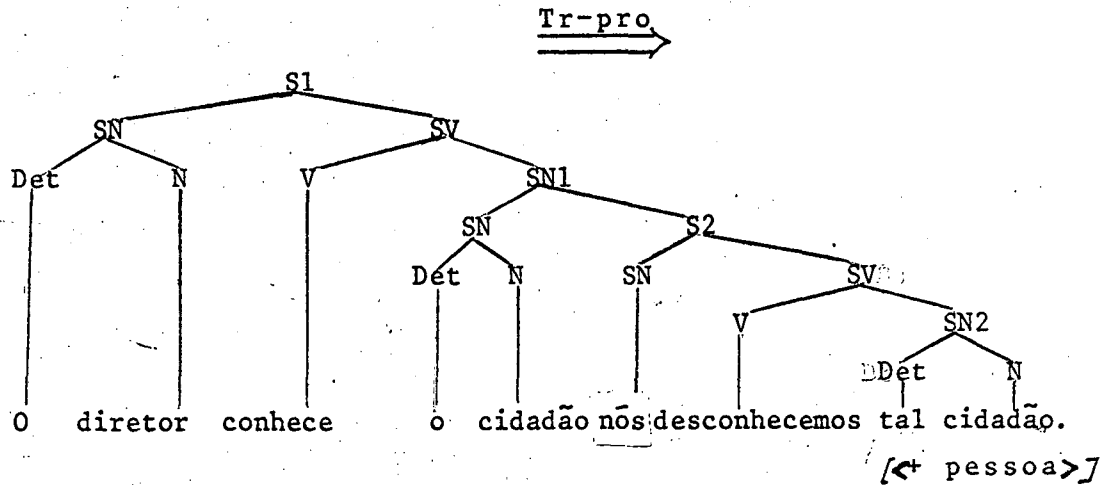
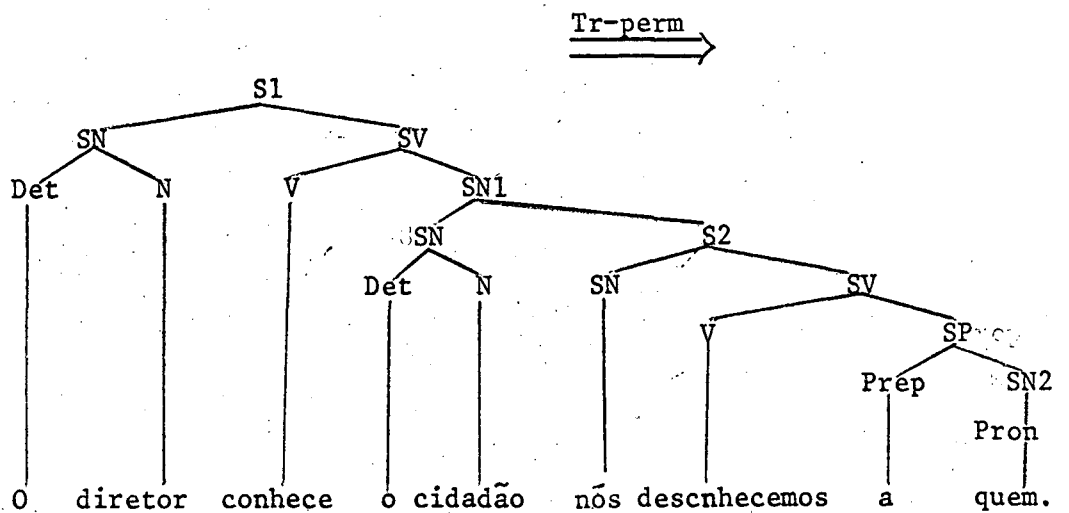
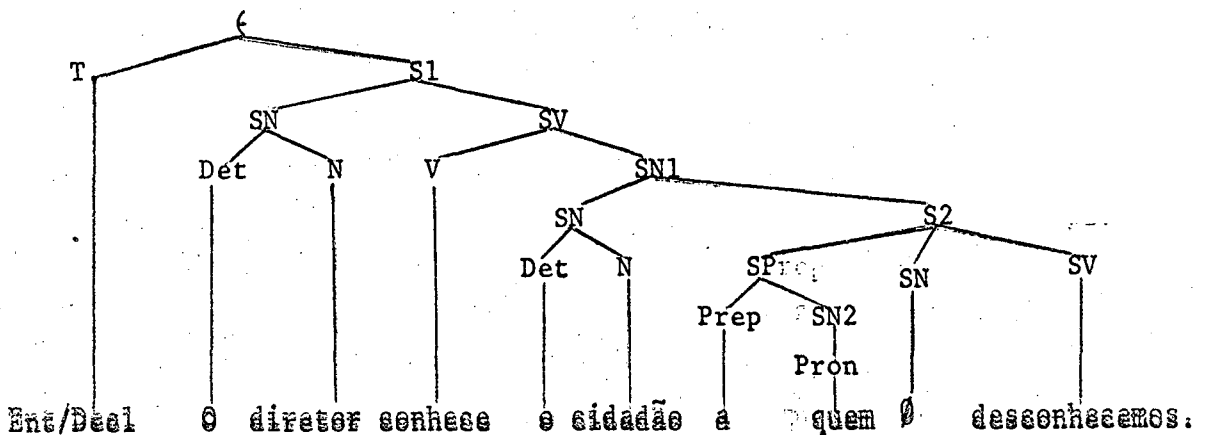


Diagrama 2



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3



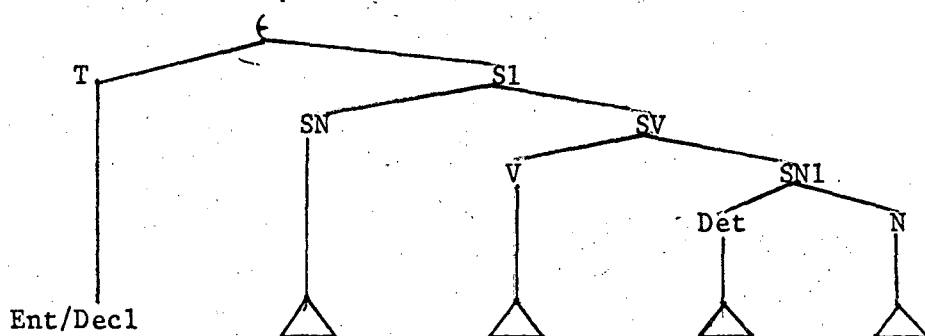
B - Caracterização:

1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de OD da S1;
3. O SN2 exerce a função de ODPrep da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: OD - ODP.

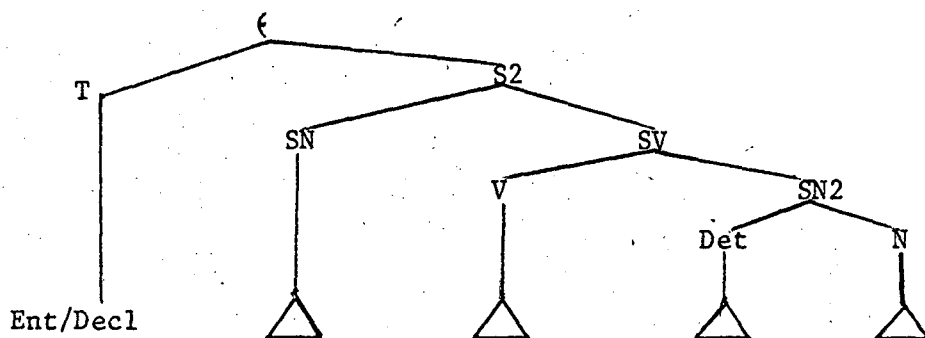
C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:

- a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Conhecemos o funcionário.

2: O diretor elogiou este funcionário.

Sentença-resposta: Conhecemos o funcionário a quem o diretor elogiou.
que

Sentença-modelo 15

DEI UMA ROSA A SENHORA A QUEM DEDIQUEI UM POEMA.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

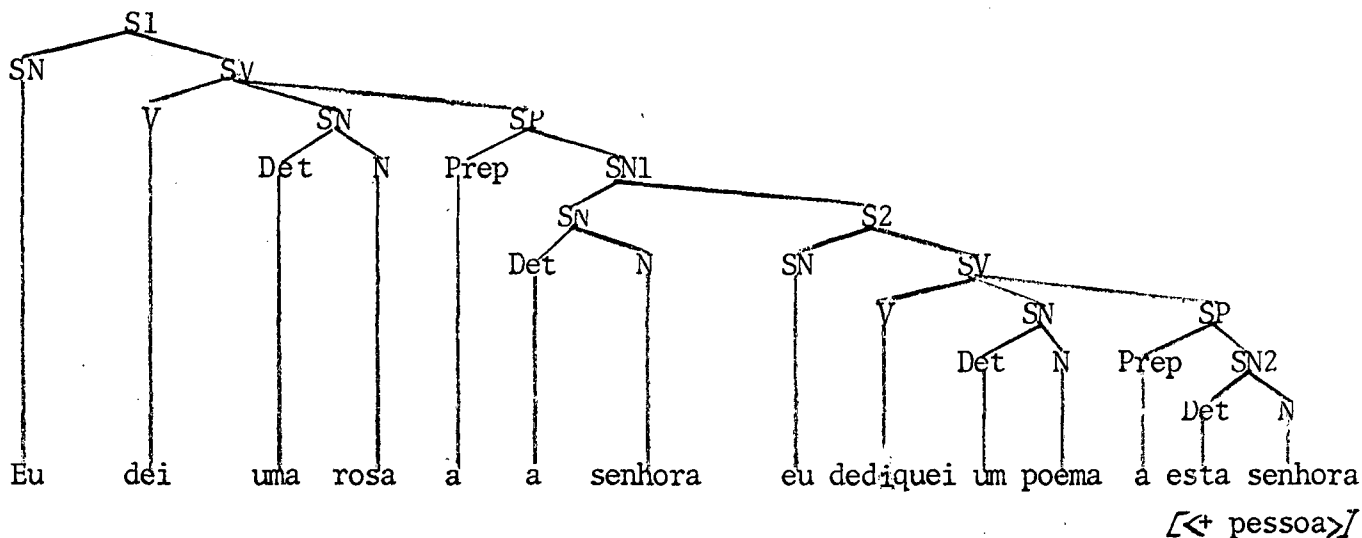
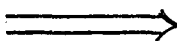
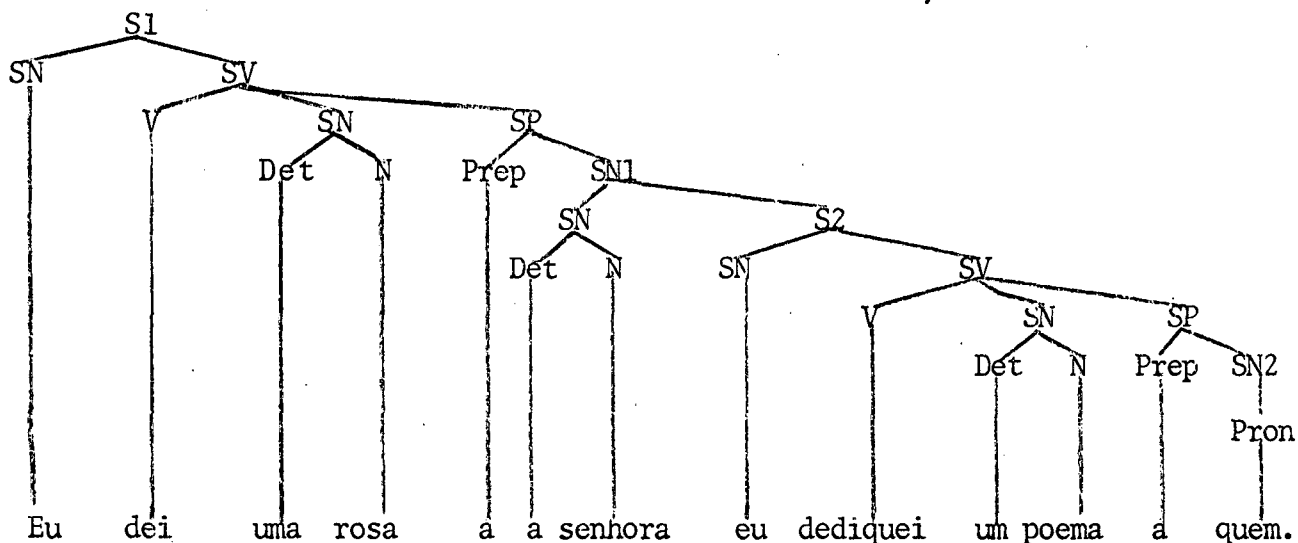
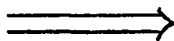


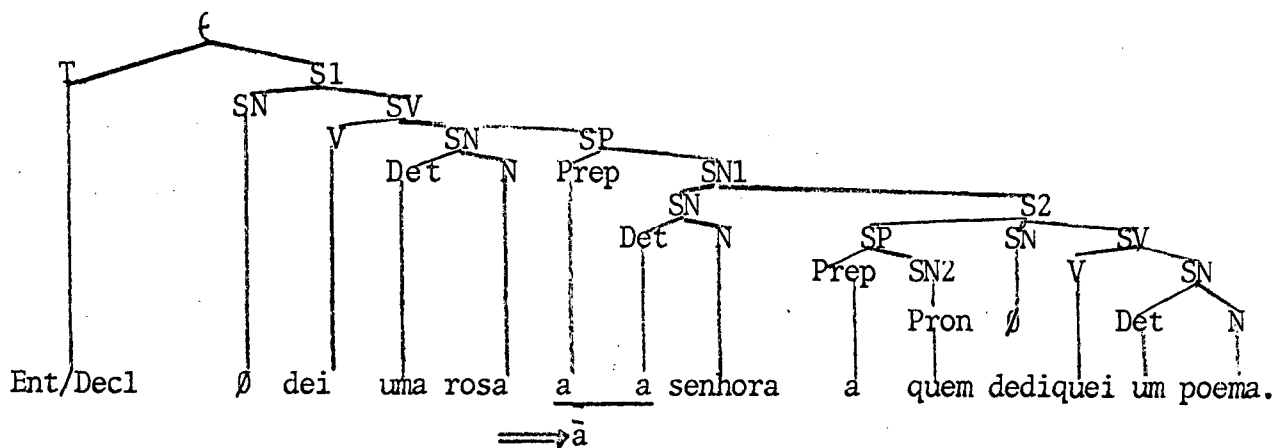
Diagrama 2

Tr-perm



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

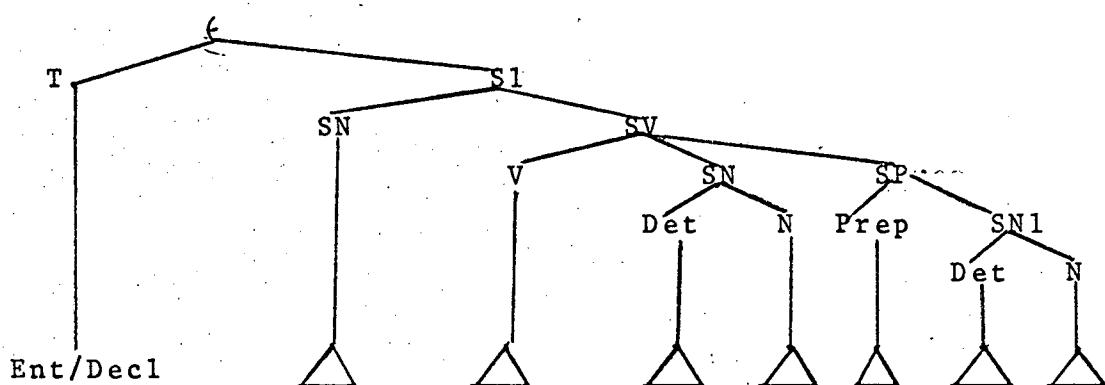


B - Caracterização:

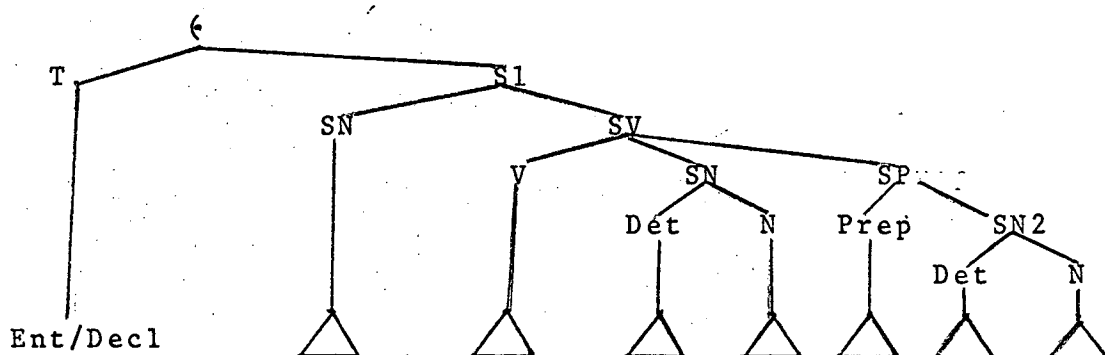
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SP da S1;
2. O SN1 exerce a função de OI da S1;
3. O SN2 exerce a função de OI da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: OI - OI.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Tu entregaste um livro ao professor.

2: Eu escrevi uma carta a esse professor.

Sentença-resposta: Tu entregaste um livro ao professor a quem eu escrevi uma carta.

Sentença-modelo 16

EU VIAJEI COM PAULO COM QUEM VOCÊ ESTEVE ONTEM.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

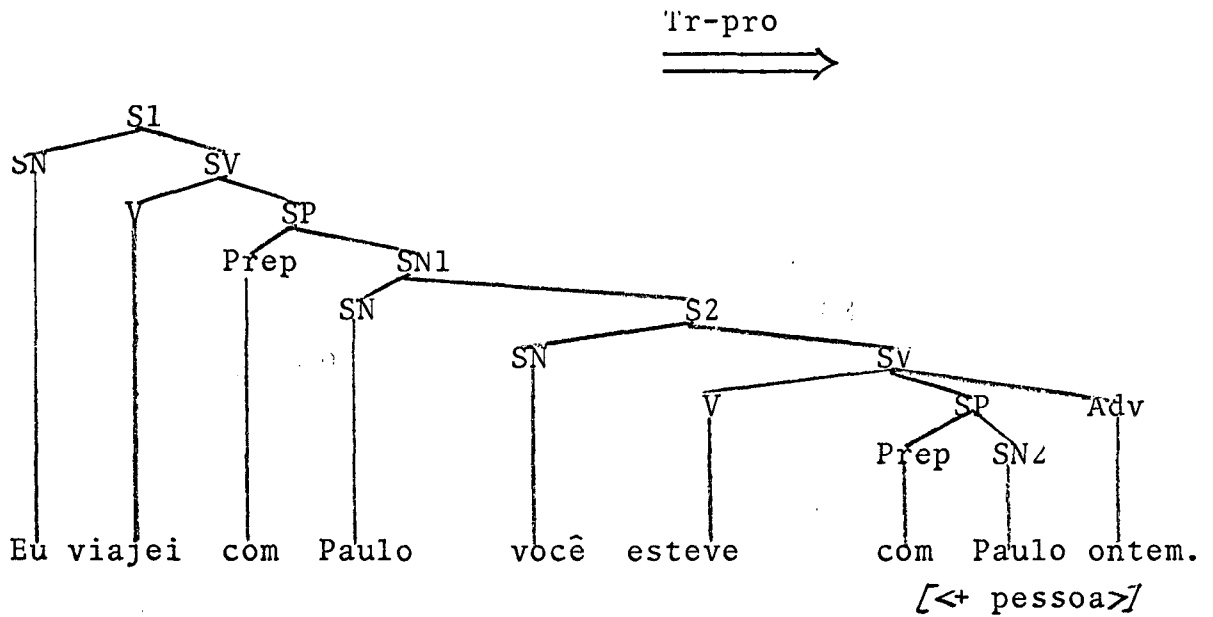
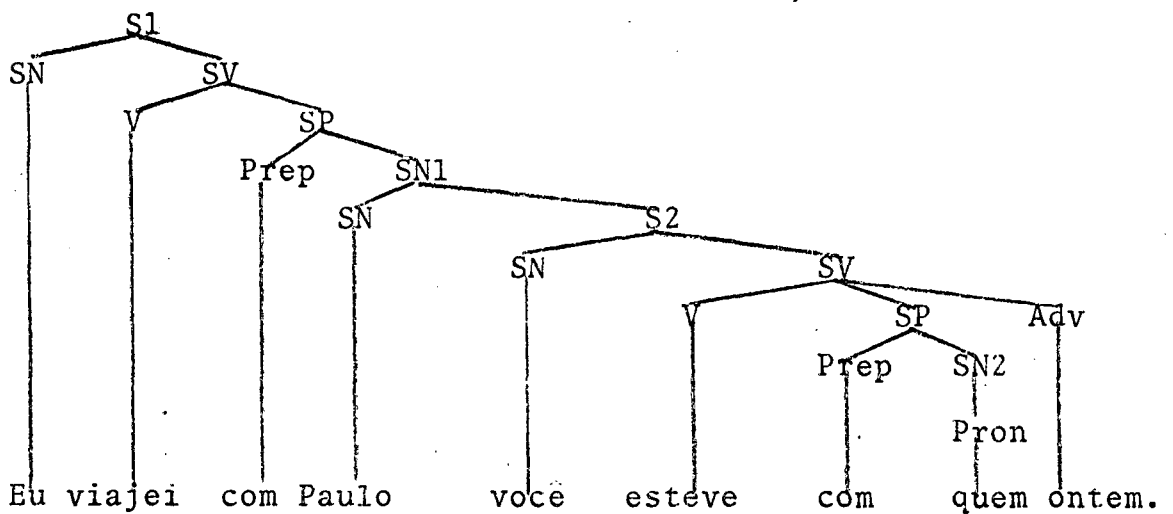


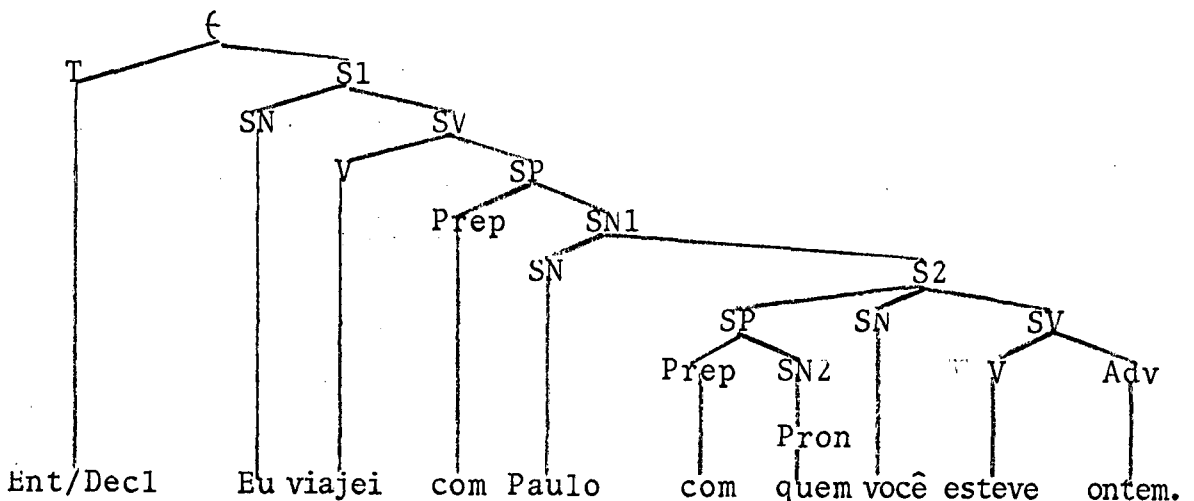
Diagrama 2

Tr-perm
⇒⇒⇒



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

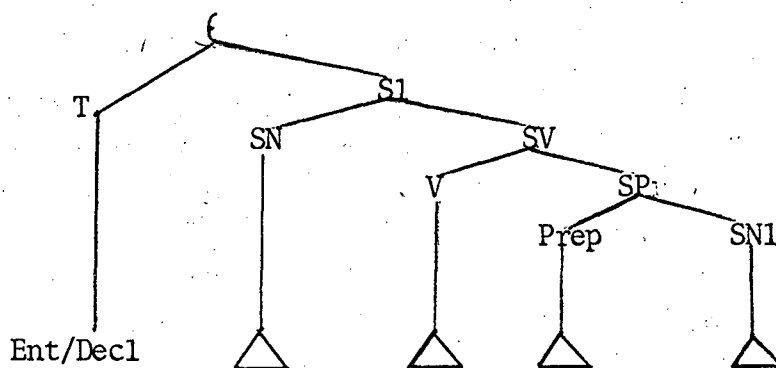


B - Caracterização:

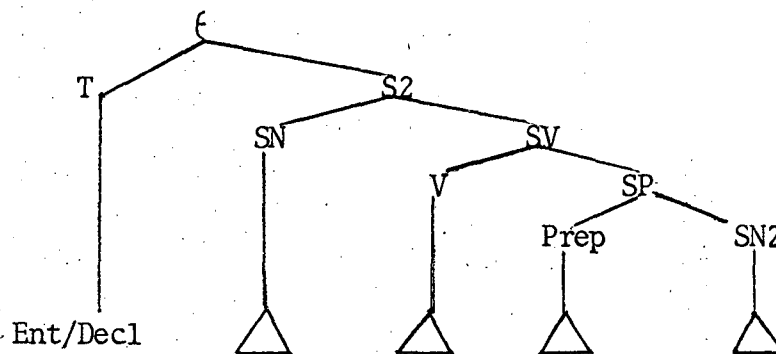
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SP₁ da S₁;
2. O SN1 exerce a função de AAdv; da S₁;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S₂;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: AAdv - AAdv.

C- Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Saí com os colegas.

2: Nos estudamos com esses colegas.

Sentença-resposta: Saí com os colegas com quem estudamos.

Sentença-modelo 17

A PROFESSORA A QUEM OS ALUNOS DERAM UM PRÊMIO VIAJOU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

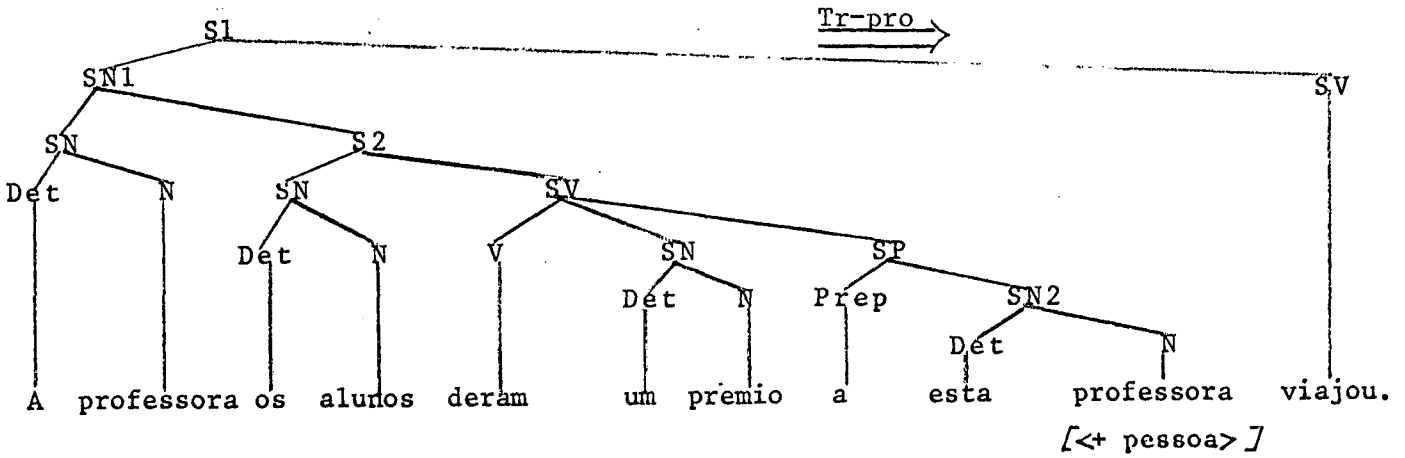
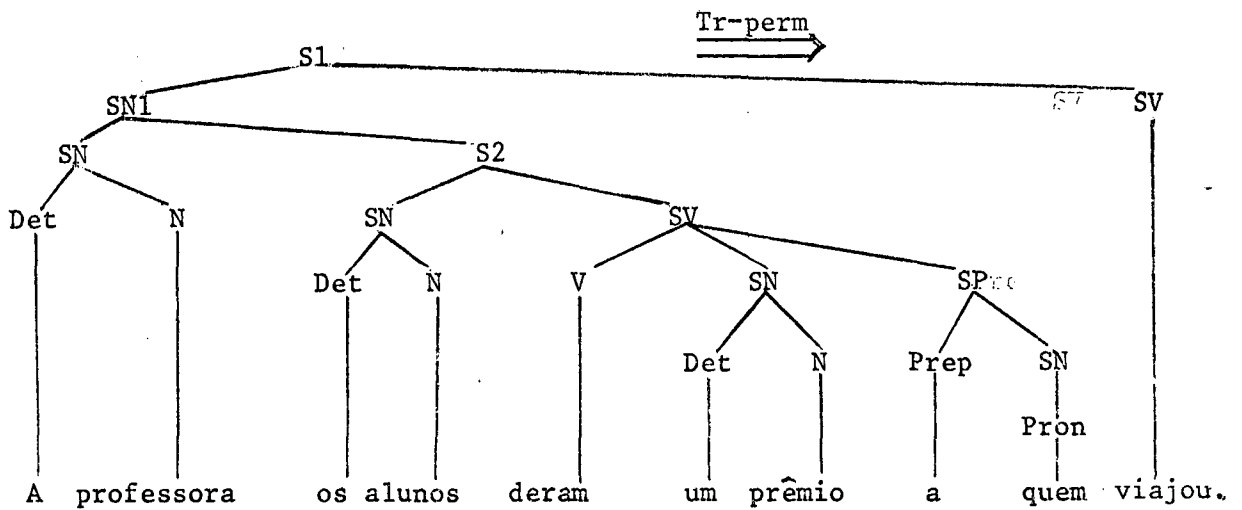
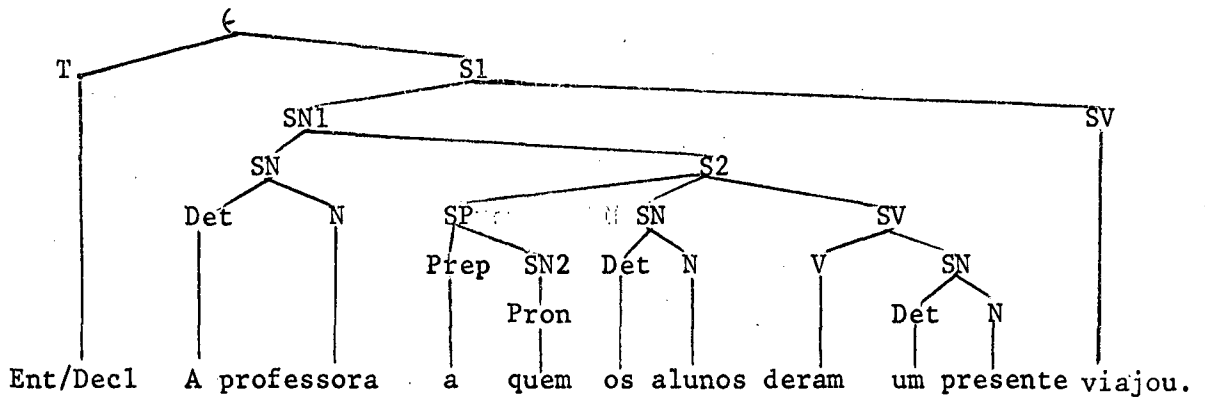


Diagrama 2



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

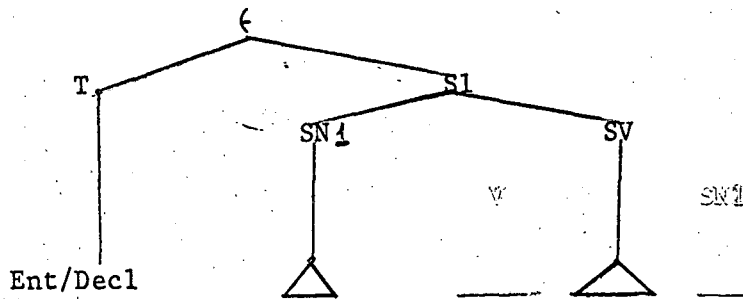


B - Caracterização:

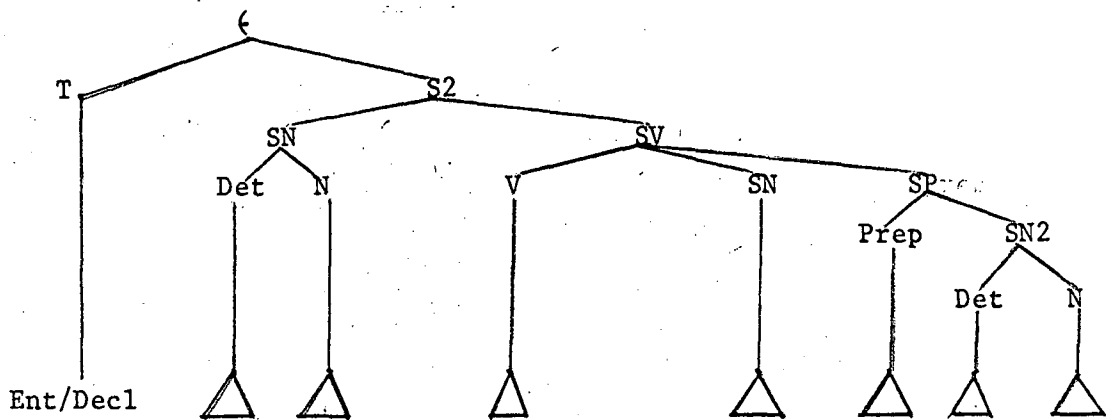
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de Su da S1;
3. O SN2 exerce a função de OI da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Su - OI.

C- Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O filho viajou.

2: Eu ofereci uma valise ao filho.

Sentença-resposta: O filho a quem eu ofereci uma valise viajou.

Sentença-modelo 18

FIZEMOS REFERÊNCIAS A MARIA EM QUEM VOCE CONFIA.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

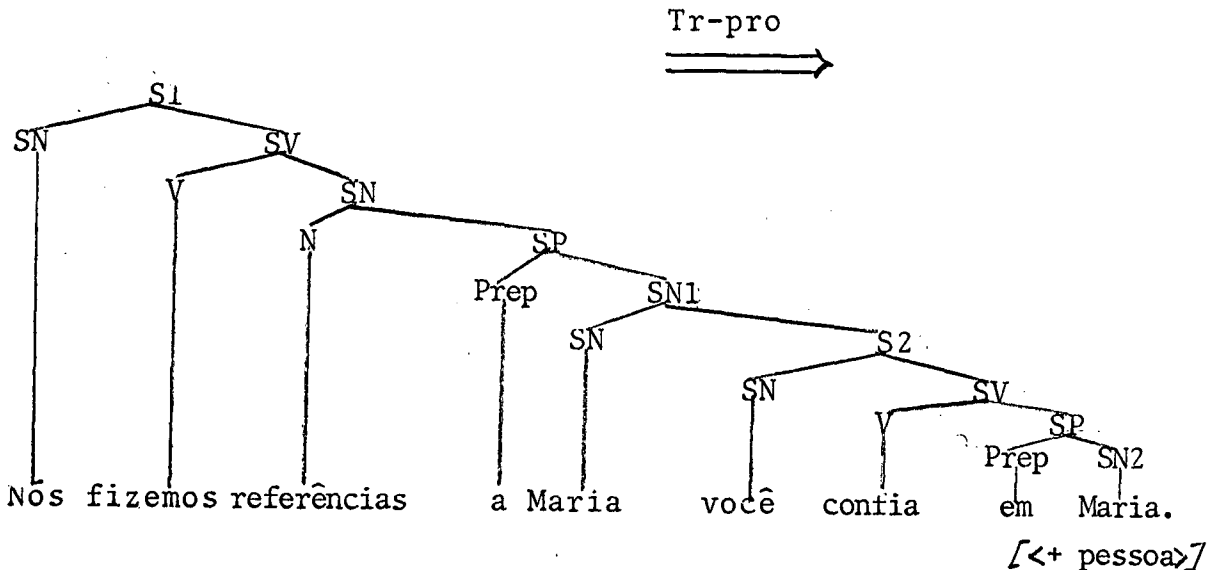
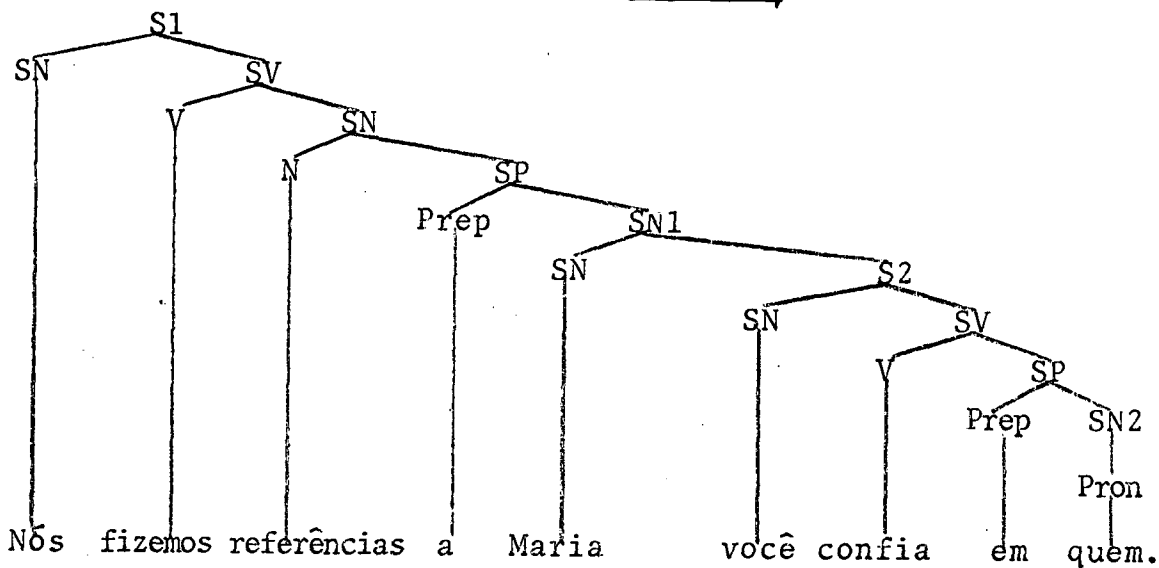


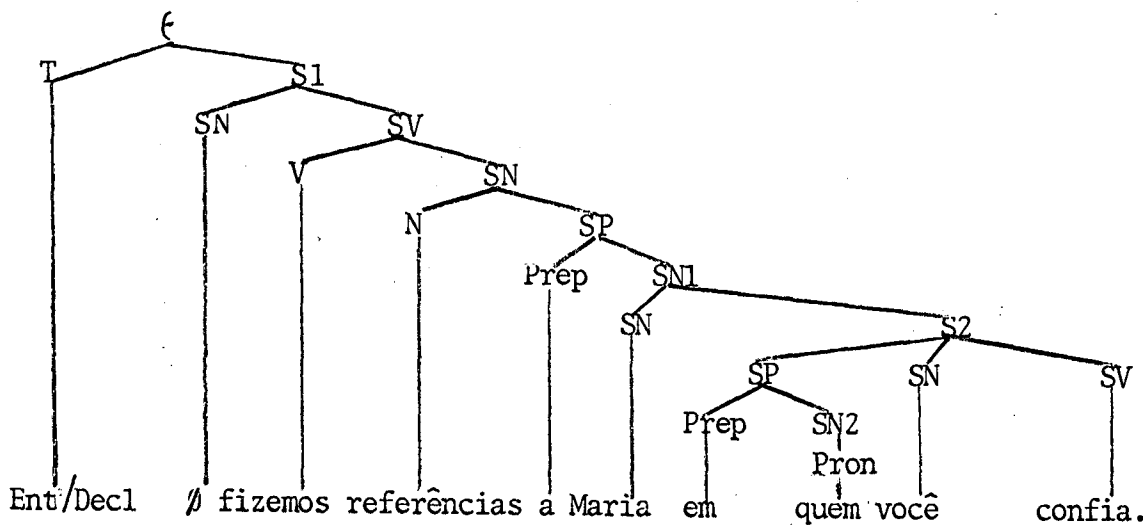
Diagrama 2

Tr-perm
⇒⇒⇒



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

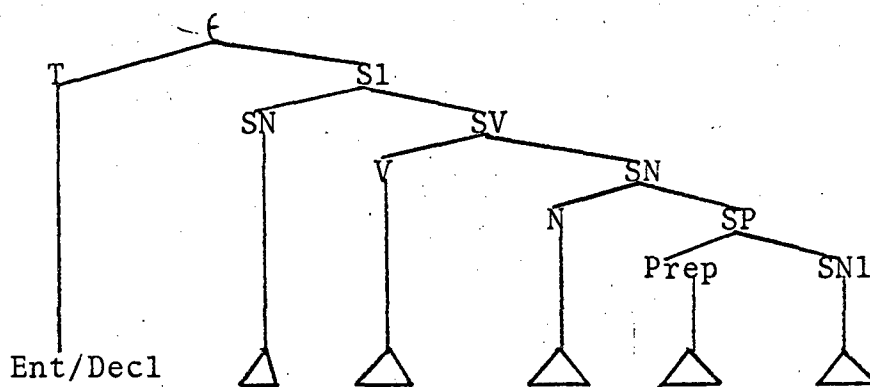


B - Caracterização:

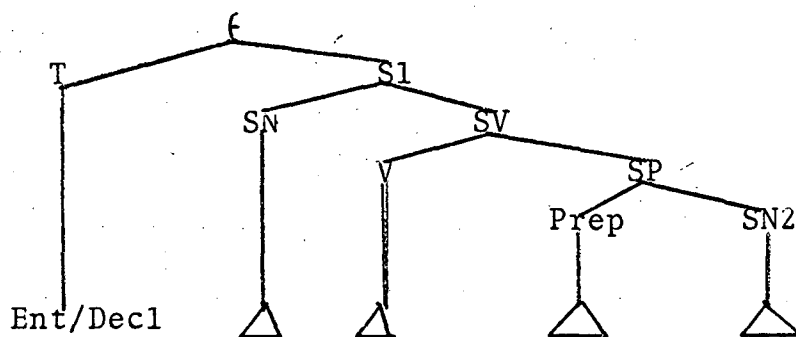
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SP do SN do SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de CN da S1;
3. O SN 2 exerce a função de OI da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: CN - OI.

B - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Fizemos alusões aos amigos.

2: Vocês pensam em tais amigos.

Sentença-resposta: Fizemos alusões aos amigos em quem vocês pensam.

Sentença-modelo 19

PRECISAMOS DOS TRABALHOS DE PEDRO A QUEM O CHEFE CONVOCOU.

A- Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro
 ⇒⇒

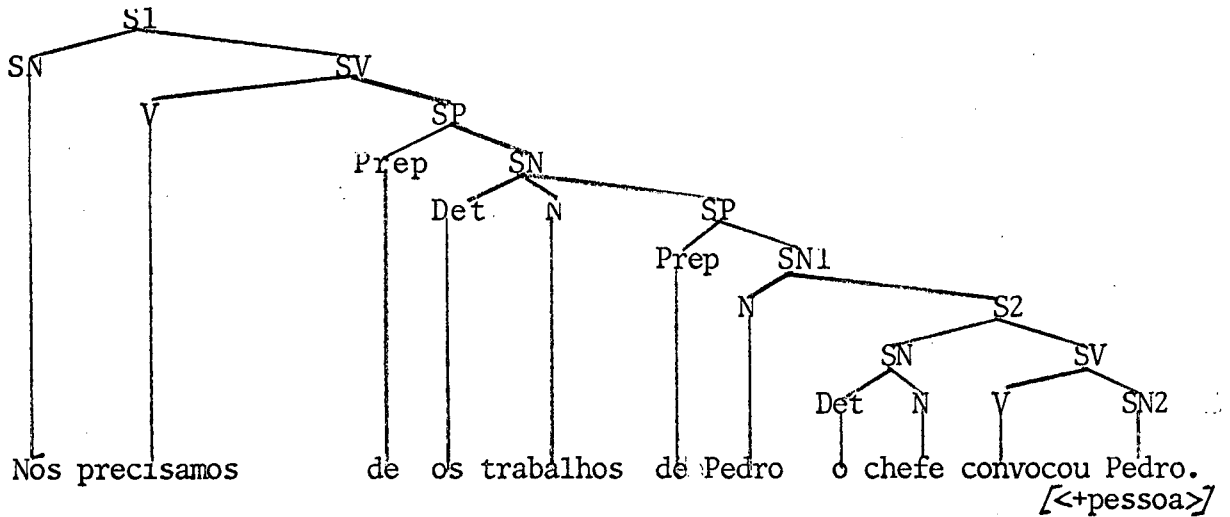
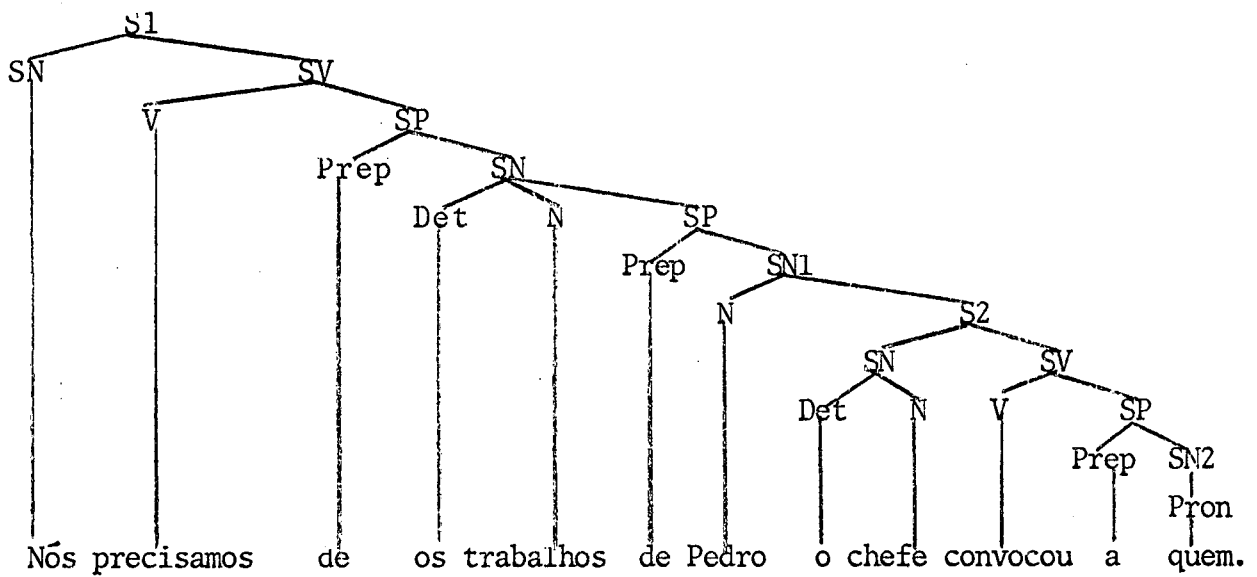


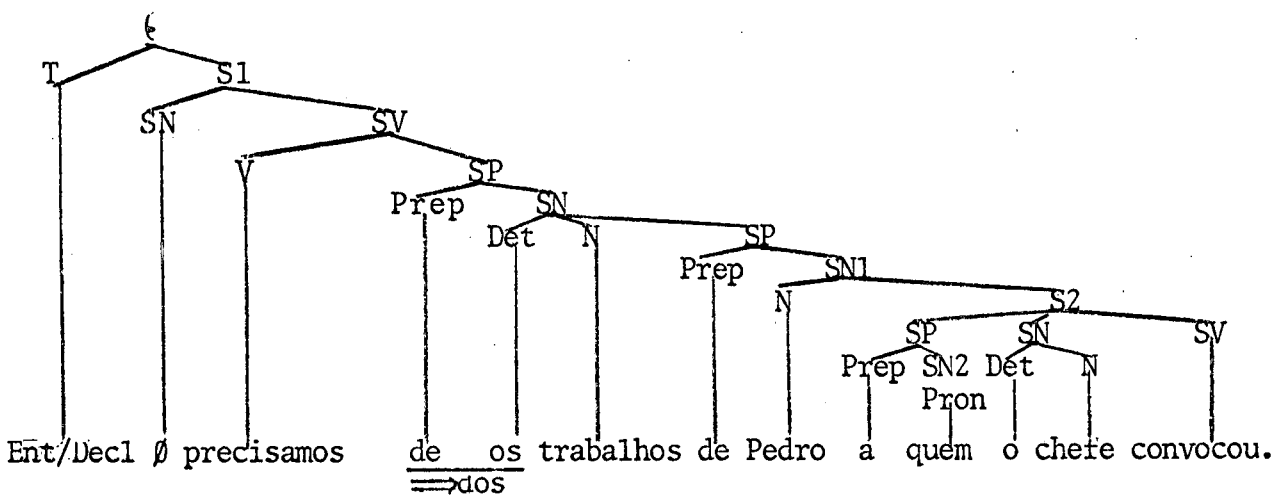
Diagrama 2

Tr-perm
 ⇒⇒



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

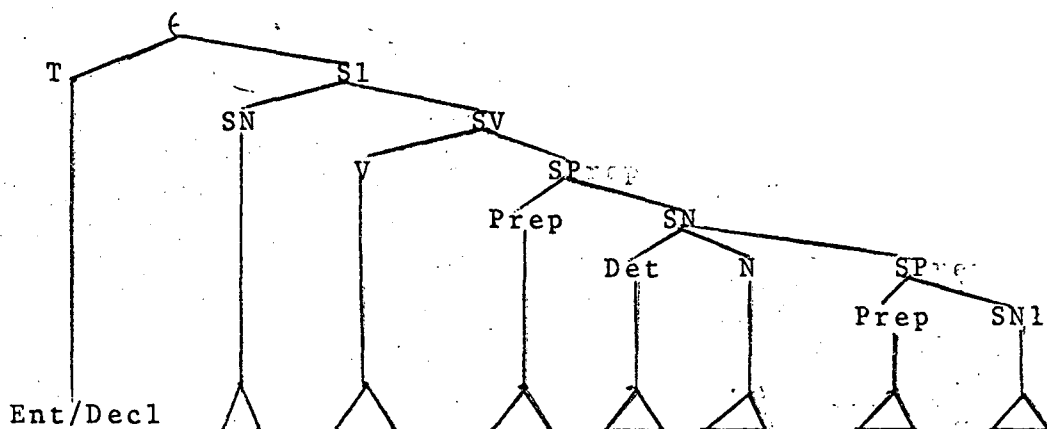


B - Caracterização:

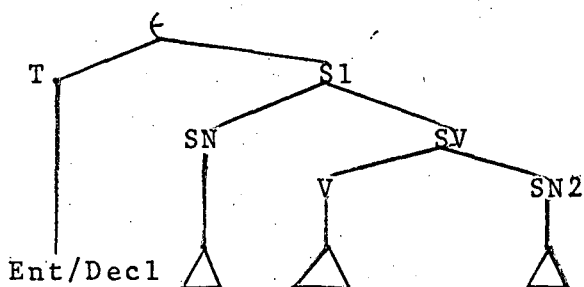
1. A sentença relativa é um modificador SN do SP, contido no SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de AAd da S1;
3. O SN2 exerce a função de OD da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: AAdn- OD.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Confiamos nos conselhos do orientador.

2: O reitor indicou esse orientador.

Sentença-resposta: Confiamos nos conselhos do orientador

{ a quem } o reitor indicou.
 { que }

Subconjunto - C

Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo ONDE

ESTIVE NO LUGAR ONDE O ACIDENTE OCORREU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

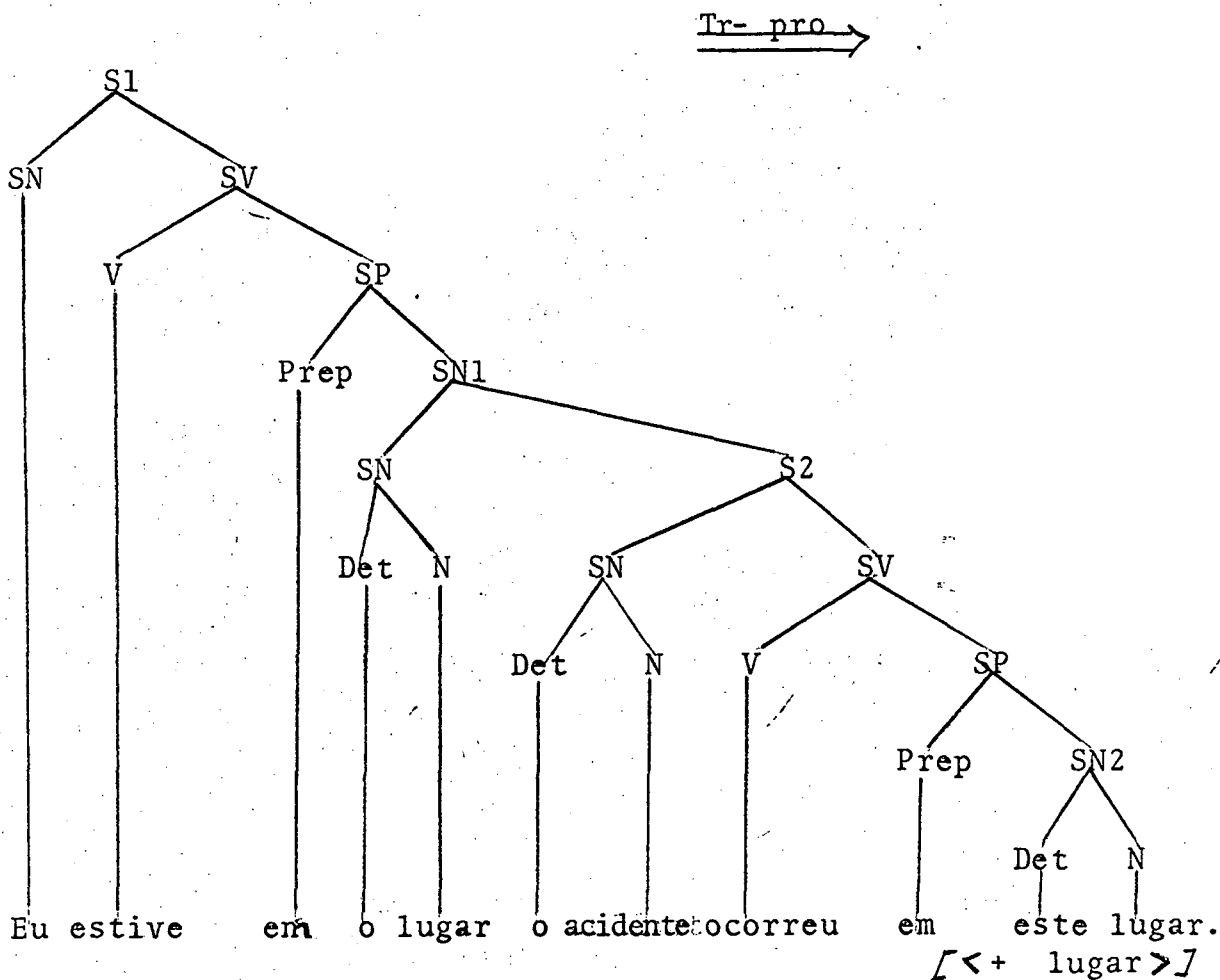
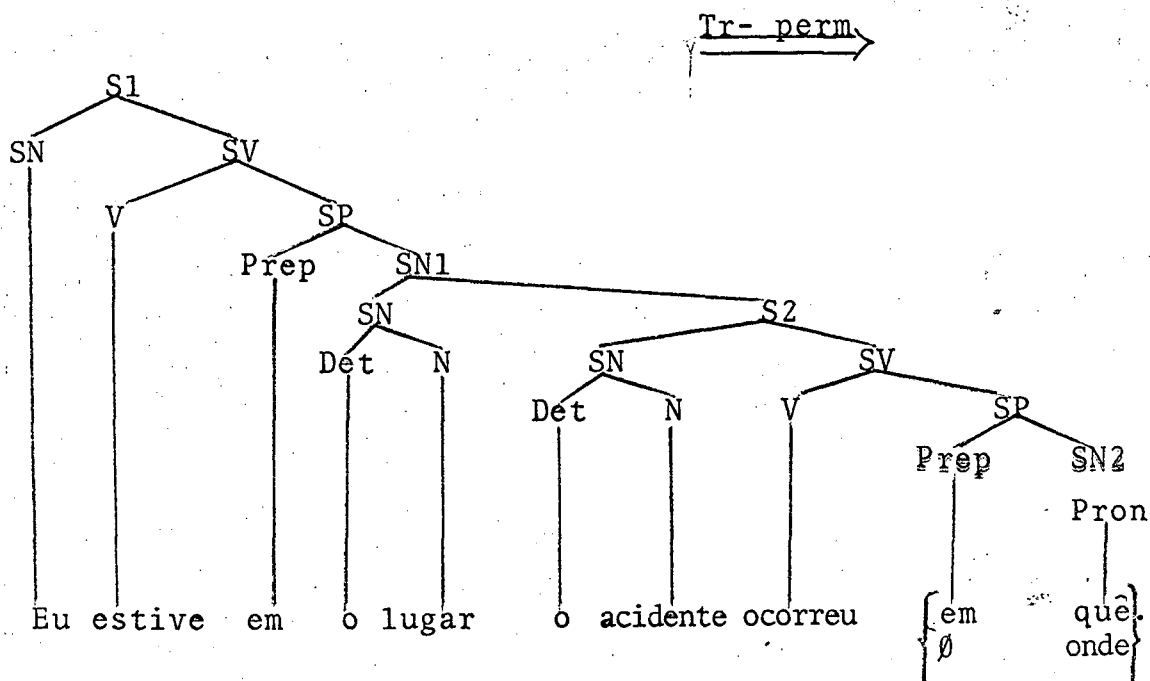
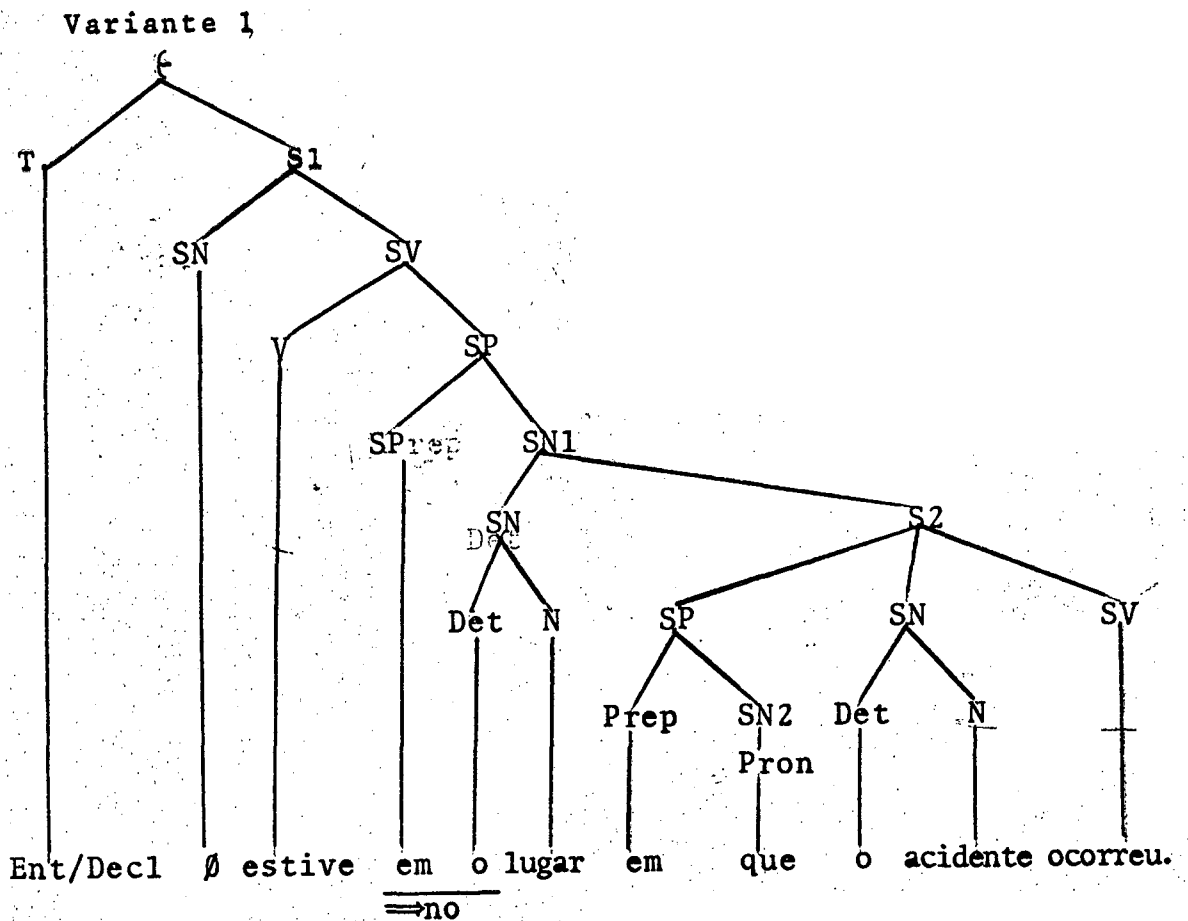


Diagrama 2



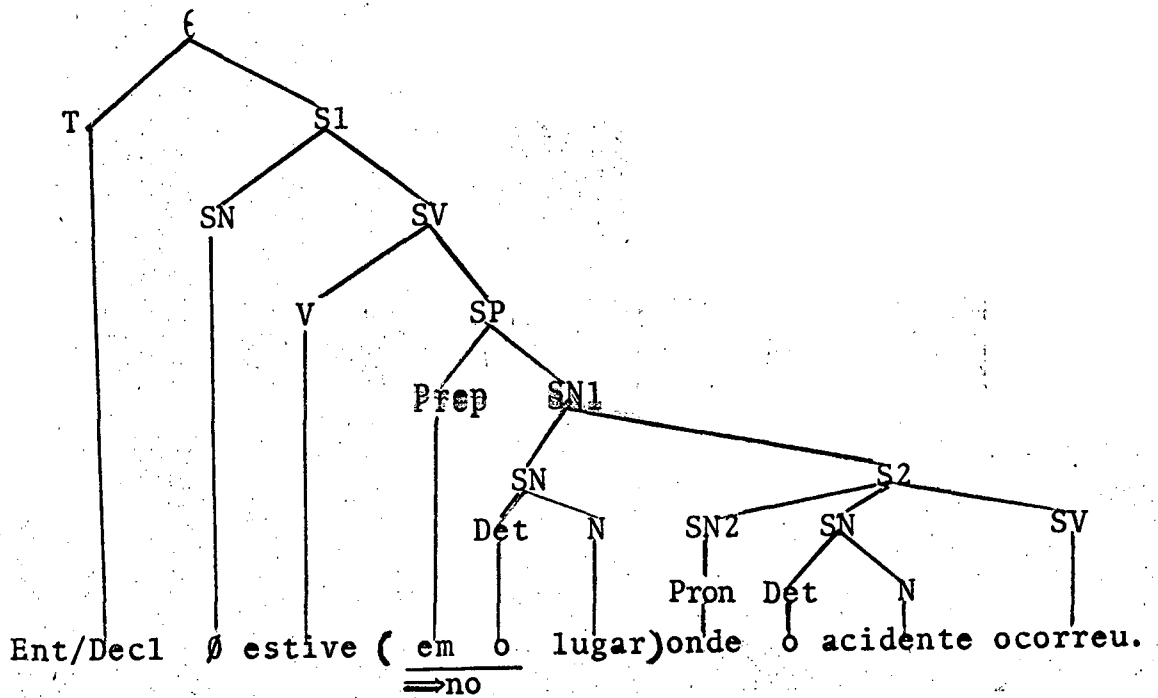
b) Estruturas superficiais:

Diagrama 3



Variante 2

Diagrama 4

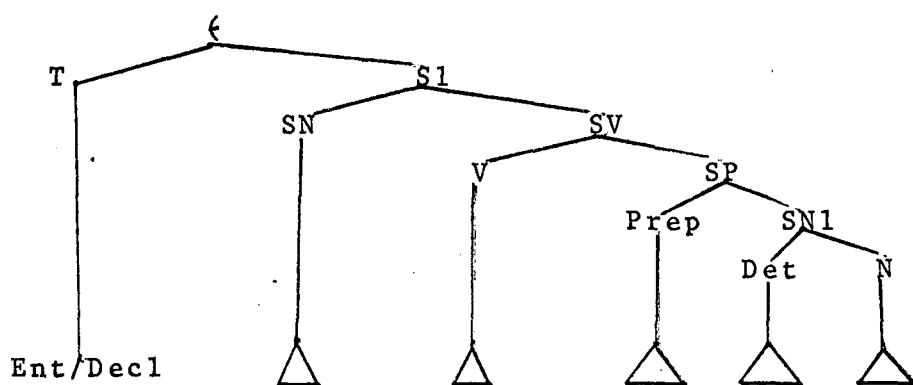


B - Caracterização:

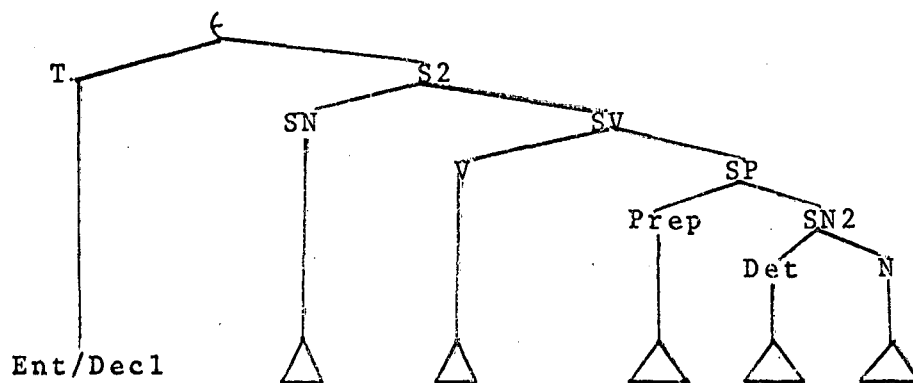
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SP do SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de AAdv da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: AAdv - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulos, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Cecília mora no bairro.

2: Em tenho vivido em tal bairro.

Sentença-resposta: Cecília mora no bairro

em que
onde
no qual

 eu tenho vivido.

A CASA ONDE MORO É MUITO AMPLA?

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

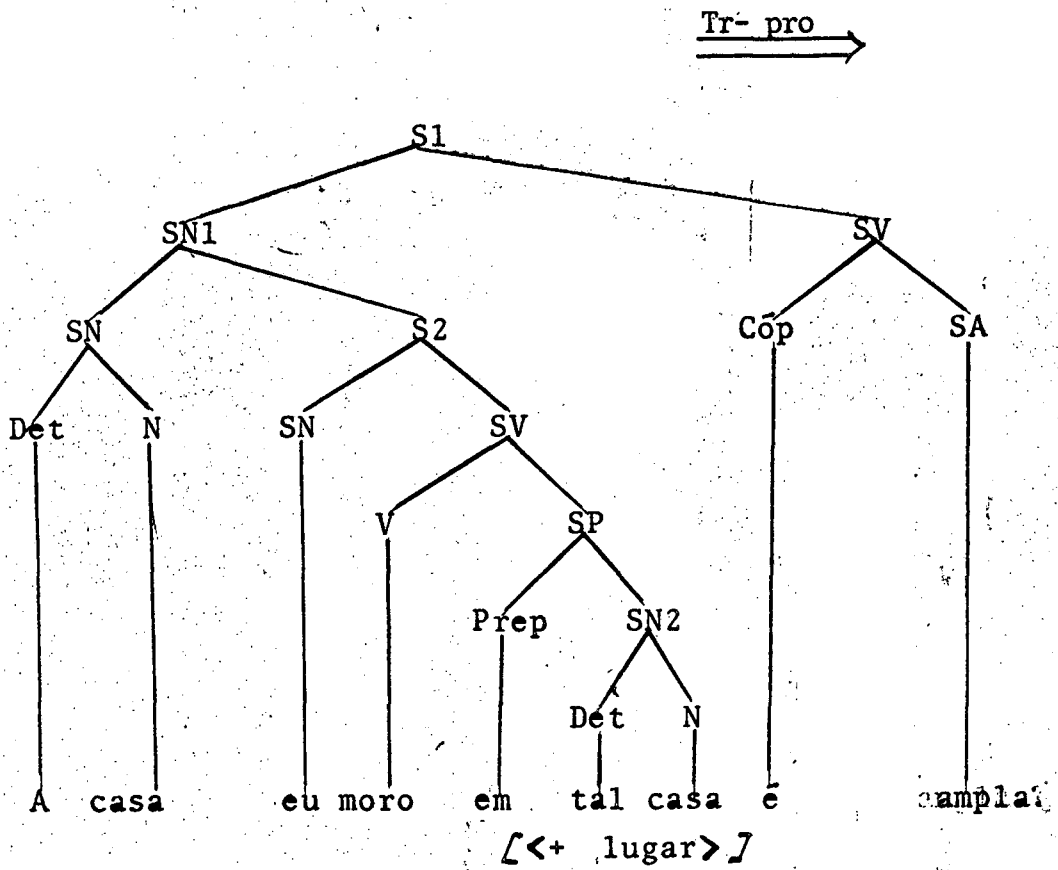
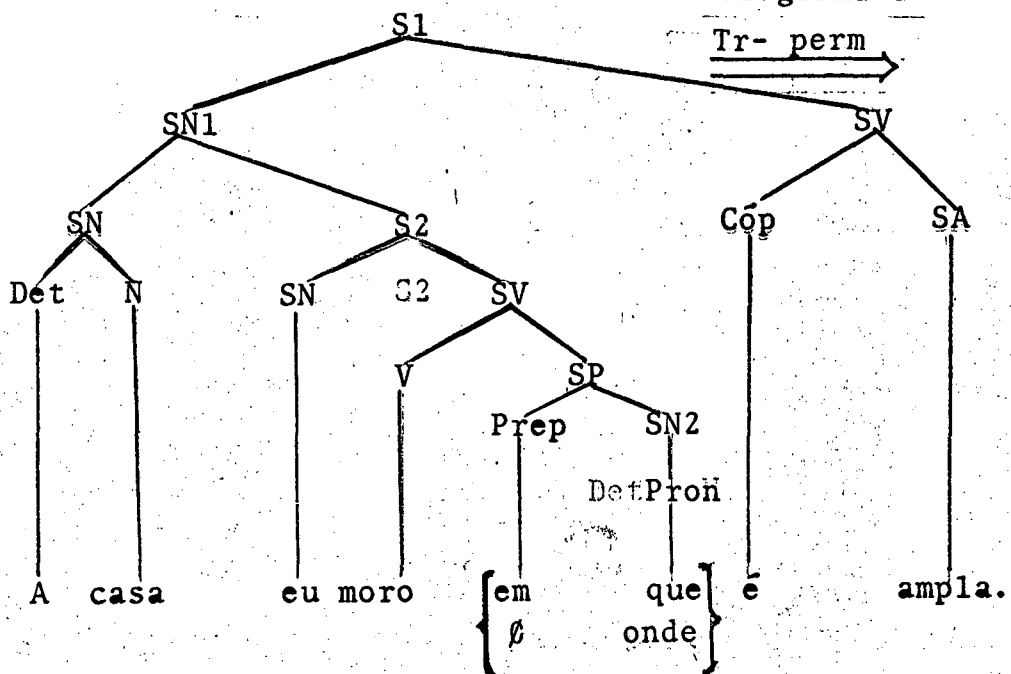


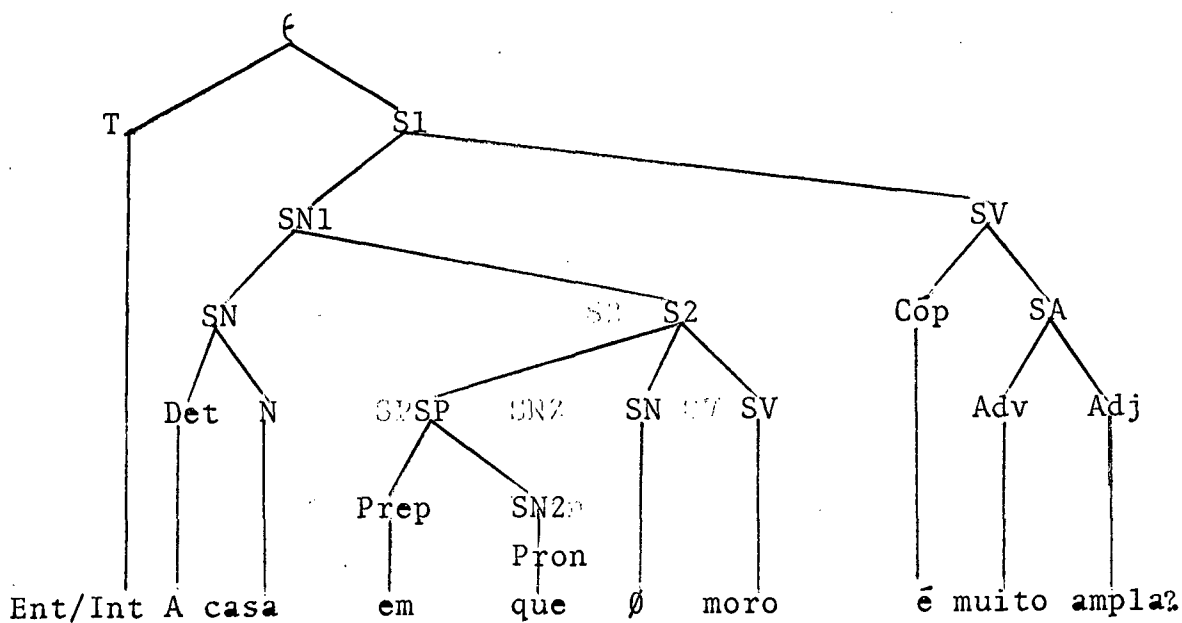
Diagrama 2



b) Estruturas superficiais:

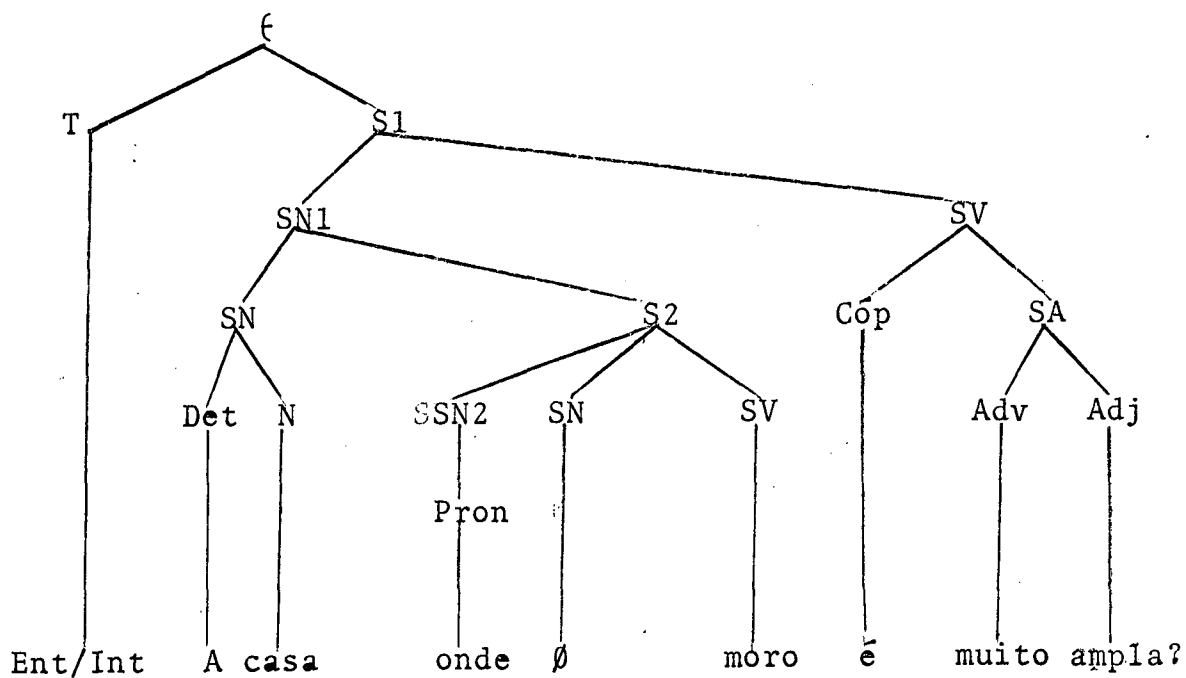
Diagrama 3

Variante 1



Variante 2

Diagrama 4

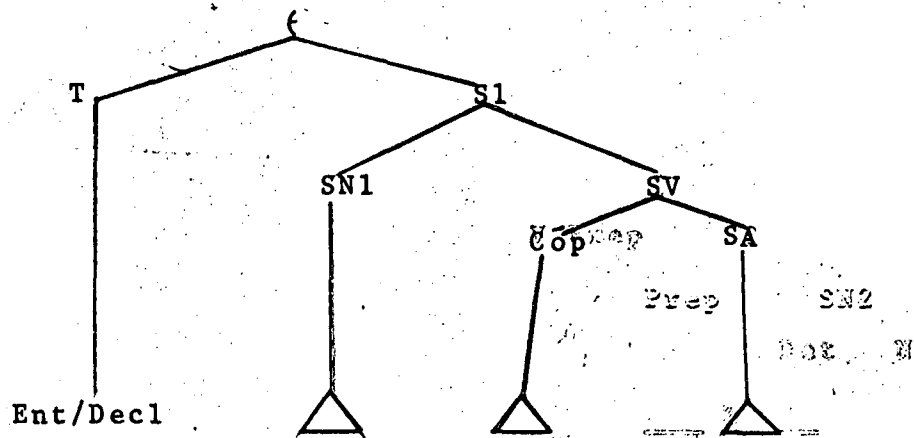


B - Caracterização:

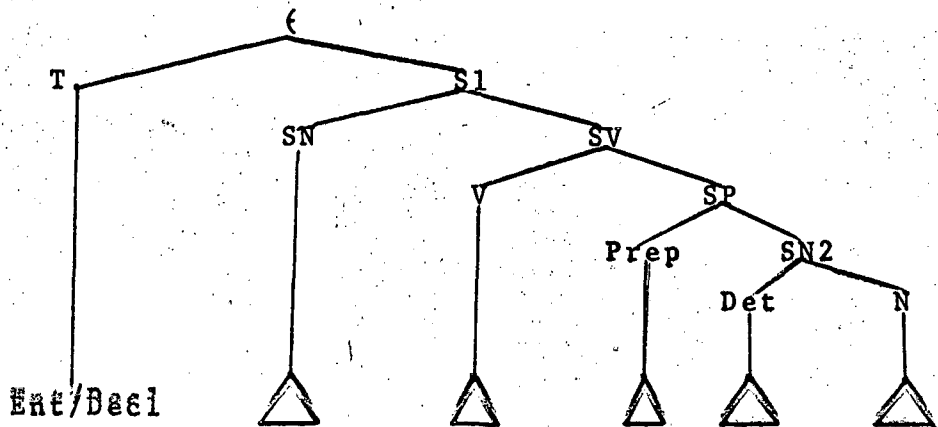
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de Su da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Su - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: A terra é próspera.

2: Nasci nessa terra.

Sentença-resposta: A terra { em que
onde
na qual } nasci é próspera.

Sentença-modelo 2 2

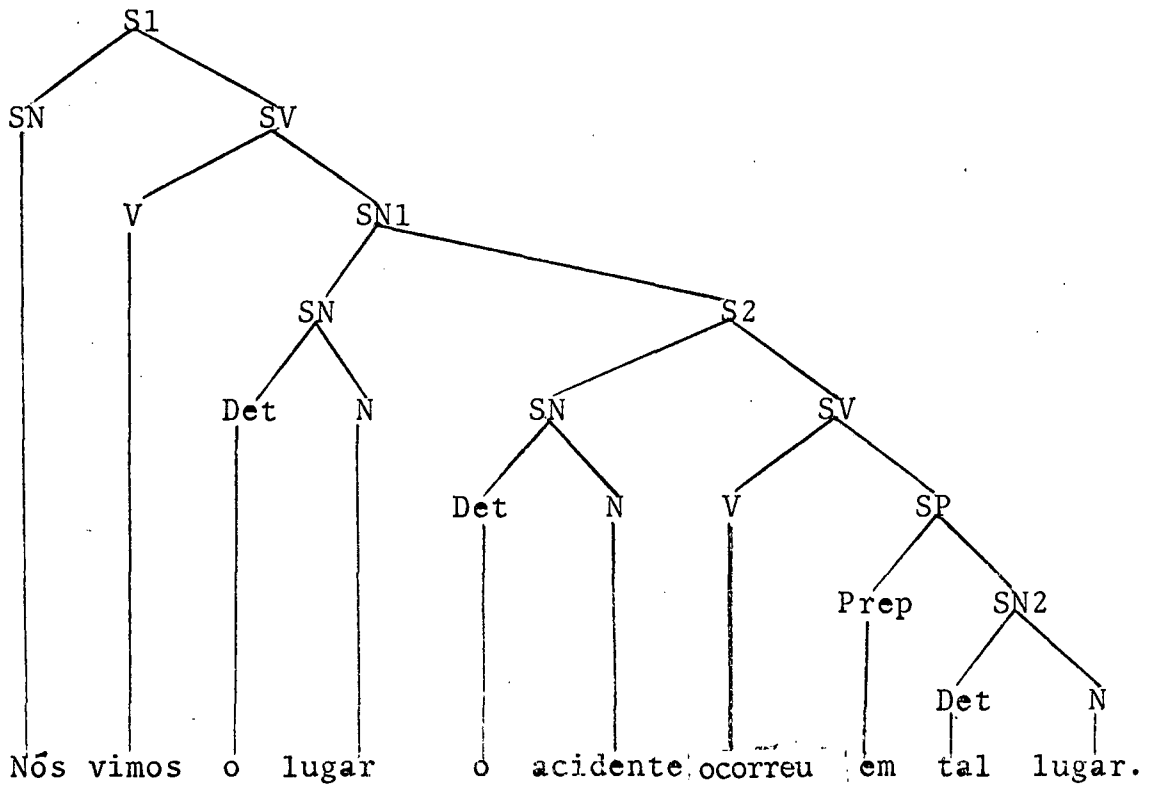
NÓS VIMOS O LUGAR ONDE O ACIDENTE OCORREU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

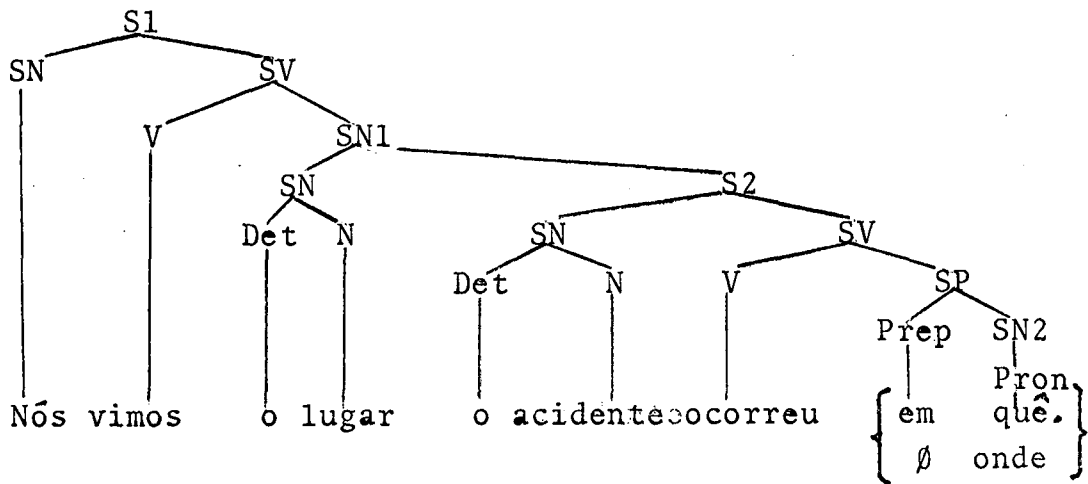
Tr- pro →



[< + lugar >]

Diagrama 2

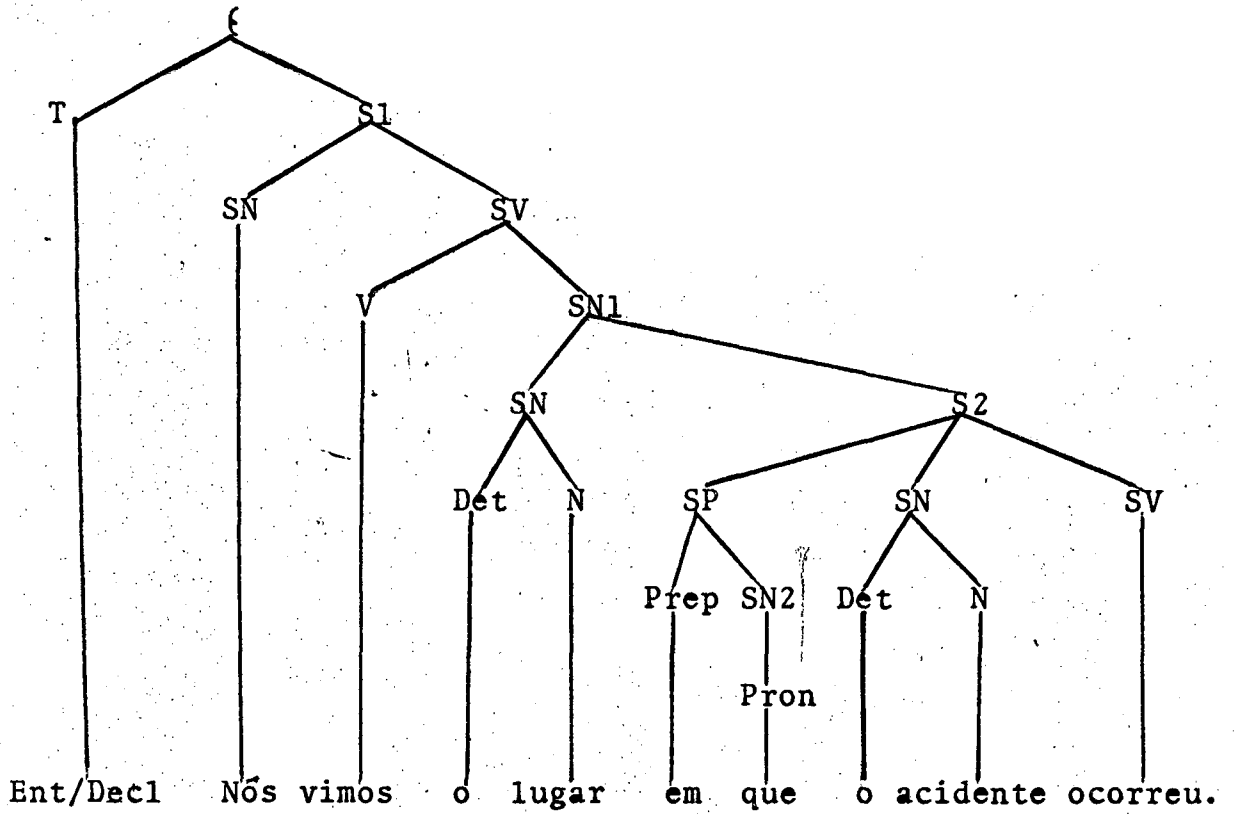
Tr- perm →



b) Estruturas superficiais:

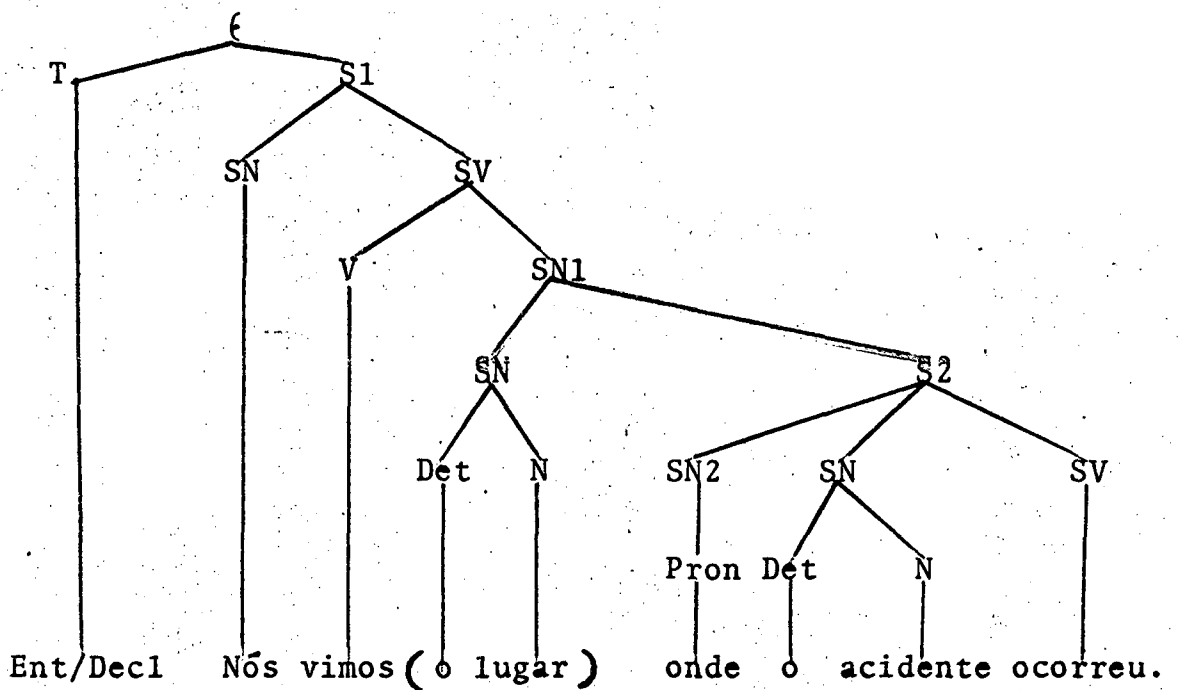
Diagrama 3

Variante 1



Variante 2

Diagrama 4

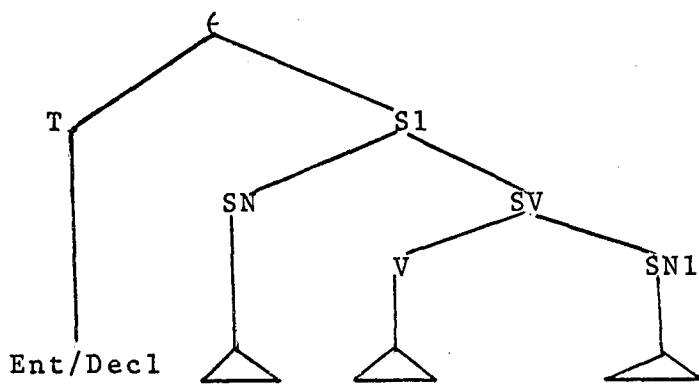


B - Caracterização:

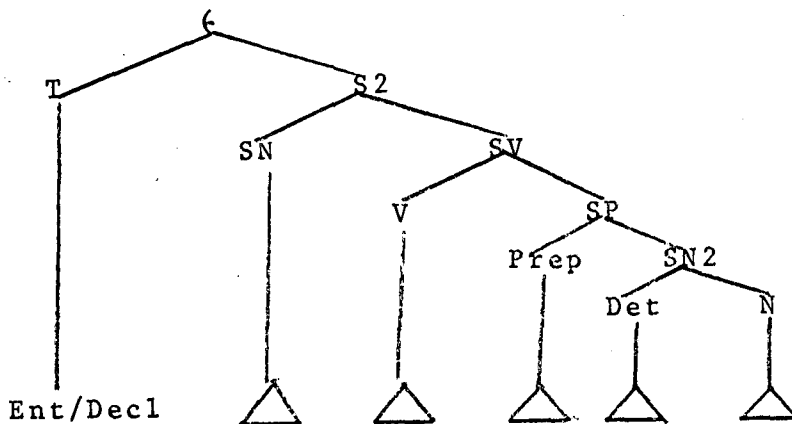
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de OD da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: OD - AAdv.

C- Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Meu amigo conhece o bairro.

2: Meu tio reside nesse bairro.

Sentença-resposta: Meu amigo conhece o bairro em que
onde
no qual meu tio
reside.

PRECISAMOS DA PRANCHETA ONDE VOCÊ DESENHAVA.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

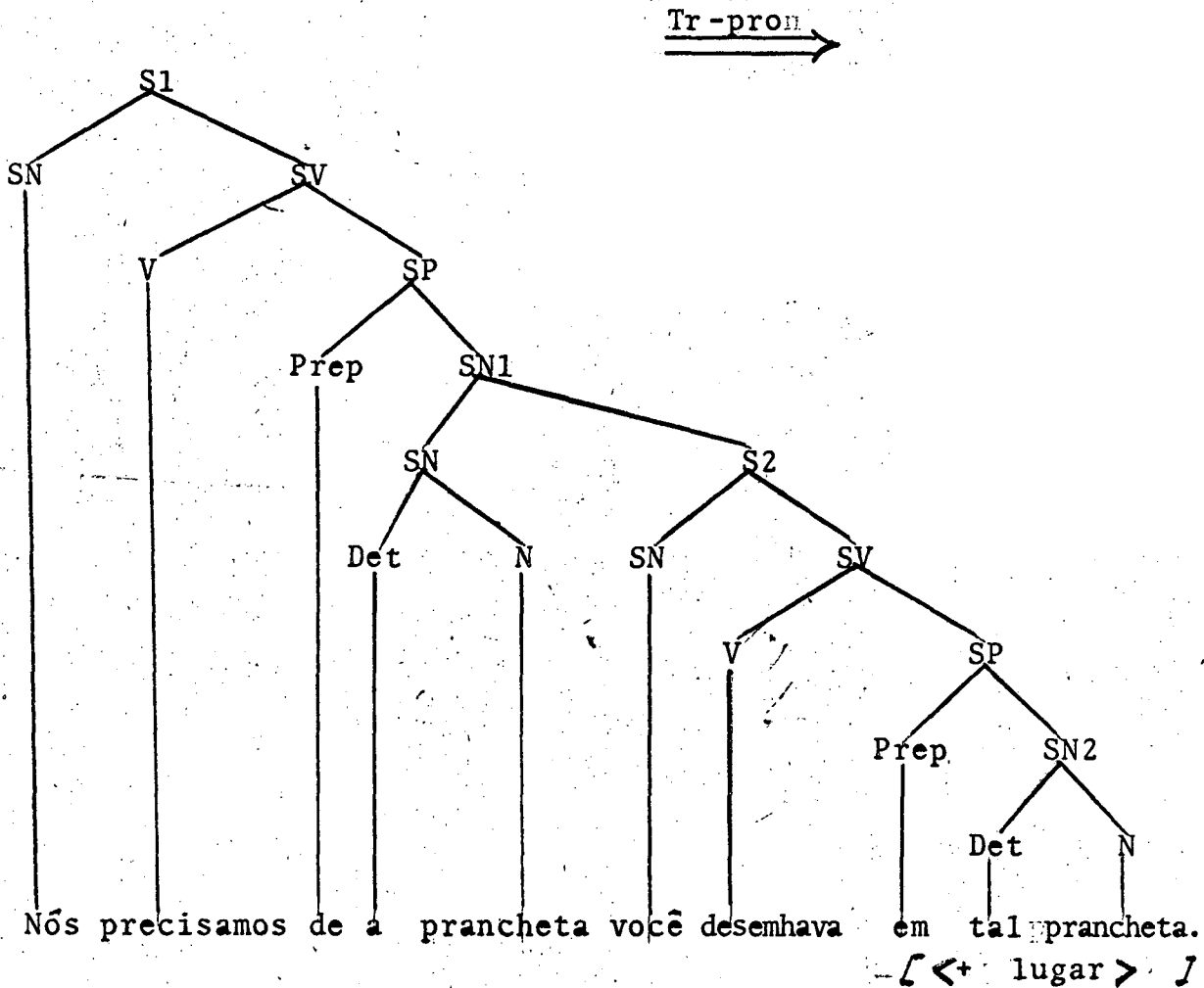
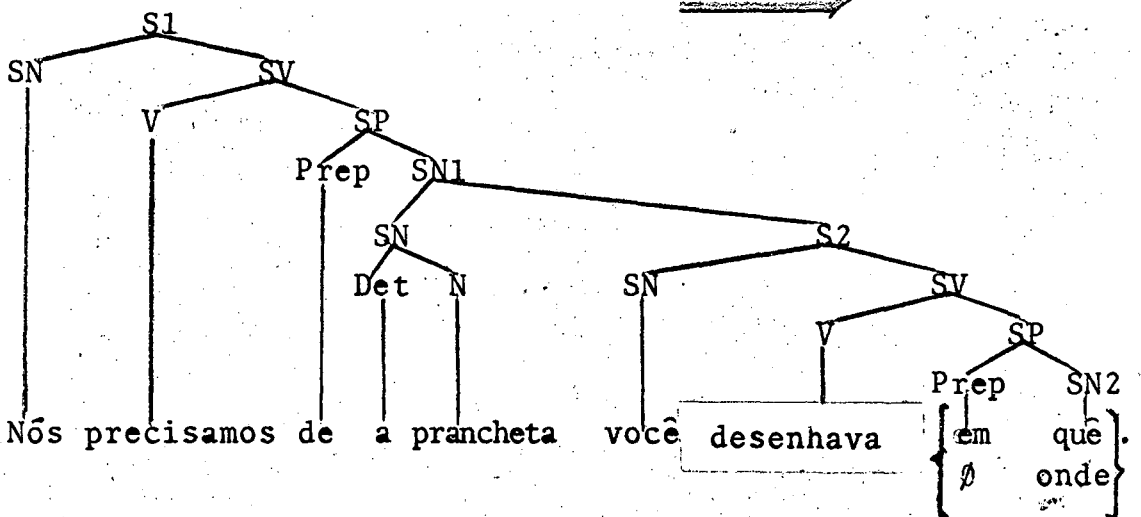


Diagrama 2

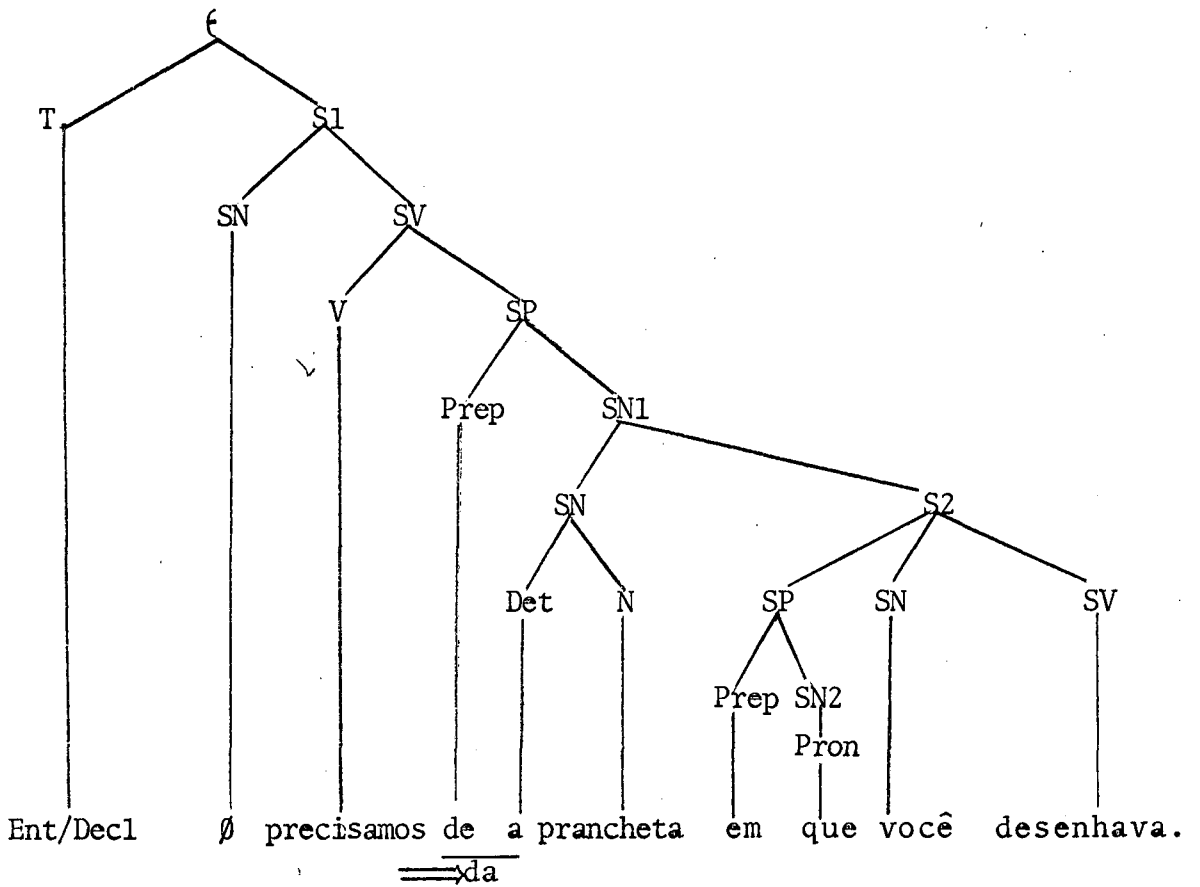
Tr - perm



b) Estruturas superficiais:

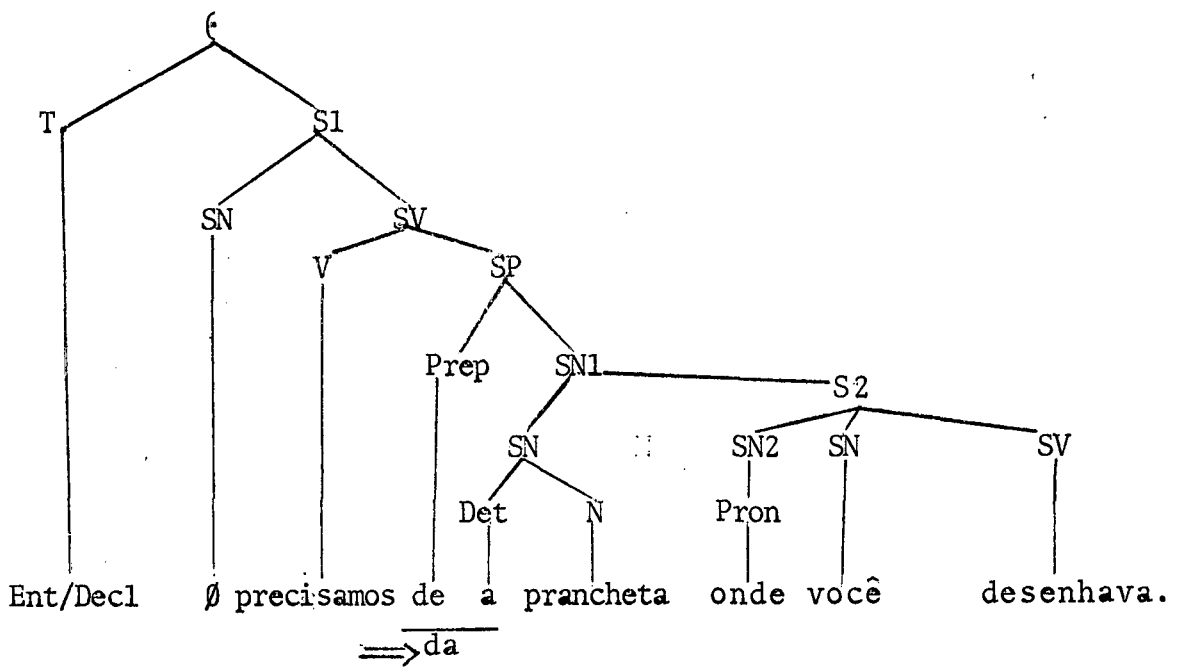
Diagrama 3

Variante 1



Variante 2

Diagrama 4

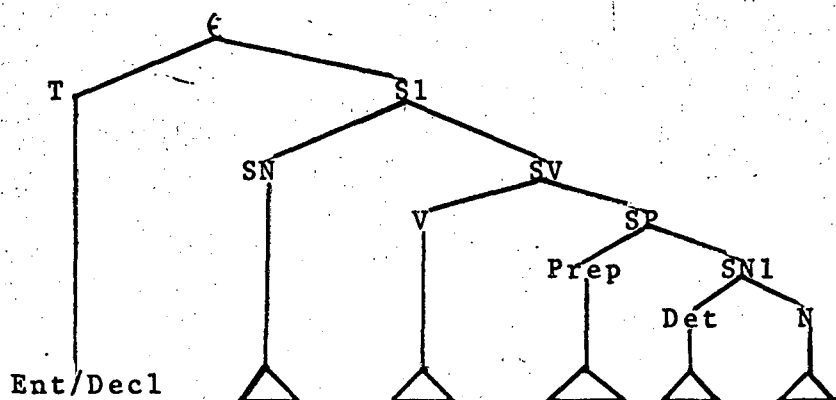


B - Caracterização:

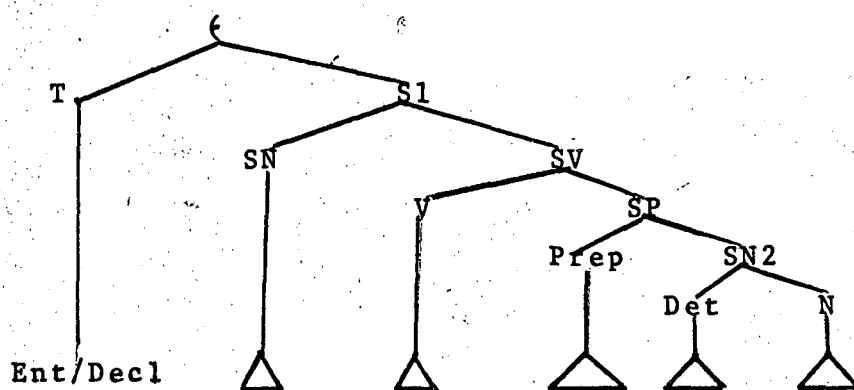
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SP do SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de OI da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: OI - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulos, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Pedro se refere à sala.

2: Paulo estava na sala.

Sentença-resposta:

Pedro se refere à sala em que
onde
na qual Paulo estava.

Sentença-modelo 24

A UNIVERSIDADE É O LUGAR ONDE A GENTE APRENDE MUITO.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

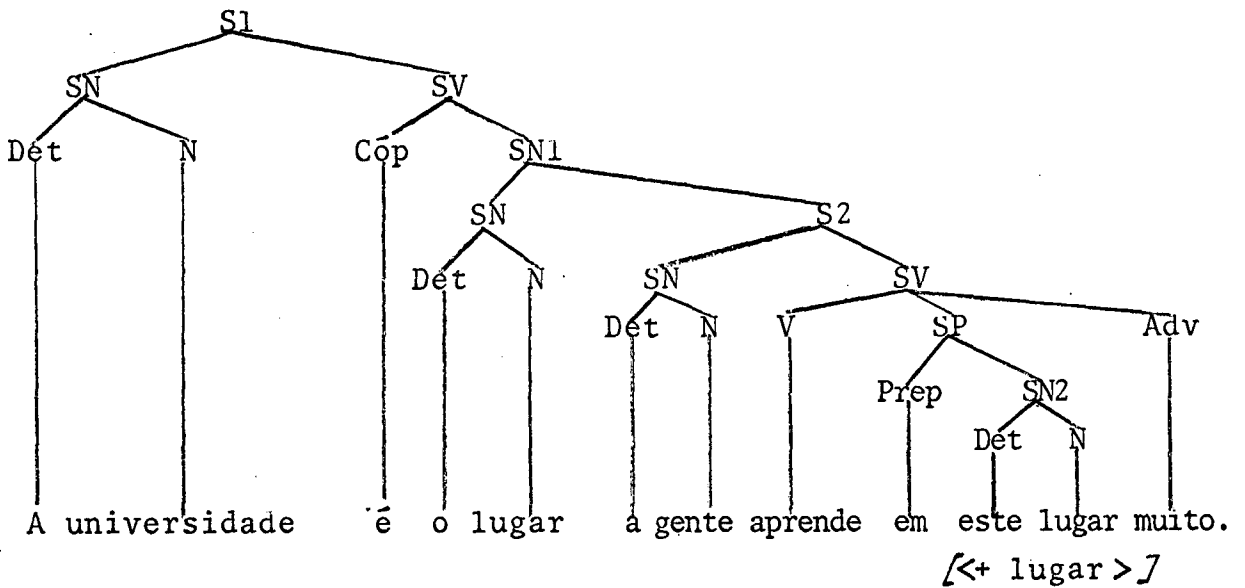
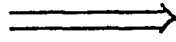
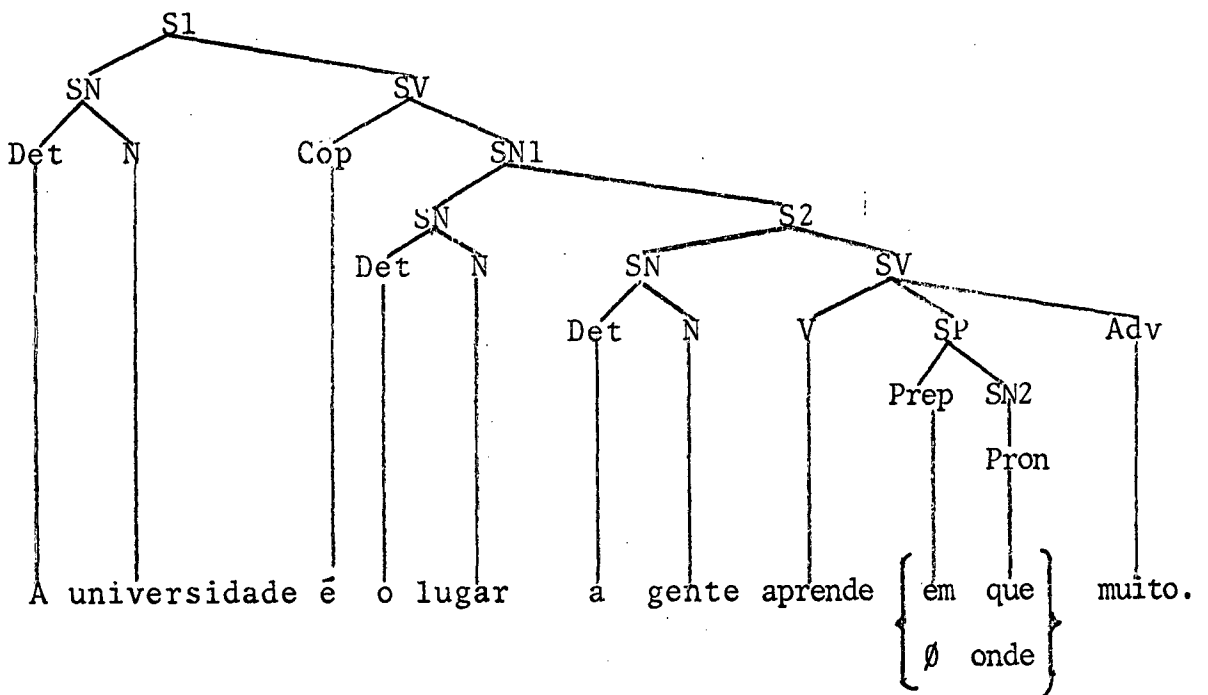
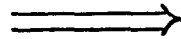


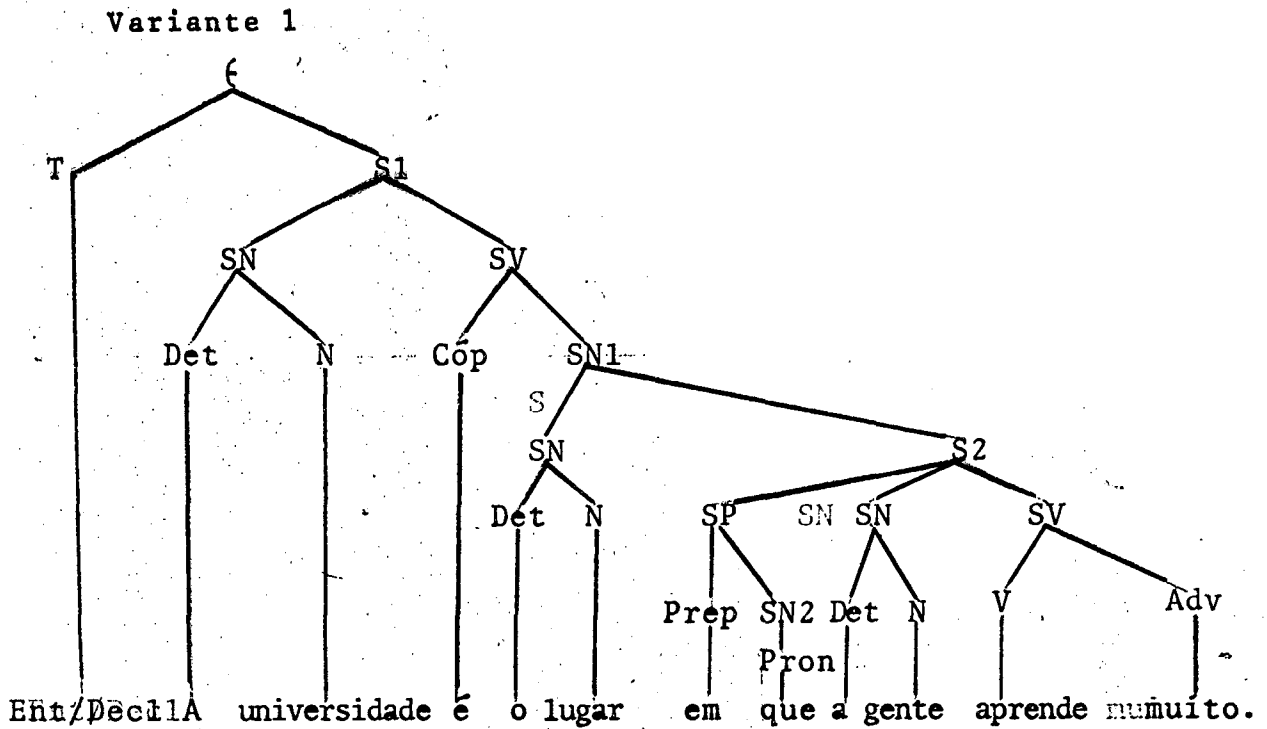
Diagrama 2.

Tr-perm



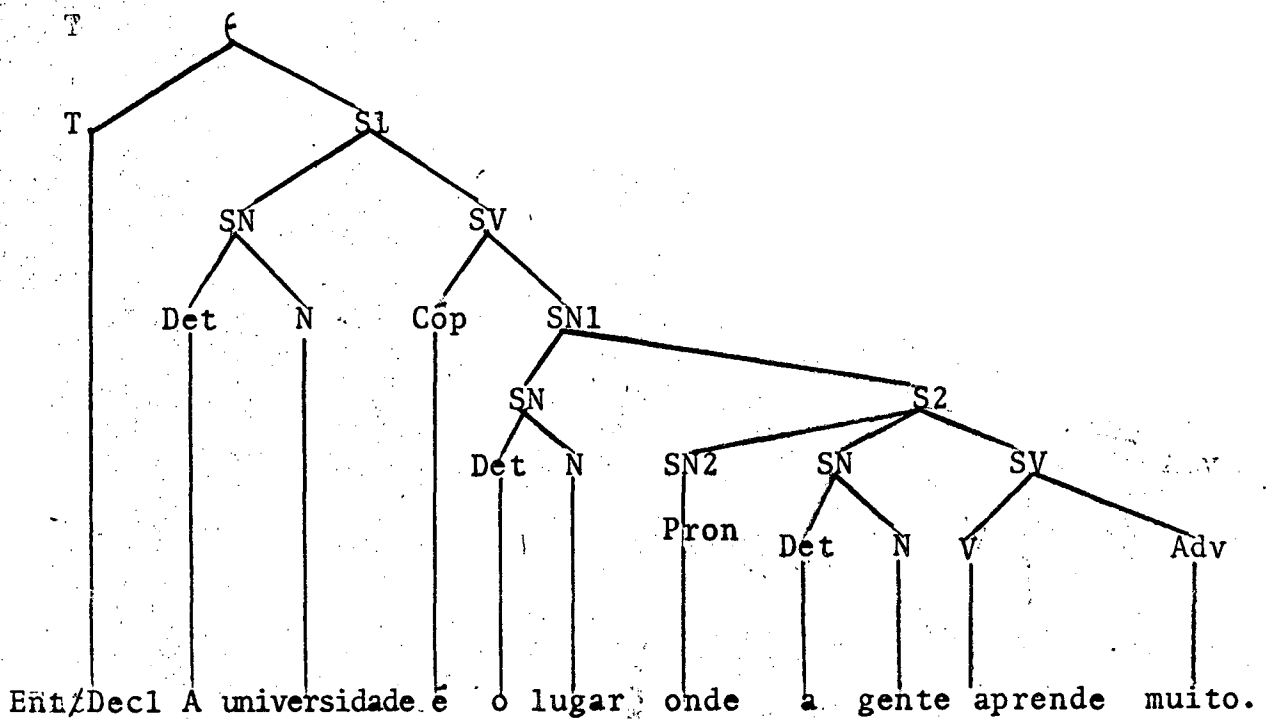
b) Estruturas superficiais

Diagrama 3



Variante 2

Diagrama 4

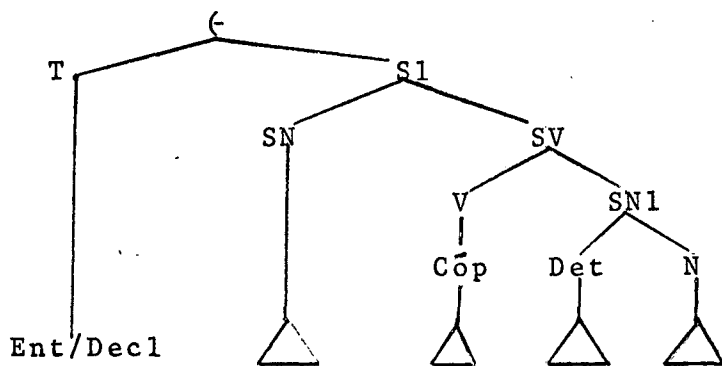


B - Caracterização:

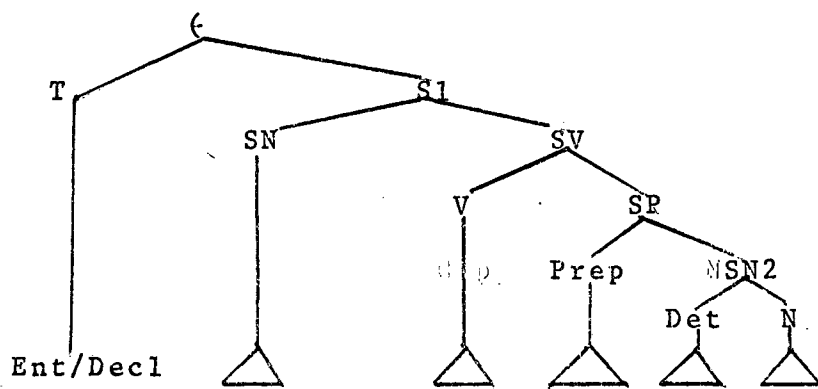
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido SV da S1;
2. O SN1 exerce a função de PredSu da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: PredSu - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulos, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Barra da Lagoa é uma praia.

2: Os banhistas nadam nessa praia bastante.

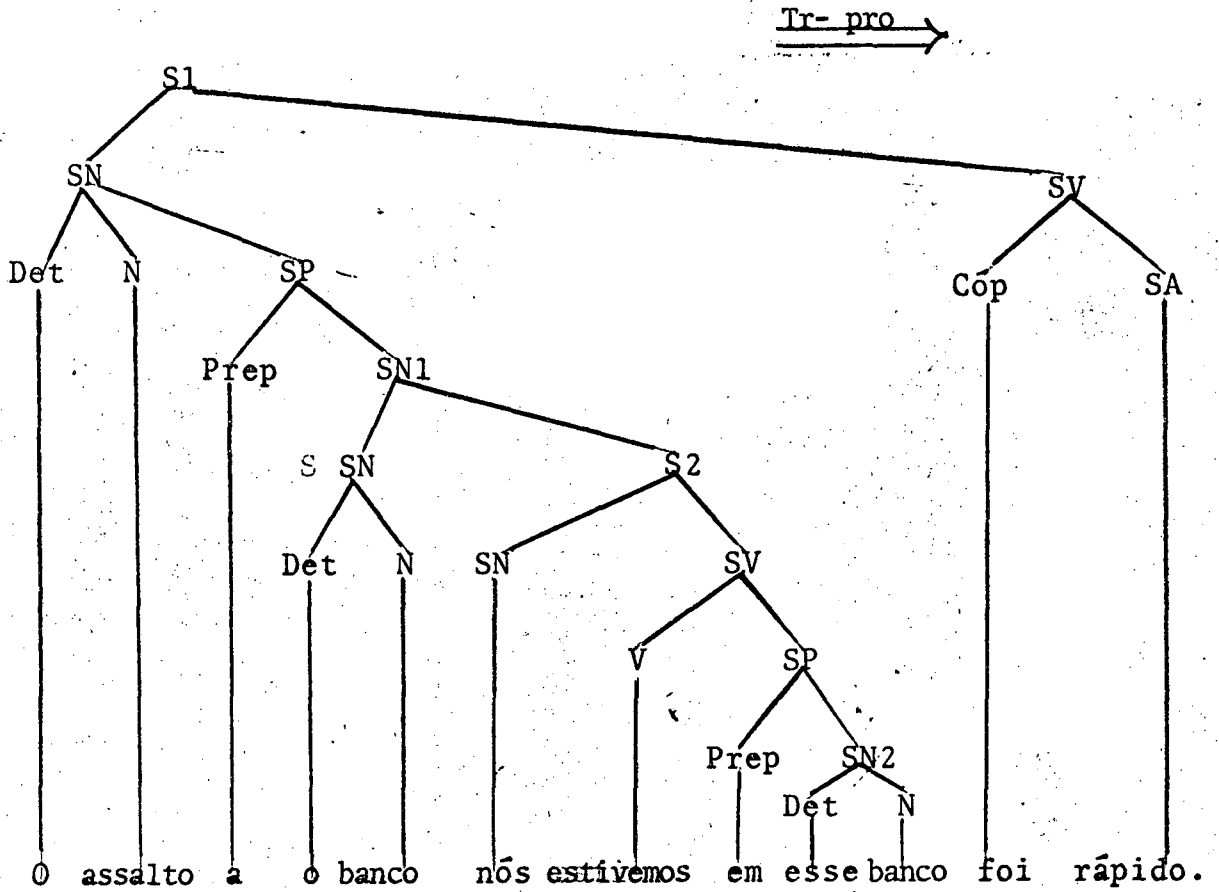
Sentença-resposta: A barra da Lagoa é uma praia em que
onde
na qual os
banhistas nadam bastante.

O ASSALTO AO BANCO ONDE ESTIVEMOS FOI RÁPIDO.

A- Descrição e Aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

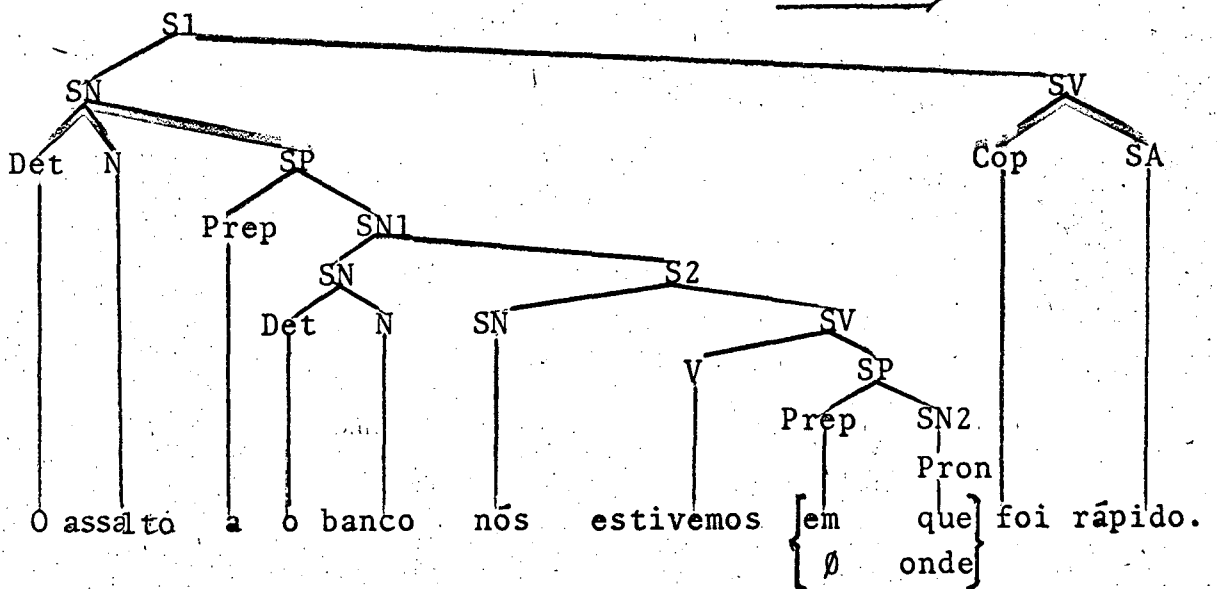


Tr- pro →

[<+ lugar>]

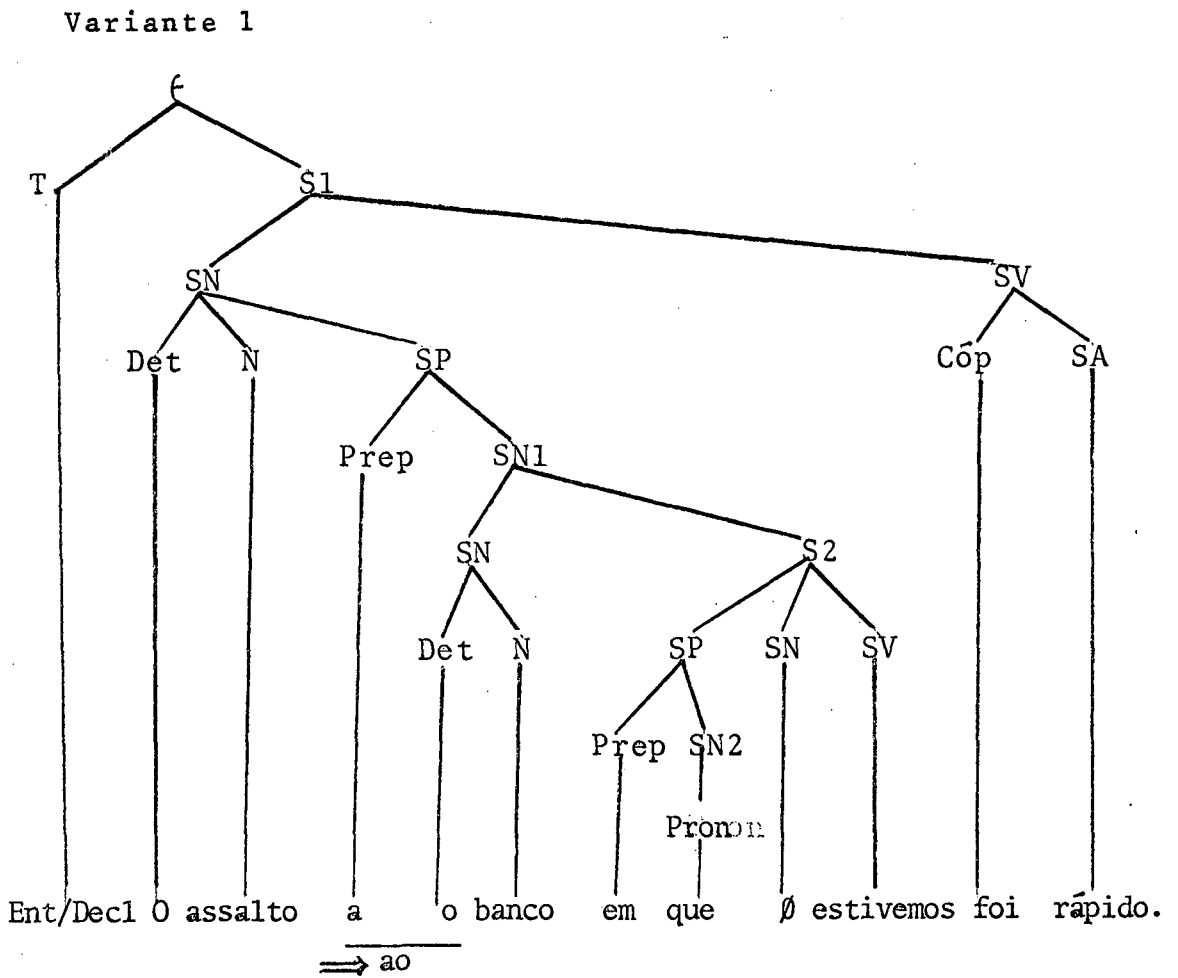
Diagrama 2

Tr- perm →



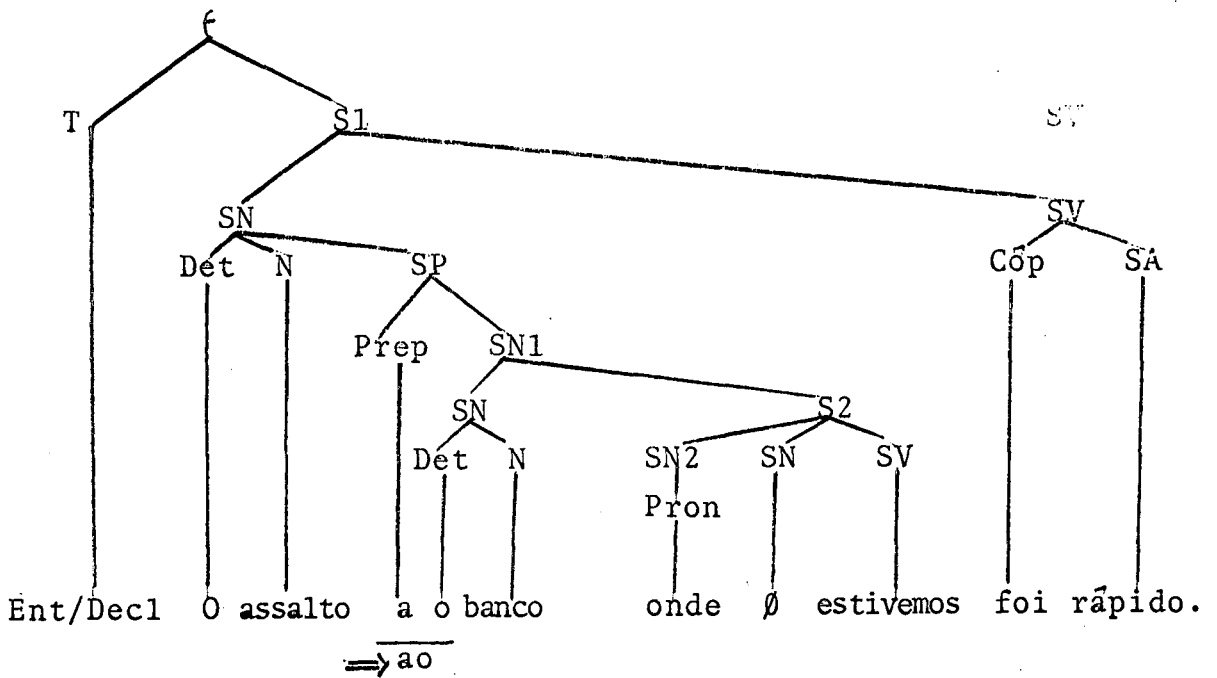
b) Estruturas superficiais:

Diagrama 3



Variante 2

Diagrama 4

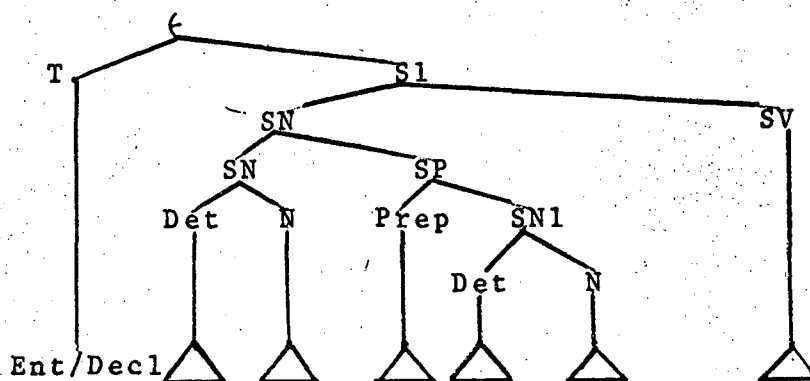


B - Caracterização:

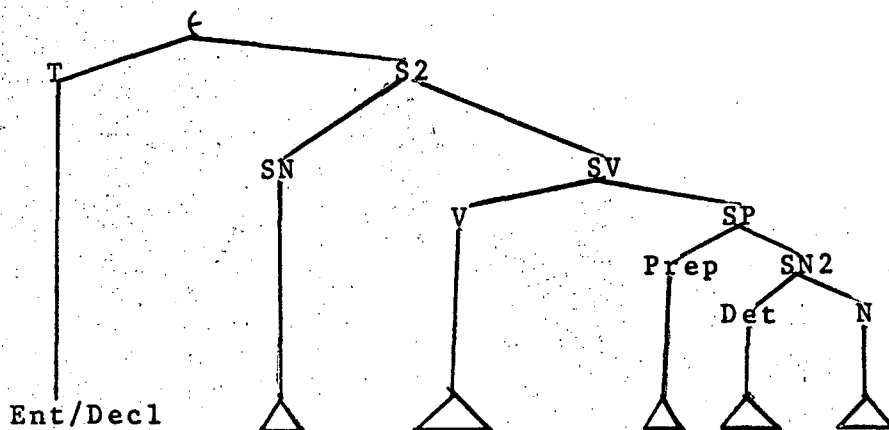
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SP do SN Su da S1;
2. O SN1 exerce a função de CN da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: CN - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O amor à pátria é nobre.

2: Nós vivemos nesta pátria:

Sentença-resposta: O amor à pátria $\left\{ \begin{array}{l} \text{em que} \\ \text{onde} \\ \text{na qual} \end{array} \right\}$ vivemos é nobre.

OS PRÉDIOS DA CIDADE ONDE ELE MORA SÃO MODERNOS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

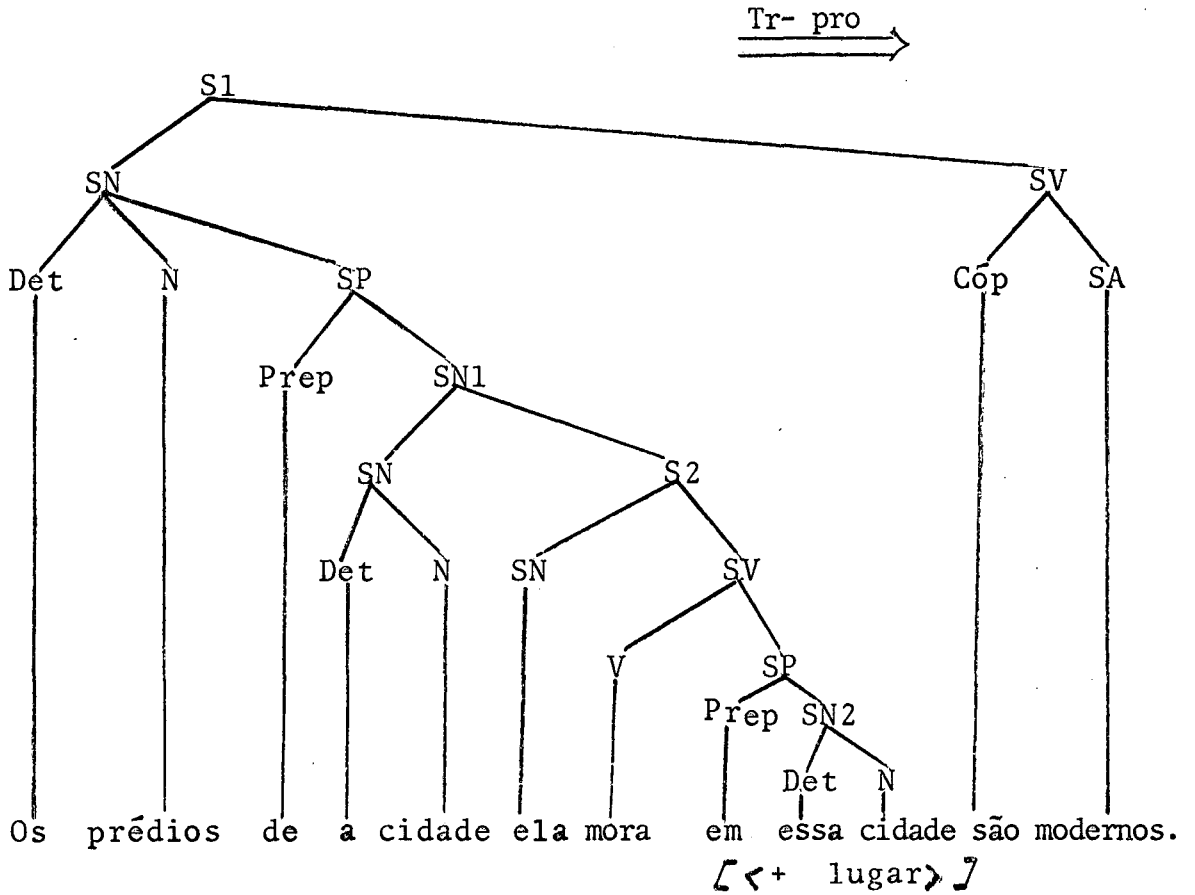
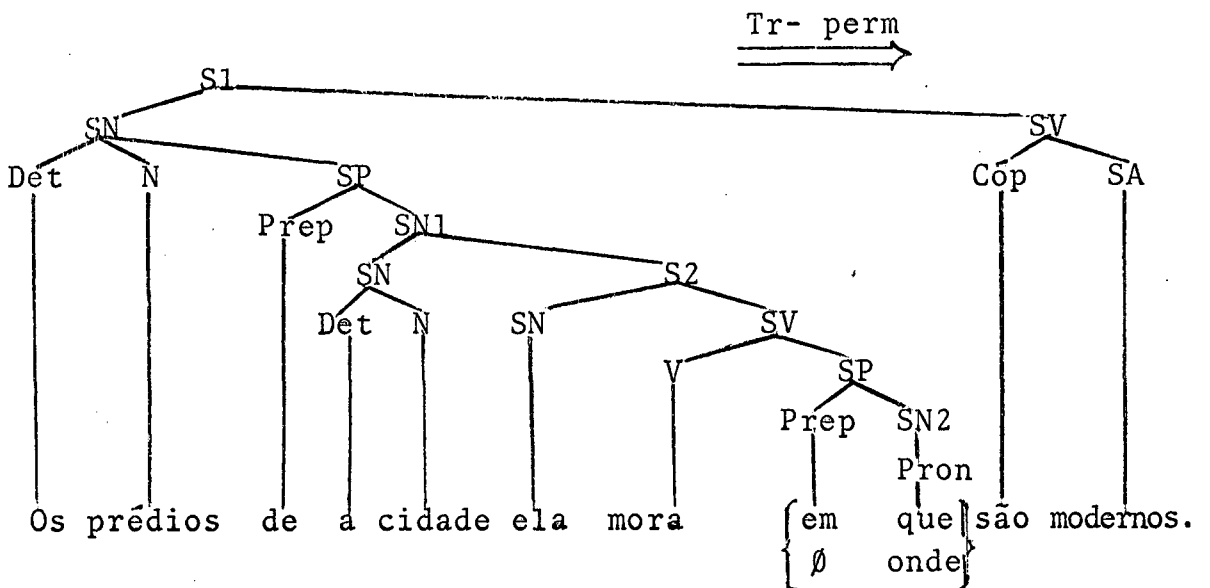


Diagrama 2



b) Estruturas superficiais:

Diagrama 3

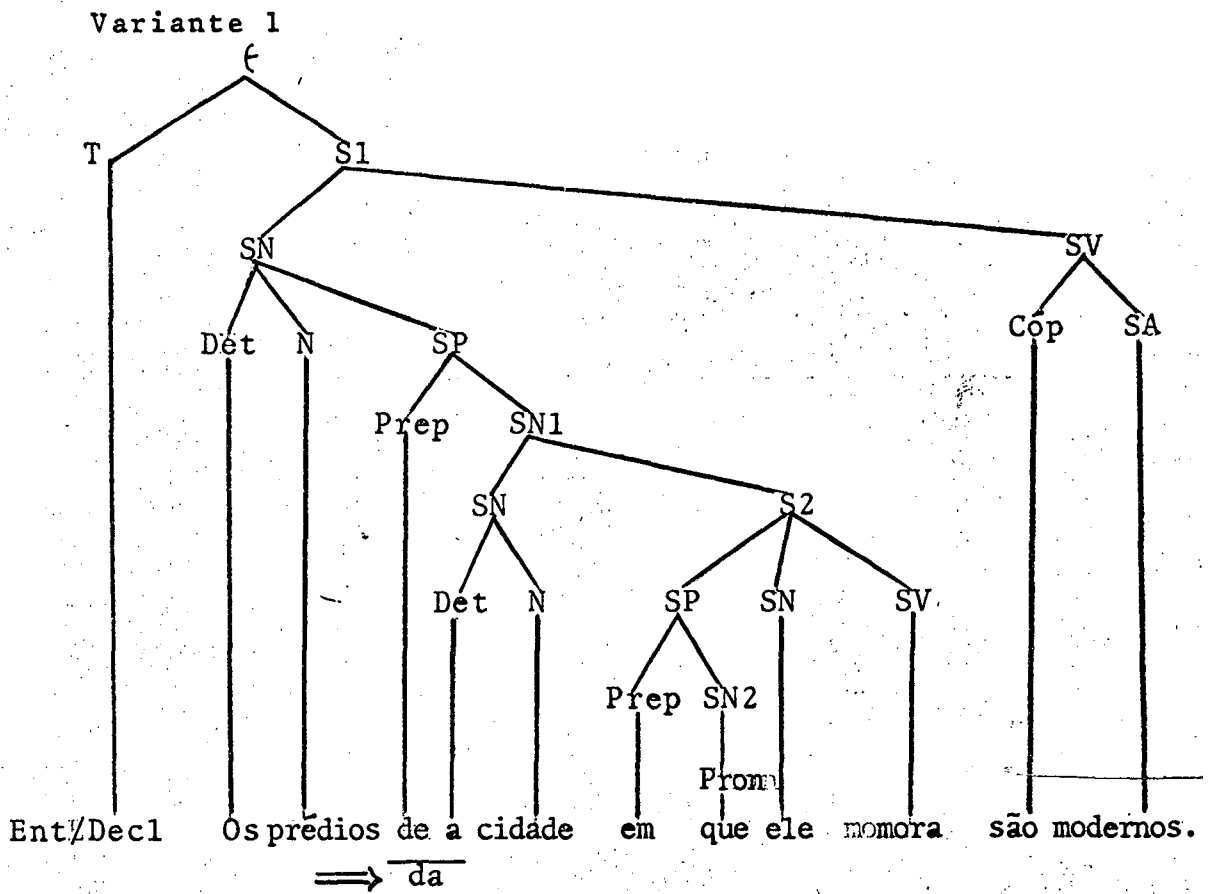
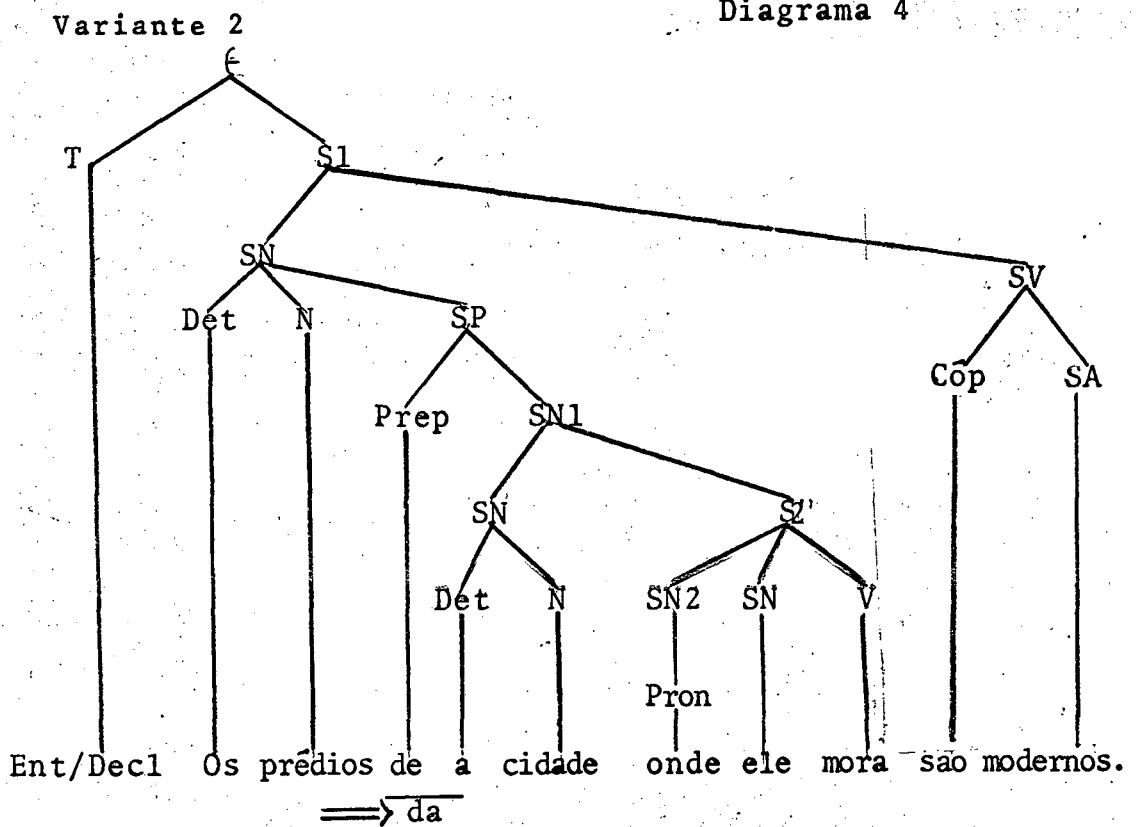


Diagrama 4

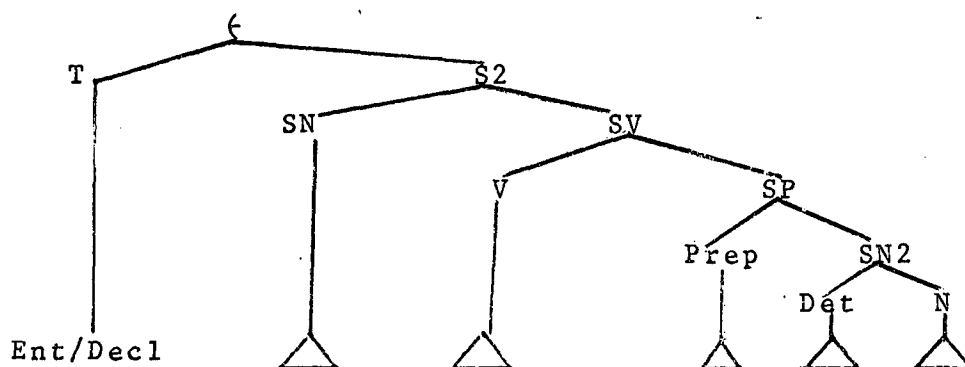
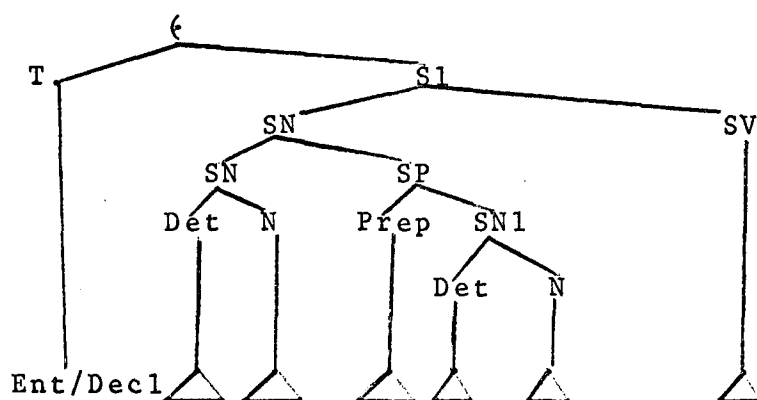


B - Caracterização:

1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido no SP de um SN da S1;
2. O SN1 exerce a função de AAdn da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: AAdn - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-stímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O dinheiro da Prefeitura desapareceu.

2: Ele trabalha nesta prefeitura.

Sentença-resposta: O dinheiro da Prefeitura $\left\{ \begin{array}{l} \text{em que} \\ \text{onde} \\ \text{na qual} \end{array} \right\}$ ele
trabalha desapareceu.

Subconjunto - D

Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo CUJO

Sentença-modelo 27

O RELÓGIO DE PEDRO CUJO PAI MORREU NA CHEIA DESAPARECEU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

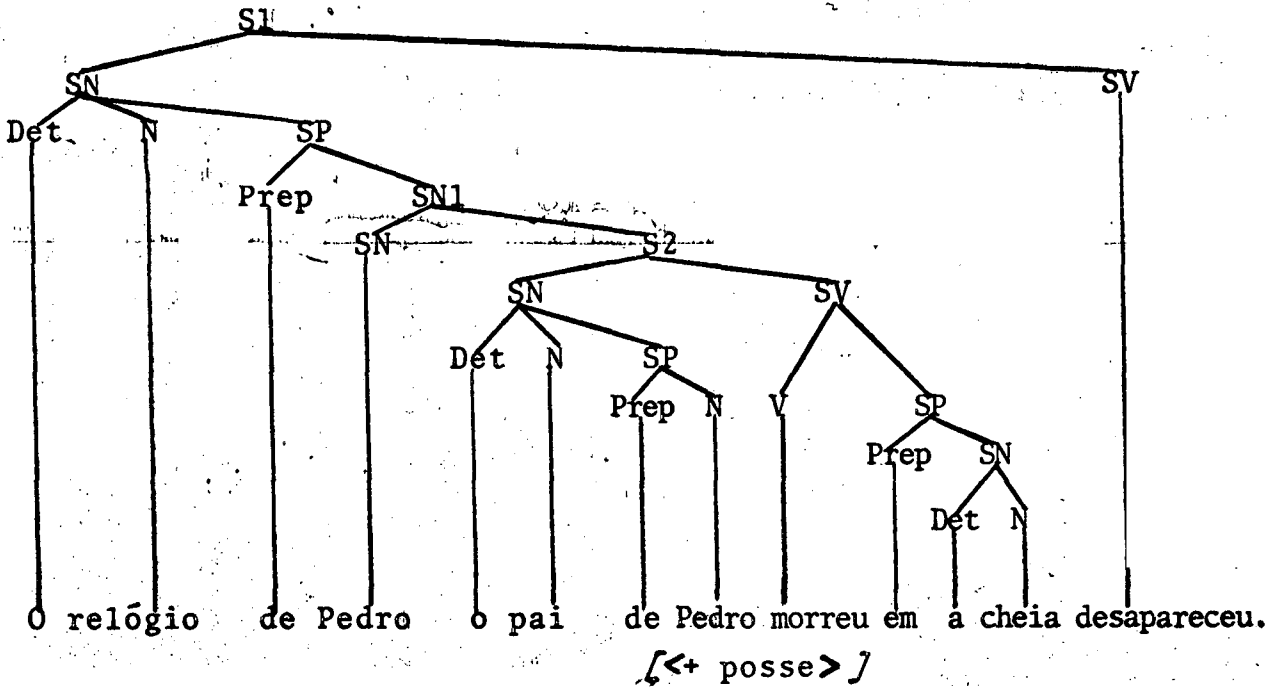
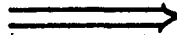
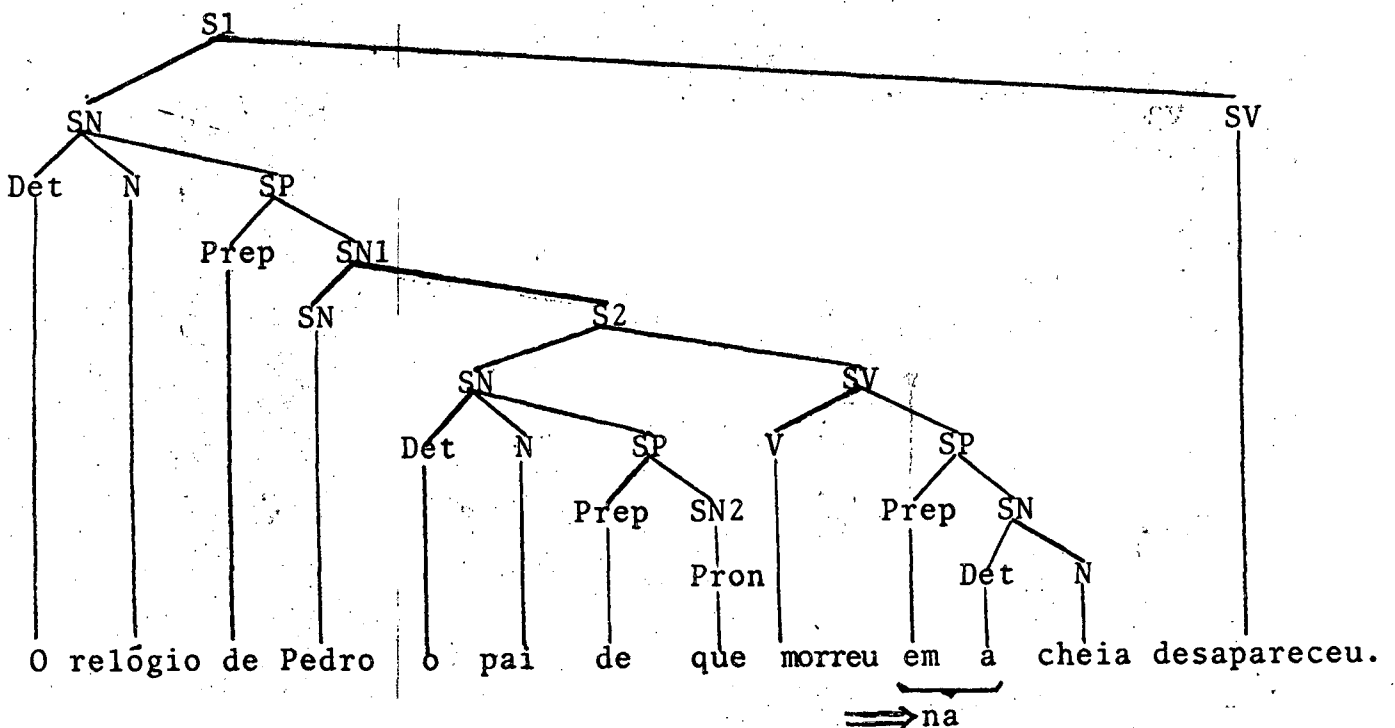
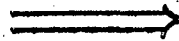


Diagrama 2

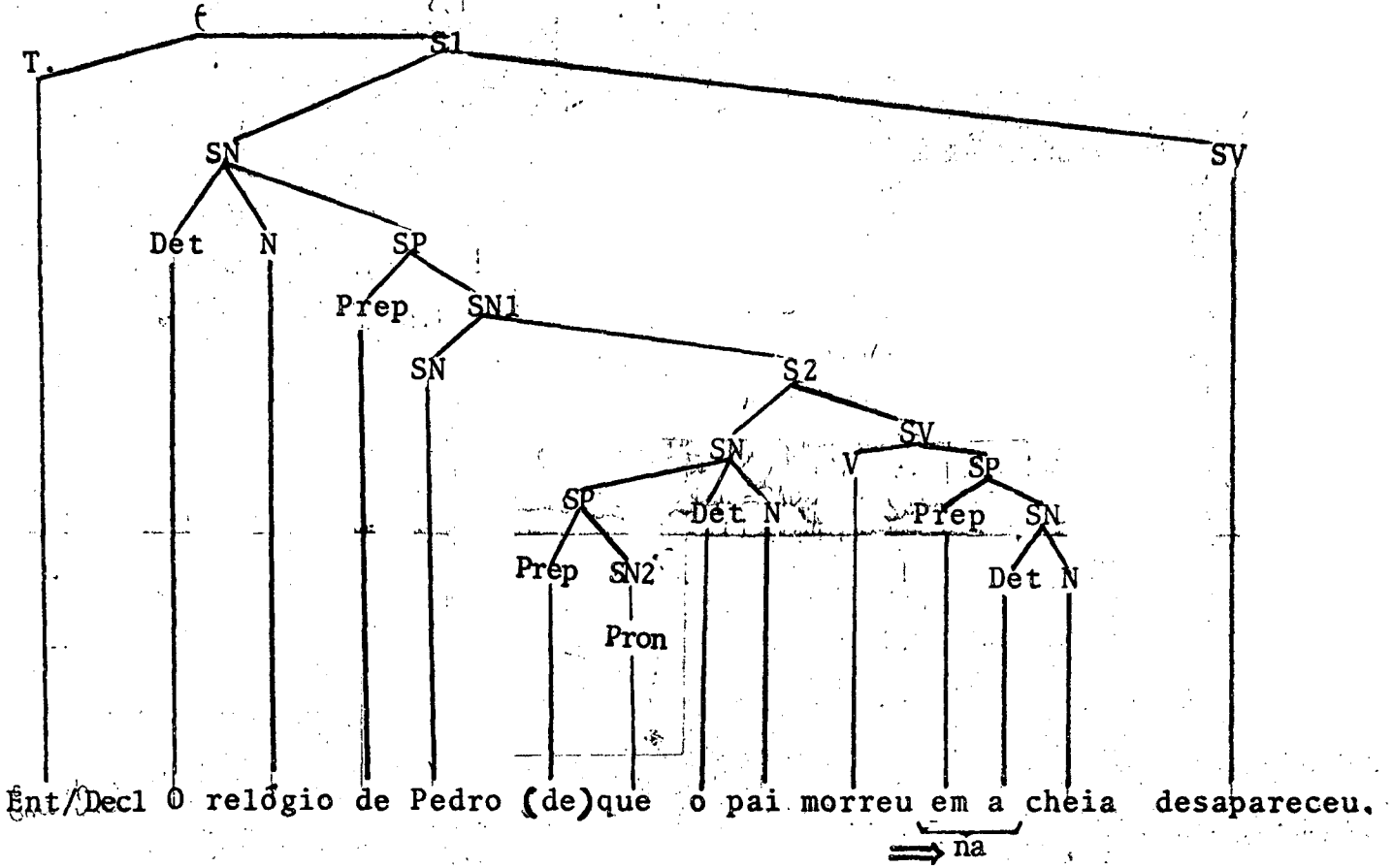
Tr-perm



b) Estruturas superficiais:

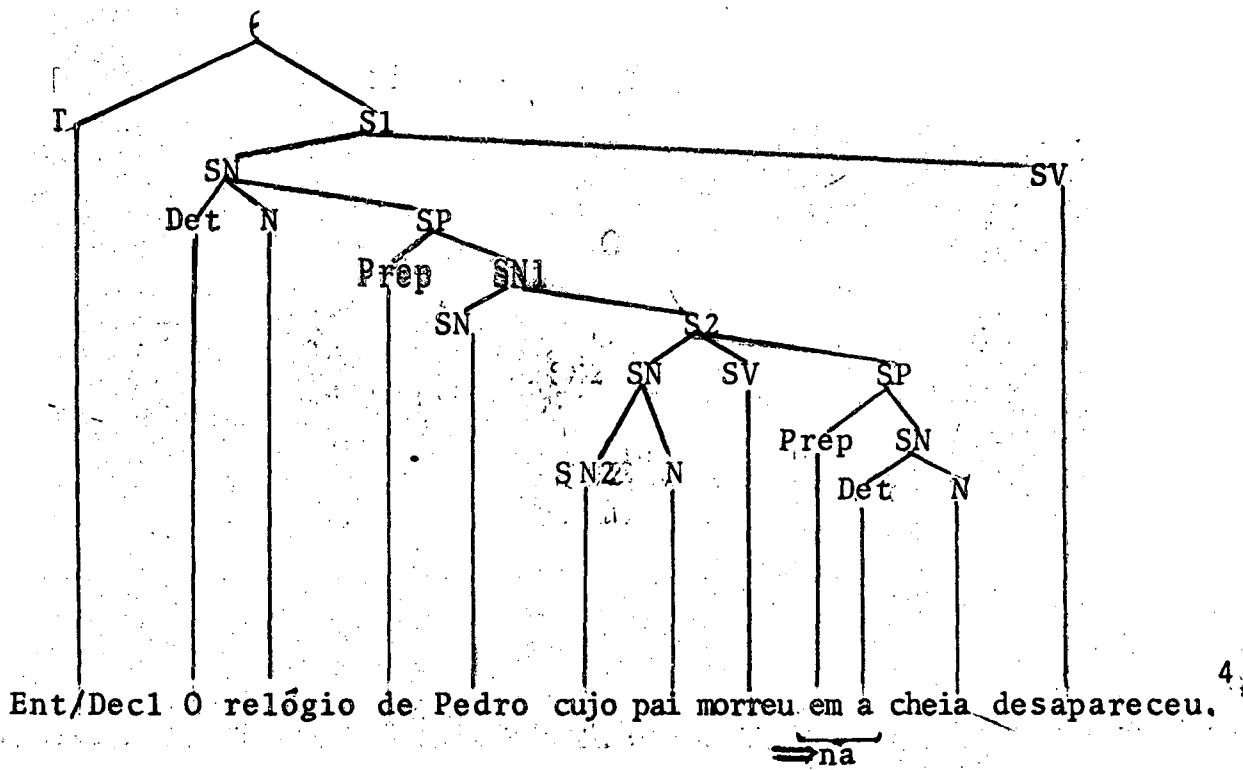
Diagrama 3

Variante informal



Variante formal

Diagrama 4

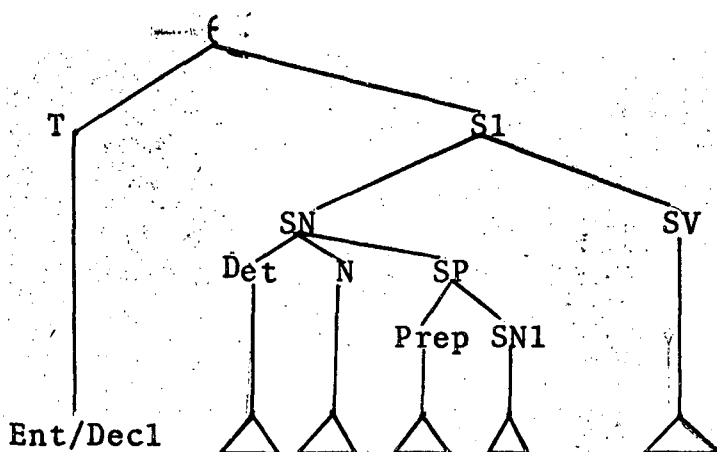


B - Características:

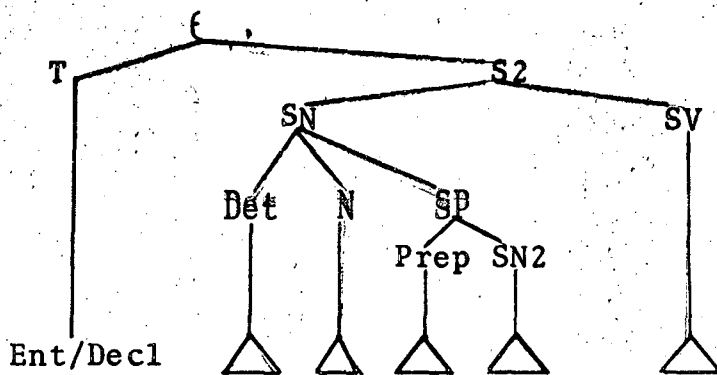
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de AAdn da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdn da S1;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: AAdn - AAdn

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O compasso do garoto reapareceu.
O pai desse garoto está queixoso.

Sentença-resposta: O compasso do garoto cujo pai está queixoso reapareceu.

Sentença-modelo 28

OS PAIS CUJOS FILHOS ESTUDAM SÃO MUITO FELIZES.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

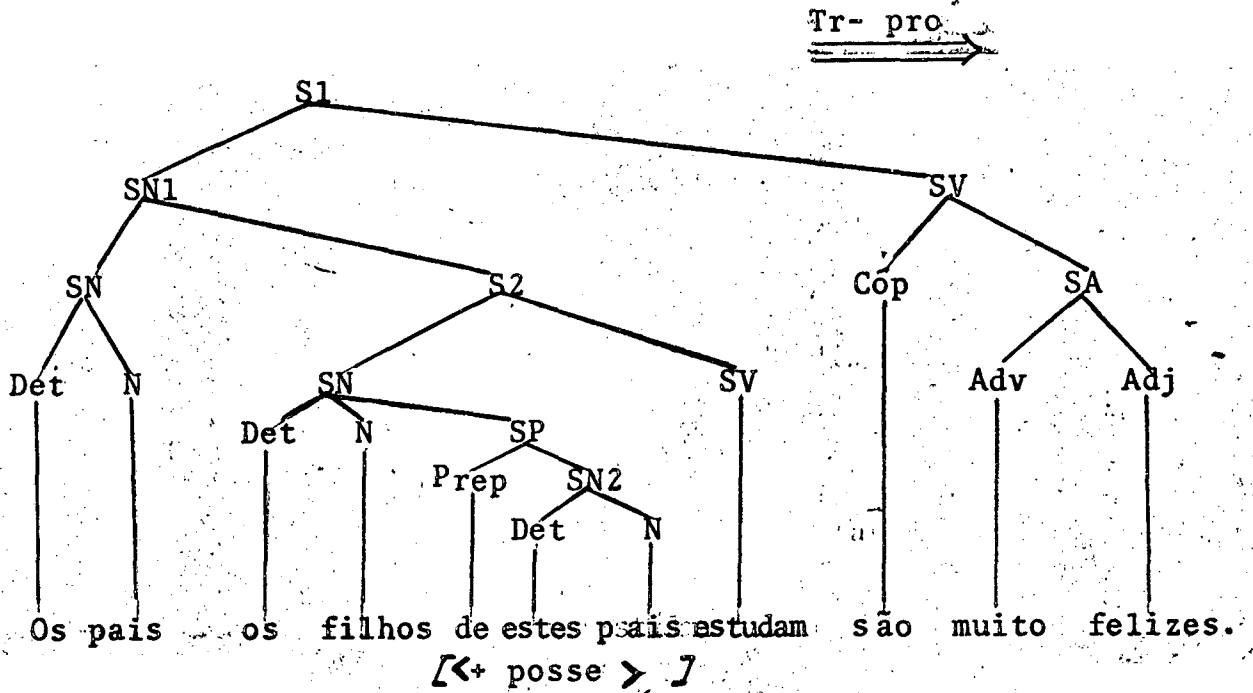
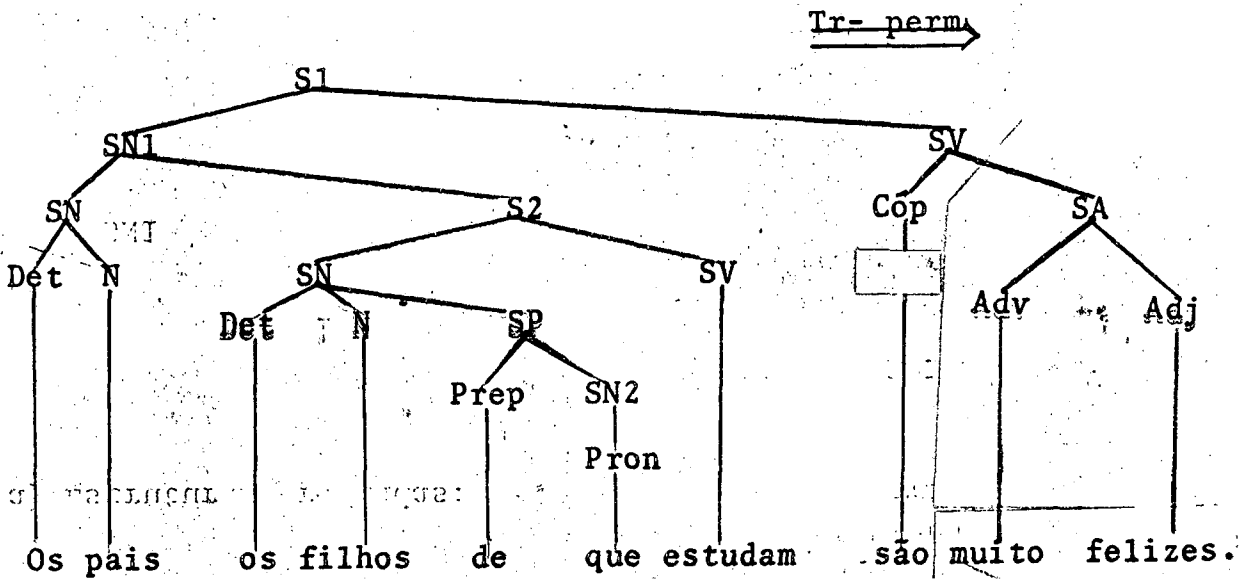


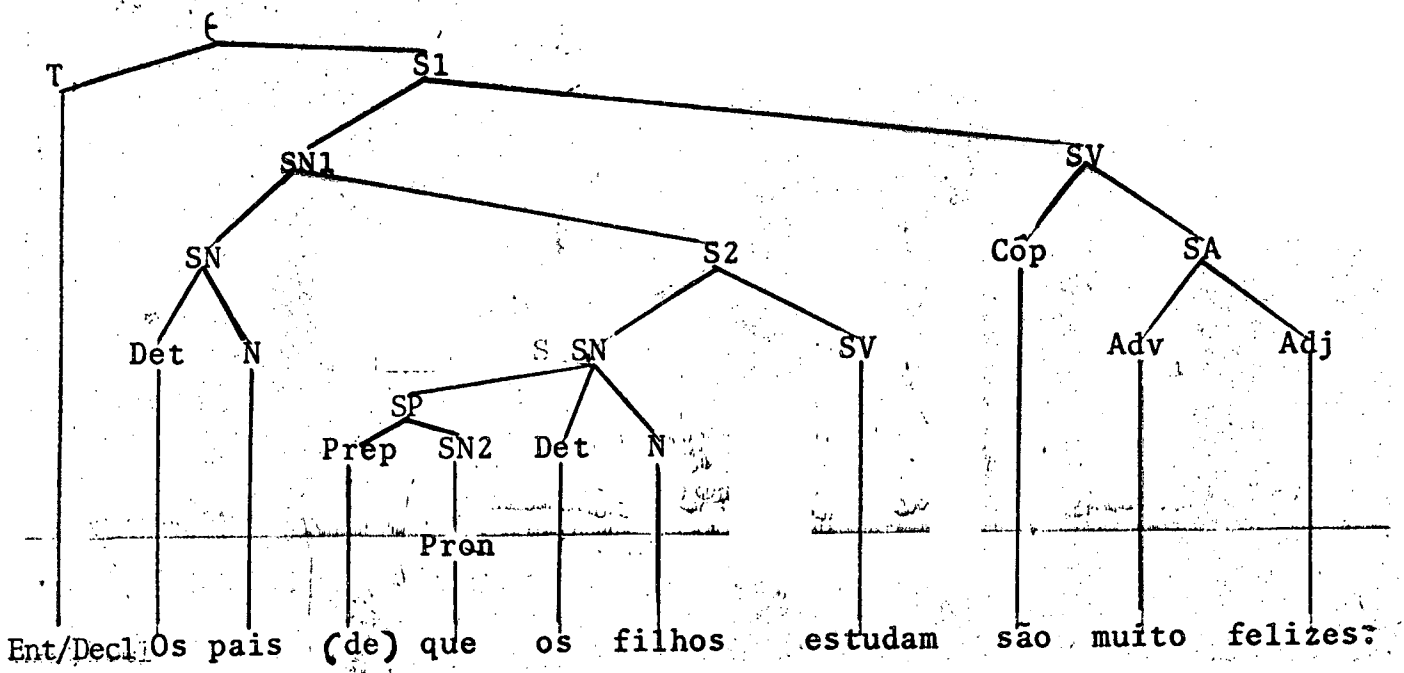
Diagrama 2



b) Estruturas superficiais:

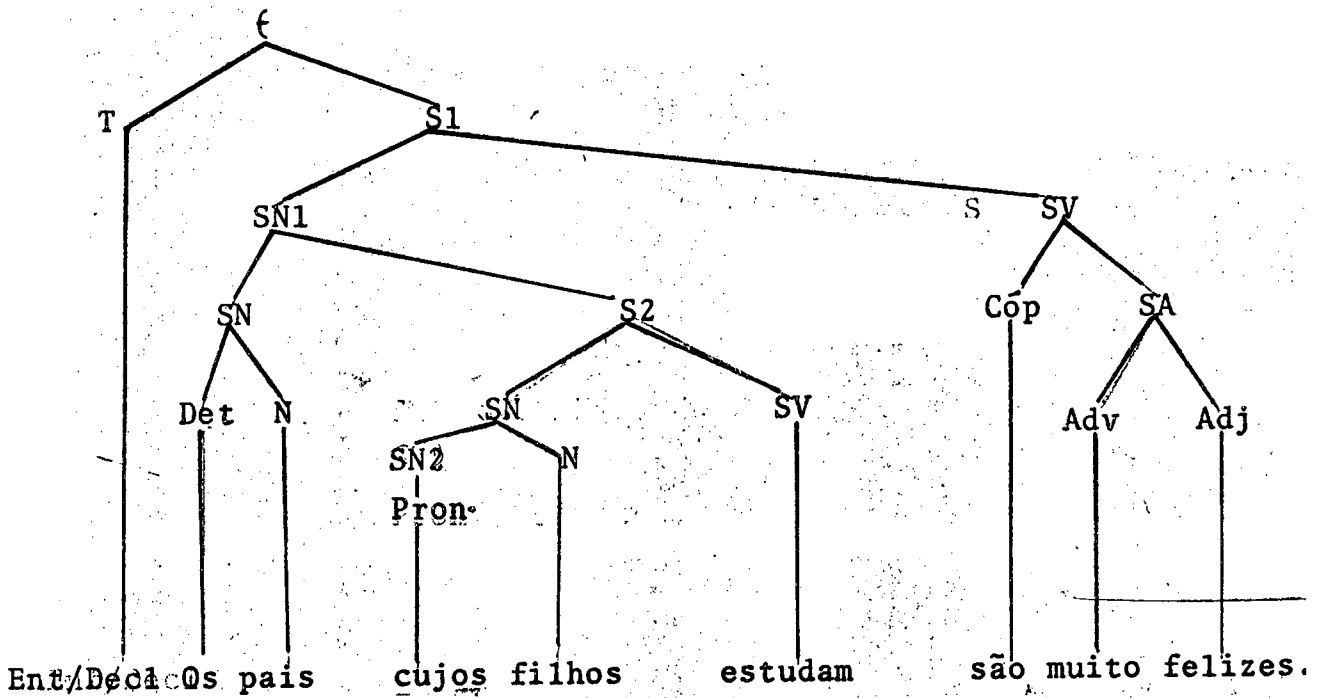
Diagrama 3.

Variante informal



Variante formal

Diagrama 4.

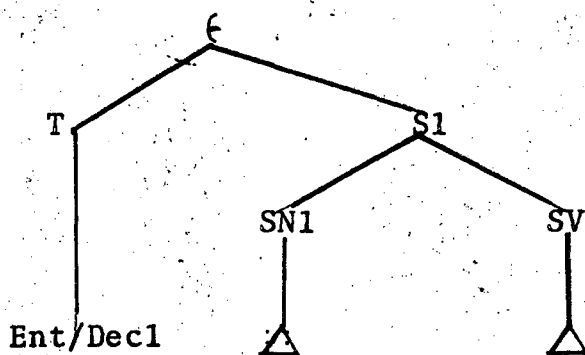


B - Caracterização:

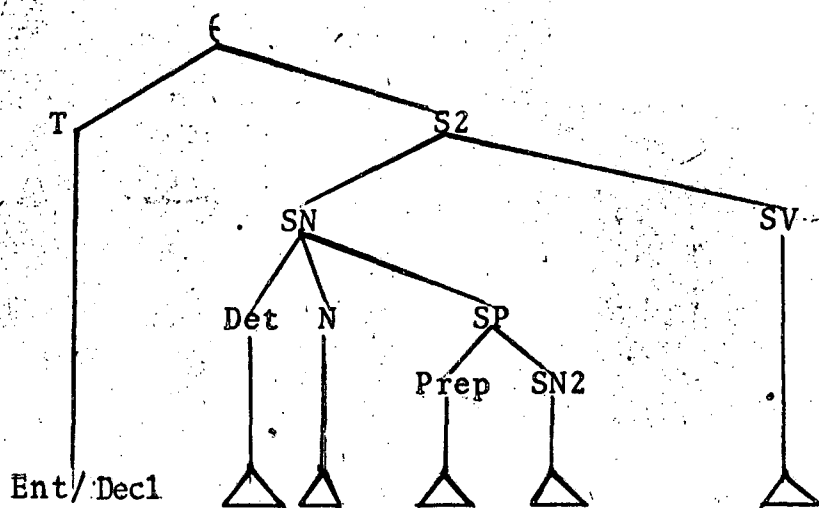
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de Su da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdn da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: Su - AAdn.

C - Sugestões para a organização dos exercícios:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) A primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O rapaz é meu aluno.

2: O pai de tal rapaz está apressado.

Sentença-resposta: O rapaz cujo pai está apressado é meu aluno.

Sentença-modelo 29

A CASA DE CUJA COR VOCÊ GOSTA RUIU.⁵

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

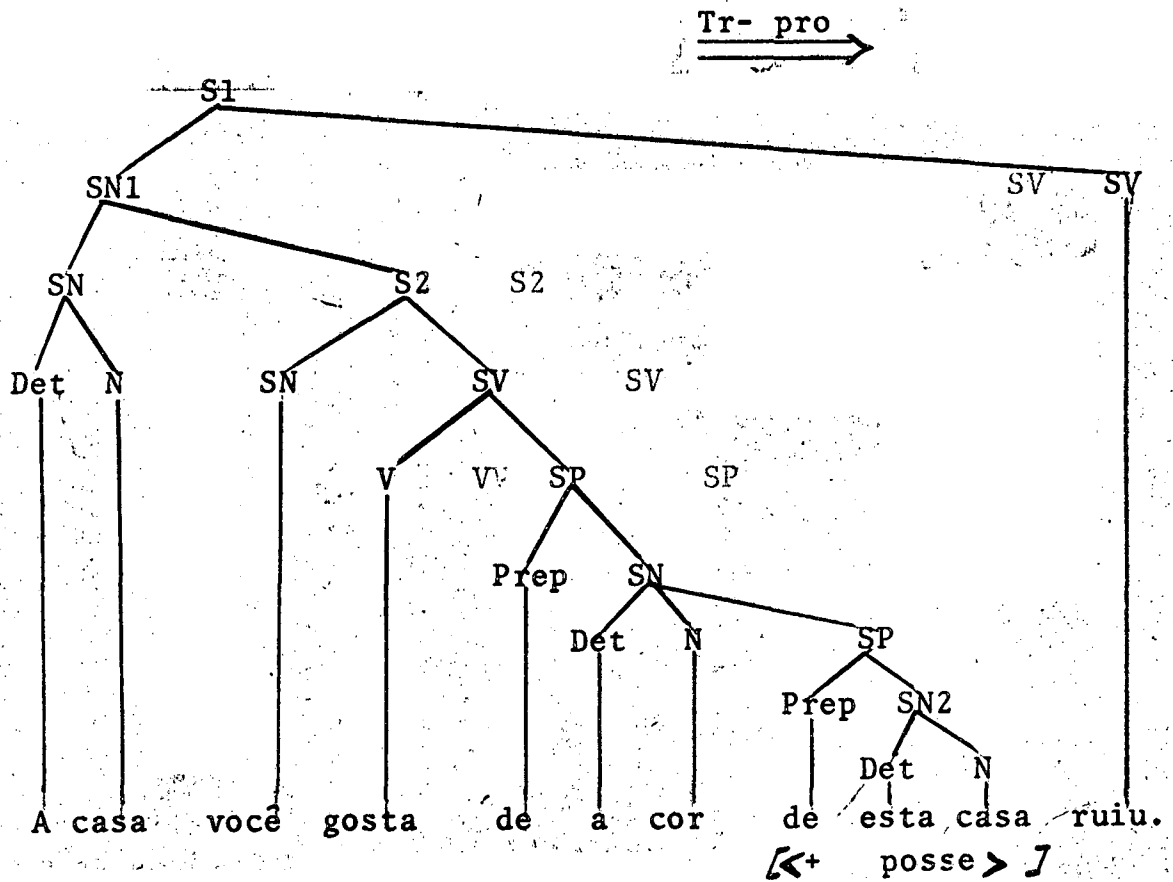
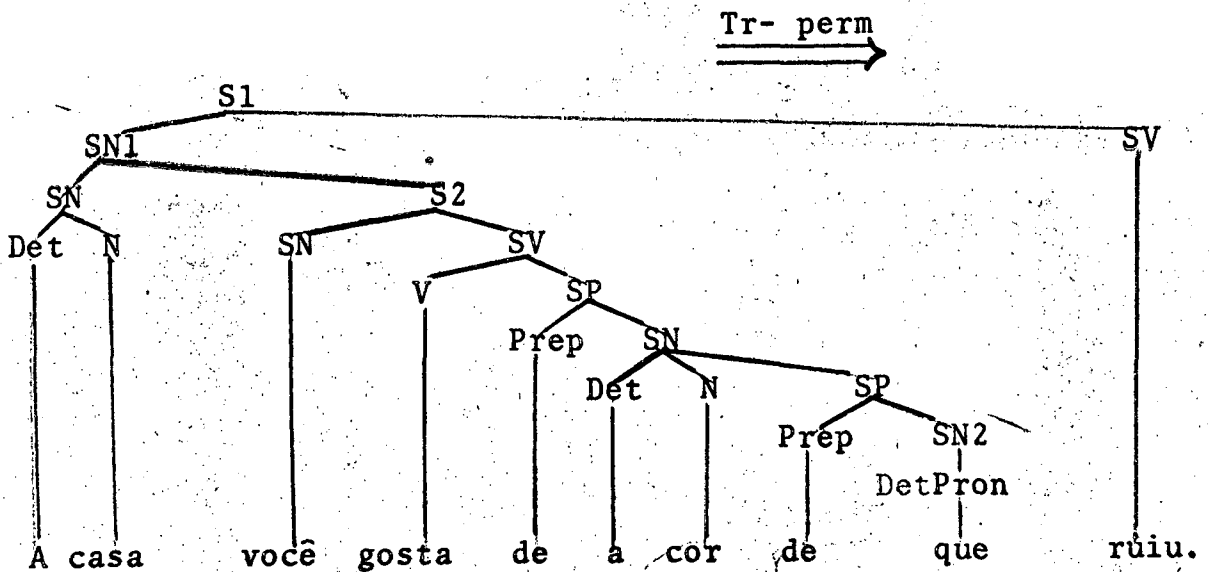


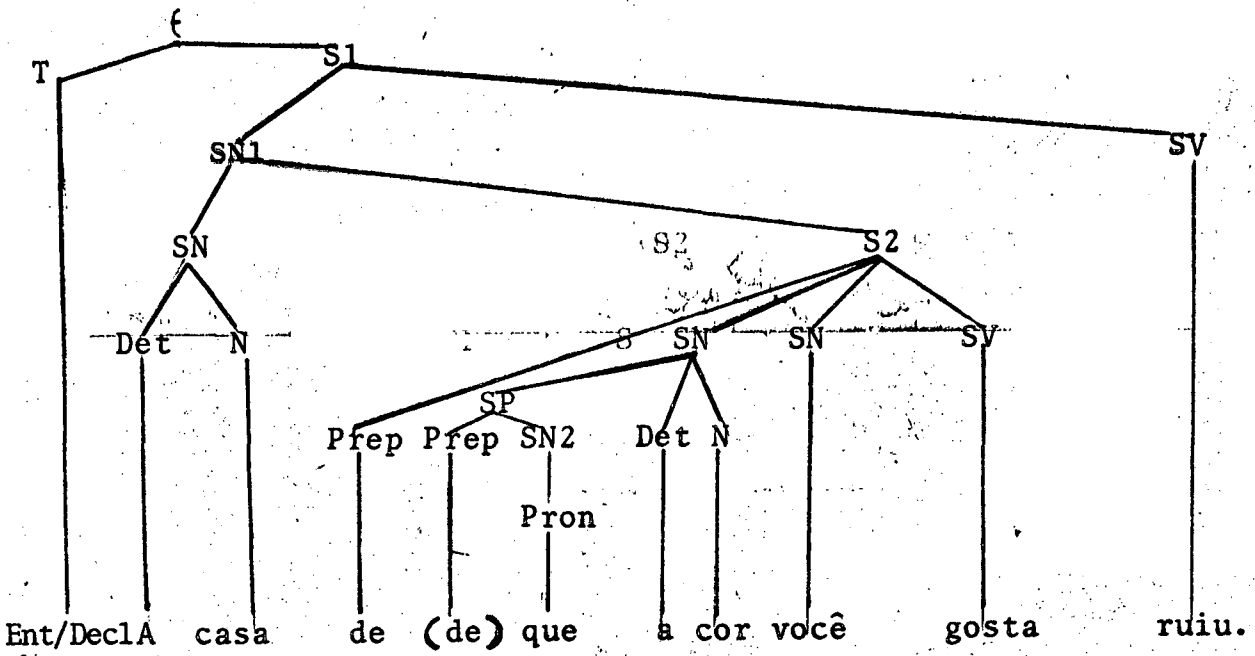
Diagrama 2



b) Estruturas superficiais:

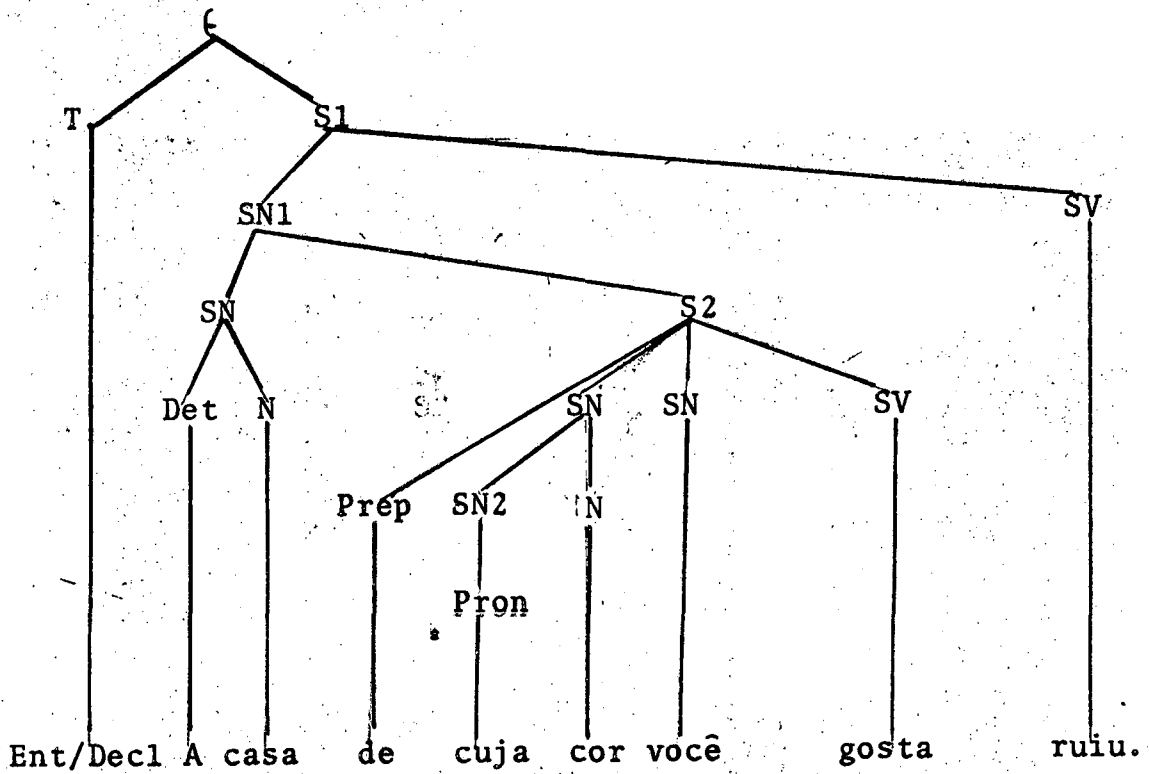
Diagrama 3

Variante informal



Variante formal

Diagrama 4

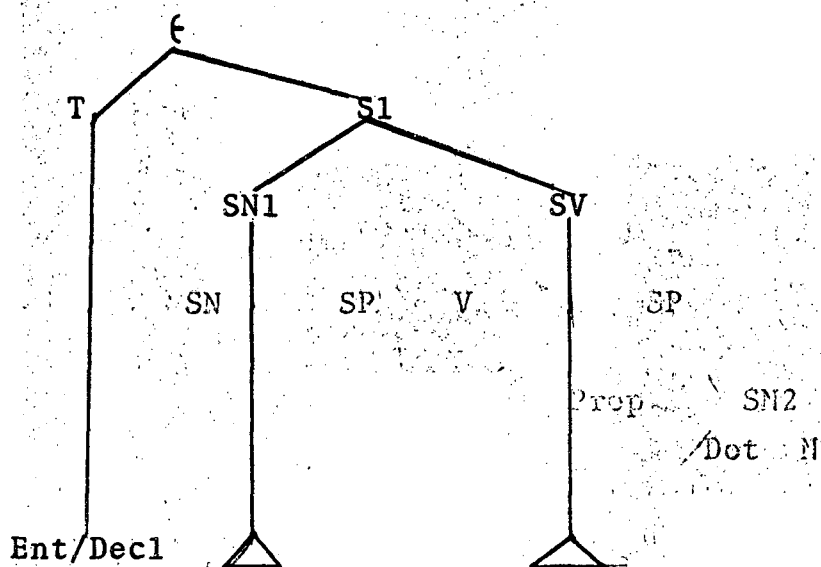


B - Caracterização:

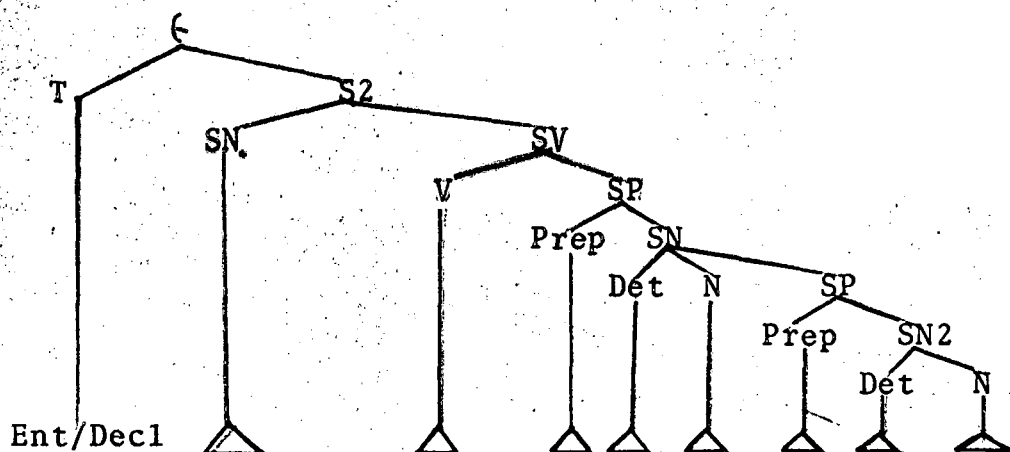
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de Su da S1;
3. O SN1 exerce a função de AAdn da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Su - AAdn.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O livro desapareceu.
 2: Você falou sobre as ilustrações do livro.

Sentença-resposta: O livro sobre cujas ilustrações você falou desapareceu.

Sentença-modelo 30

DOIS ENGENHEIROS CONSTRUÍRAM O PRÉDIO CUJAS PLANTAS ESTÃO AQUI.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr - pro →

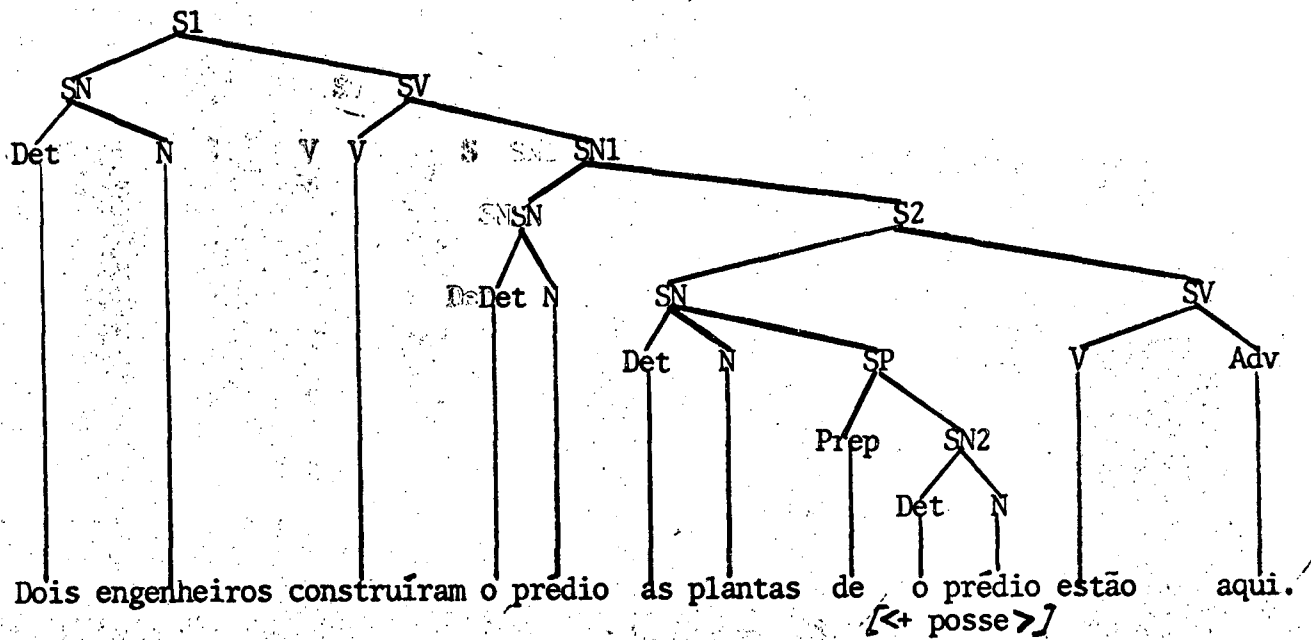
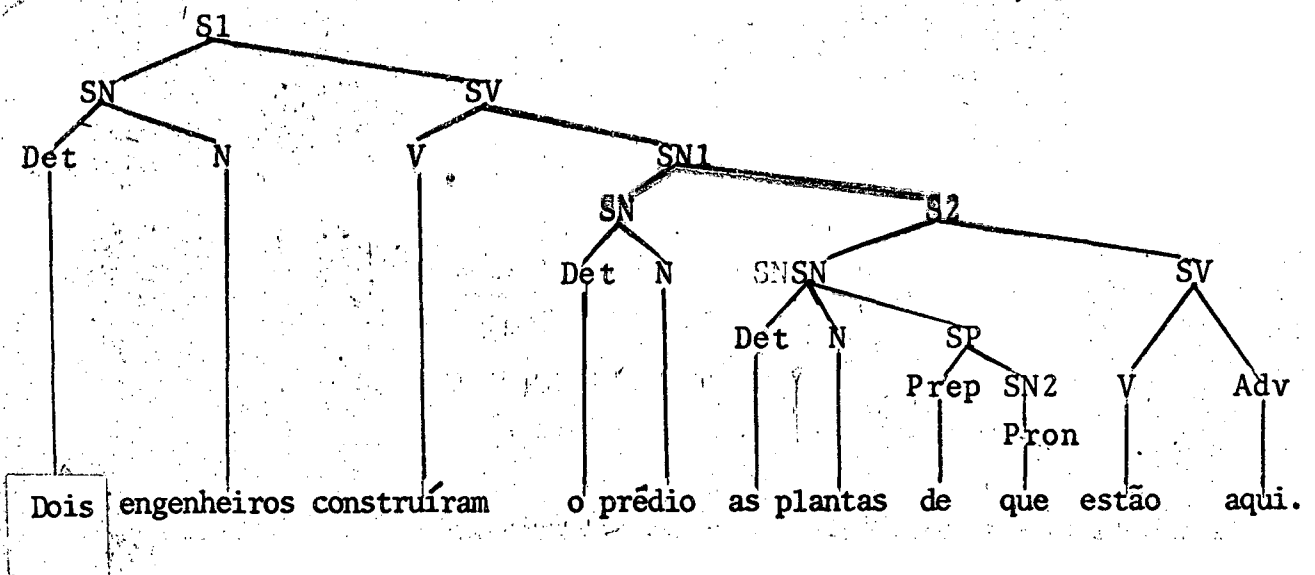


Diagrama 2

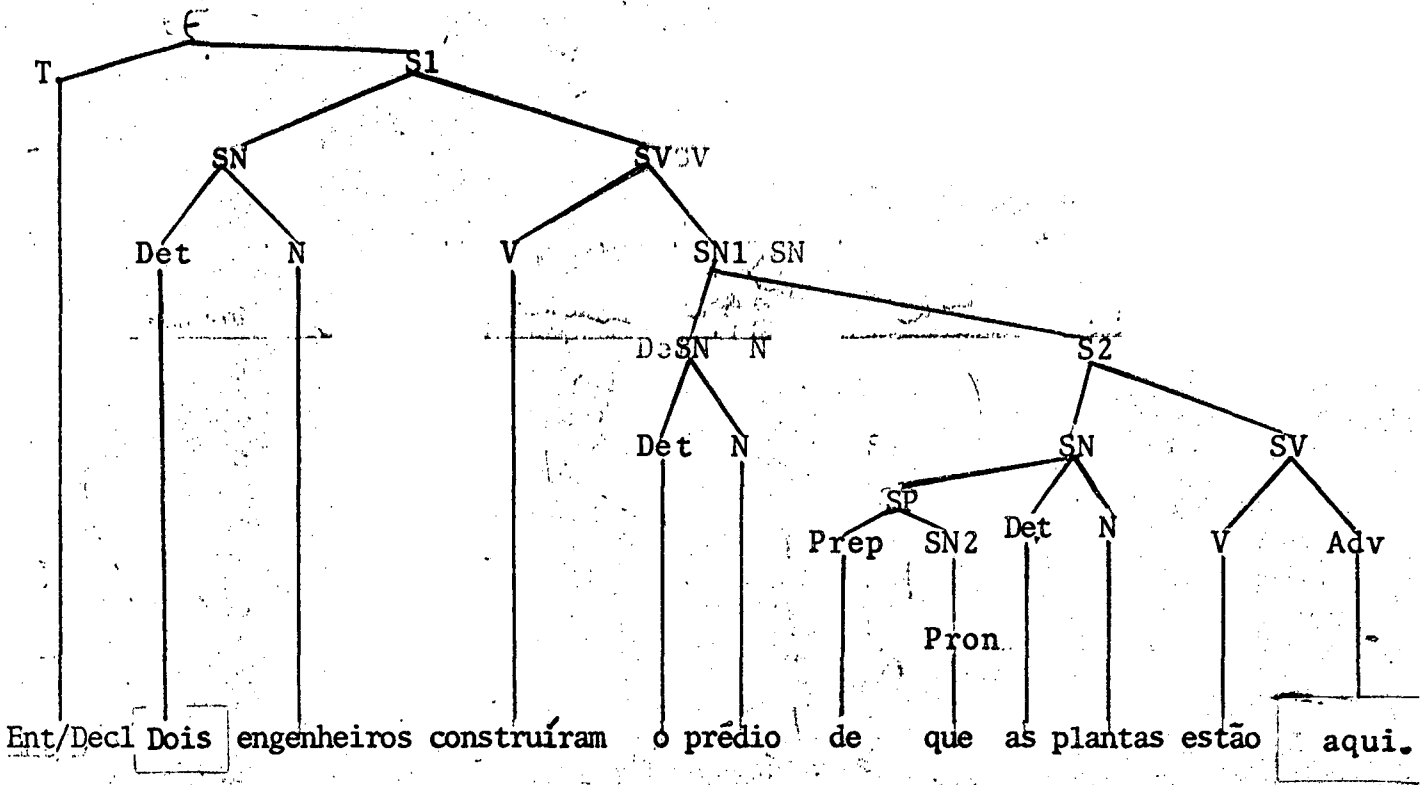
Tr - perm →



b) Estruturas superficiais:

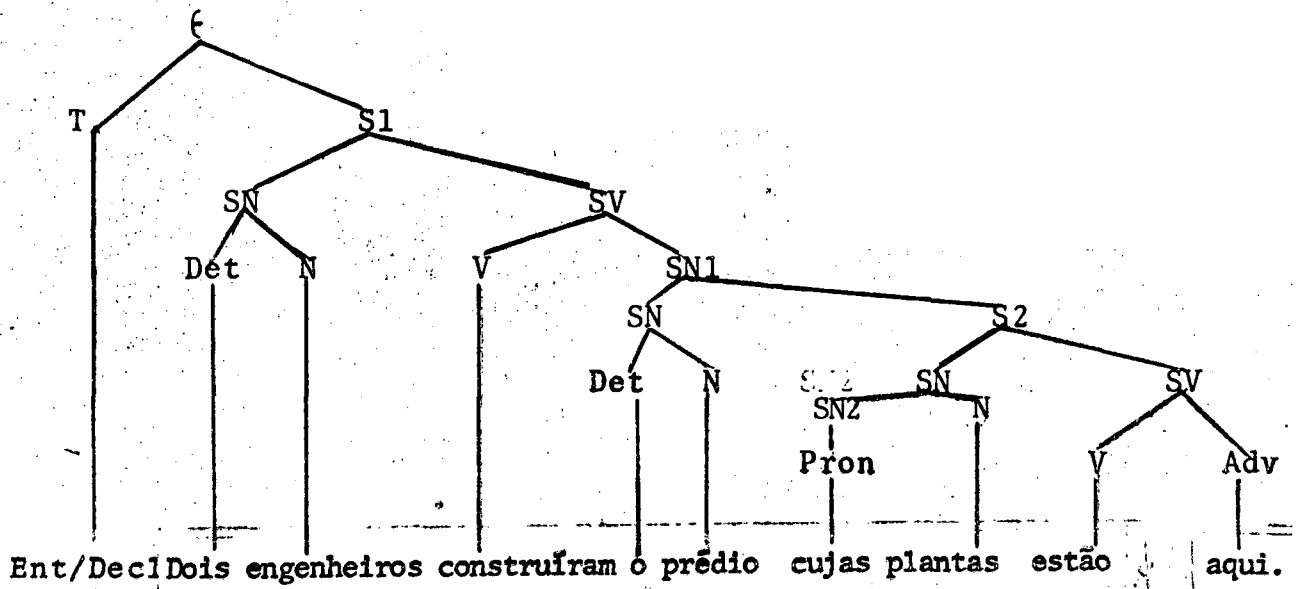
Diagrama 3

Variante informal



Variante formal

Diagrama 4

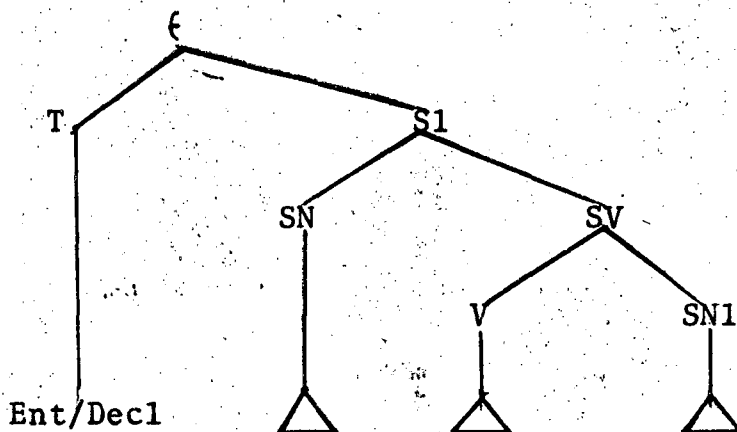


B - Caracterização:

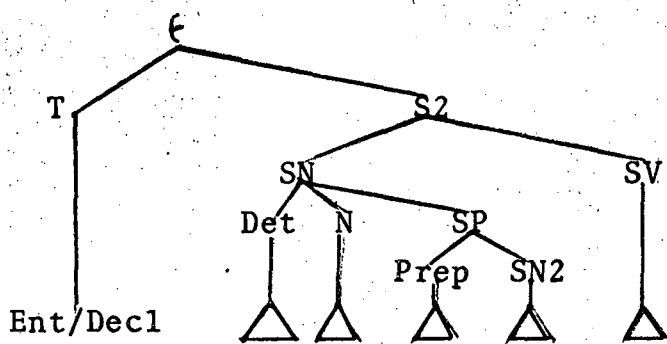
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de OD da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdn da S1;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: OD - AAdn.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Pedro assistiu o filme.

2: O enredo do filme foi fraquíssimo.

Sentença-resposta: Pedro assistiu o filme cujo enredo foi fraquíssimo.

Sentença-modelo 31

NÓS CONFIAMOS EM PESQUISAS CUJAS INVESTIGAÇÕES SÃO HONESTAS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro →

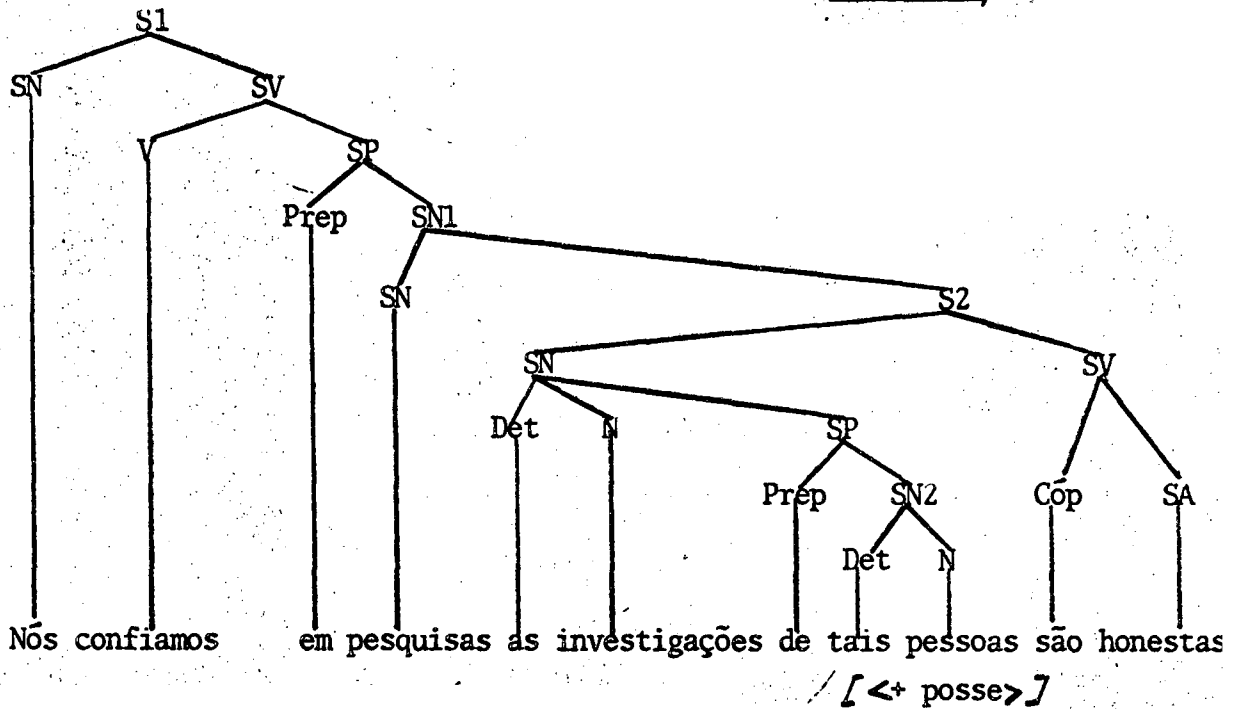
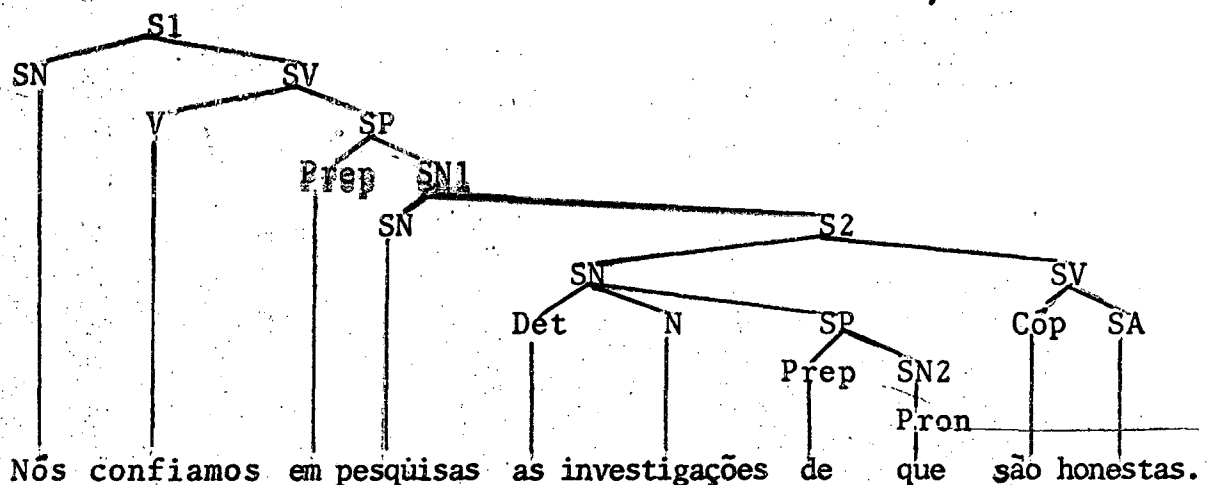


Diagrama 2

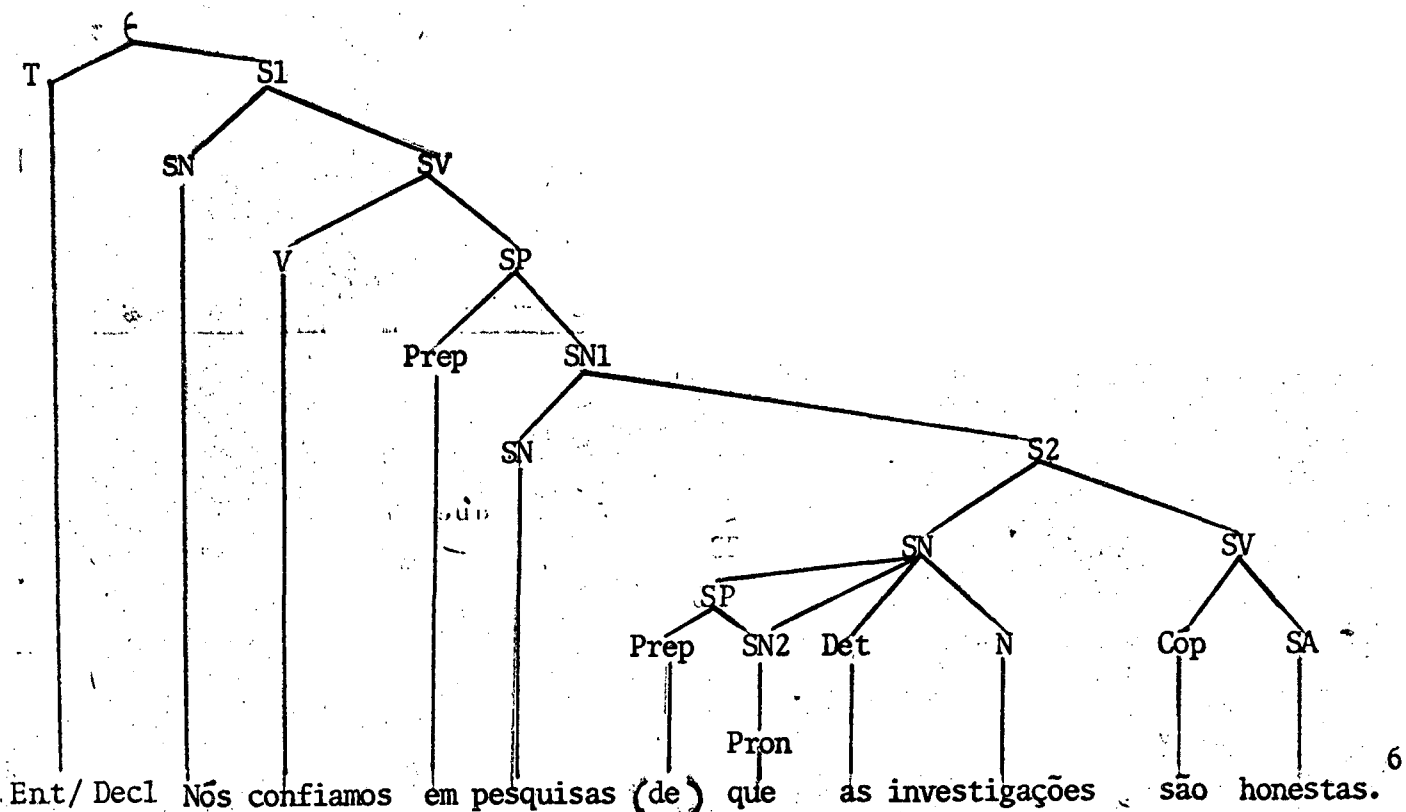
Tr-perm →



b) Estruturas superficiais:

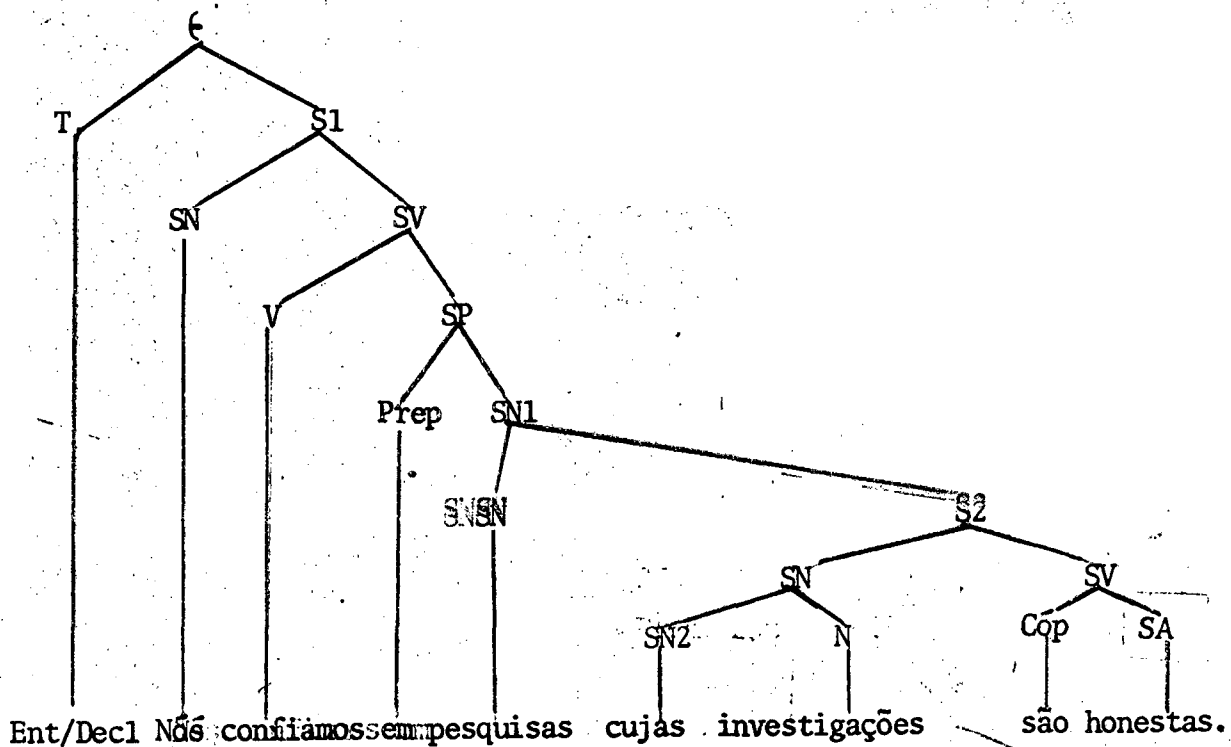
Diagrama 3

Variante informal



Variante formal

Diagrama 4

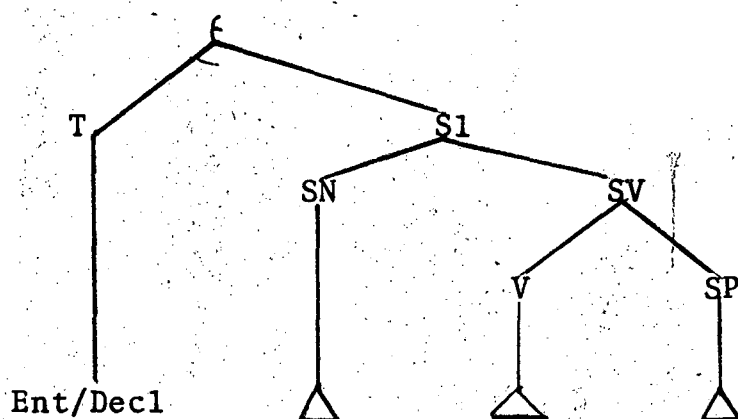


B - Caracterização:

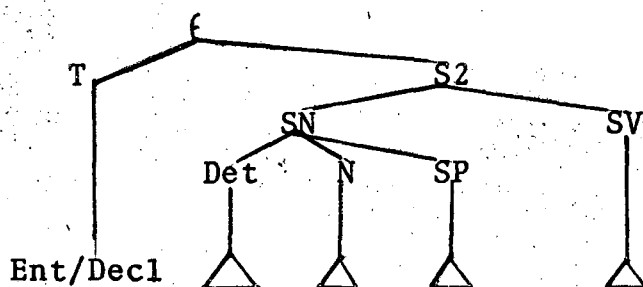
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de OI da S1;
3. O SN2 exerce a função de CN da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: OI - CN.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:

**2. Exemplificação:**

Sentenças-estímulo 1: Nós desconfiamos do malfeitor.

2: A prisão de tal malfeitor foi rápida.

Sentença-resposta: Nós desconfiamos do malfeitor cuja
prisão foi rápida.

Sentença-modelo 33

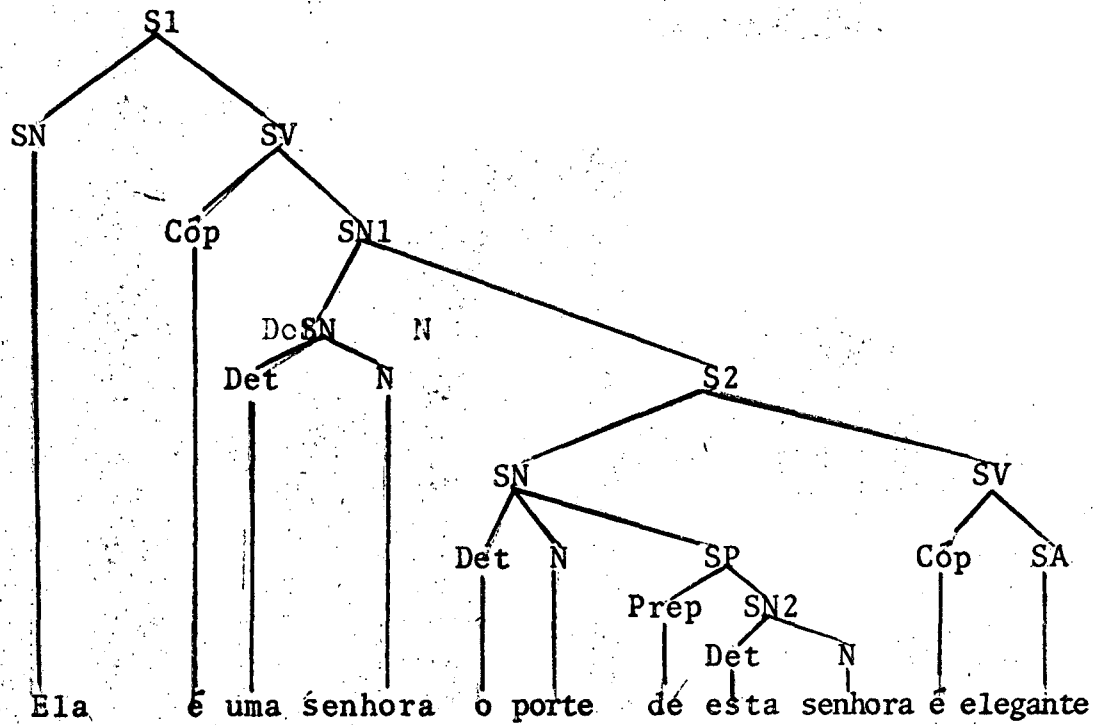
ELA É UMA SENHORA CUJO PORTE É ELEGANTE.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

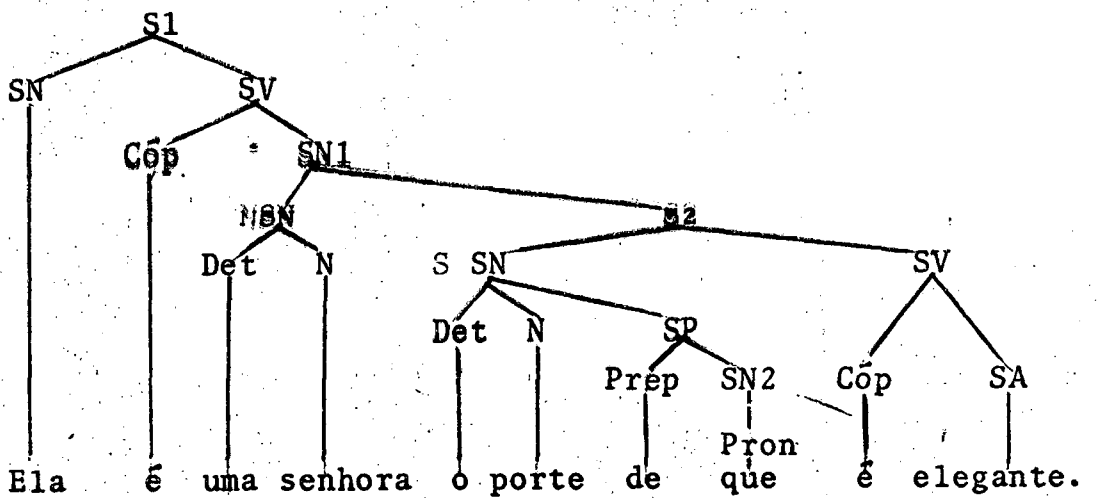
Tr - pro



[<+ posse >]

Diagrama 2

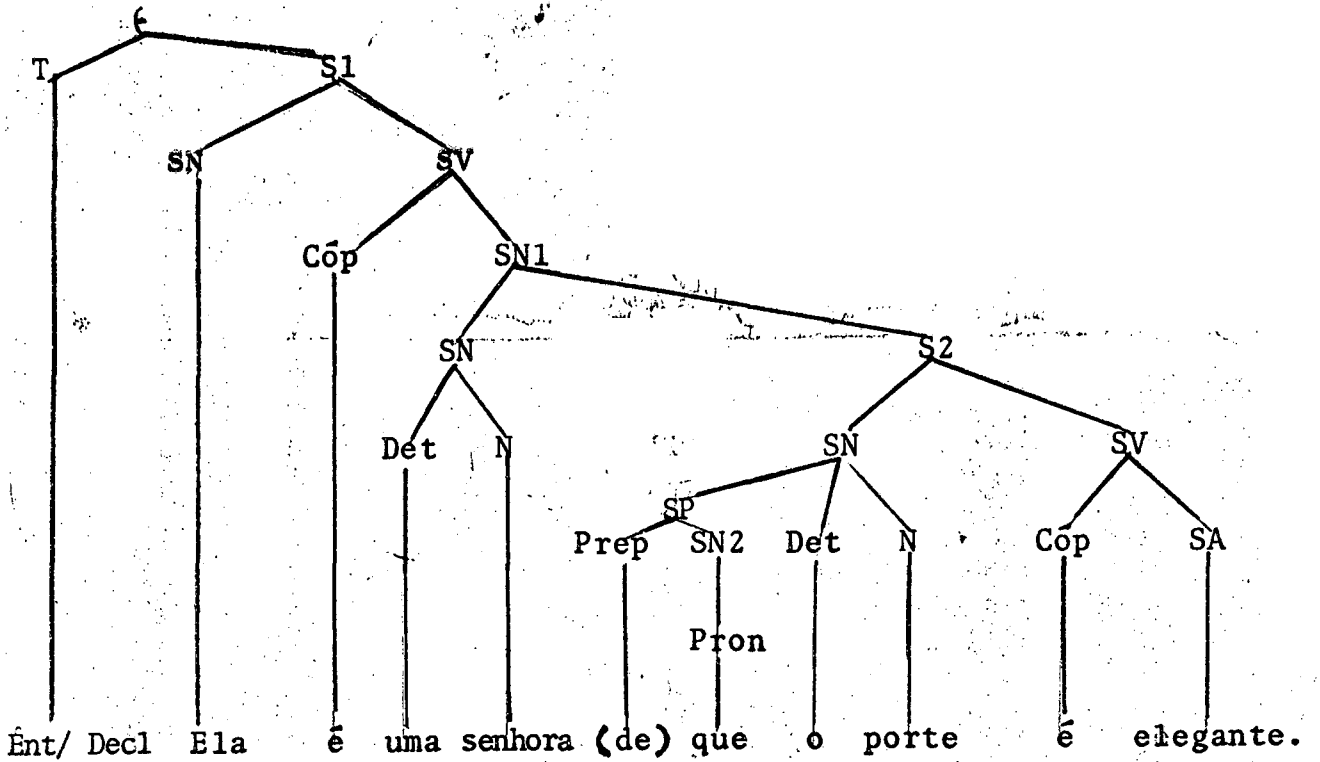
Tr - perm



b) Estruturas superficiais:

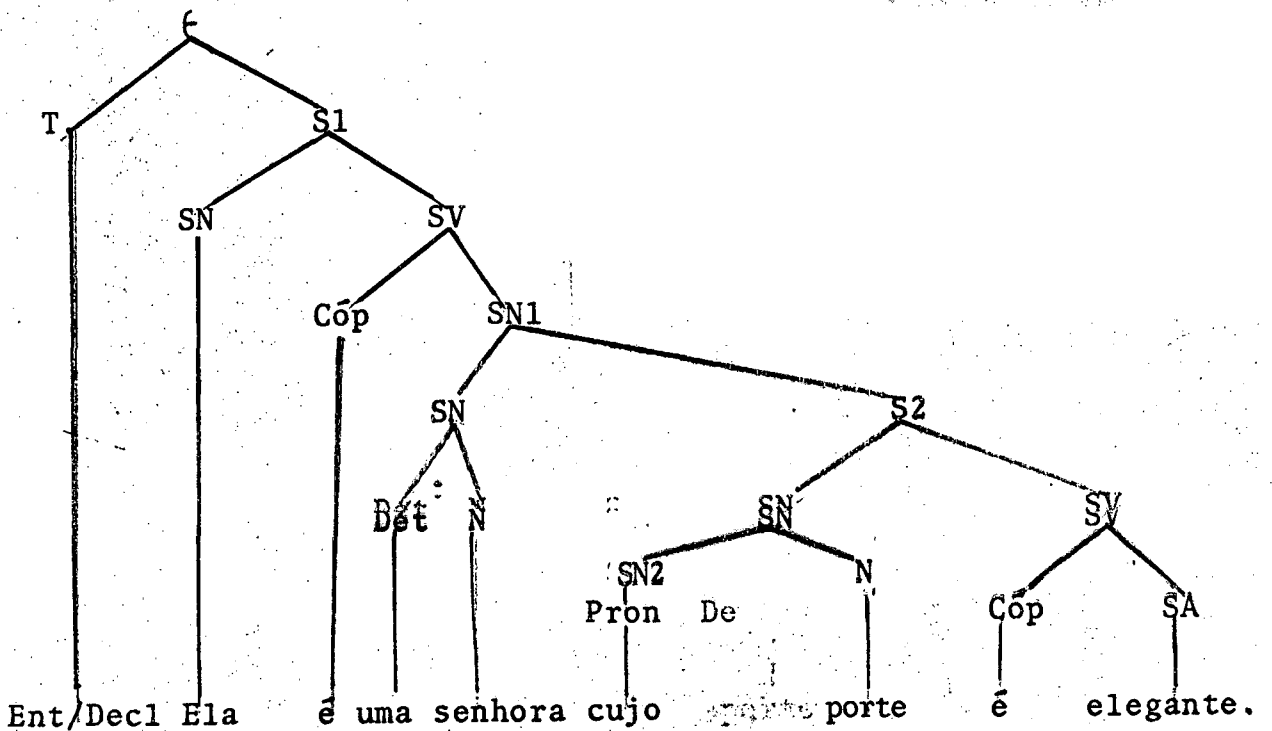
Diagrama 3

Variante informal



Variante formal

Diagrama 4



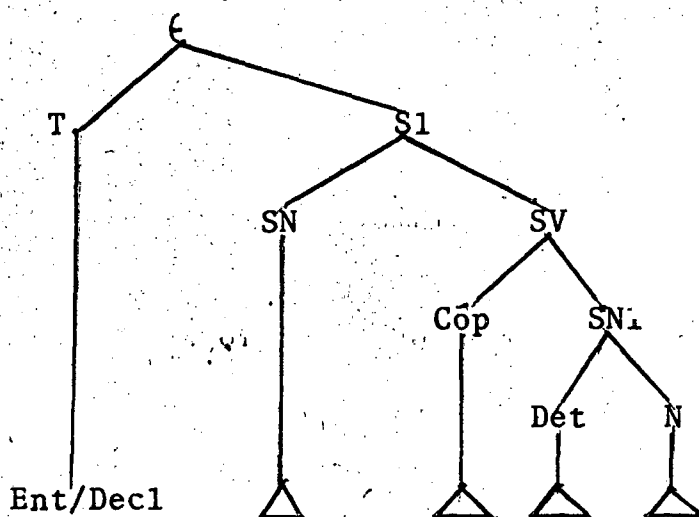
B - Caracterização:

1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de Pred da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdn da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Pred - AAdn

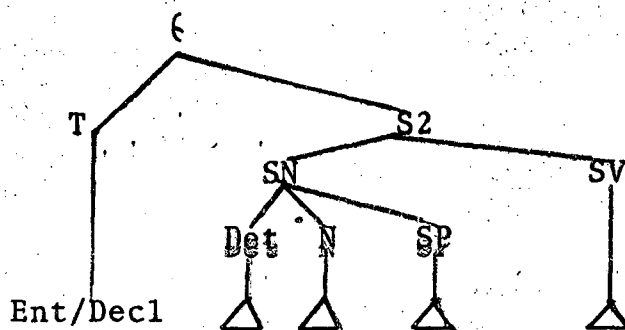
C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulos, de forma que:

- a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Ele é um soldado.

2: Os passos do soldado são firmes.

Sentença-resposta: Ele é um soldado cujos passos são firmes.

Sentença-modelo 34.

O AMOR A UMA PESSOA CUJOS DEFEITOS SÃO GRAVES É DIFÍCIL DEMAIS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

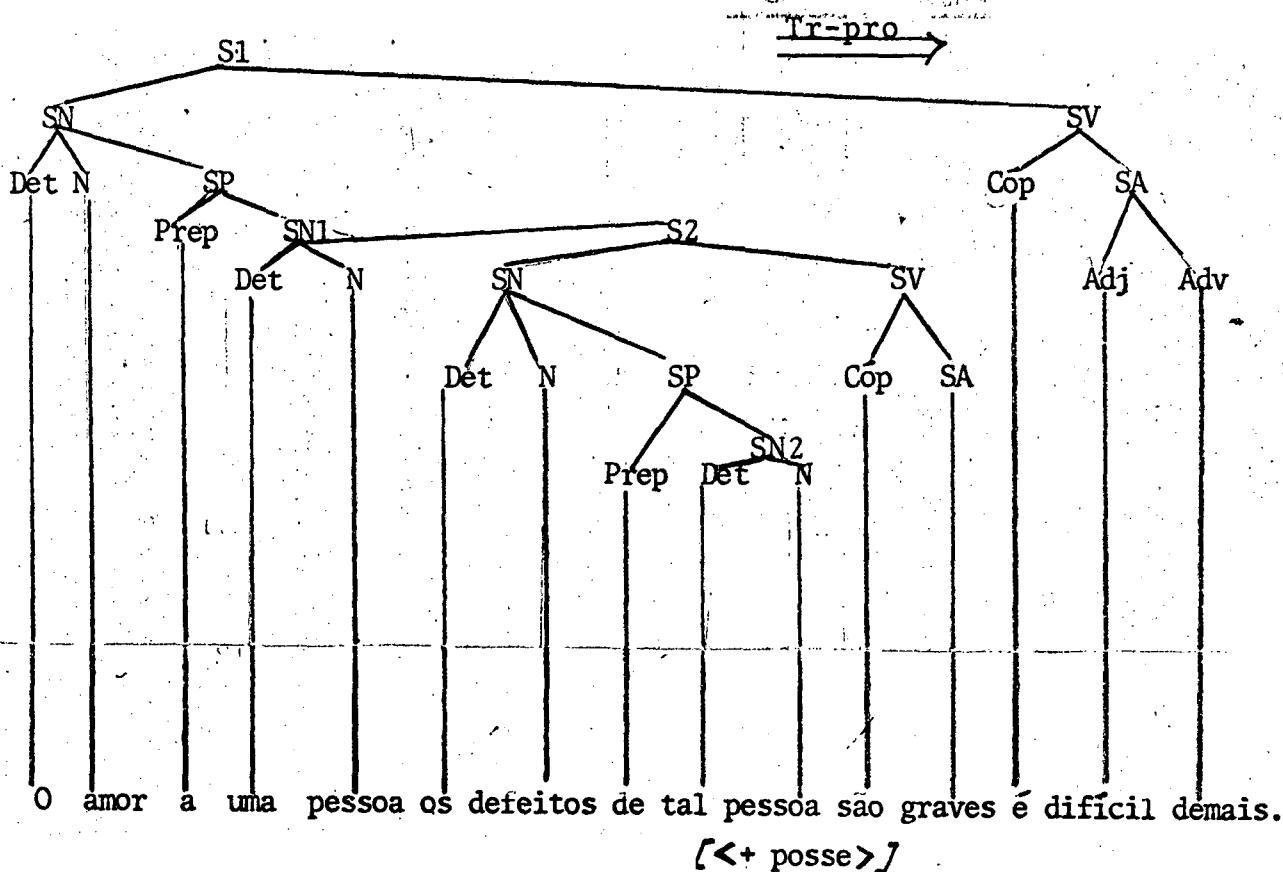
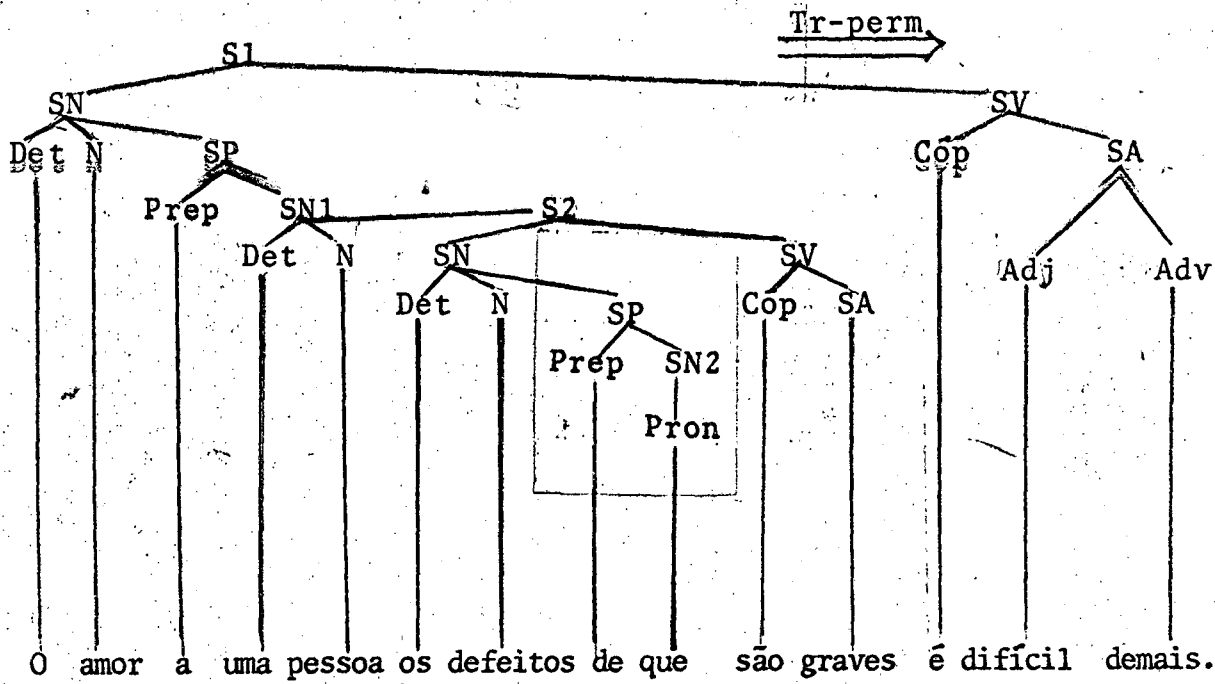


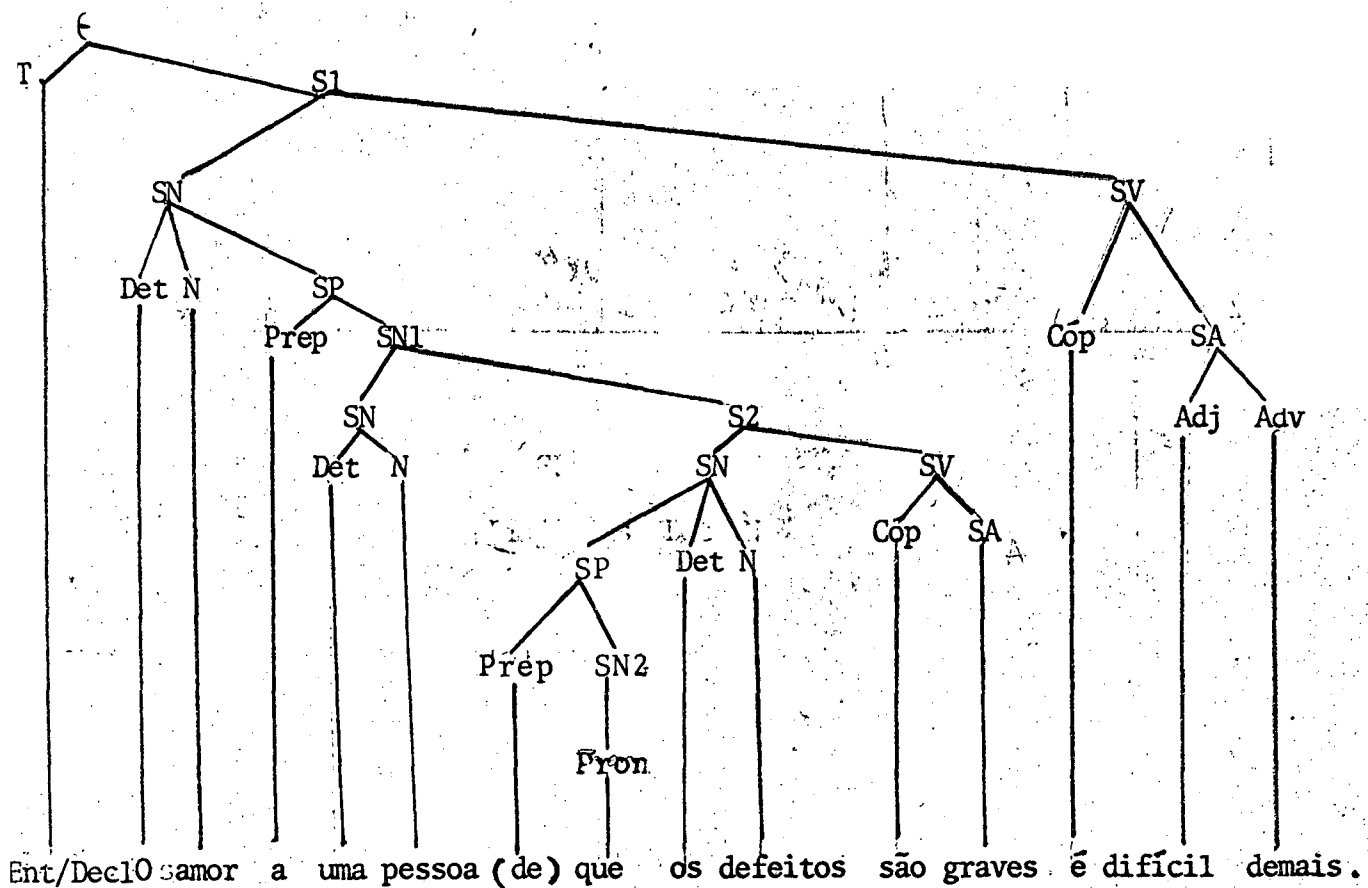
Diagrama 2



b) Estruturas superficiais:

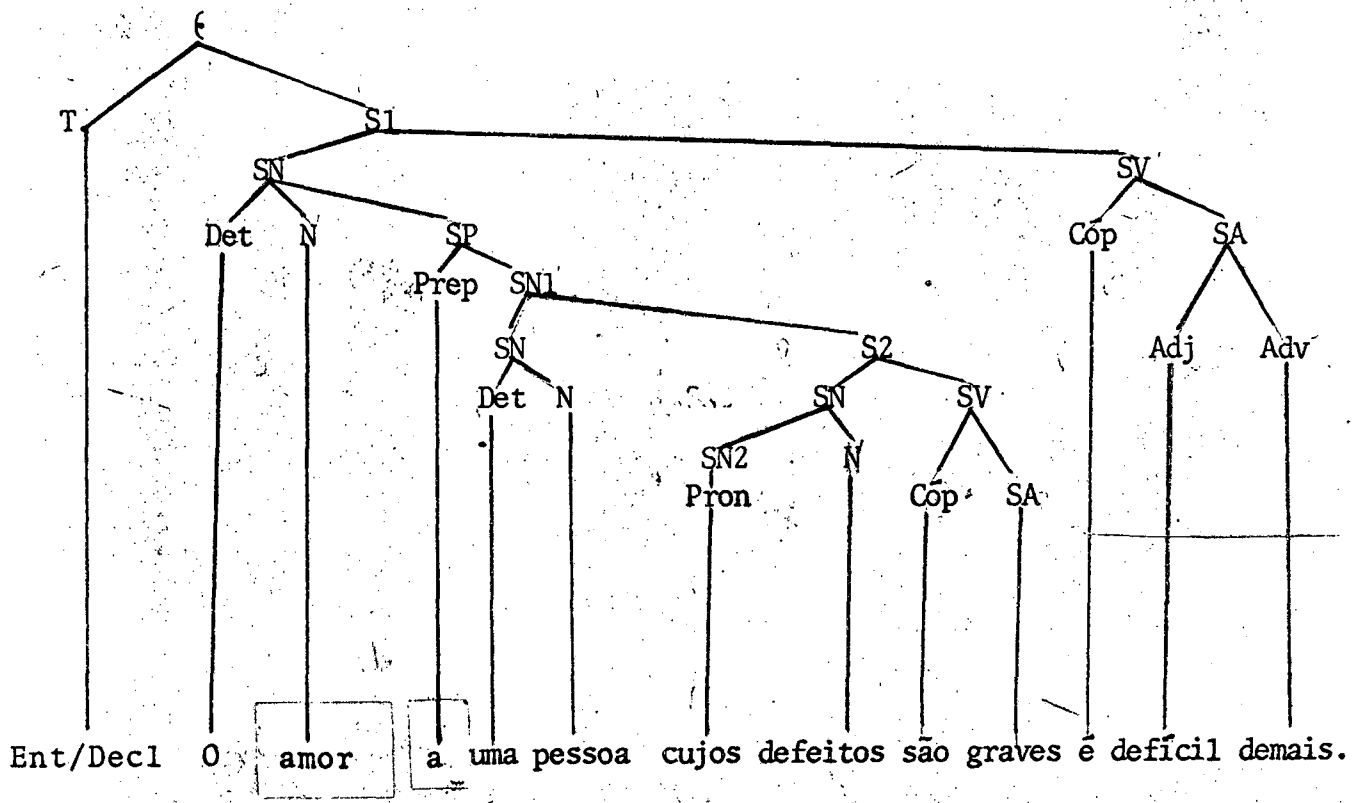
Diagrama 3

Variante informal



b) Variante formal:

Diagrama 4

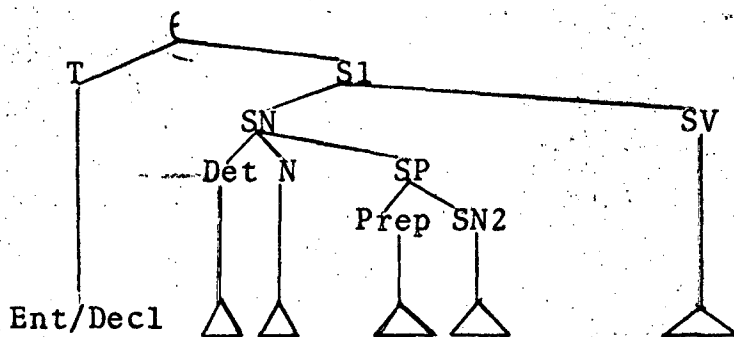


B - Caracterização:

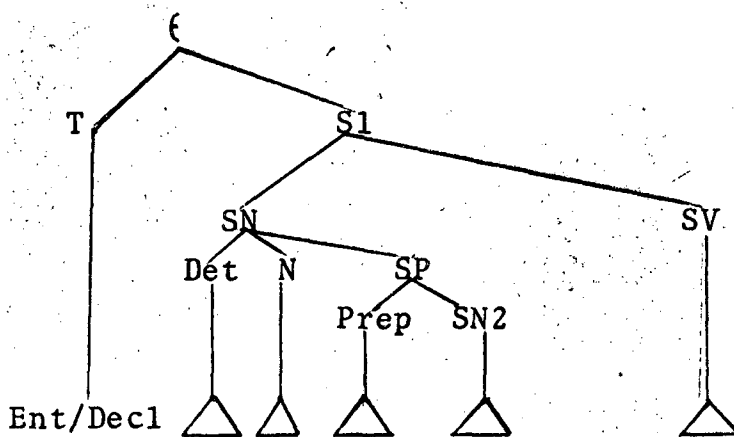
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de CN da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdn da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: CN - AAdn.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: A admiração por um povo parece justa.
 2: A índole desse povo é boa.

Sentença-resposta: A admiração por um povo cuja índole é boa parece justa.

NÓS FOMOS A UMA FARMÁCIA CUJAS PORTAS ESTÃO SEMPRE FECHADAS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

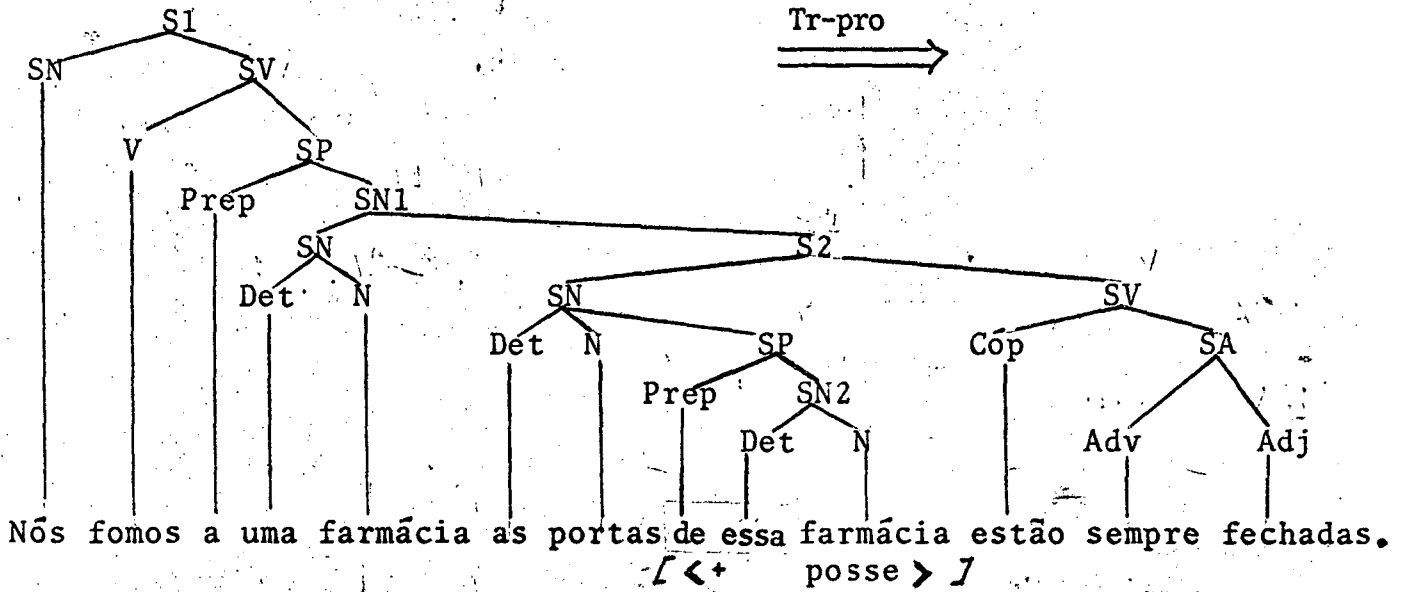
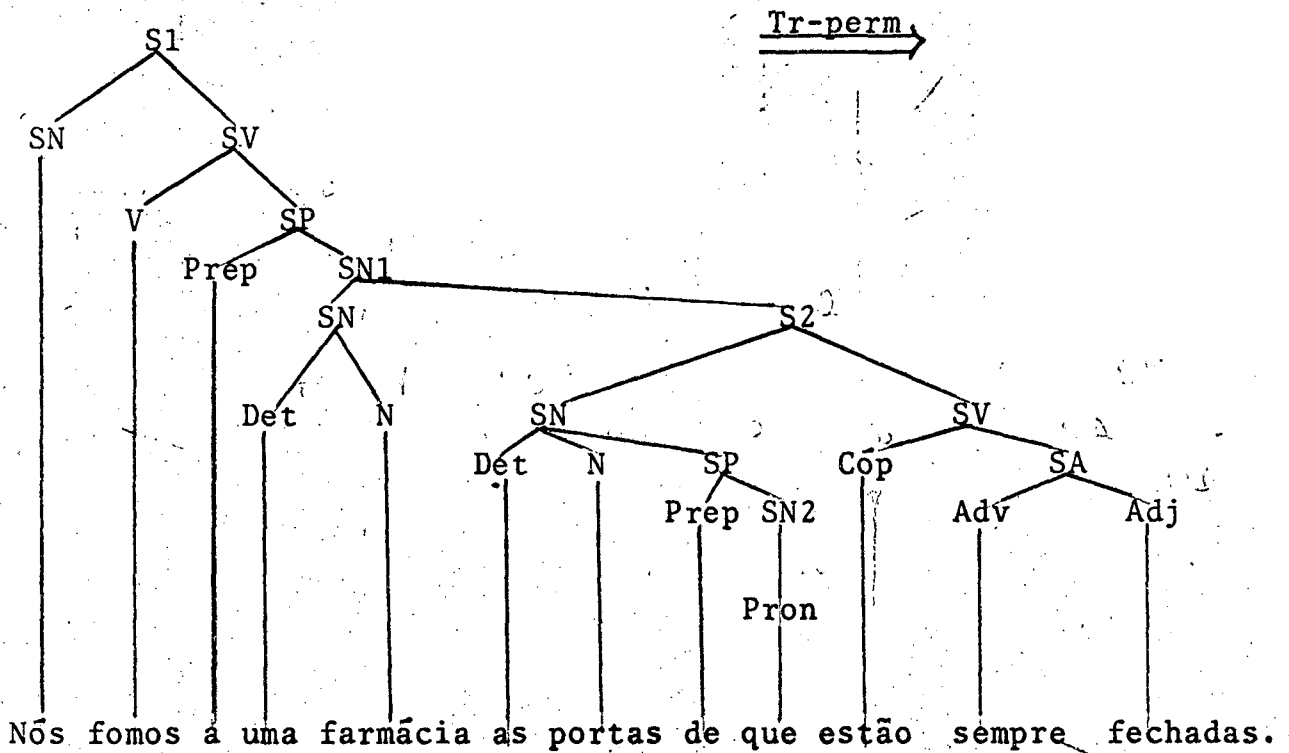


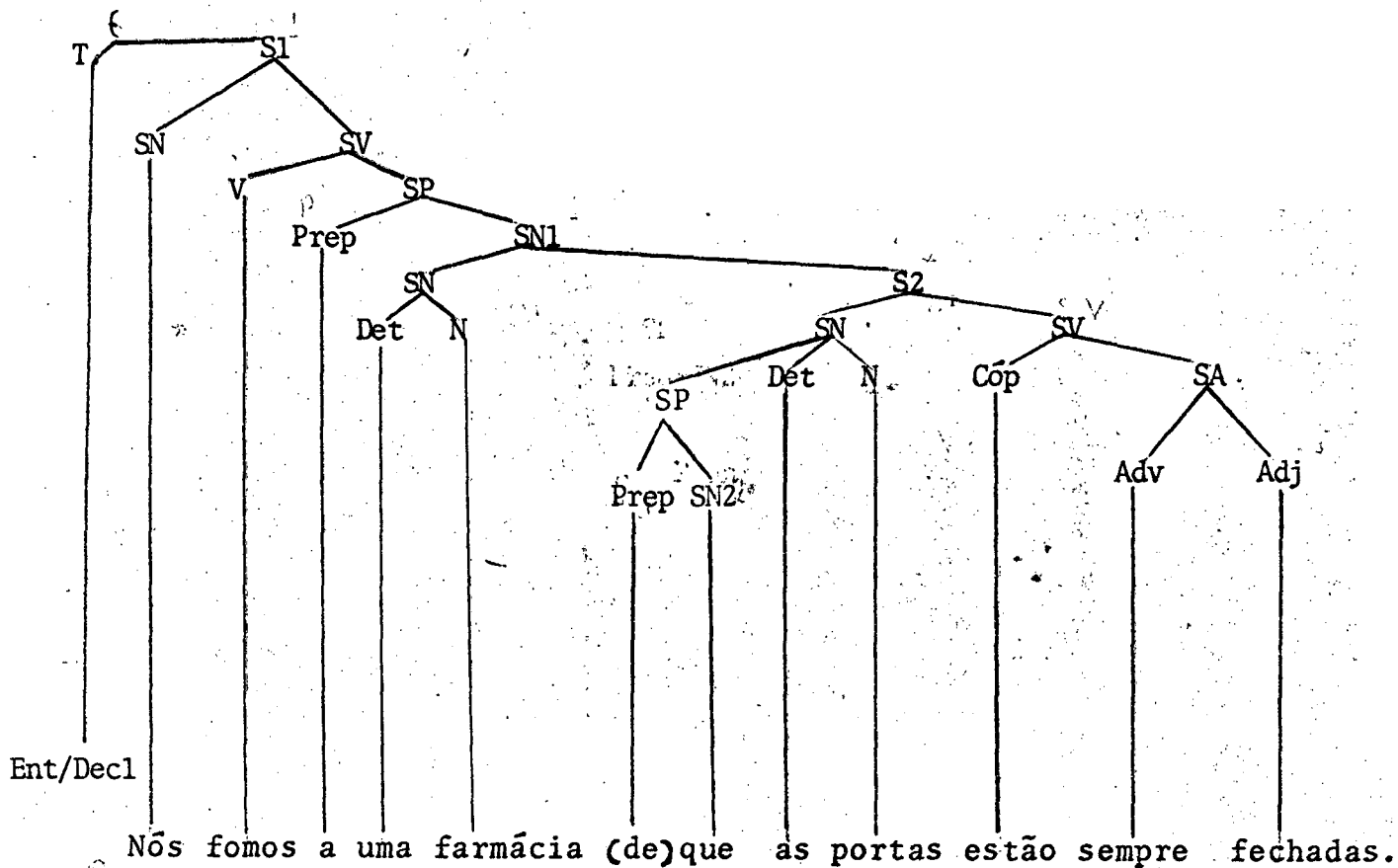
Diagrama 2



b) Estruturas superficiais:

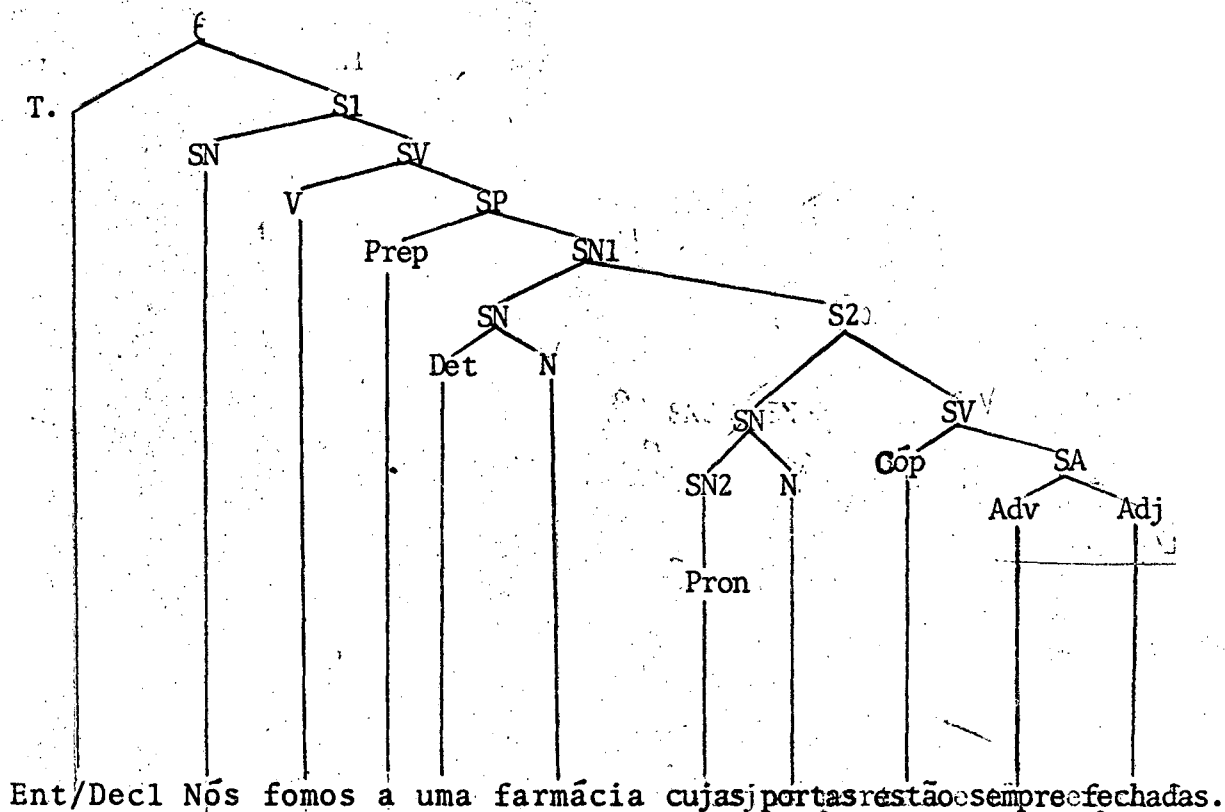
Diagrama 3

Variante informal



Variante formal

Diagrama 4

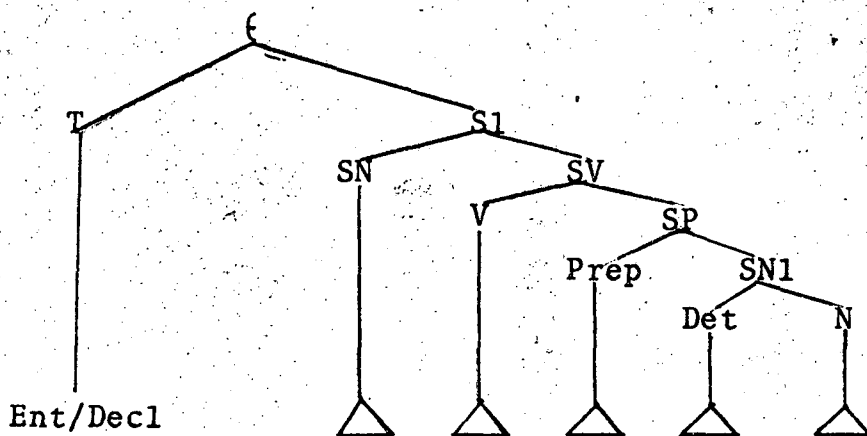


B - Caracterização:

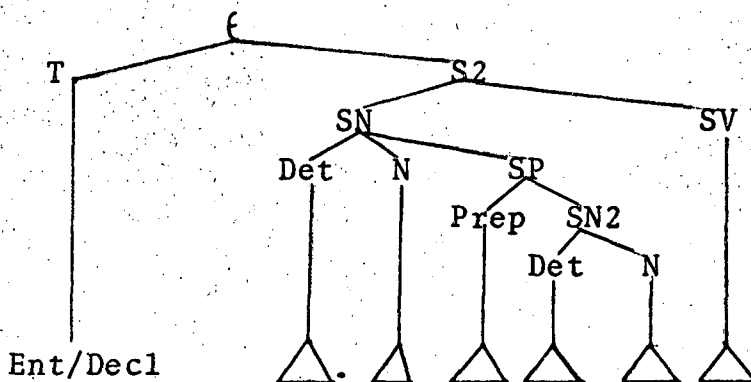
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de AAdv da S1;
3. O SN2 exerce a função da AAdn da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: AAdv - AAdn.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-modelos, de forma que:
 - a) A primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Resido em um bairro.

2: As casas deste bairro são antigas.

Sentença-resposta: Resido em um bairro cujas casas são antigas.

Sentença-modelo 36

O ASSASSINO FOI PRESO PELO SOLDADO CUJA FARDA ESTAVA RASGADA.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

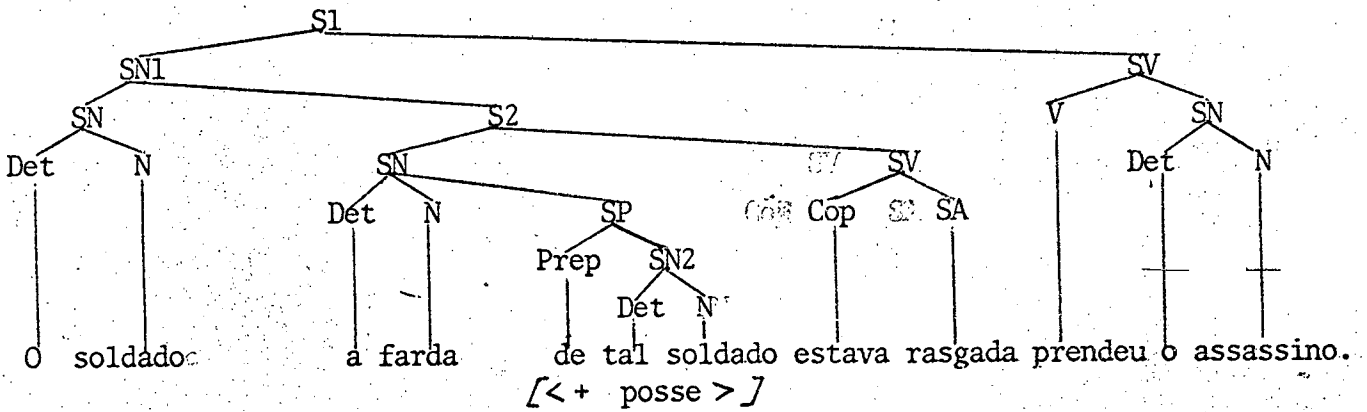
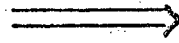
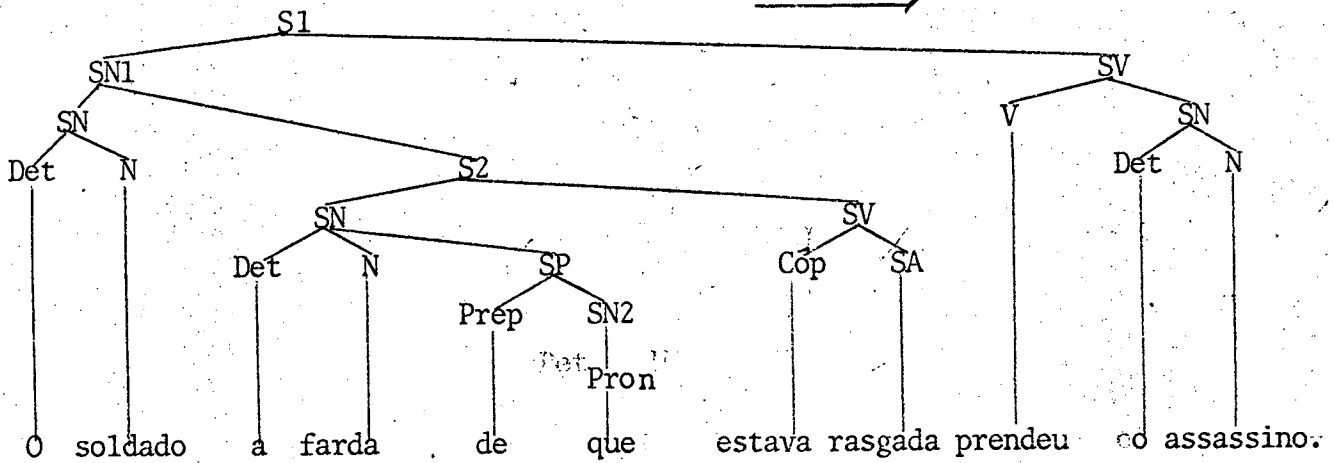
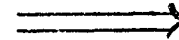


Diagrama 2

Tr-perm

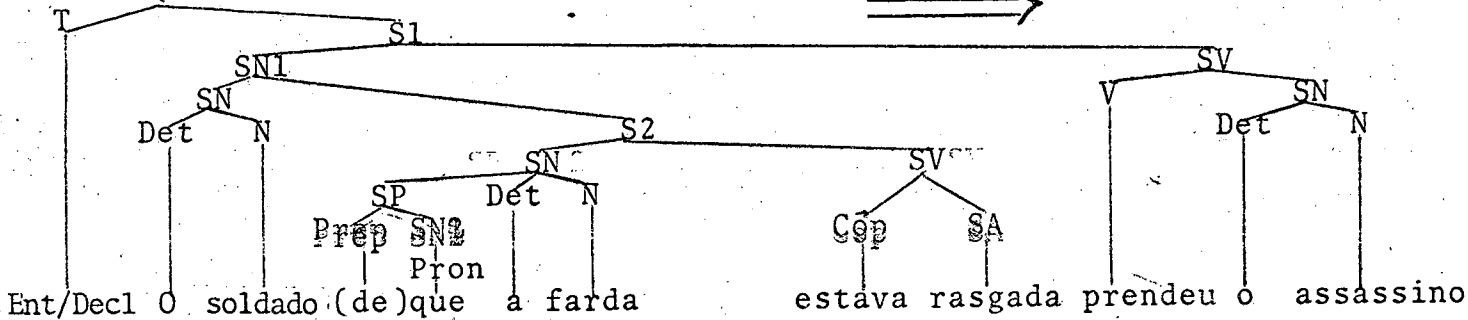
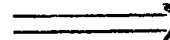


b) Estruturas superficiais:

Diagrama 3

Variante informal

Tr-pa



Variante formal

Diagrama 4

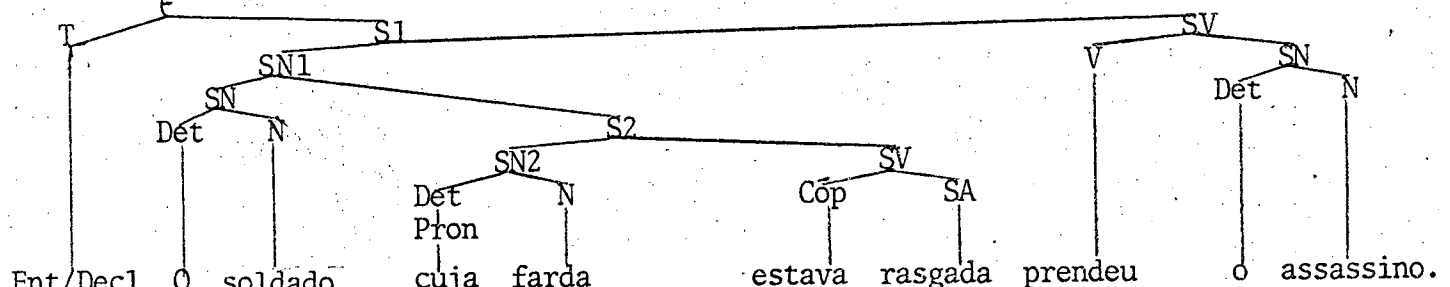
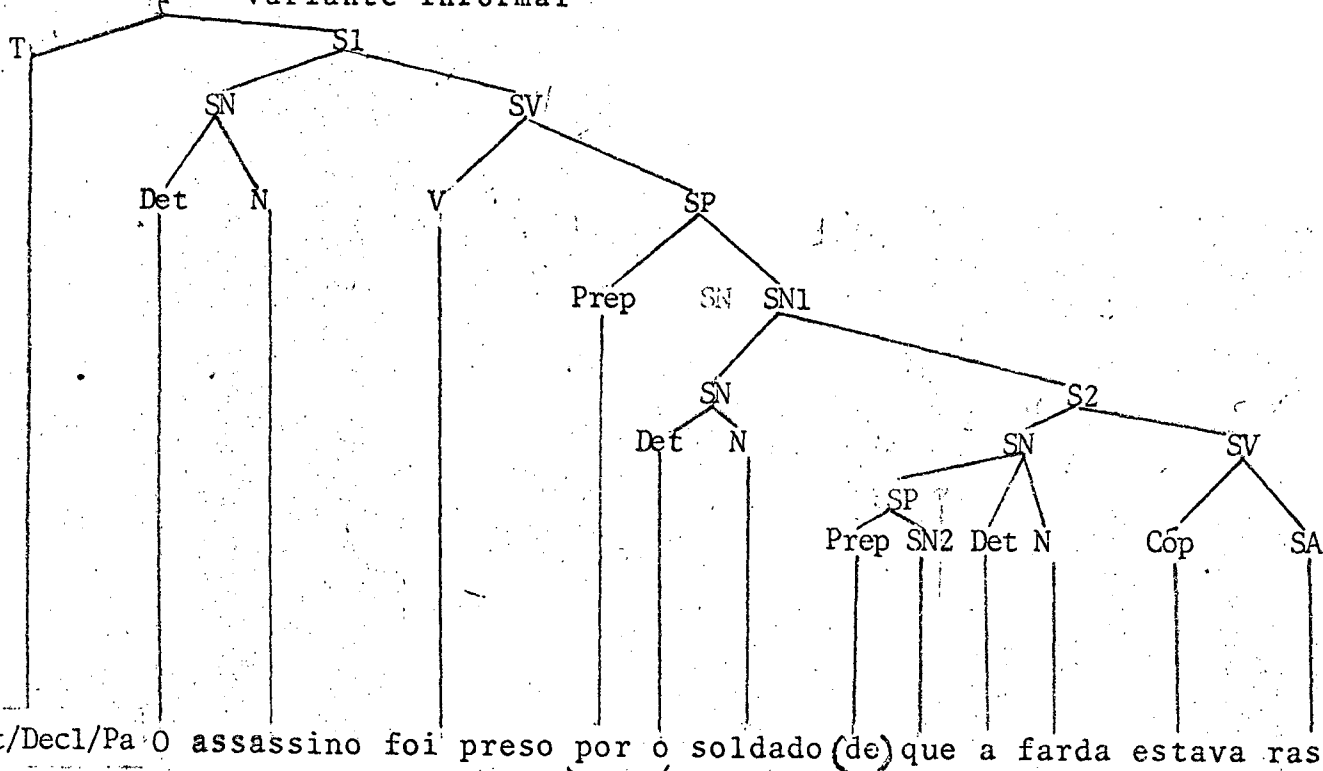


Diagrama 5

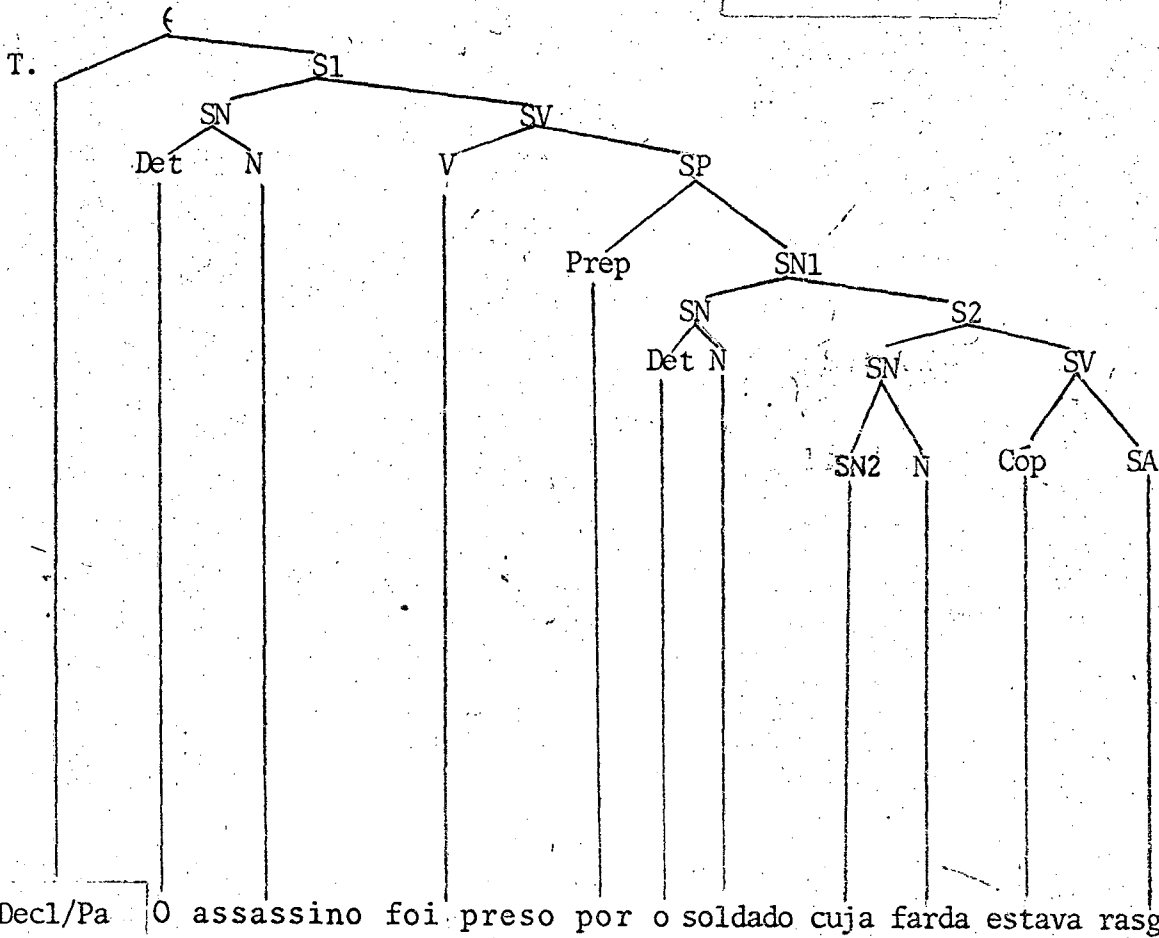
Variante informal



⇒ pelo

Variante formal

Diagrama 6



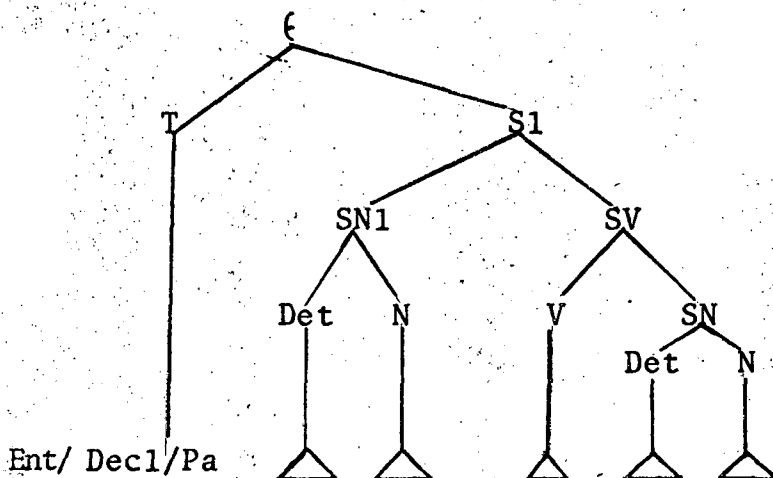
⇒ pelo

B - Caracterização:

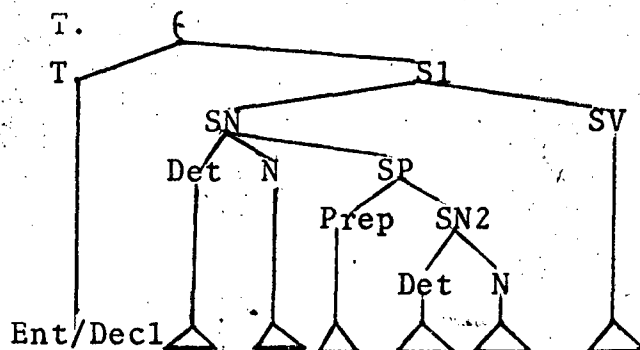
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de APass da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdn da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: APass - AAdn.

C -- Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: A vidraça foi quebrada pelo garoto.
 2: A mãe de tal garoto passava pela rua.

Sentença-resposta: A vidraça foi quebrada pelo garoto
cuja mãe passava pela porta.

Subconjunto - E

Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo COMO

Sentença-modelo 37

O EMPREGADO EXECUTOU A TAREFA DA MANEIRA COMO O PATRÃO MANDOU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

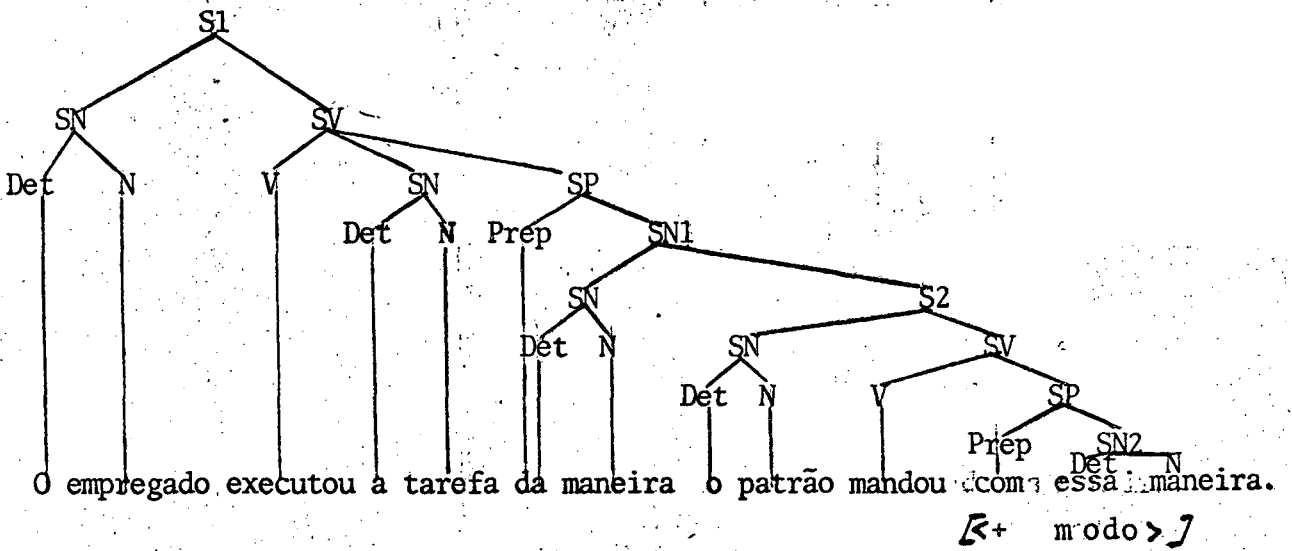
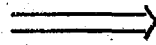
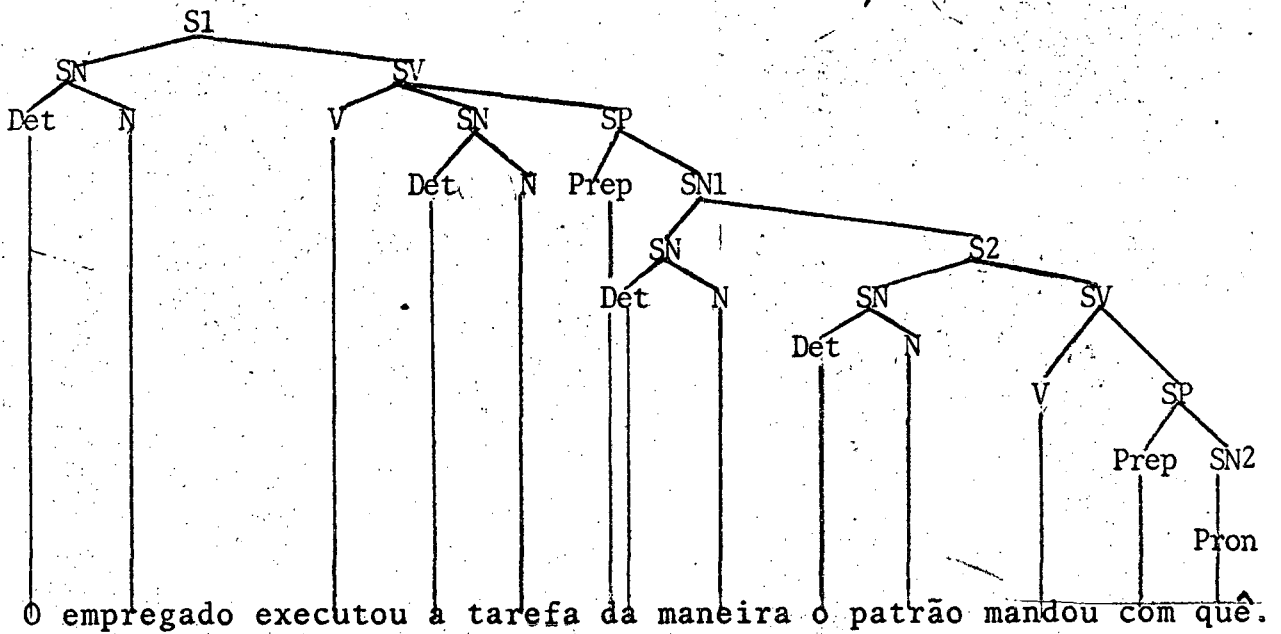
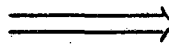


Diagrama 2

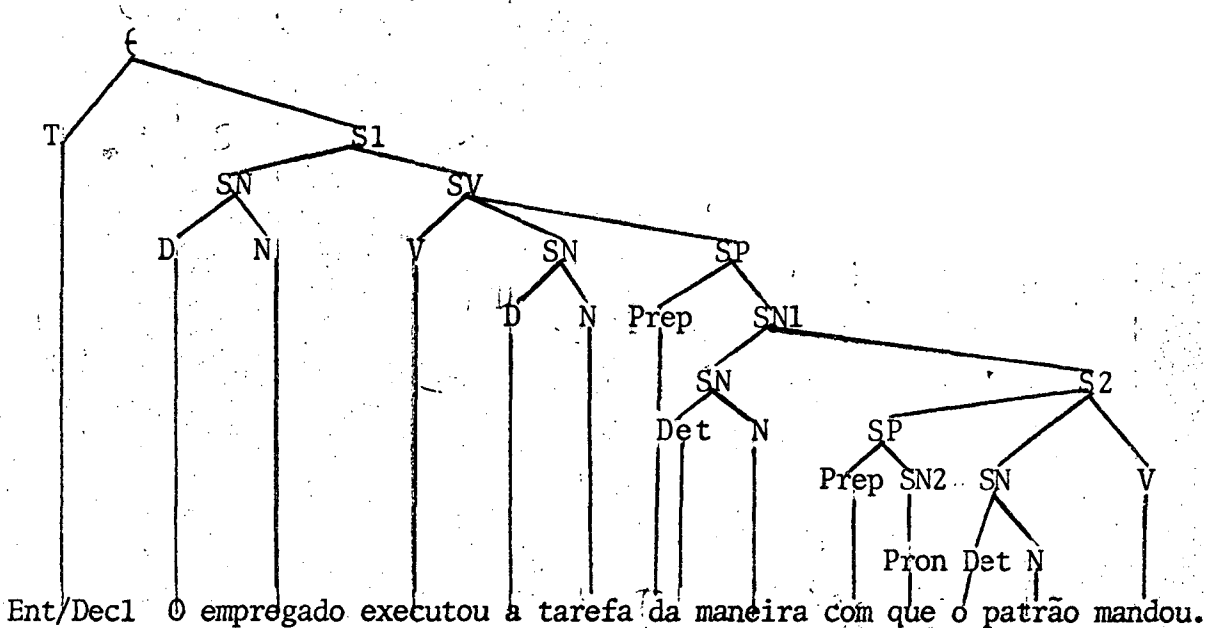
Tr-perm



b) Estruturas superficiais

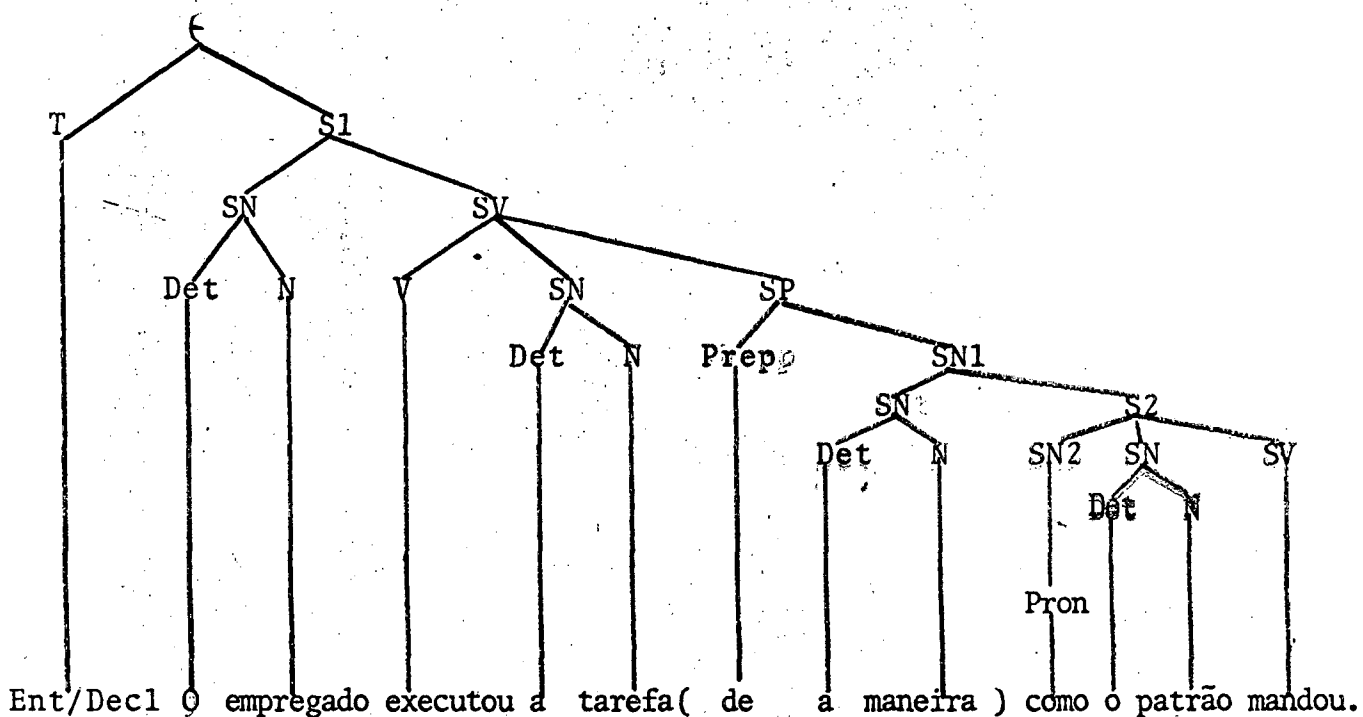
Diagrama 3

Variante 1



Variante 2

Diagrama 4

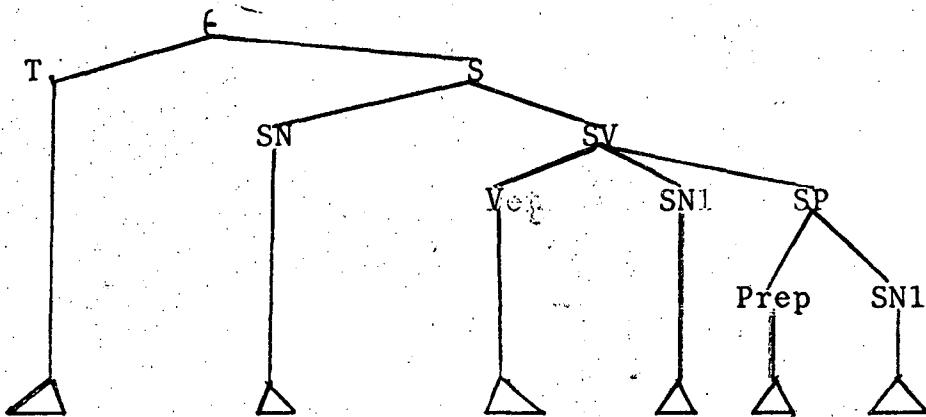


B - Caracterização:

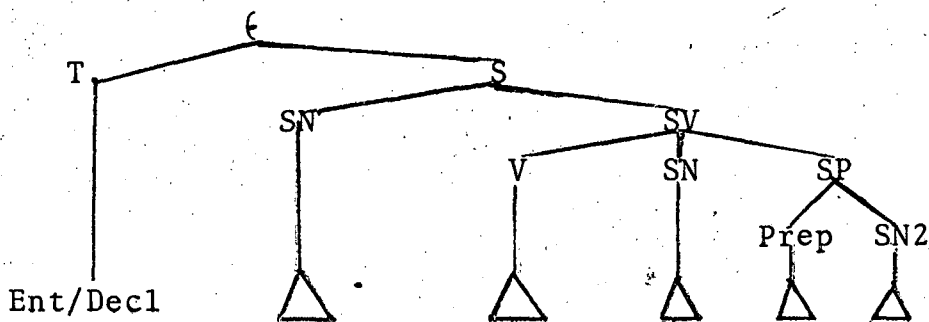
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de AAdv. da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv. da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: AAdv. - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O aluno planejou o desenho da maneira:
 2: O orientador desejou o desenho dessa maneira.
 Sentença-resposta: O aluno planejou o desenho(da maneira)
como o orientador desejou.

Sentença-modelo 38/

A MANEIRA COMO ELE SUPEROU A DIFICULDADE FOI ADMIRÁVEL.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

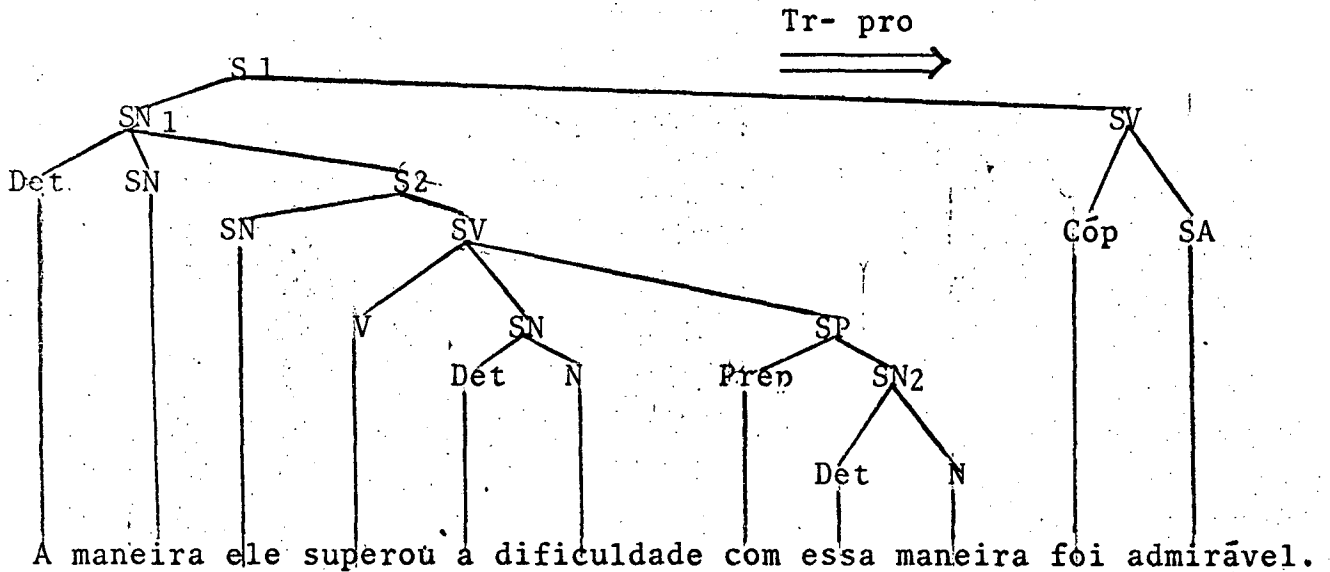
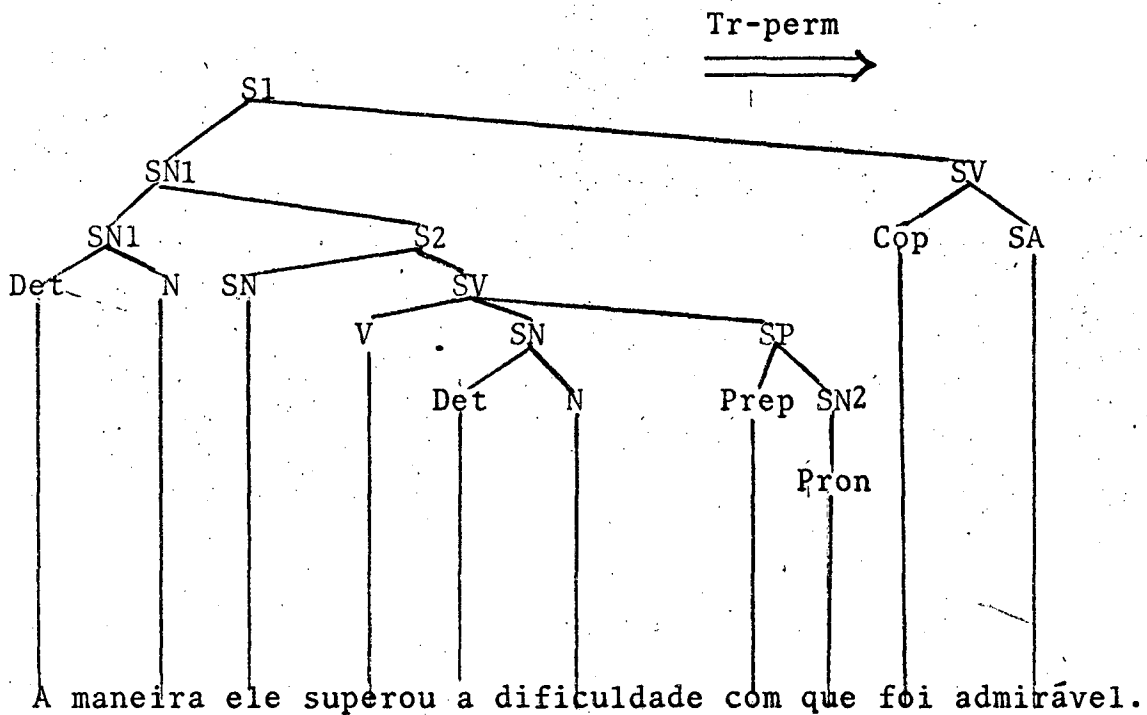


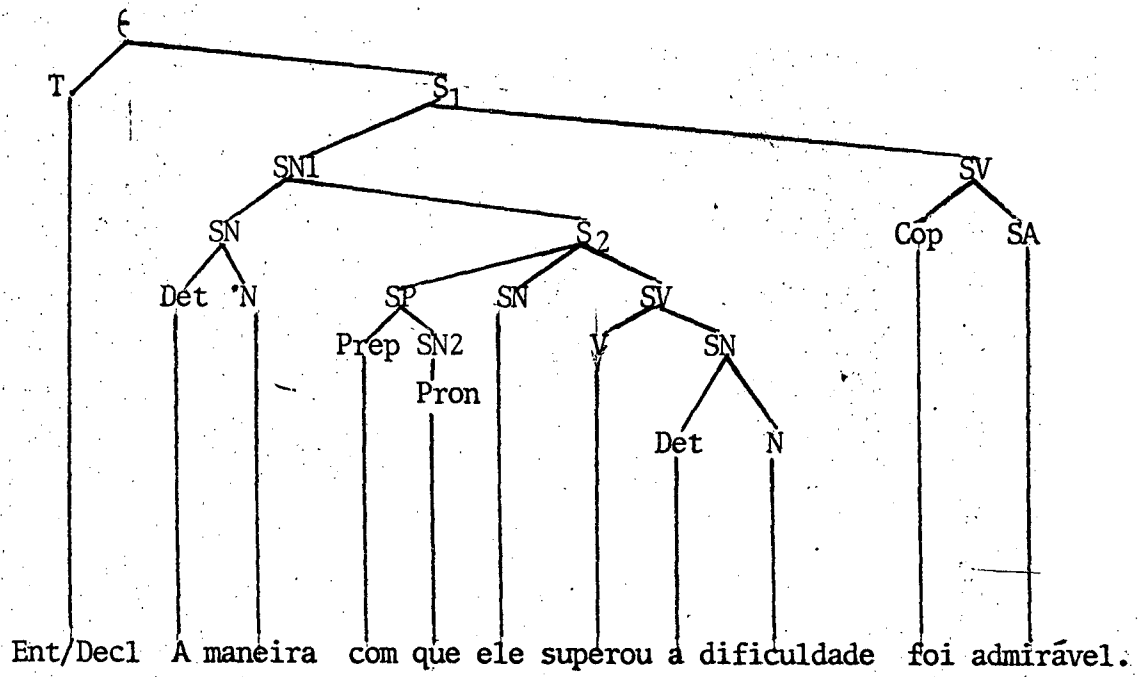
Diagrama 2



b) Estruturas superficiais:

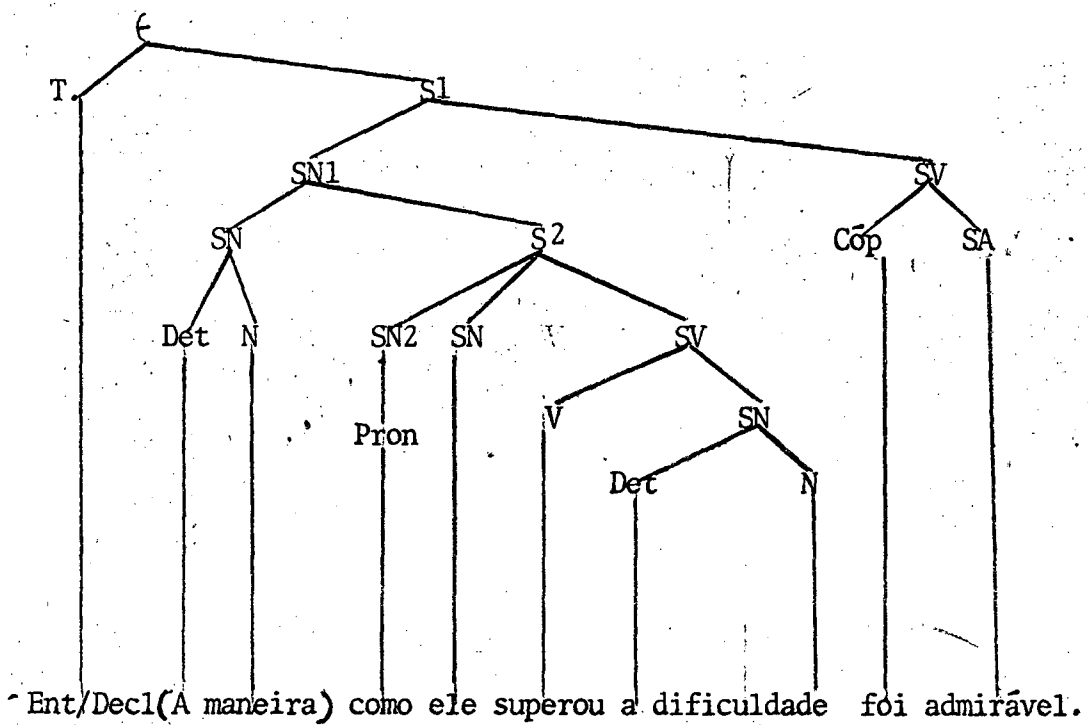
Diagrama 3

Variante 1



Variante 2

Diagrama 4

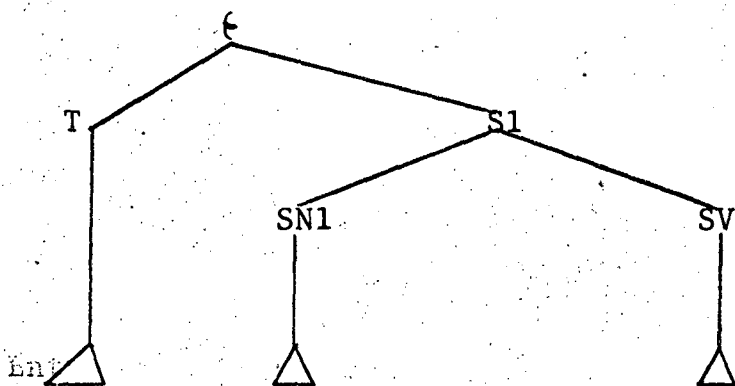


B - Caracterização:

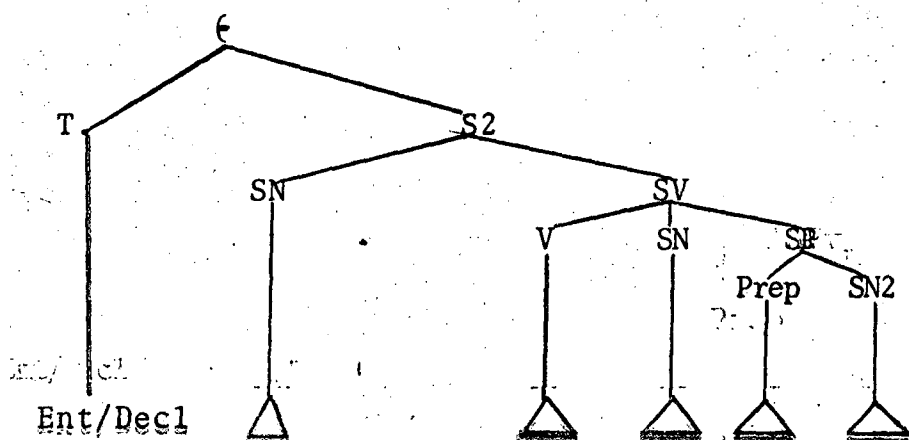
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de sujeito da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: Su - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O modo é interessante.

2: A cozinheira faz doces desse modo.

Sentença-resposta: O modo como a cozinheira faz doces é interessante.

Subconjunto - F

Cláusulas Relativas Restritivas iniciadas pelo pronome relativo QUANDO

Sentença-modelo 3.9

ELE VIAJOU NA HORA QUANDO EU CHEGUEI.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

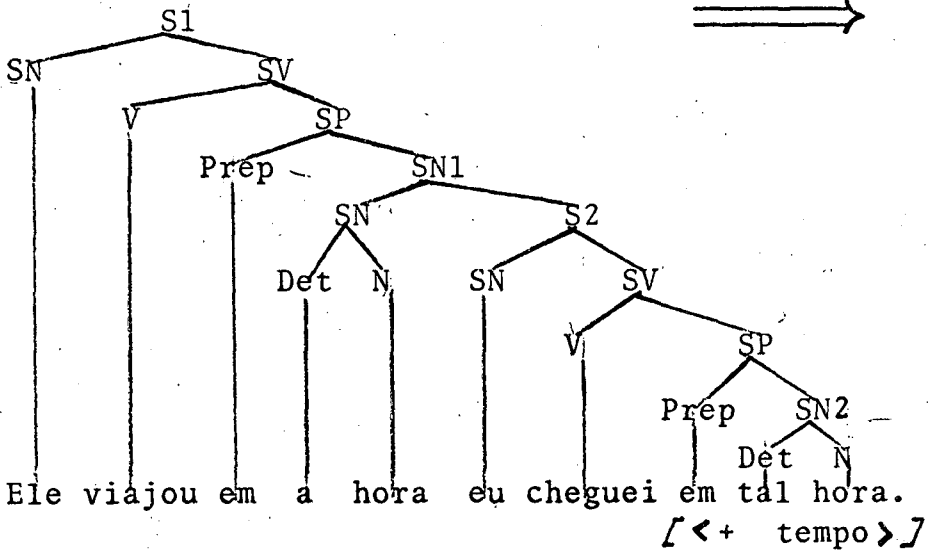
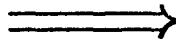
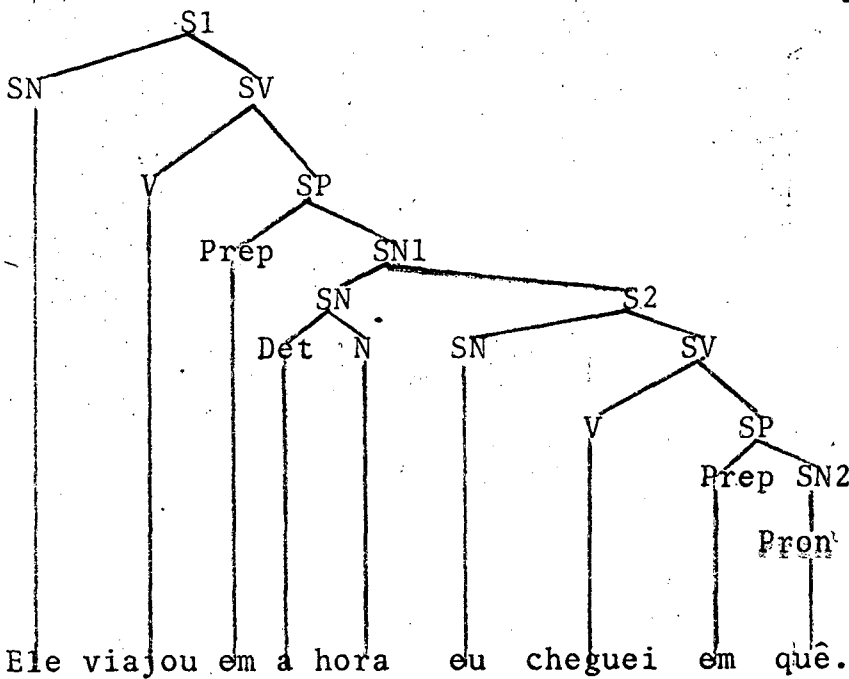
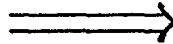


Diagrama 2

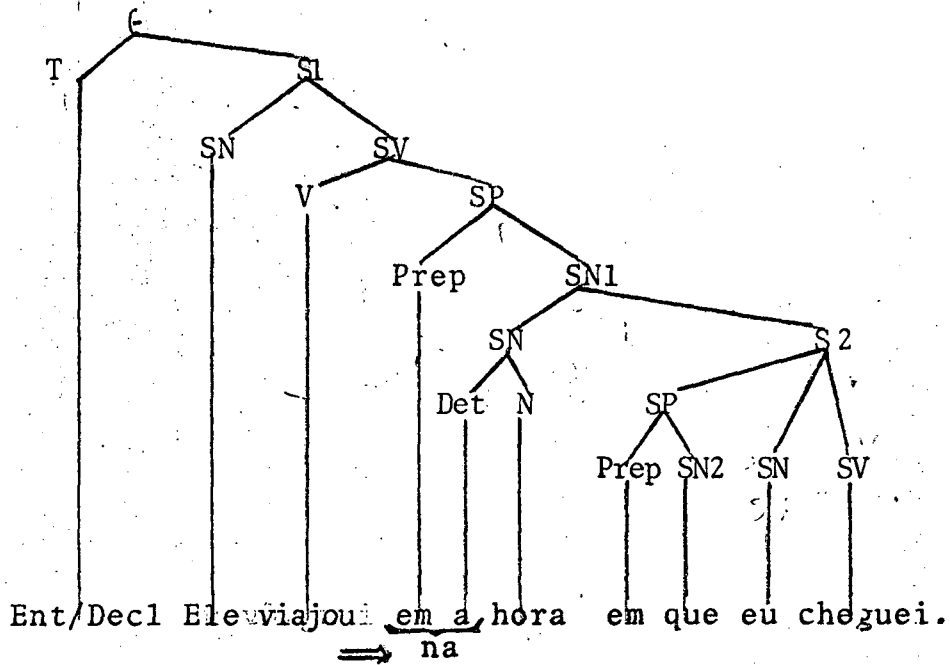
Tr-perm



b) Estruturas superficiais:

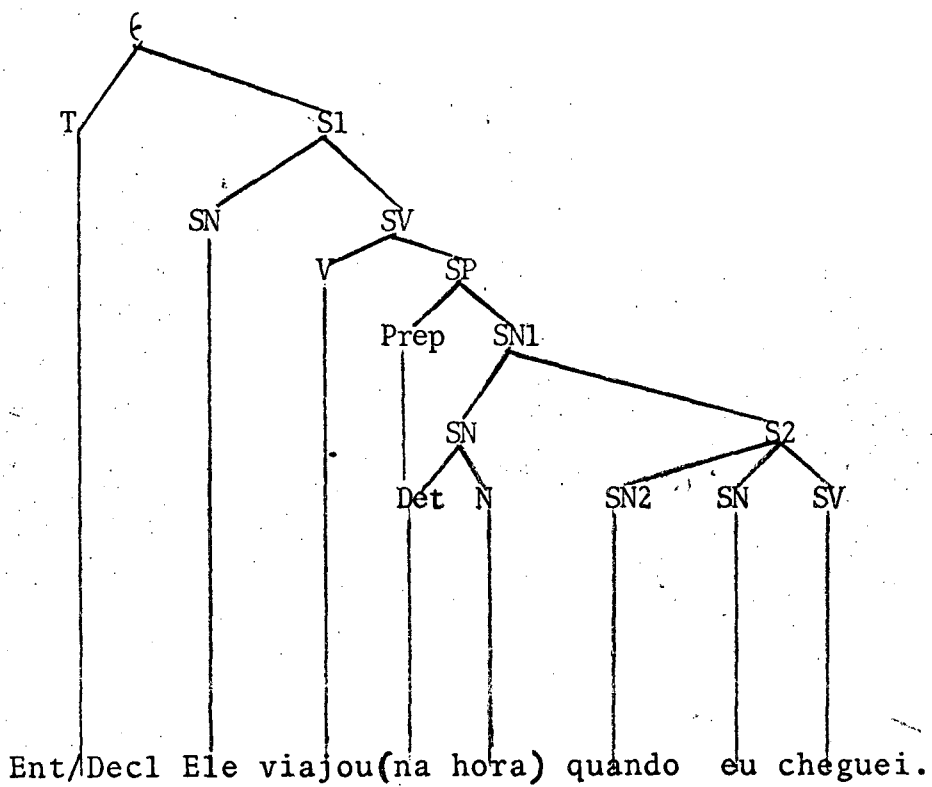
Diagrama 3

Variante 1



Variante 2

Diagrama 4

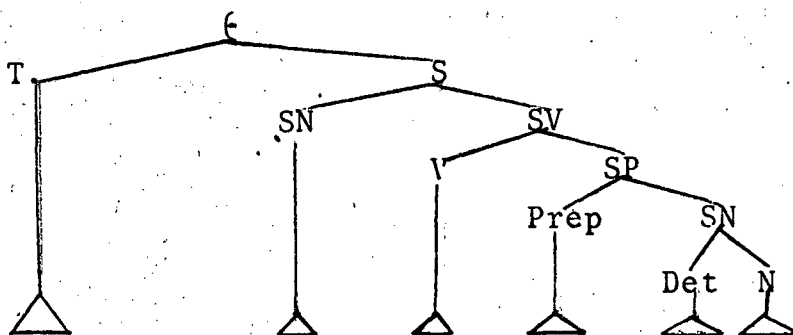


B - Caracterização:

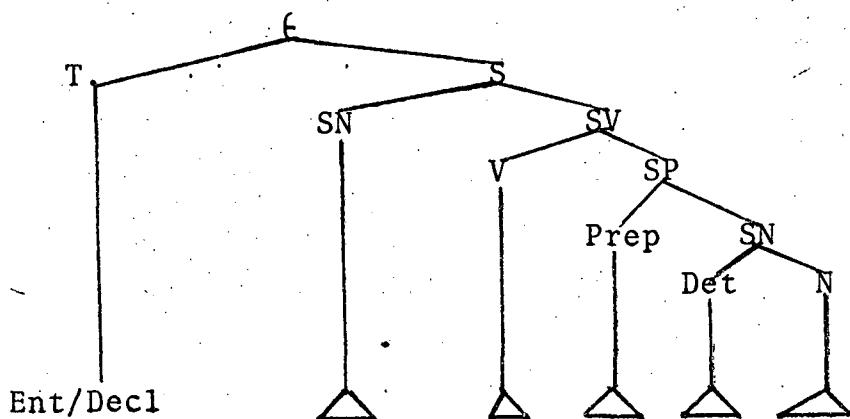
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de AAdv da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: AAdv - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: A criança caiu no momento.

2: Sua mãe passava naquele momento.

Sentença-resposta: A criança caiu $\left\{ \begin{array}{l} \text{no momento em que} \\ \text{(no momento) quando} \end{array} \right\}$ sua mãe passava.

Sentença-modelo 40

DESCOBRI A HORA QUANDO A ENCOMENDA CHEGOU.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

Tr-pro

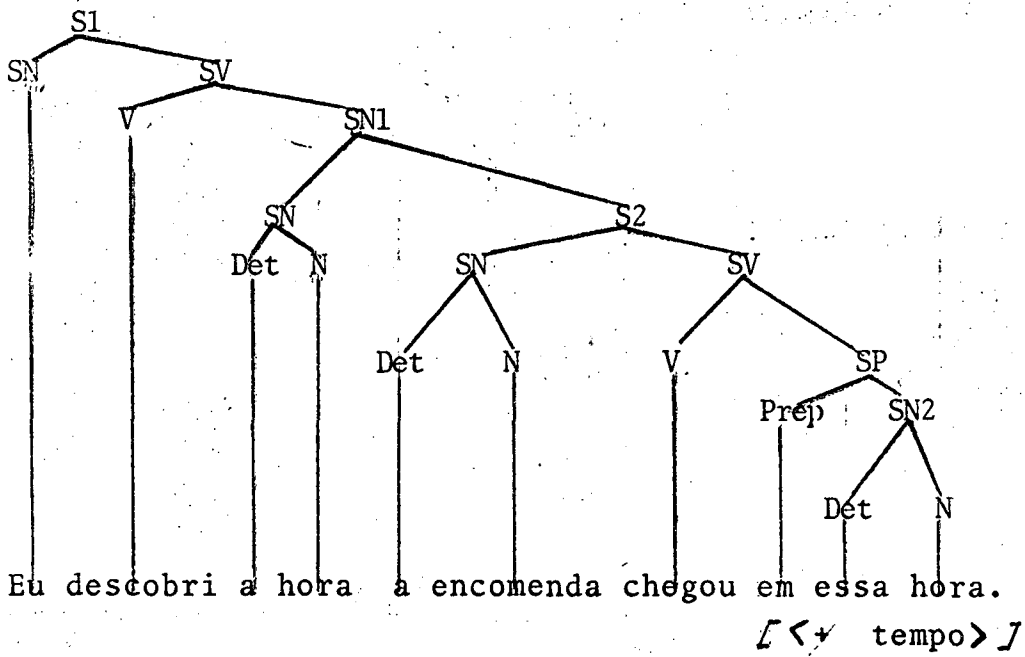
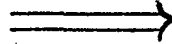
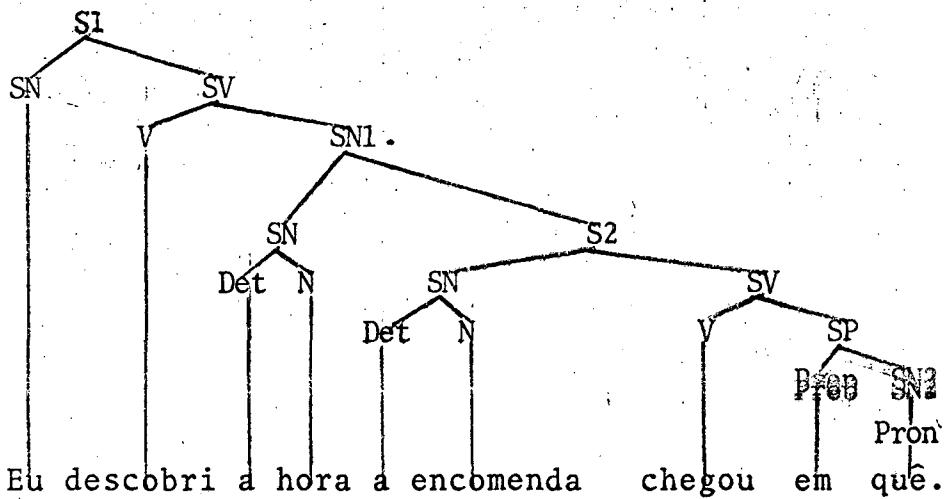


Diagrama 2

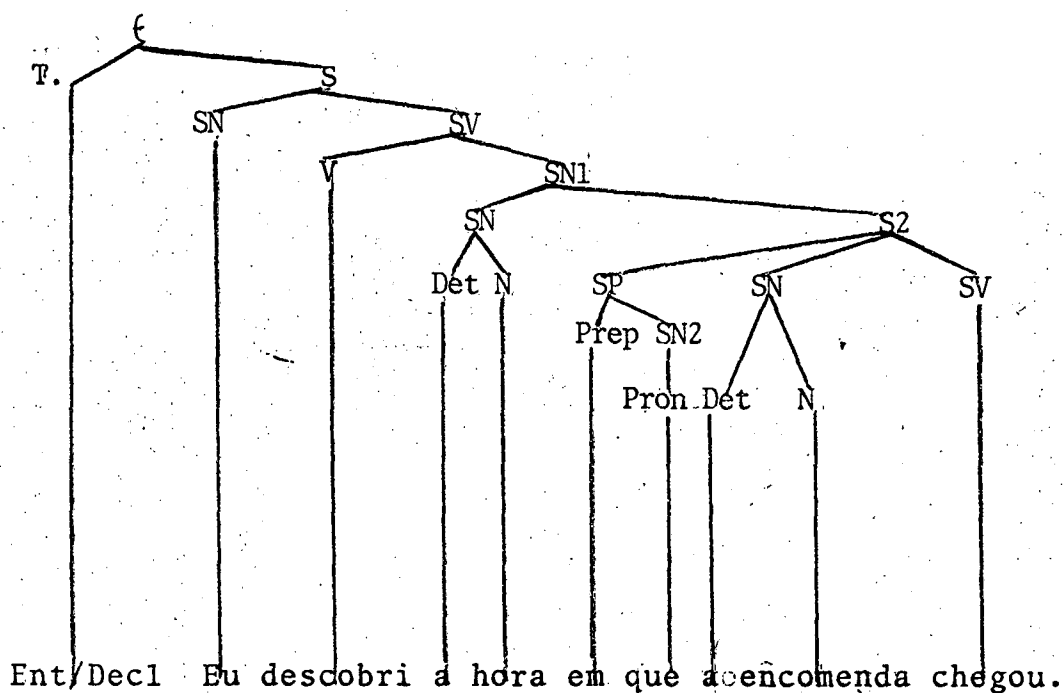
Tr-perm



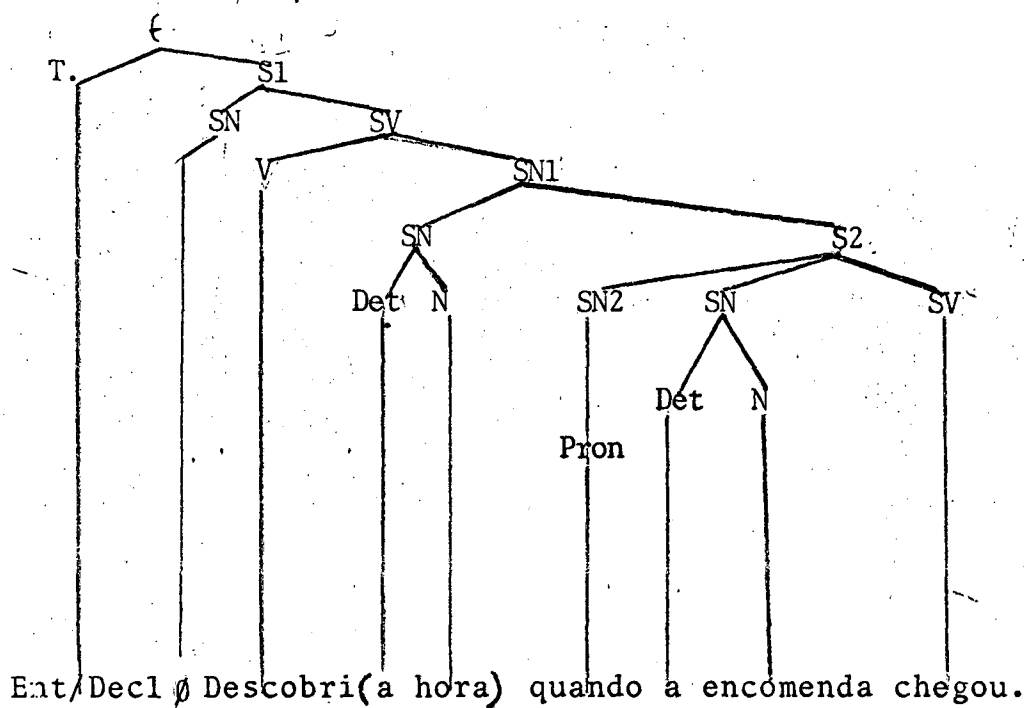
(b) Estruturas superficiais:

Diagrama 3

Variante 1



Variante 2

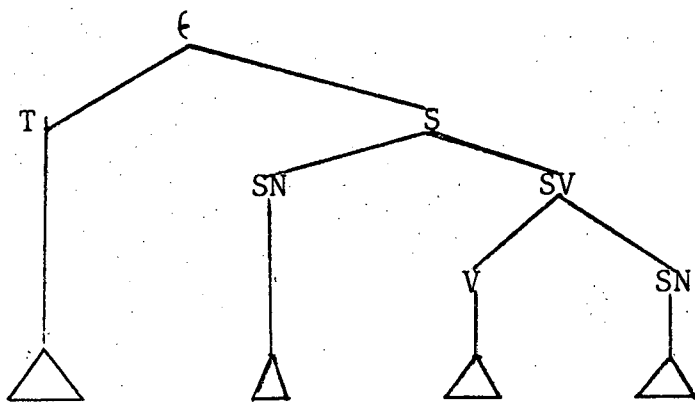


B - Caracterização:

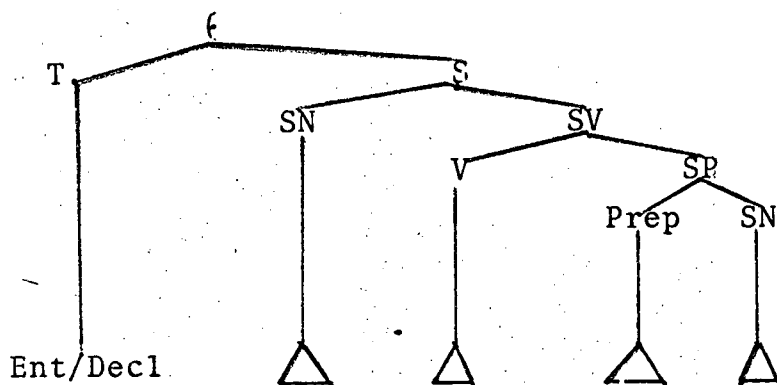
1. A sentença relativa é um modificador do SN1 contido na S1;
2. O SN1 exerce a função de OD da S1;
3. O SN2 exerce a função de AAdv da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo: OD - AAdv.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Percebi o instante.

2: O diretor chegou nesse instante.

Sentença-resposta: Percebi $\left\{ \begin{array}{l} \text{o instante em que} \\ \text{(o instante) quando} \end{array} \right\}$ o diretor chegou.

CONJUNTO II

Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas Apositivas

Subconjunto - A

Cláusulas Apositivas Desenvolvidas iniciadas pelo pronome relativo QUE

Sentença-modelo 41

O GELO, QUE É FRIO, PREJUDICA A GARGANTA.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

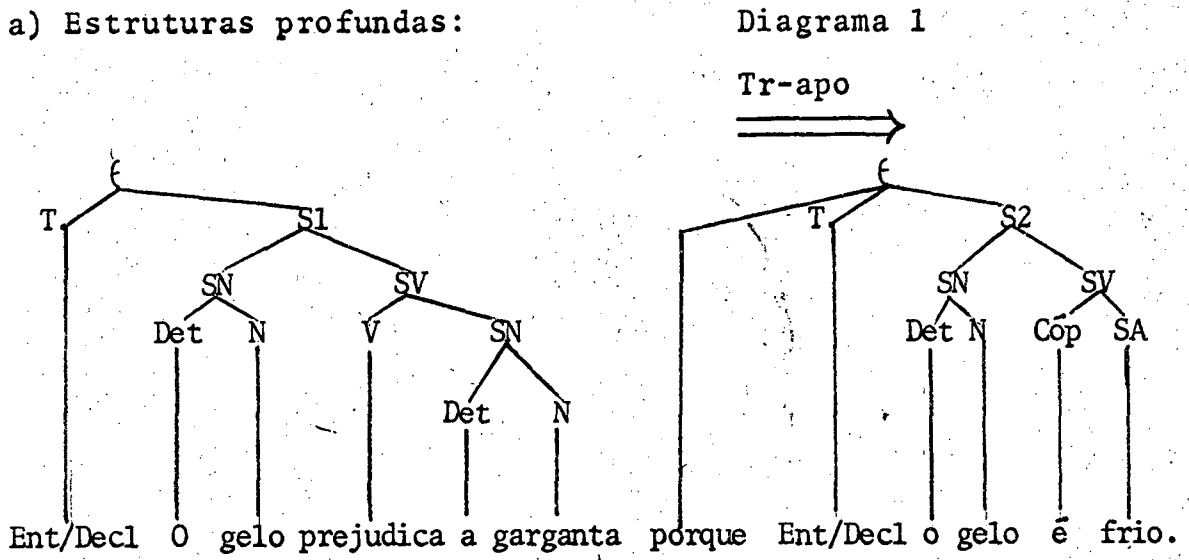
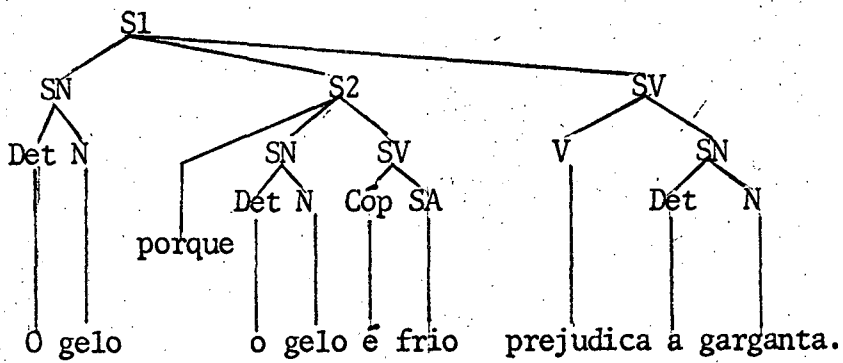


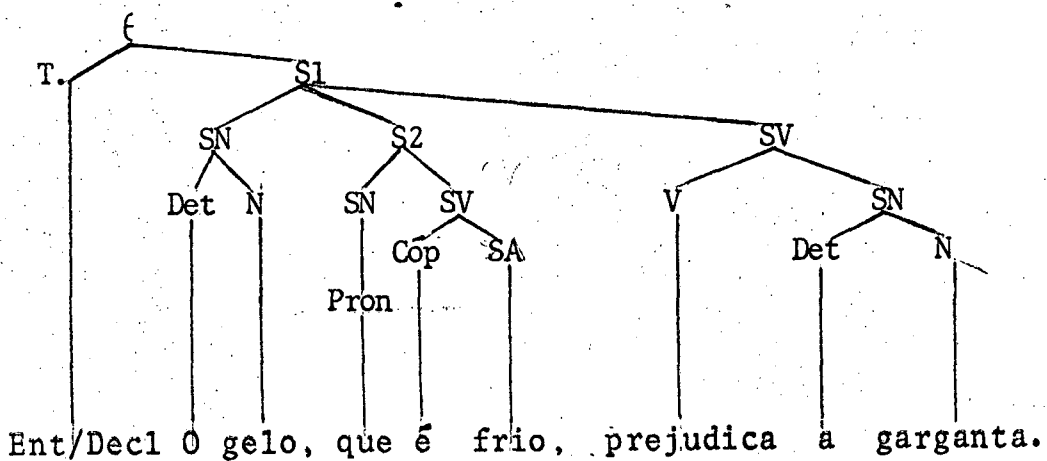
Diagrama 2

Tr-pro



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

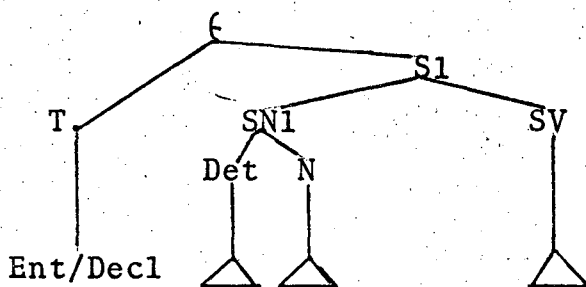


B - Caracterização:

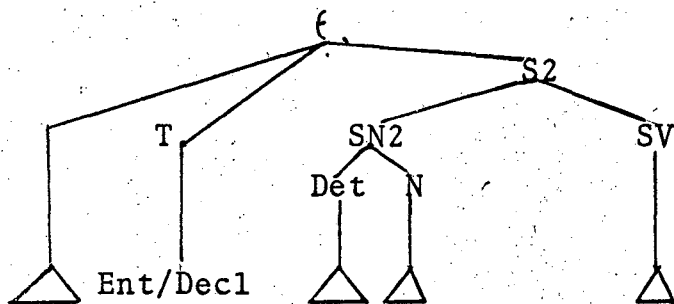
1. A sentença relativa é um aposto do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de Su da S1;
3. O SN2 exerce a função de Su da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é de tipo: Su - Su.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: A cobra atacou o sertanejo, pois

2: pois a cobra é um réptil.

Sentença-resposta: A cobra, que é um réptil, atacou o sertanejo.

DEUS CRIOU O HOMEM, QUE É MORTAL.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

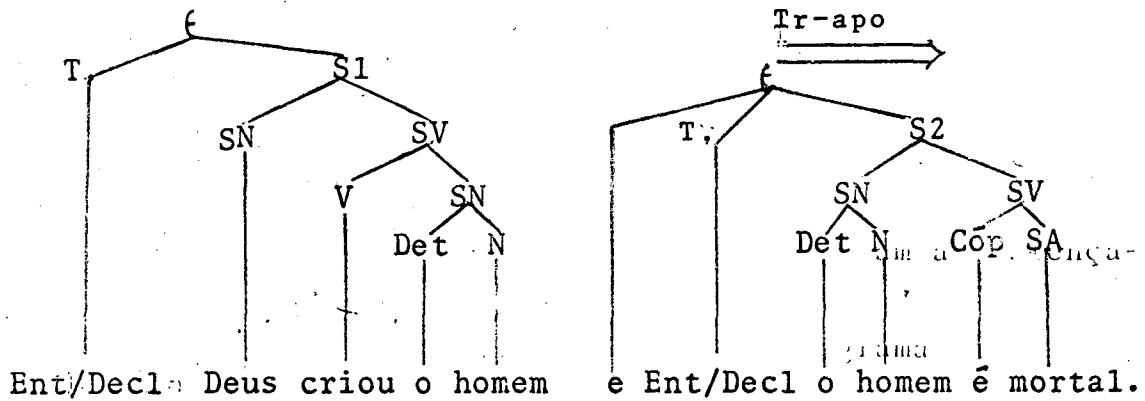
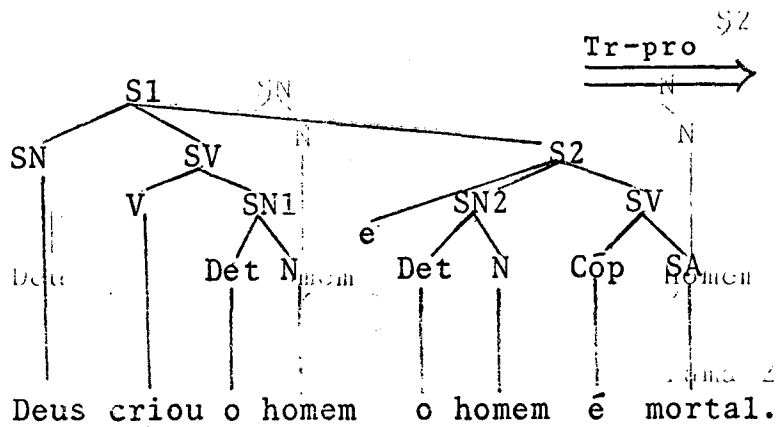
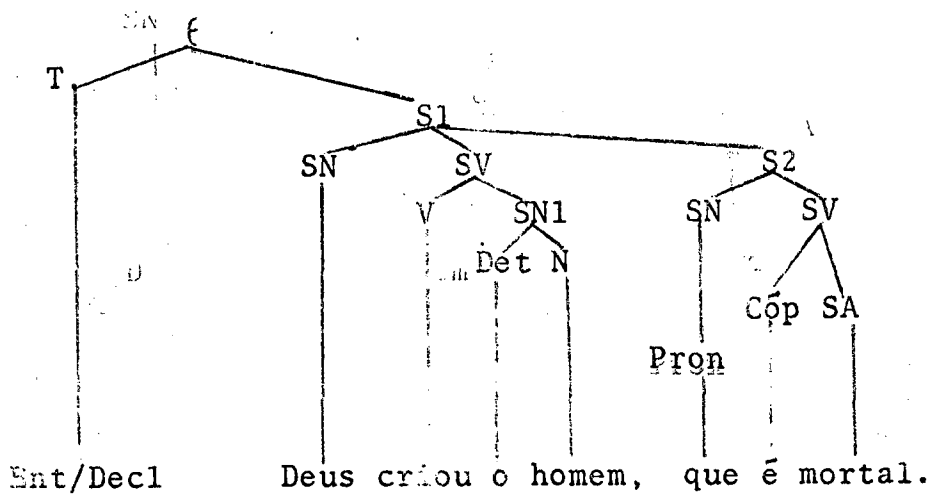


Diagrama 2



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3



CONFIAMOS EM DEUS, QUE É ONIPOTENTE.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

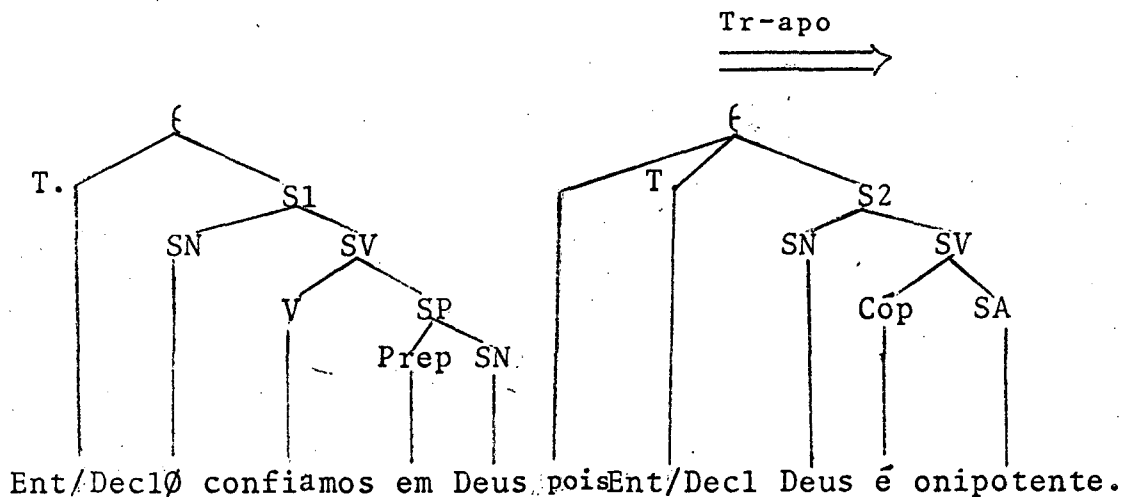
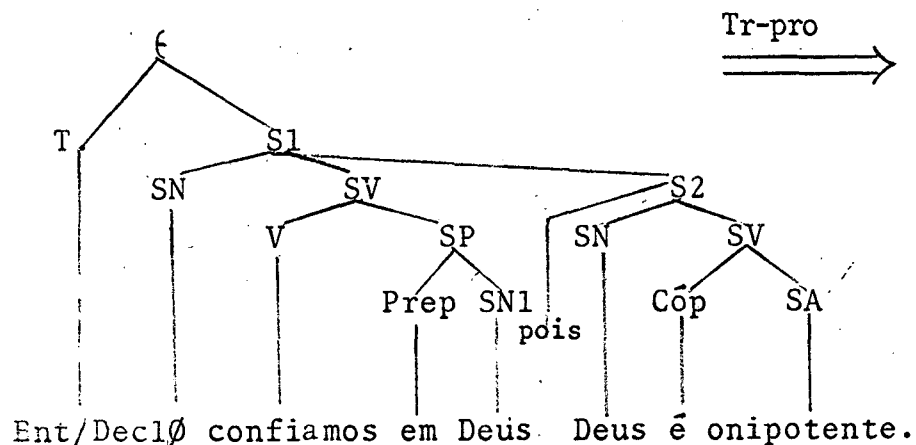
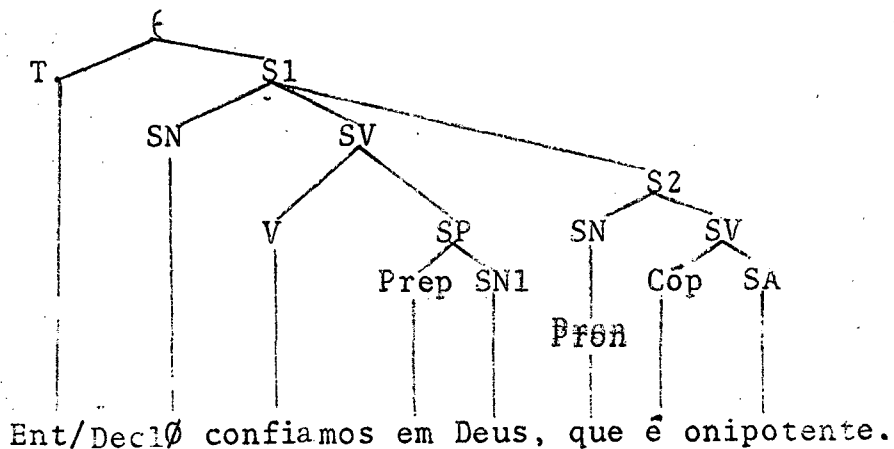


Diagrama 2



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

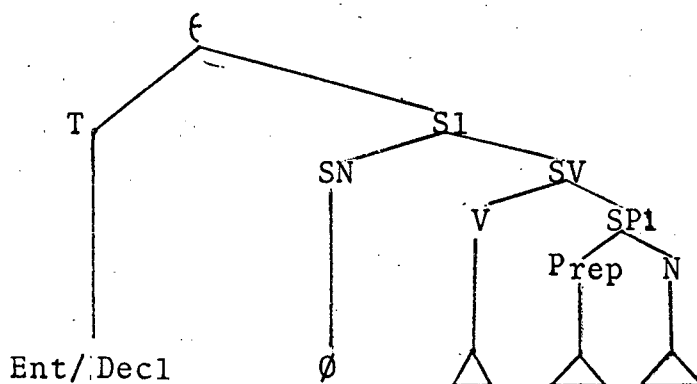


B - Caracterização:

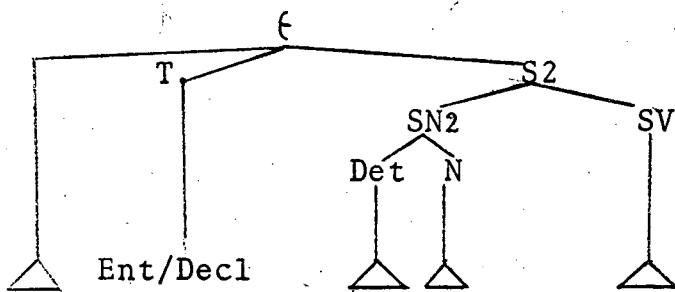
1. A sentença relativa é um aposto do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de OI da S1;
3. O SN2 exerce a função de Su da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: OI - Su.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção da sentença-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Gostamos sempre de água

2: pois a água é útil ao organismo.

Sentença-resposta: Gostamos sempre de água,
que é útil ao organismo.

Sentença-modelo 44

A VISÃO DE DEUS, QUE É A FELICIDADE, SERÁ NOSSO PRÊMIO.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

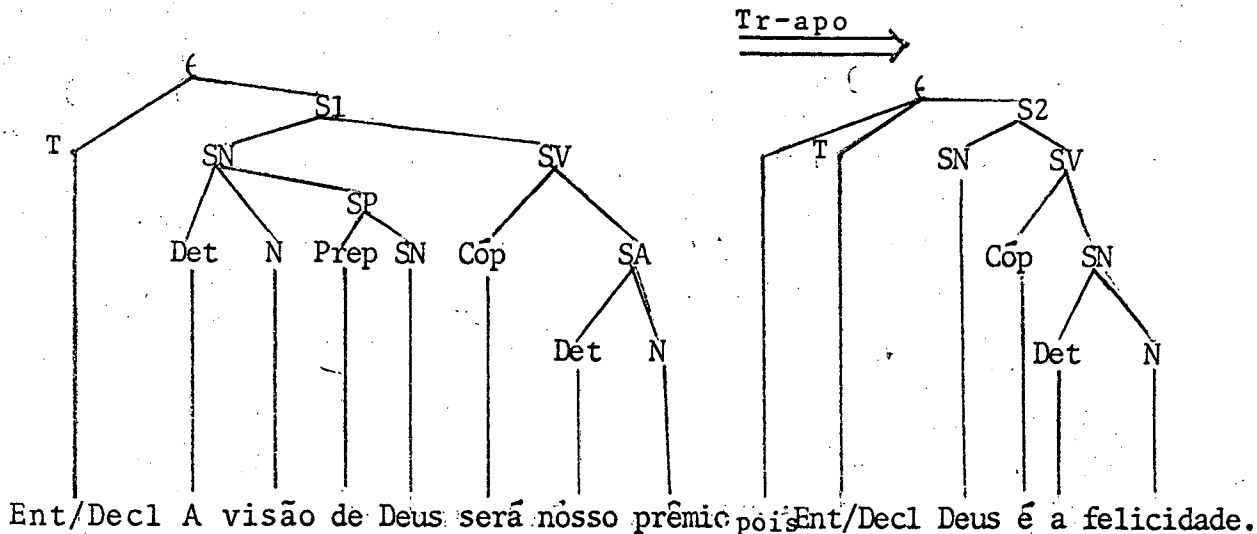
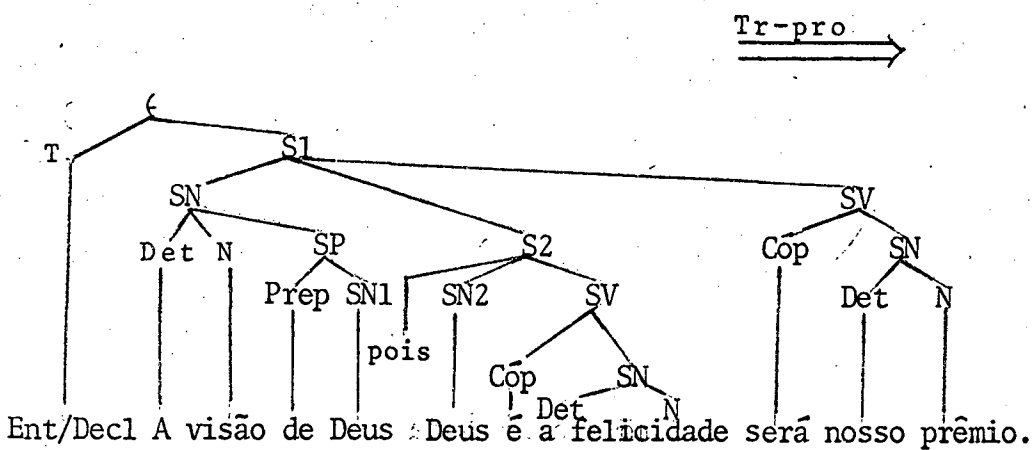
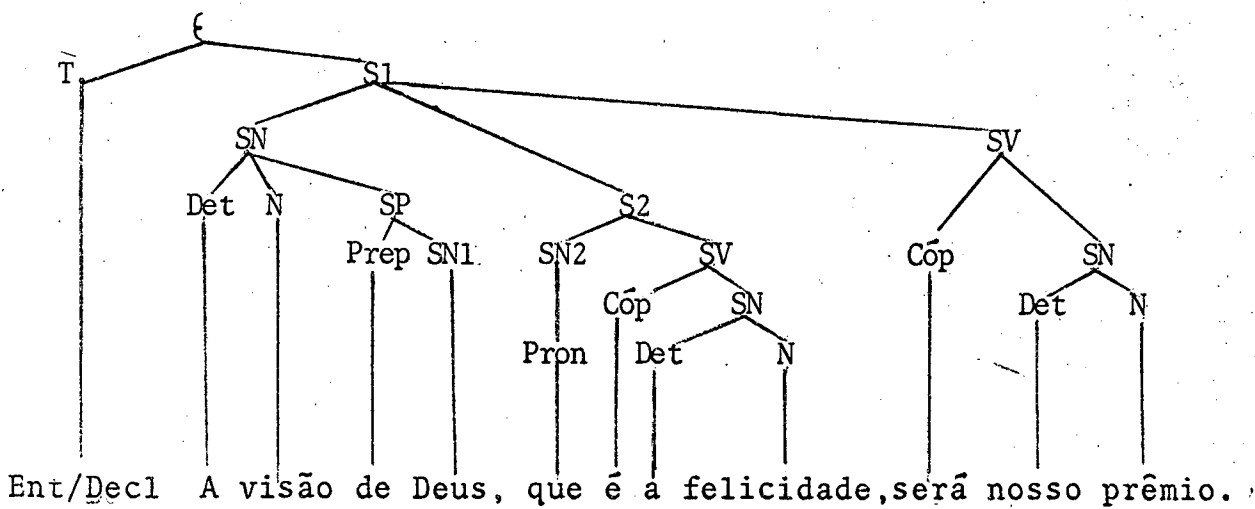


Diagrama 2



b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

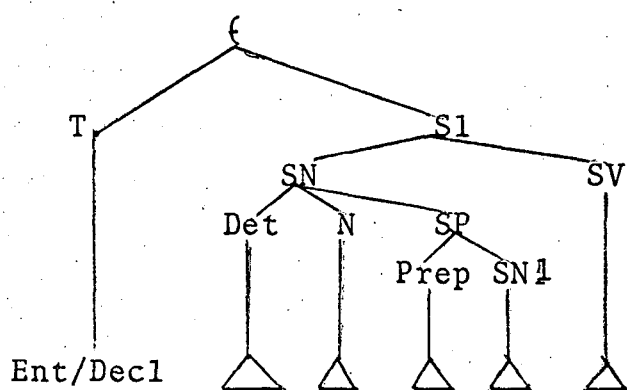


B - Caracterização:

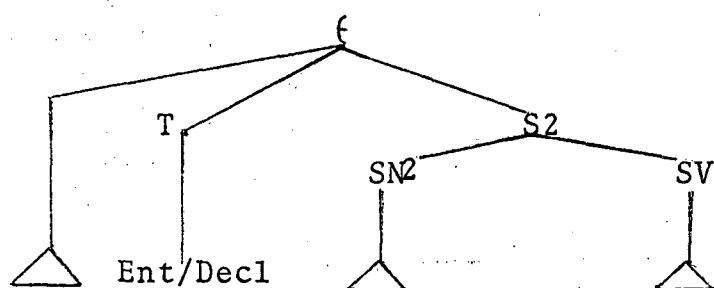
1. A sentença relativa é um aposto do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de CN da S1;
3. O SN2 exerce a função de Su da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-paralelismo é do tipo: CN - Su;

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: O amor pelo Brasil nos enobrece

2: pois o Brasil é nossa pátria.

Sentença-resposta: O amor pelo Brasil, que é nossa pátria, nos enobrece.

Subconjunto - B

Cláusulas Apositivas Desenvolvidas iniciadas pelo pronome relativo QUANTO

Sentença-modelo 45

ESTA VOZ LEMBRAVA TUDO QUANTO EU CONSERVAVA NA ALMA.

A) Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estruturas profundas:

Diagrama 1

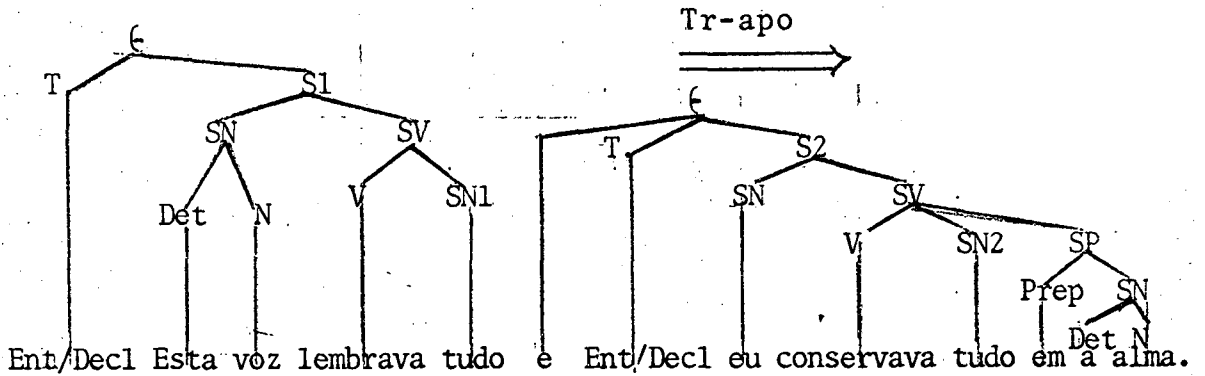


Diagrama 2

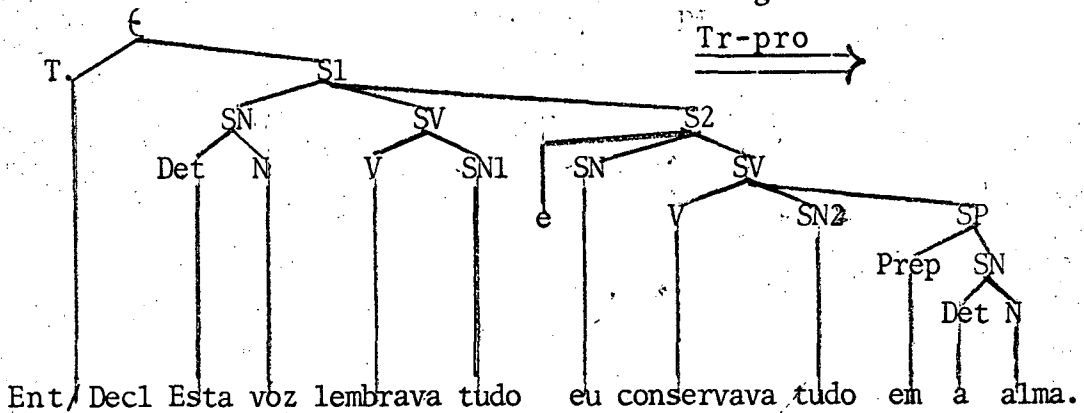
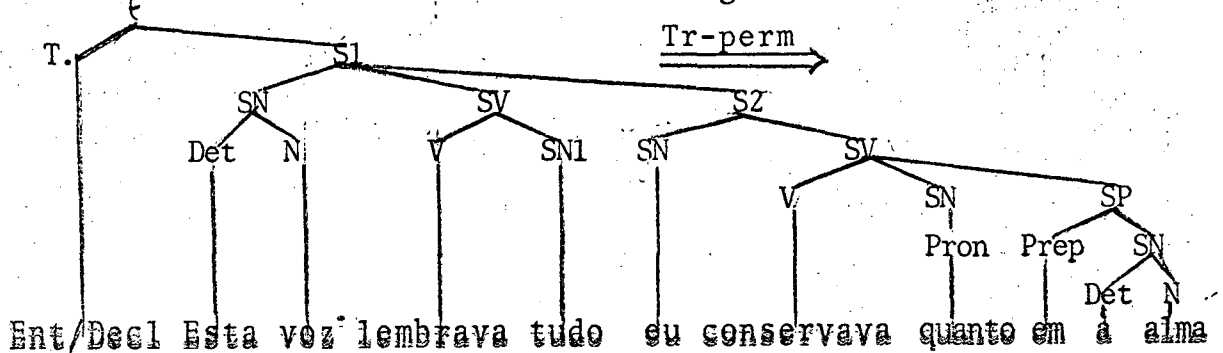
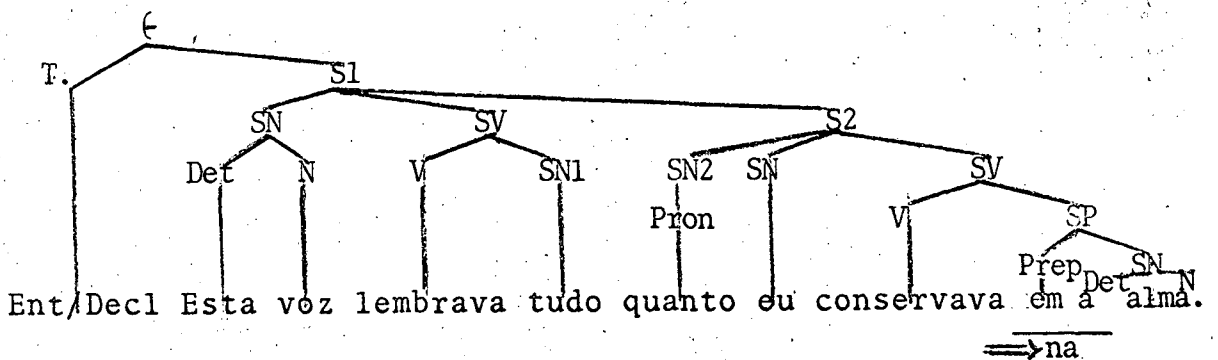


Diagrama 3



b) Estrutura superficial:

Diagrama 4



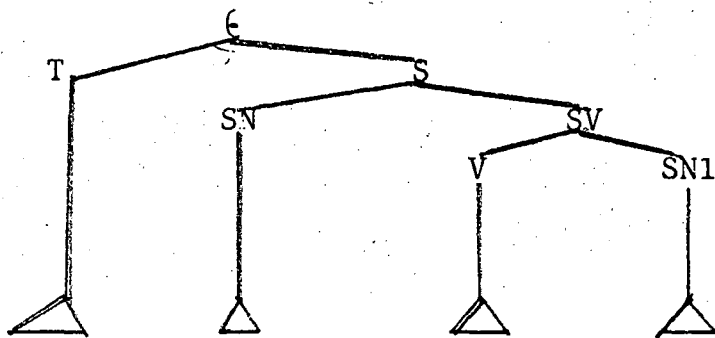
⇒na

B - Caracterização:

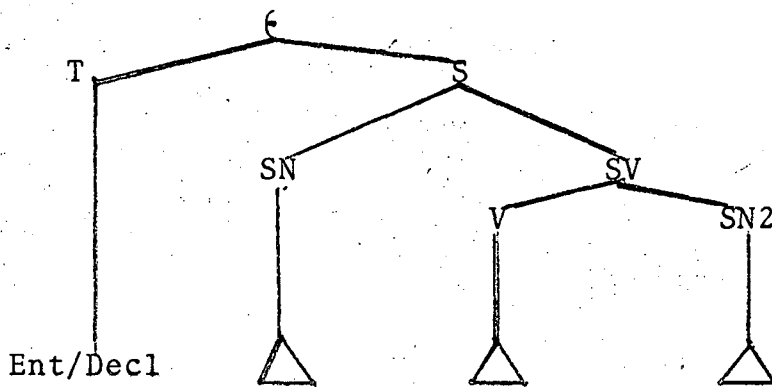
1. A sentença relativa é um aposto do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de OD da S1;
3. O SN2 exerce a função de OD da S2;
4. O SN1 e o SN2 têm funções paralelas;
5. O paralelismo é do tipo: OD - OD.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Meu filho tem tudo

2: e uma criança deseja tudo.

Sentença-resposta: Meu filho tem tudo quanto uma criança deseja.

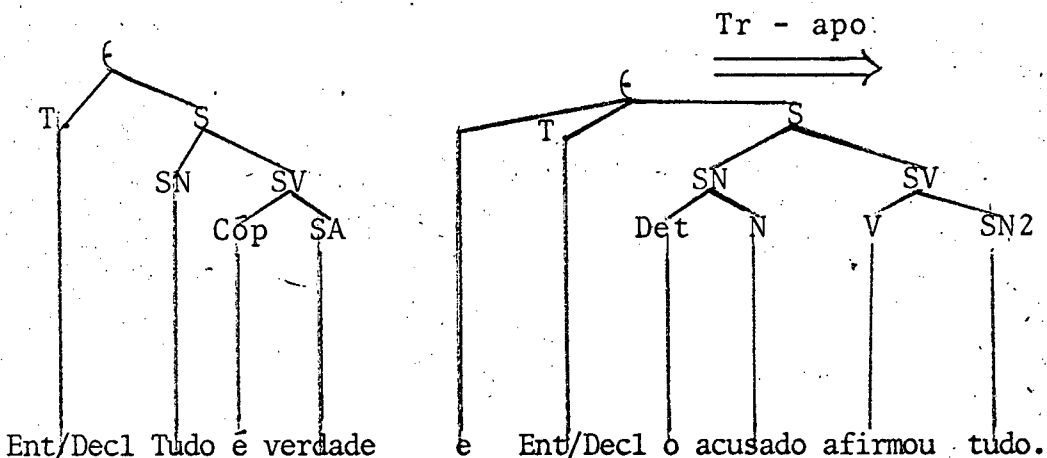
Sentença-modelo 46

TUDO QUANTO O ACUSADO AFIRMOU É VERDADE.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

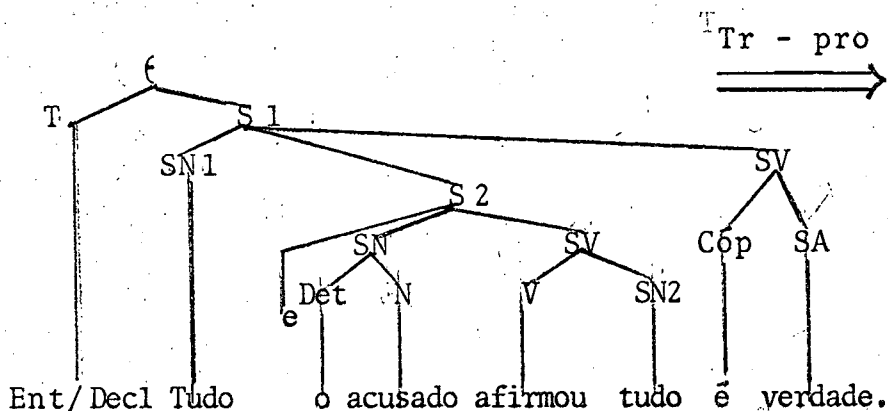
a) Estruturas profundas:

Diagrama 1



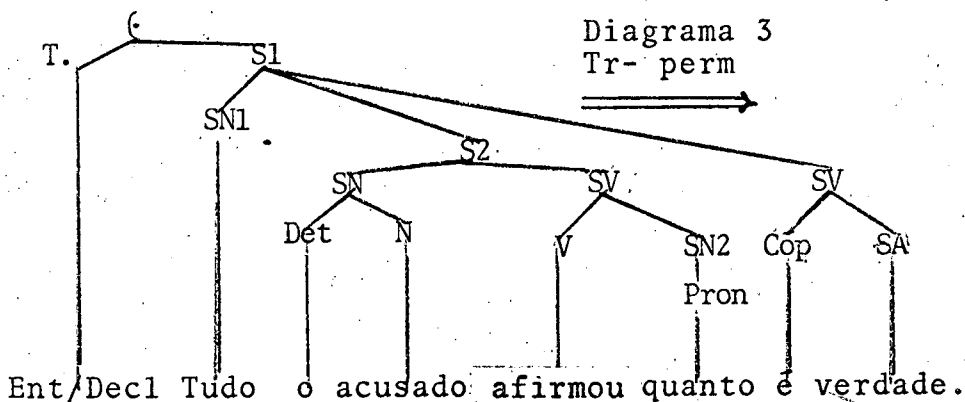
Tr - apo
 \Rightarrow

Diagrama 2



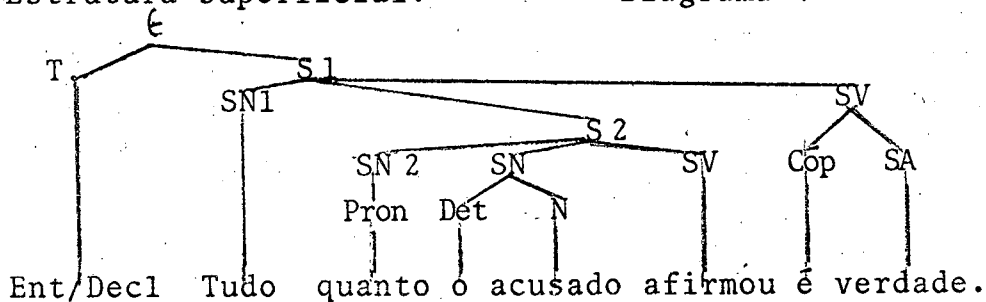
Tr - pro
 \Rightarrow

Diagrama 3
 Tr - perm
 \Rightarrow



b) Estrutura superficial:

Diagrama 4

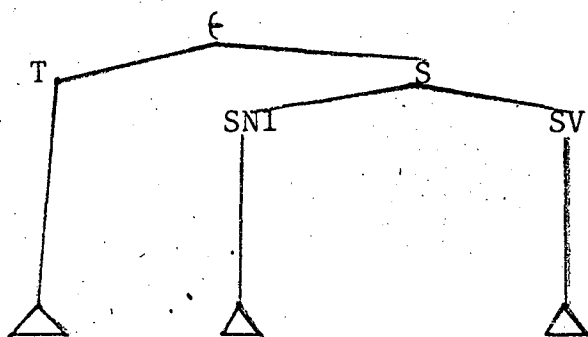


B - Caracterização:

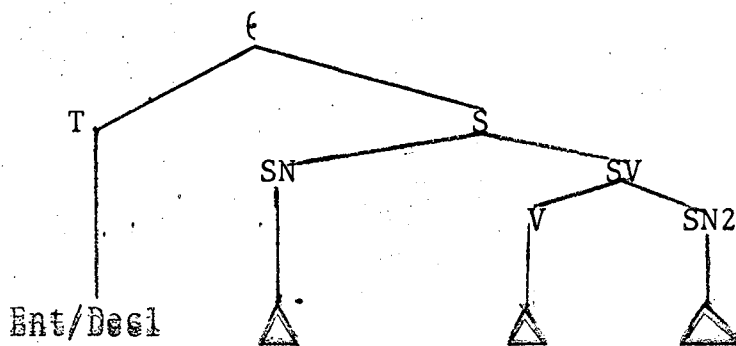
1. A sentença relativa é um aposto do SN1 da S1;
2. O SN1 exerce a função de Su da S1;
3. O SN2 exerce a função de OD da S2;
4. O SN1 e o SN2 não têm funções paralelas;
5. O não-parallelismo é do tipo:SSu - OD

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção das sentenças-estímulo, de forma que:
 - a) a primeira sentença-estímulo seja do tipo:



- b) e a segunda sentença-estímulo seja do tipo:



2. Exemplificação:

Sentenças-estímulo 1: Tudo estava bom

2: e ele fez tudo.

Sentença-resposta: Tudo quanto ele fez estava bom.

CONJUNTO III

Sentenças Complexas contendo Cláusulas Relativas Reduzidas

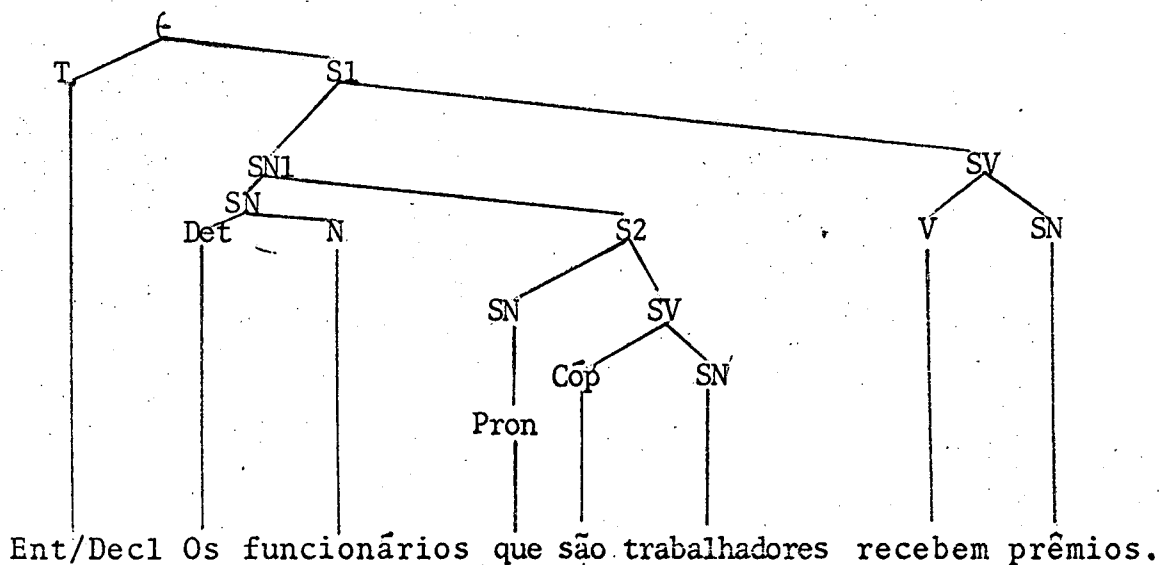
OS FUNCIONÁRIOS TRABALHADORES RECEBEM PRÊMIOS.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estrutura superficial
(intermediária)

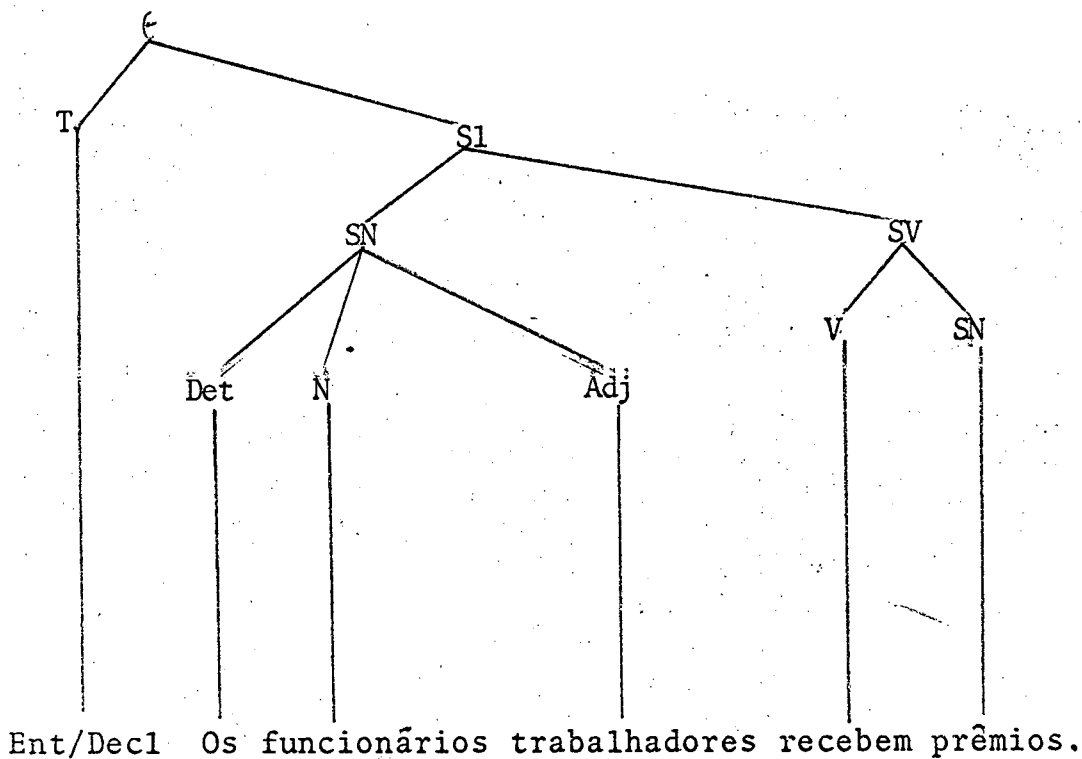
Diagrama 1

Tr-red →



b) Estrutura superficial:

Diagrama 2

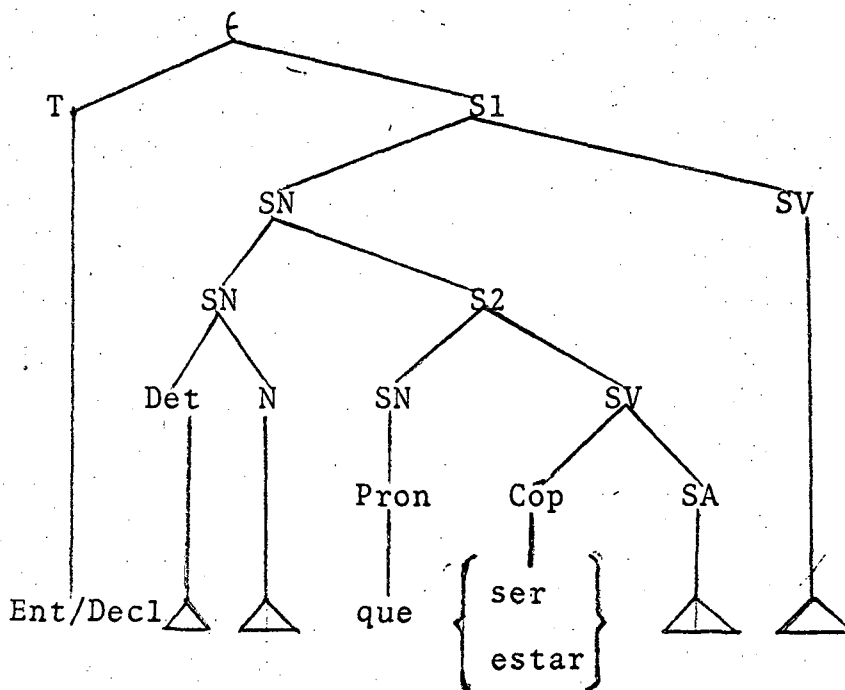


B - Caracterização:

A sentença relativa reduzida é um modificador posnominal.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção de uma sentença-estímulo do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo: O homem que é culto lê muito.

Sentença-resposta: O homem culto lê muito.

Sentença-modelo 48

EU CONHEÇO UM COMPETENTE PROMOTOR.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estrutura superficial
(intermediária)

Diagrama 1

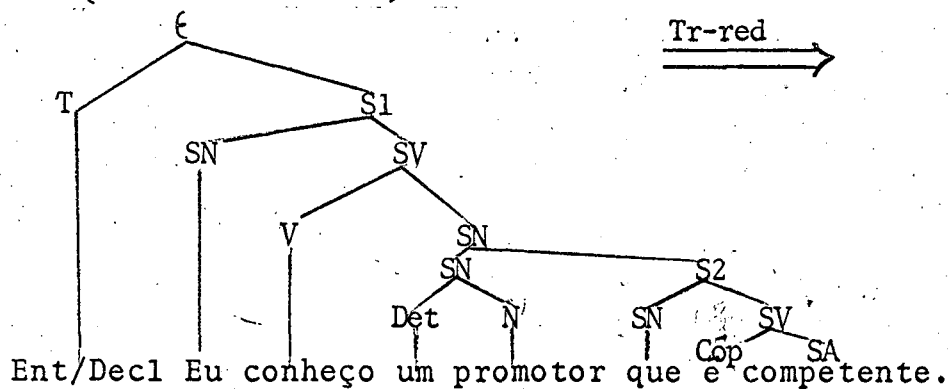
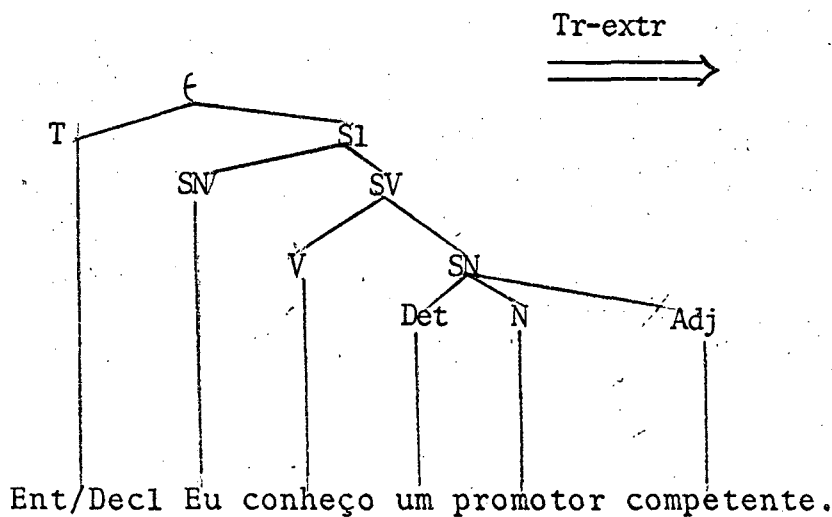
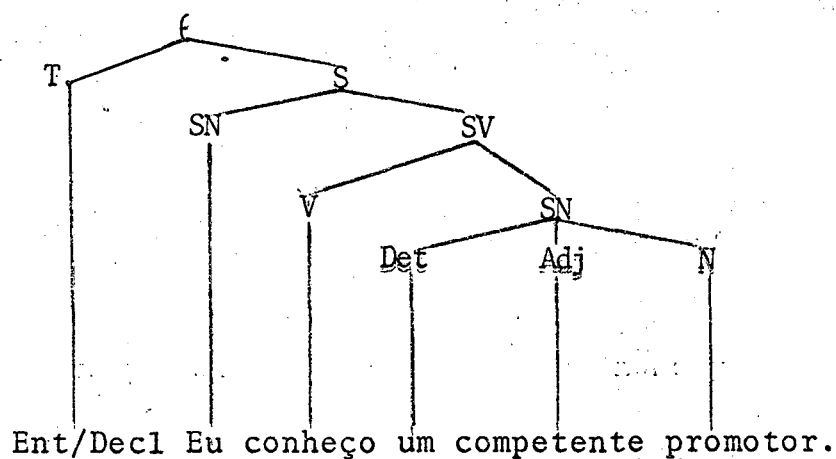
Tr-red
⇒

Diagrama 2

Tr-extr
⇒

b) Estrutura superficial:

Diagrama 3

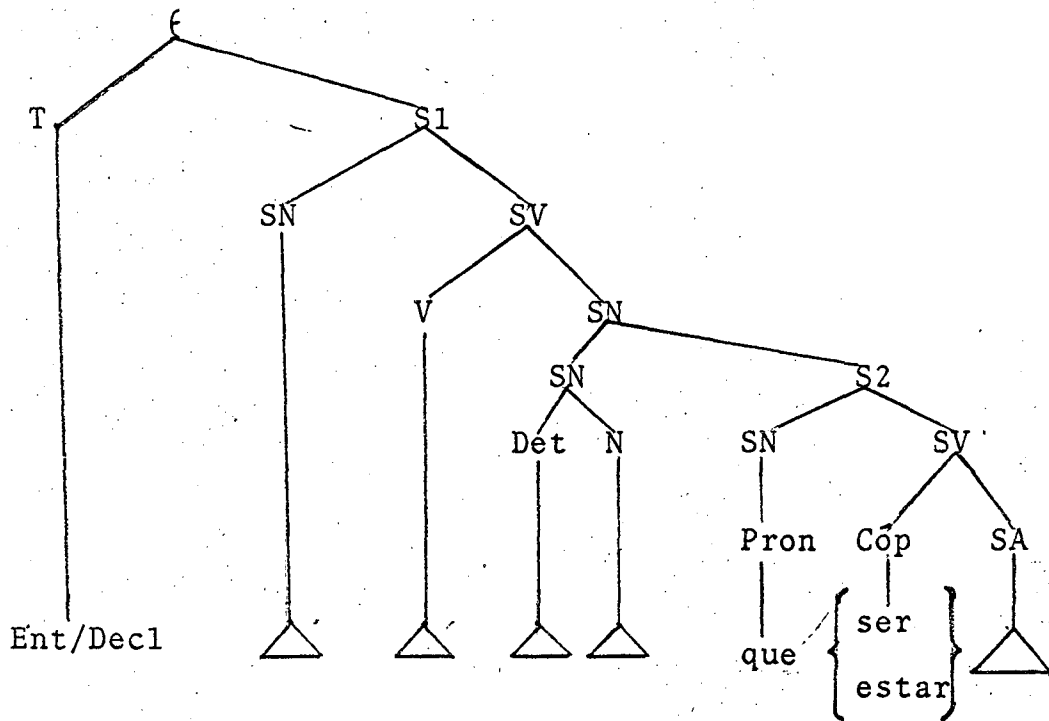


B - Caracterização:

A sentença relativa reduzida é um modificador prenominal.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção da sentença-estímulo do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo: Tu leste a notícia que foi verdadeira.

Sentença-resposta: Tu leste a verdadeira notícia.

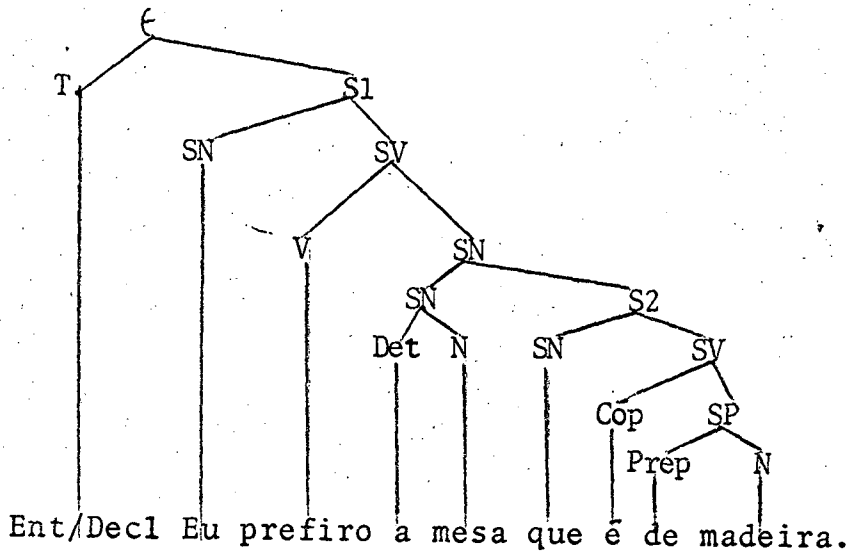
EU PREFIRO A MESA DE MADEIRA.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estrutura superficial
(intermediária)

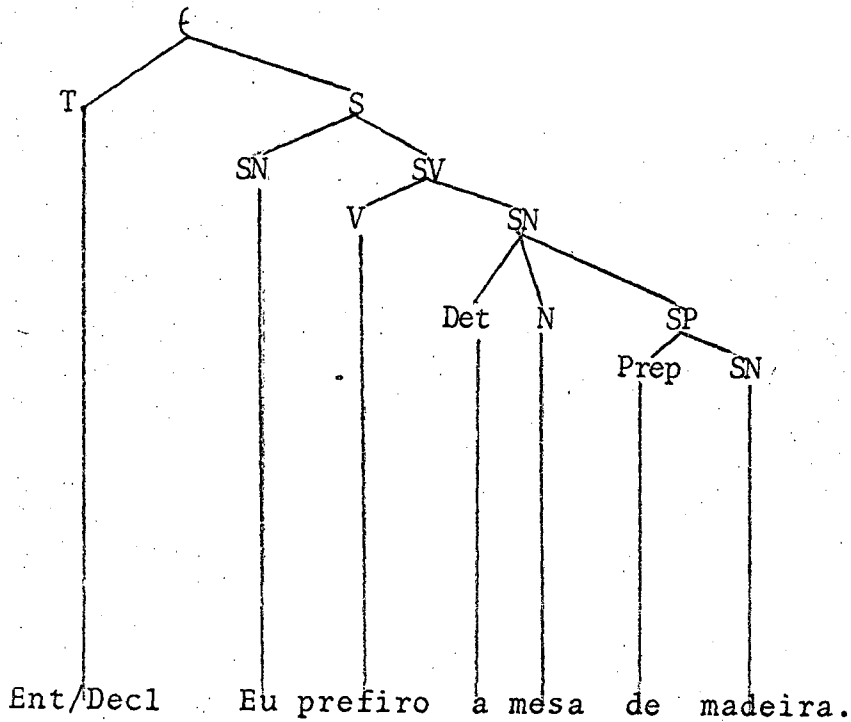
Diagrama 1

Tr-red
→



b) Estrutura superficial:

Diagrama 2

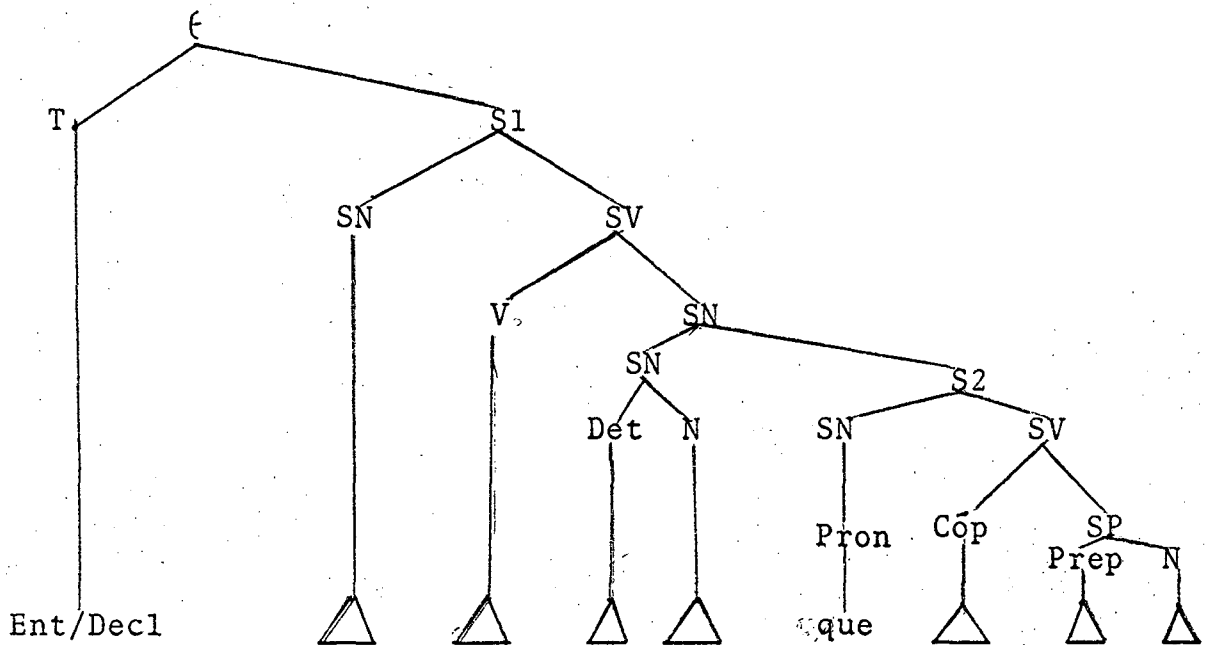


B - Caracterização:

A sentença relativa reduzida é um modificador do tipo sintagma preposicional.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção da sentença-estímulo do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo: Os visitantes observavam a dama que esta
va de colar.

Sentença-resposta: Os visitantes observavam a dama de colar.

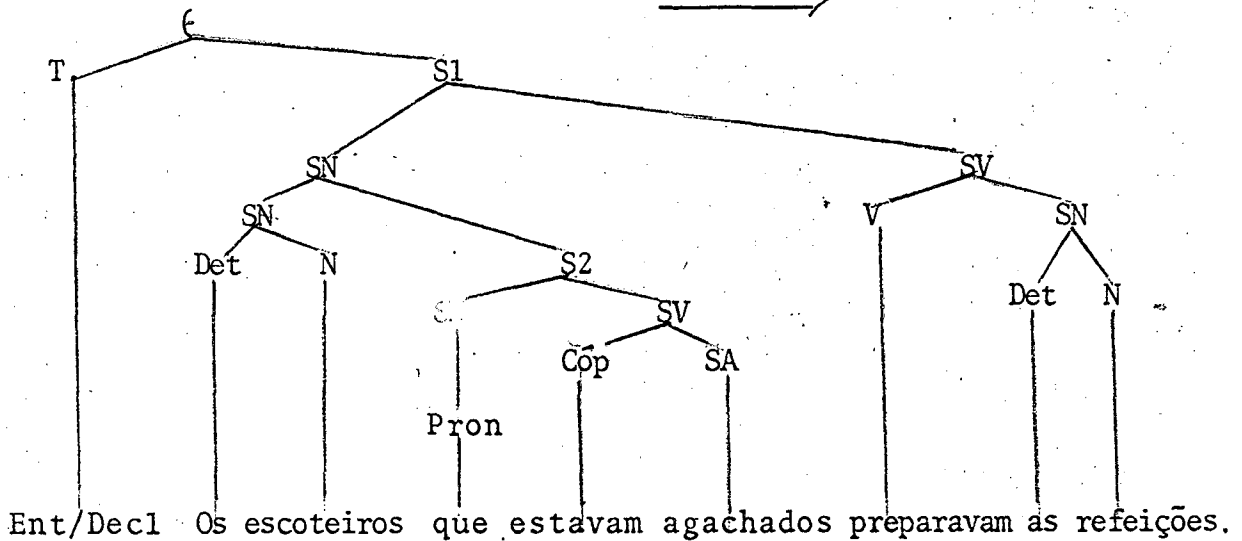
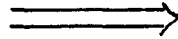
OS ESCOTEIROS AGACHADOS PREPARAVAM AS REFEIÇÕES.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estrutura superficial
(intermediária)

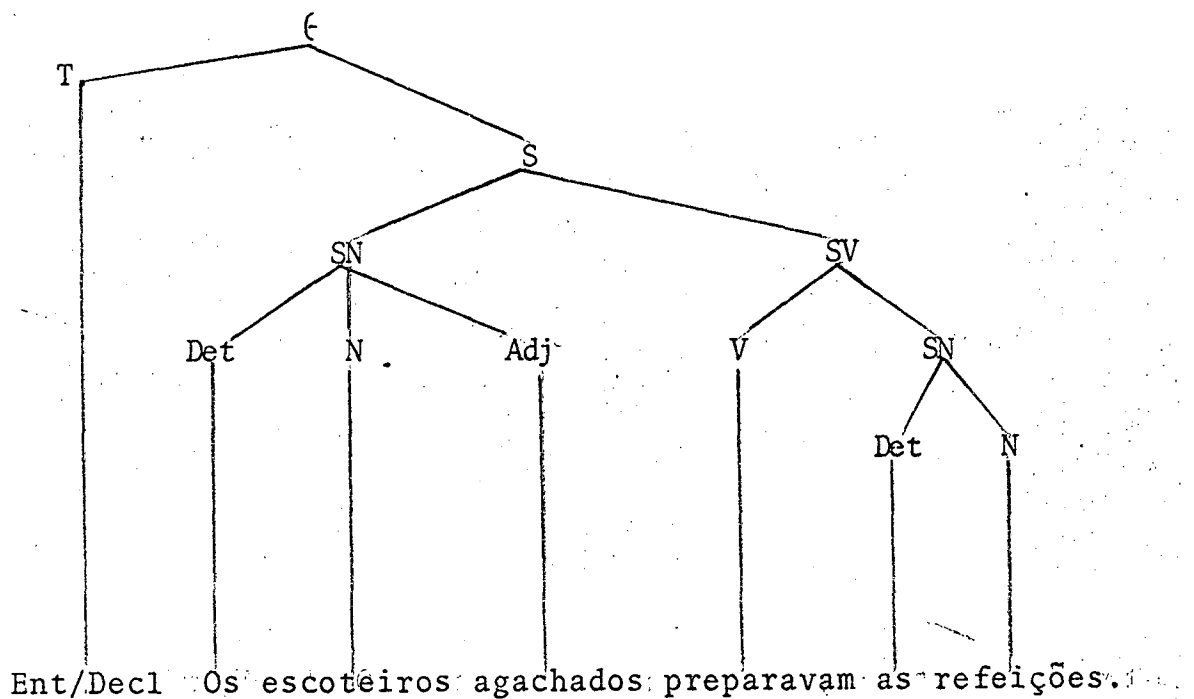
Diagrama 1

Tr-red



b) Estrutura superficial:

Diagrama 2

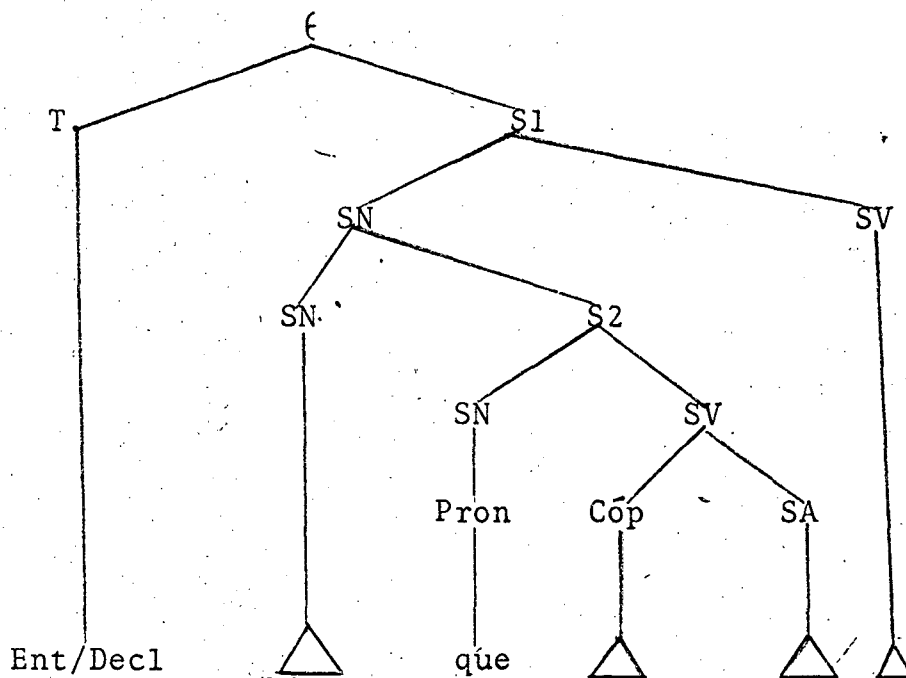


B - Caracterização:

A sentença relativa reduzida é um modificador do tipo partcípio.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção da sentença-estímulo do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo: O estudante que estava revoltado perdeu as eleições.

Sentença-resposta: O estudante revoltado perdeu as eleições.

Sentença-modelo 51

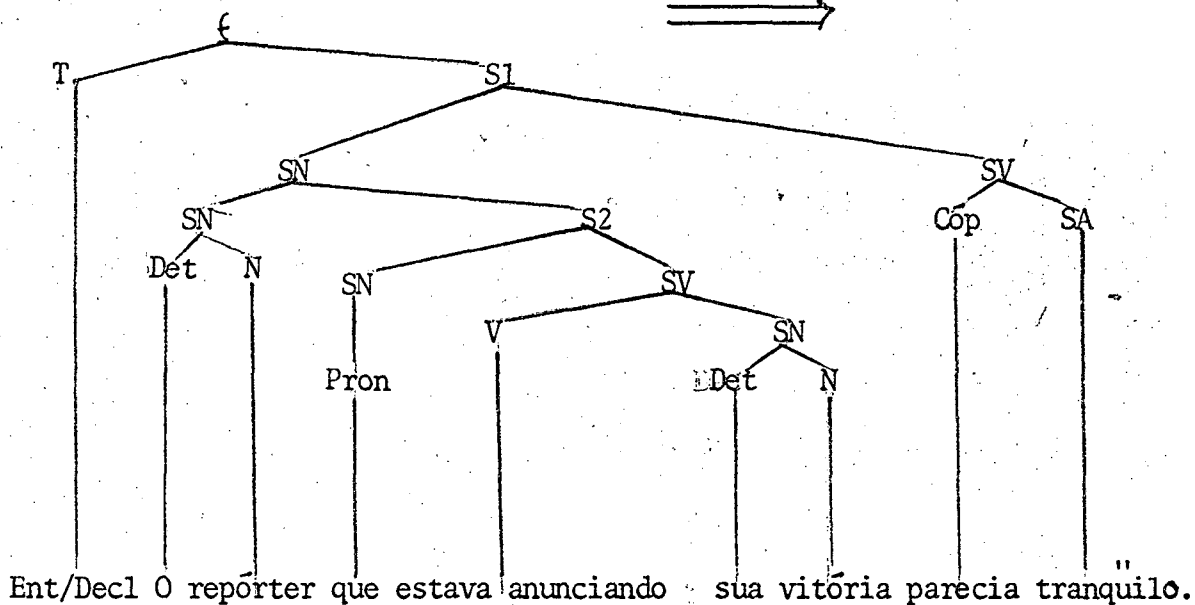
O REPÓRTER ANUNCIANDO SUA VITÓRIA PARECIA TRANQUÍLO.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo

a) Estrutura superficial
(intermediária)

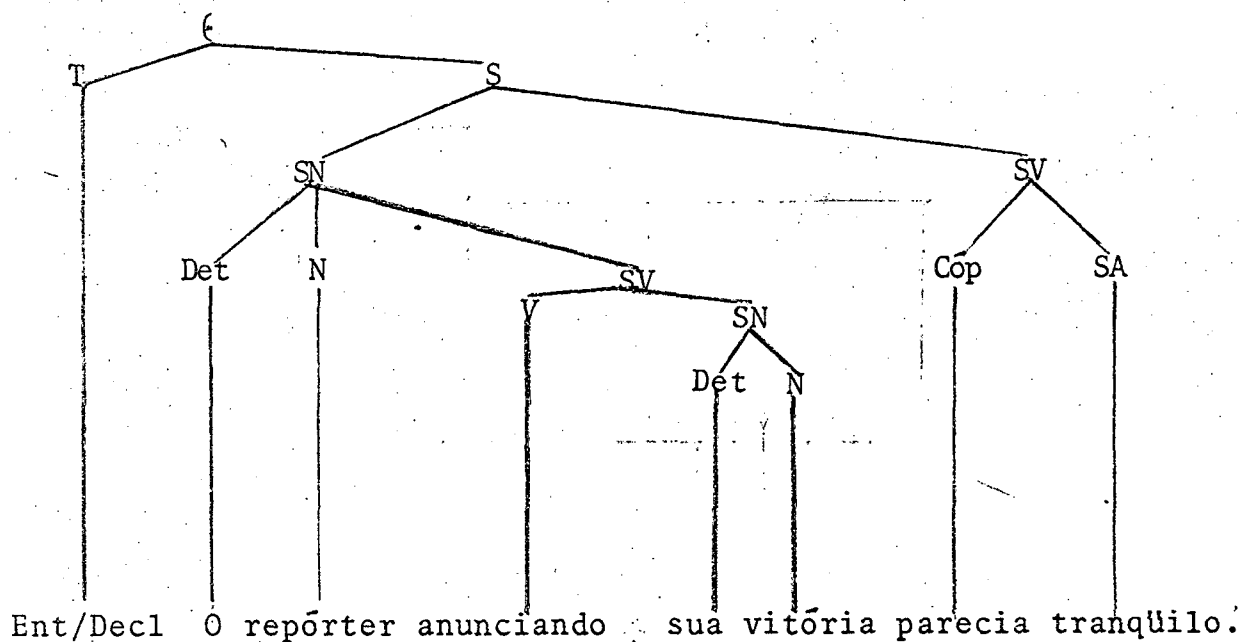
Diagrama 1

Tr-red



b) Estrutura superficial:

Diagrama 2

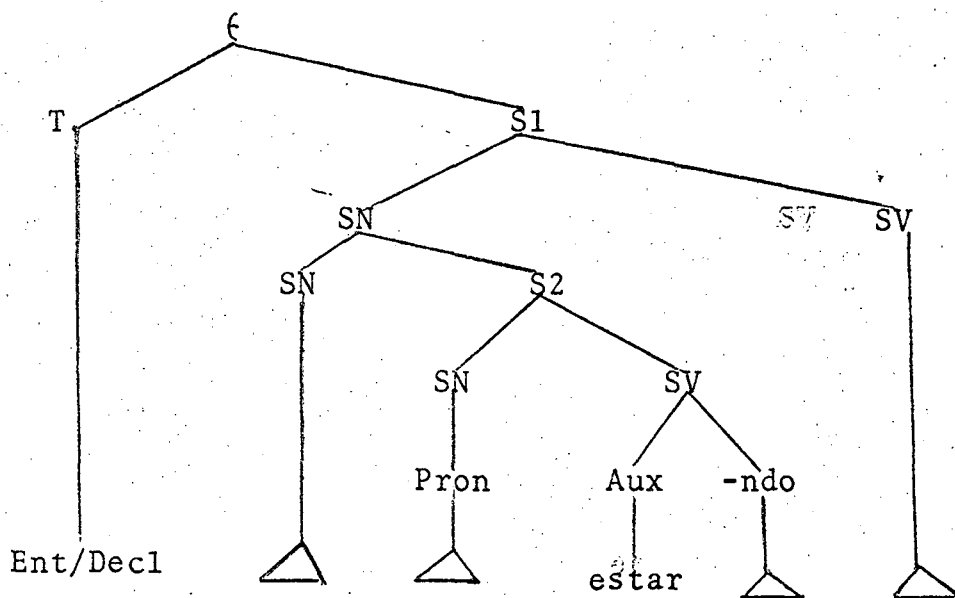


B - Caracterização:

A sentença relativa reduzida é um modificador do tipo Gerúndio.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção da sentença-estímulo do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo: O marinheiro que estava fitando as estrelas no céu procurava orientação.

Sentença-resposta: O marinheiro fitando as estrelas no céu procurava orientação.

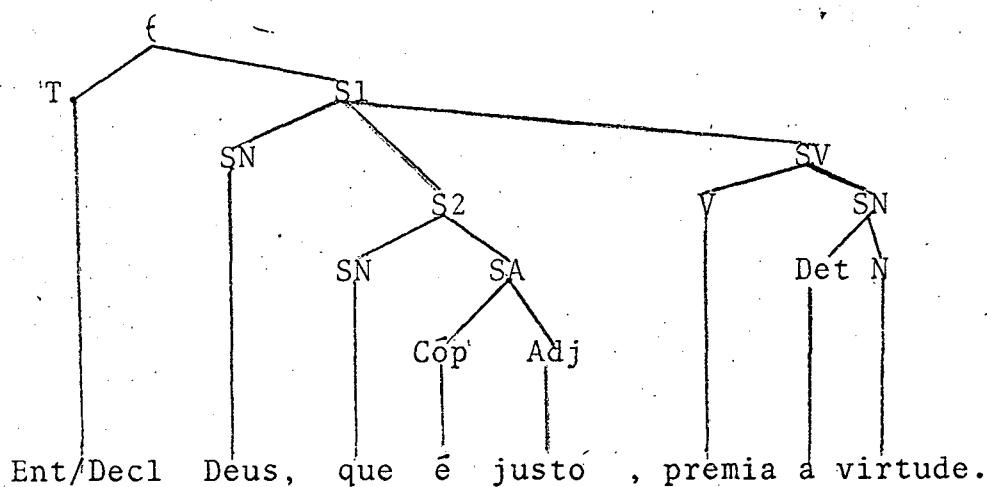
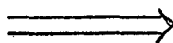
DEUS, JUSTO, PREMIA A VIRTUDE.

A - Descrição e aplicação das regras que geraram a sentença-modelo:

a) Estrutura superficial
(intermediária)

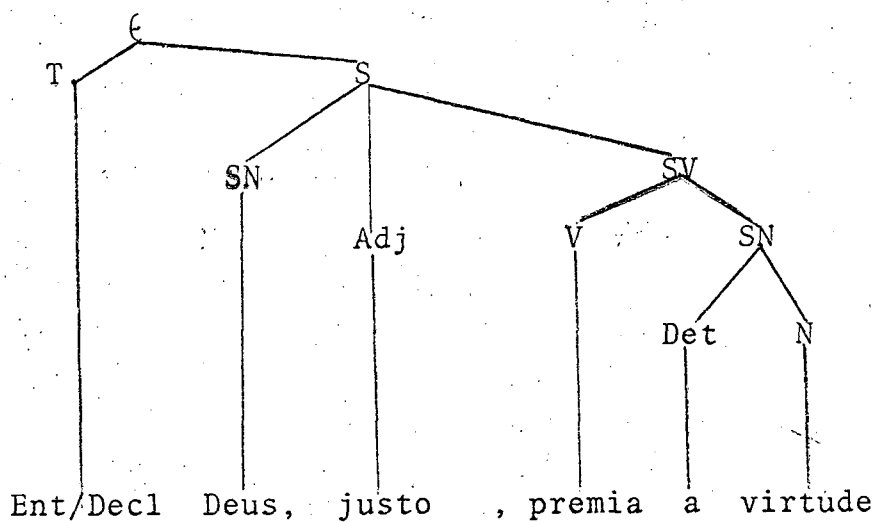
Diagrama 1

Tr- red



b) Estrutura superficial:

Diagrama 2

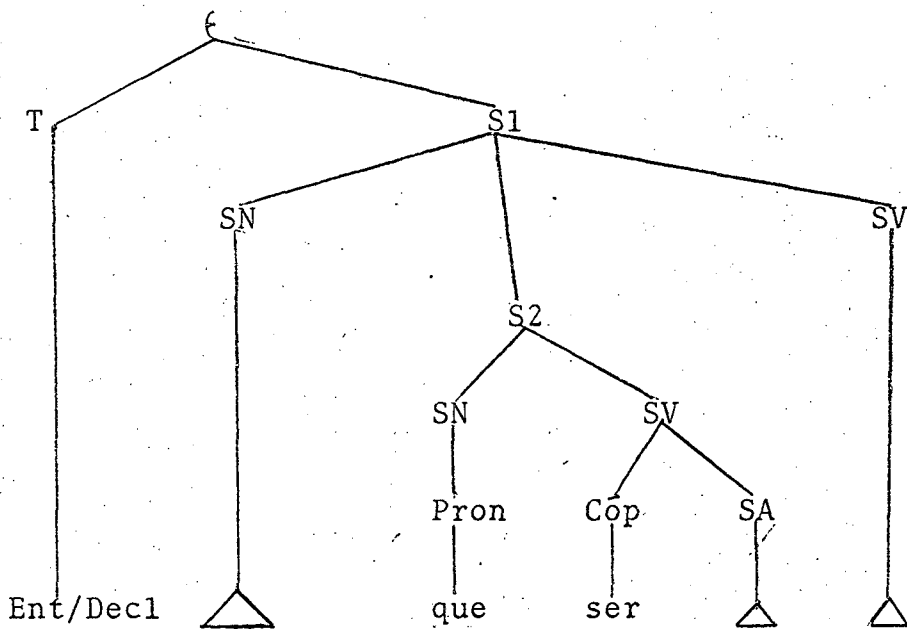


B - Caracterização:

A sentença relativa reduzida é um aposto posnominal.

C - Sugestões para a organização do exercício:

1. Seleção da sentença-estímulo do tipo:



2. Exemplificação:

Sentença-estímulo: O homem, que é racional, torna-se senhor da terra.

Sentença-resposta: O homem, racional, torna-se senhor da terra.

NOTAS

¹ Permitindo a assimilação, não são de estruturas gramaticais, particularmente a do processo de relativização, como também a de certos fatos prosódicos, gráficos, morfossintáticos, semânticos e estilísticos oferecidos por esse tipo de construção, os exercícios sugeridos na exemplificação são do tipo COMBINAÇÃO cuja natureza é: dadas duas sentenças, existindo, entre ambas, necessariamente, dois elementos ligados por uma relação de identidade, reuni-las em uma estrutura mais complexa. (Cf. Geneviève Delattre. Le français dans le monde, n° 41, 1966, p. 18)

² Amy Cheldon (1976) estudou a compreensão de quatro tipos de sentenças relativas, detectando as espécies de erro cometidos por crianças na faixa etária de 3 a 5 anos. Essas sentenças, das quais duas são intercaladas e duas não intercaladas, apresentam, como característica, um sintagma nominal relativizado do sujeito ou do objeto da cláusula relativa, resultando tipos de sentenças com funções paralelas. Exs: OO - Eu vi o menino / que você procurava; SS - O menino/que procurava você / encontrou sua carteira.

³ Como vem sendo elaborado neste trabalho, todos os diagramas estão apresentados de modo simplificado, revelando-se apenas os elementos essenciais na análise do processo de relativização.

⁴ Uma vez que o pronome CUJO e suas flexões possuem, entre outros, os traços dos possessivos, quer sintático - concordância com o conseqüente, quer semântico - idéia de posse, podem ser considerados Det, ficando, por isso, na árvore, no mesmo nóculo do N.

⁵ Em decorrência de sua função na cláusula relativa, o pronome relativo CUJO e suas flexões podem vir anteceditos de qualquer preposição que os acompanha, quando se lhes aplica a transformação de permuta. Entretanto a preposição não rege, pois dirige-se ao núcleo, seu conseqüente.

⁶ Em slogan de propaganda de loja comercial feito através da TV e em registros informais, têm aparecido as seguintes realizações orais: A loja que você conhece o dono. O homem que você conhece o filho dele. O homem que você conhece o filho. Tal fato nos leva a registrar mais de uma estrutura superficial.

⁷ Conforme o princípio do "tree-pruning" proposto por Ross (1976-26), houve a eliminação de vários nóculos, uma vez que, aplicando-se a transformação de redução à sentença 2, o nóculo resultante dessa aplicação não se ramifica.

CONCLUSÃO

Diante dos objetivos educacionais propostos pela Lei 5.692/71 e documentos correlatos, dos sintomas indicadores da crise no ensino da Língua Portuguesa, apontados por especialistas da ciência da linguagem, e de uma das sugestões do Ministério de Educação e Cultura - Estabelecimento de prioridade nacional para pesquisas lingüísticas que contribuam para o aperfeiçoamento do ensino da língua materna -, a presente dissertação pretendeu dar ao professor de Língua Portuguesa uma fundamentação lingüística para que possa planejar exercícios visando à produção de sentenças complexas contendo cláusulas relativas, restritivas e apositivas, desenvolvidas ou reduzidas.

Dentre as teorias lingüísticas, a da gramática tradicional e a da gramática transformacional, adotou-se esta última. Pois, na sintaxe da teoria da gramática gerativa transformacional, embora na estrutura superficial as cláusulas relativas se classifiquem sintaticamente como sentenças inseridas ou subordinadas, na estrutura profunda elas são distintas. Enquanto as cláusulas relativas restritivas são geradas, segundo a maioria dos autores, como parte do sintagma nominal da sentença matriz, aparecendo, portanto, inseridas na base, as cláusulas relativas apositivas são sentenças coordenadas, inseridas posteriormente em outro conjunto, através de uma transformação de aposição. Não existindo na estrutura profunda, os pronomes relativos vão ter sua superficialização dependente de determinados traços dos sintagmas idênticos e correferentes da sentença um e da sentença dois que será relativizada. Postulando, ainda, a existência de cláusulas relativas subjacentes aos modificadores nominais, destaca uma semelhança semântica e sintática entre as cláusulas relativas, os adjetivos e certos sintagmas preposicionais em determinadas condições estruturais. Por tais razões, esta teoria forneceu elementos suficientes para a objetivação da proposta do presente trabalho.

Assim, selecionado um corpus de cinquenta e duas sentenças complexas contendo cláusulas relativas, dentre as

quais, quarenta restritivas, seis apositivas e seis reduzidas, tomou-se cada uma das sentenças complexas como modelo, caracterizando as cláusulas relativas, através da apresentação de suas estruturas superficial e profunda, seguindo-se a seleção das sentenças-estímulo e a exemplificação. Na distribuição das sentenças complexas em três conjuntos foi levado em consideração o tipo de cláusula relativa aí existente, compondo-se o conjunto um das restritivas desenvolvidas, o conjunto dois de apositivas desenvolvidas e o conjunto três de reduzidas. Na ordem de apresentação dessas mesmas sentenças, seguiu-se o critério da presença ou da ausência do paralelismo de função entre os sintagmas nominais idênticos e correferentes da sentença um e da sentença dois, iniciando-se as sugestões para a elaboração dos exercícios pelas sentenças com funções paralelas, seguidas das sentenças sem paralelismo de função.

Embora esta dissertação tenha pretendido apenas dar ao professor de Língua Portuguesa uma fundamentação lingüística para que possa planejar exercícios visando à produção de sentenças contendo cláusulas relativas, lembra ainda a necessidade de condições de ordem pedagógica quanto à sua aplicação. Elaborados os exercícios, num primeiro momento da aula, o aluno será levado, pelas sentenças-estímulo, à impregnação das transformações por que passaram as sentenças-resposta. Num segundo momento, porém, os alunos, com o auxílio do professor, poderão dar exemplos de outras construções sintáticas em que se processam as mesmas transformações. Num terceiro momento, levando-se em consideração o grau de ensino, alunos e professor estudarão essas transformações do ponto de vista teórico, aplicando-se, desta forma, os três momentos do processo ensino-aprendizagem da gramática: o não consciente, o consciente e o reflexivo.

Outras aplicações no campo da sintaxe da língua portuguesa poderão surgir como, por exemplo, a elaboração de exercícios visando à produção de sentenças complexas contendo cláusulas relativas com múltipla inserção, o que significaria mais um atendimento às sugestões do Ministério de Educação e Cultura quanto à prioridade de trabalhos lingüísticos que contribuam para o melhoramento do ensino da Língua Portuguesa.

S I N O P S E S

S I N O P S E

Verificando-se que os objetivos do ensino da Língua Portuguesa, conforme a Lei nº 5.692/71, a Resolução nº 8, de 1/12/71 e o Parecer 853/71, não estão sendo alcançados pela escola e postulando que uma dessas causas consiste na falta de fundamentação lingüística no planejamento de ensino, este trabalho apresenta sugestões para a organização de exercícios que envolvem a produção de sentenças complexas contendo cláusulas relativas, restritivas e explicativas, desenvolvidas ou reduzidas, com fundamentos na teoria transformacional.

S Y N O P S I S

Il se confirme que les objectifs de l'enseignement de Langue Portugaise, selon la Loi n° 5.692/71, la Resolution n° 8/71 et l'Avis n° 853/71 ne sont pas atteints par l'école. Considérant qu'une des causes de cet échec consiste en l'absence de fondement linguistique dans la planification de l'enseignement, ce mémoire présente des suggestions pour l'organisation d'exercices qui englobent l'élaboration de phrases complexes contenant des propositions, relatives, restrictives et explicatives, développées ou réduites, fondés sur la théorie transformationnelle.

S Y N O P S I S

It has been observed that the aims of the Portuguese Language Teaching according to the Lei nº 5 692/71, Parecer nº8/71 e Resolução nº 853/71 are not been fulfilled by the High School and admitting that the supposition that the causes consist in the failure of the Linguistic foundations in the teaching planning, this study presents suggestions to prepare exercises involving the production of complex sentences containing relative, restrictive and nonrestrictive clauses, finite and non-finite clauses based on the transformational theory.

A N E X O

Abreviaturas e outros símbolos convencionais

Convenção	Significado
01. Adj	Adjetivo
02. Art	Artigo
03. APa	Agente da passiva
04. Aux	Auxiliar
05. AAdv	Adjunto adverbial
06. AAdn	Adjunto adnominal
07. C	Conjunto
08. CN	Complemento nominal
09. Cóp	Cópula
10. Ent	Entonação
11. Excl	Exclamativo
12. Hum	Humano
13. Int	Interrogativo
14. Imp	Imperativo
15. Ind	Indefinido
16. N	Nome
17. Num	Numeral
18. OD	Objeto direto
19. OI	Objeto indireto
20. Pas	Passado
21. Part	Particípio
22. Pos	Possessivo
23. Prep	Preposição
24. PredSu	Predicativo do sujeito
25. RA	Relativa apositiva
26. RR	Relativa restritiva
27. S	Sentença
28. T	Tipo
29. Tr	Transformação
30. Tr - apo	Transformação de aposição
31. Tr - extr	Transformação de extraposição
32. Tr = perm	Transformação de permuta
33. Tr - pro	Transformação de pronominalização
34. Tr - red	Transformação de redução
35. Tr - Pa	Transformação de passiva
36. V	Verbo

Convenção	Significado
01. {	Partida de um núcleo de base cons <u>tituído</u> de T + S
02. +	Concatenação
03. [< >]	Encerramento de traços semânticos
04. [_____]	Restrição contextual
05. [+ _____]	Presença dos traços em referência
06. [- _____]	Ausência dos traços em referência
07. \Longrightarrow	Transformação em
08. ()	Presença opcional de um constituin <u>te</u>
09. *	Sentença agramatical
10. \emptyset	Morfema zero
11. Δ	Reunião de vários constituintes símbolo posticho
12. { }	Ou um ou outro constituinte
13. \longrightarrow	Reescritura em

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 14a. ed., São Paulo, Edição Saraiva, 1962.
2. AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3a. ed., São Paulo, HUCITEC, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
3. AMENÓS, Jaime Berenguer. *Gramática grega*. 27a. ed., Boschm Casa Editorial, Barcelona, 1974.
4. ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Português-análise ilustrada*. São Paulo, Editora Moderna, Ltda, 1970.
5. ARCAINI, Enrico. *Principes de linguistique appliquée*. Paris, Payot, 1972.
6. ARNAULD, LANCELOT. *Grammaire générale et Raisonnée*. Paris, Re-publication Paulet, 1969.
7. ASTI VERA, Armando. *Metodologia de pesquisa científica*. Tradução de Maria Helena, Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães, Porto Alegre, Globo, 1973. Original espanhol.
8. ATHAYDE, Tristão de. *O problema da linguagem*. Correio do Povo, Rio de Janeiro, 27 out. 1974.
9. AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1971.
10. AZEVEDO, Milton M. *O subjuntivo em português: um estudo transformacional*. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 1976.
11. BACK, Eurico e MATTOS, Geraldo. *Gramática construtural da língua portuguesa*. 1a. ed., São Paulo, Editora F.T.D.SA, 1972.
12. BARBOSA, Jerônimo Soares. *Gramática philosophica da língua portuguesa ou princípios de gramática geral aplicada a nossa linguagem*. 6a. ed., Lisboa, Typographia da Academia Real das Ciências, 1881.
13. BASTUJI, Jacqueline. *Les relatives et l'adjectif*. In: *Langue française*, nº 22, Larousse, 1974, p. 68-78.

14. BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa - curso médio*. 11a. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.
15. _____ *Lições de português pelo análise sintática*. 2a. ed., Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1961.
16. BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo, Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. Original francês.
17. BENNETT, W. A. *Las lenguas y su enseñanza*. Madrid, Ediciones Catedra, S.A., 1875.
18. BORBA, Francisco da Silva. *Fundamentos da gramática gerativa*. Petrópolis, Vozes, 1976.
19. BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa - curso superior*. 6a. ed., São Paulo, Edição Saraiva, 1963.
20. CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, Livraria Editora, 1975.
21. CARDOSO, Ernani Alvares. Deve vigorar uma Gramática Brasileira em nossa Escola? *Côrreio do povo*. Rio de Janeiro, 23 mar. 1971.
22. CARVALHO, Ruy de Quadros. Eles não entendem nada de que lêem. *Jornal do brasil*. Rio de Janeiro, 16 agos. 1973.
23. CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 11a. ed., Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1970.
24. CERVO, A. L. e BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. Editora McGraw = Hill do Brasil Ltda, 1975.
25. CHAGAS, Valnir, *Didática especial de línguas modernas*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975.
26. CHARLIER, Françoise Dubois. *Bases de Análise lingüística*. Tradução e adaptação ao português de João Andrade Pêres. Coimbra, Livraria Almedinha, 1976. Original francês.
27. CHOMSKY, Noam A. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Tradução, introdução, notas e apêndices de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo, Coimbra, Armínio Amado, 1975. Original inglês.

28. CLEMENTE, Elvo. Situação do Ensino da Língua Portuguesa. In: *Letras de hoje*. nº 24, Porto Alegre, 1976, p. 44-47.
29. COMISSÃO DO MEC. Fracasso no ensino é geral. In: *Letras de hoje*. nº 24, jun. 1976, p. 34 - 43.
30. CRUZ, José Marques da. *Português prático - gramática*. 2a.ed., São Paulo, Edições Melhoramento, s/d.
31. CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 3a. ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1972.
32. CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática do português contemporâneo*. 3a. ed., Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares SA, 1972.
33. _____ *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro, Edição Tempo Brasileiro Ltda, 1975.
34. CÚRI, José. *Curso sobre lingüística aplicada ao ensino do português* (notas de aulas e apostila). Curso de Pós - Graduação em Letras, Florianópolis, UFSC, 1974.
35. DEQUI, Francisco. *Sintagmática*. Rio Grande do Sul, Instituto Pró-Universitário Canoense, 1964.
36. DELATTRE, Geniviève. Les différents types d'exercices structureaux. In: *Le français dans le monde*. nº 41, Paris, Hachette/Larousse, 1966, p. 13-21.
37. DE GRÈVE, Marcel e PASSEL, F. Van. *Lingüística e ensino de línguas estrangeiras*. Tradução de Genieve Masuet, São Paulo, Livraria Pioneira, 1975. Original Francês.
38. DUBOIS, Jean e CHARLIER, Francoise D. *Éléments de linguistique française - syntaxe*. Paris, Larousse.
39. ELLA, Hamilton. *Prática de análise sintática*. 4a. edição, Rio de Janeiro, F. Ozon-Editor, 1961.
40. FARACO, Carlos Alberto. As sete pragmas do ensino da Língua Portuguesa. In: *Construtura*. nº 2, out. 1975, p.5 - 11.
41. FERREIRA, Delson Gonçalves. *Análise sintática*. 2a. ed., Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares S.A., 1961.
42. FONTOURA, Amaral. *Diretrizes e bases para o ensino do 1º e 2º graus*. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1972.
43. FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre, Editora Globo, 1943.

44. GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969.
45. GENOUVRIER, Emile e PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. Coimbra, Livraria Almedina.
46. GIRARD, Denis. *Les langues vivantes*. Paris, Larousse, 1974.
47. GREVISSE, Maurice. *Le bon usage - grammaire française*. 7.ème édition, Paris, Librairie Orientaliste, 1961.
48. HADLICH, Roger L. *Gramática transformativa de español*. Traducción española de Julio Bombín, Madrid, Editorial Gre dos S/A, 1973.
49. HENERIK, Kocher. *Análise sintática*. 6a. ed., Rio de Janeiro, Editora Distribuidora de Livros Escolares Ltda, 1972.
50. HOSS, Myriam da Costa. *Prática de ensino da língua portuguesa*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.
51. HUNT, Kellog W. How Little sentences grow into big ones. In: LESTER, Mark. *Readings in applied transformational grammar*. New York, Holt, Rinehart and Wiston, 1970, p. 170-183.
52. _____ Recent Measures in Syntactic Development. In: LESTER, Mark. *Readings in applied transformational grammar*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1970, p. 187-200.
53. JACOBS, R. A. and ROSENBAUM P. S. Relative Clauses. *English transformational grammar*. Xerox College Publishing, Waltham, Massachusetts, s/d.
54. JUNIOR, R. Magalhães. Uma geração sem palavras. *Manchete*. n.º 1.203, 10 maio, 1975.
55. KURY, Adriano da Gama. *Lições de análise sintática - teoria e prática*. 1a. ed., Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura S.A., 1961.
56. LADO, Robert. *Introdução à linguística aplicada*. Tradução e notas de Vicente Pereira de Souza. Petrópolis, Vozes, 1971. Original Inglês.
57. LANGACKER, R. W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos fundamentais em linguística*. Tradução de Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Porto Alegre, Vozes, 1972. Original inglês.

58. LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3a. ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959.
59. LESSA, Luiz Carlos. *O modernismo brasileiro e a língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.
60. LEITE, Célia Coelho Pereira. *Prática de português. - Relacionamento entre orações*. 3a. ed., J. Ozon Editor, São Paulo, s/d.
61. LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 15a. ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1972.
62. LIMA, Renira Lisboa de Moura. *Sugestões de Exercícios Estruturais*. In: *Revista do ensino*. nº 129, Porto Alegre, 1970, p.22-25.
63. _____ *Habilidade de expressão escrita e nível de escolaridade*. Tese de Mestrado, UFBA, 1974.
64. _____ *No ensino de Português, que objetivos selecionar?* In: *Educação*, nº 18, out/dez.1975.
65. _____ *Exercícios estruturais e ensino da língua materna*. Tese de Livre Docência, Ufal, 1976.
66. LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre, Editora Globo, 1976.
67. _____ *Gramática resumida*. 3a. ed., rev. e atual., Porto Alegre, Editora Globo, 1976.
68. MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. 2a. ed., São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1974.
69. MACEDO, Walmírio. *Análise sintática em nova dimensão, nível médio e superior*. 2a. ed., Rio de Janeiro, 1969.
70. _____ *Elementos para uma estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença, 1976.
71. MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. 2a. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945.
72. MARTINET, André. *Elementos de lingüística general. Versión española de Julio Calonge Ruiz*, Madrid, Gredos, 1968.
73. MARTINET, Jeanne. *De la théorie linguistique à l'enseigment de la langue*. Paris, Presses Universitaires de France, 1974.
74. MARTINS, T. B. *A tese - seu assunto e forma*. Editora ObeliSCO Ltda, 1975.
75. MATOS, Francisco Gomes de. *Lingüística aplicada ao ensino do inglês*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976.

76. MATTOS, Geraldo e BACK Eurico. *Prática de ensino da língua portuguesa*. São Paulo, Editora F.T.D.S.A., 1974.
77. MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 2a. ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1970.
78. MELO, Newton D'Ávila. *Análise sintática*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, S.A., 1964.
79. MORGAN, Clifford T. & DEESE, James. *Como estudar*. Tradução Equipe Freitas Bastos, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1970. Original Inglês.
80. MOTA, Petrônio. *Didática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Ozon, 1962.
81. NETTO, Miranda, A última Flor do Lácio. *Correio do povo*. Rio de Janeiro, 18 jan. 1976.
82. NIVETTE, Joseph. *Princípios de gramática gerativa*. Tradução e adaptação ao português, Glossário e Bibliografia Adicional de Nilton Vasco da Gama. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1975. Original francês.
83. OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática*. 2a. ed., São Paulo, Editora Luzes, 1960.
84. PAIS, Cidmar. Há um conflito entre a escrita e a fala. *Estado de São Paulo*. São Paulo, 22 out. 1972.
85. PAZINI, Maria Celi Beraldo. *A posição do adjetivo na locução em português*. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1976.
86. PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva - curso superior*. 79a. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1950.
87. PERINI, Mário A. *A gramática gerativa - introdução aos estudos da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
88. PICABIA, Lélia. *Éléments de grammaire générative: application au français*. Paris, Armand Colin, 1975.
89. POERSH, José Marcelino. *Gênese e Redução da oração relativa enfoque transformacional*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 1973.
90. POTTIER, Bernard, AUDUBERT, Albert, PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

91. RAVIZZA, P. J. *Gramática latina*. 12a. ed., Editora Niterói, industrial Dom Bosco, 1953.
92. RÉQUEDAT, François. *Les exercices structuraux*. Paris, Hachette-Larousse, 1966.
93. RAMAYANA, S. D. de. *Um pouco sobre a inculta e bela. Coração do povo*. Porto Alegre, fev. 1974.
94. RIVERS, Wilga M. *A metodologia do ensino de línguas estrangeiras*. Tradução de Hemíneas S. Marchi. São Paulo, Pioneira, 1975. Original inglês.
95. _____ *Psicologia e ensino de línguas*. Tradução de Álvaro Cabral, São Paulo, Editora Cultrix, 1974. Original inglês.
96. RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Editora Ática, 1974.
97. RONDEAU, Guy. *Initiation à la linguistique appliquée*. Montréal, Centre Educatif e Cultural, 1965.
98. RUWET, Nicolas. *Introduction à la grammaire générative*. Paris, Librairie Plon 1967.
99. SALOMON, Dêlcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. Belo Horizonte, Instituto de Psicologia da Universidade Católica, 1971.
100. SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. 5a. ed., Porto Alegre, Sulina, 1976.
101. SAMARA, Samira. *Análise das orações relativas introduzidas por onde*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas, São Paulo, 1976.
102. SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Metodologia Científica Básica*. Universidade Federal de Santa Catarina, 1975.
103. SHELDON, Amy Louise. *The acquisition of relative clauses in english*. Produced by the University Linguistics Club-November, 1974.
104. SILVA, Maria Cecília Péres de Souza e. *As orações relativas introduzidas pelo pronome que*. Tese de Mestrado, São Paulo, Puc, 1973.
105. SILVA, Izaias Branco da. *Português fundamental: comunicação em língua portuguesa*. Ensino de 1º Grau, 7a. e 8a. Série, Livro do professor, São Paulo, s/d.

106. SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 7a. edi, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1964.
107. TENÓRIO, Valdecy. *O ensino de português e a terapêutica social. O estado de São Paulo*, São Paulo.
108. TONDO, Nadia Velhinho. *Uma teoria integrada de comunicação lingüística: introdução à gramática transformacional*. 2a. ed., Porto Alegre, Sulina, 1974.
109. TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 13a. ed., Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura S.A., 1961.
110. VANDRESEN, Paulino. *Curso sobre gramática transformacional*. (notas de aula e apostilas) Curso do Programa de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, UFSC, 1974.
111. _____ *Curso sobre estruturas do português -I*. (notas de aulas) Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, UFSC, 1974.